



UNIVERSIDADE  
ESTADUAL de LONDRINA

---

ANDRÉIA C. RODER CARMONA RAMIRES

**VOZES DA DITADURA FRANQUISTA:**  
UMA ANÁLISE DO LÉXICO ESPANHOL VEICULADO EM  
NOTÍCIAS DE 1940 E 1975

---

Londrina  
2015

ANDRÉIA C. RODER CARMONA RAMIRES

**VOZES DA DITADURA FRANQUISTA:**  
UMA ANÁLISE DO LÉXICO ESPANHOL VEICULADO EM  
NOTÍCIAS DE 1940 E 1975

Tese apresentada ao programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Estudos da Linguagem.  
Orientadora: Profa. Dra. Vanderci de Andrade Aguilera

Londrina  
2015

**Catálogo elaborado pela Divisão de Processos Técnicos da Biblioteca Central da  
Universidade Estadual de Londrina**

**Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)**

R173v Ramires, Andréia C. Roder Carmona.  
Vozes da ditadura franquista: uma análise do léxico espanhol veiculado em  
notícias de 1940 e 1975 / Andréia C. Roder Carmona Ramires. – Londrina,  
2015.  
162 f. : il.

Orientador: Vanderci de Andrade Aguilera.

Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de  
Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação  
em Estudos da Linguagem, 2015.

Inclui bibliografia.

1. Lexicologia – Teses. 2. Língua espanhola – Teses. 3. Semântica – Teses.  
4. Vocabulário político-militar – Teses. I. Aguilera, Vanderci de Andrade.  
II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Letras e Ciências Humanas.  
Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem. III. Título.

CDU 806.0-3

ANDRÉIA C. RODER CARMONA RAMIRES

**VOZES DA DITADURA FRANQUISTA: UMA ANÁLISE DO LÉXICO  
ESPANHOL VEICULADO EM NOTÍCIAS DE 1940 E 1975**

Tese apresentada ao programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Estudos da Linguagem.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Orientadora - Profa. Dra. Vanderci de Andrade  
Aguilera  
Universidade Estadual de Londrina - UEL

---

Profa. Dra. María Teresa Fuentes Morán  
Universidade de Salamanca - USAL

---

Prof. Dr. Odair L. Nadin da Silva  
Universidade Estadual Paulista - UNESP

---

Profa. Dra. Aparecida Negri Isquierdo  
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul -  
UFMS

---

Profa. Dra. Joyce Elaine de Almeida Baronas  
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Londrina, 09 de Março de 2015

## DEDICO

Sei que muitos anos passaram desde que defendi minha dissertação e muitas coisas mudaram desde então. Uma pessoa mais que especial foi enviada por Deus para participar de minha vida e me ajudar a festejar minhas conquistas: o meu amado marido **Ricardo Ramires**.

Também a você, meu amor, meu pilar, meu amigo, dedico este trabalho e agradeço pela paciência nos momentos difíceis, pelo encorajamento nos momentos de fraqueza e pelo amor em todos os momentos. Amor esse que logo dará seu primeiro fruto, pois um anjo em breve chegará para nos unir ainda mais: **Gabriel**, seja bem-vindo.

Contudo, outras pessoas foram e continuarão para sempre importantes. Por esse motivo, me permito repetir a dedicatória do mestrado e dizer que ela continua vigorosamente verdadeira:

Dedico também este trabalho a duas pessoas muito especiais em minha vida. À minha mãe querida, **Lailce Roder Carmona**, que desde muito cedo me ensinou que tudo na vida seria fácil de conquistar se realizado e concretizado com muito trabalho.

Dedico principalmente este trabalho à meu amado e saudoso pai, **Gabriel Carmona**, que me ensinou que junto ao trabalho e busca de um objetivo, essencial será sonhar e sonhar sempre para manter-me viva.

A meus pais devo minha existência que foi e é repleta de felicidade e a oportunidade de me tornar uma profissional da educação.  
A você, meu “Lindo”, devo a chance de me tornar todos os dias uma pessoa melhor e, assim,  
mais feliz!  
Obrigada meus Deus!

## AGRADECIMENTOS

Obrigada meu Deus e minha Nossa Senhora! Obrigada Senhor pela benção de me permitir realizar todos meus sonhos e projetos. Quero render-Lhe toda a glória e louvores por minha vida, desde meu nascimento e para sempre.

Num plano mais próximo, quero agradecer a inúmeras pessoas que foram extremamente importantes para que eu conseguisse realizar esse trabalho, mesmo sabendo que poderei esquecer nomes e cometer injustiças. Assim, quero agradecer a minha querida e imprescindível família (mamãe Lailce, amado marido Ricardo) que me auxiliou em todos os momentos sendo meu alicerce e minha fonte de amor, meu muito obrigada! A minha sogrinha Márcia Ramires, obrigada pela paciência em esperar seu netinho. Ele agora vai chegar!

Quero agradecer a minha querida e PACIENTE orientadora que com extremo profissionalismo e muita atenção me orientou na elaboração deste trabalho. Muito obrigada profa. Dra. Vanderci por seu bom humor e carinho nesta nada fácil caminhada.

Agradeço a todos os docentes do Programa de Pós Graduação em Estudos da Linguagem que com seus ensinamentos auxiliaram minha formação profissional.

Agradeço, também, a CAPES e a Fundação Araucária que ao me prestarem auxílio financeiro, me proporcionaram maior oportunidade de aprofundamento acadêmico.

Aos meus amigos queridos, quero agradecer a paciência e a compreensão por minha ausência em muitos momentos. Muito obrigada pela amizade de todos vocês que muitas vezes me ajudaram na elaboração deste trabalho, de diferentes maneiras.

Agradeço especialmente à Sueli e ao Pedro Ayrosa, pois sem a ajuda de vocês o programa OCR seria impossível de manejar. Ao Rodrigo da Silva, meu aluno e auxiliador na elaboração das listas de frequência dos dados e aos meus queridos amigos do PPGEL, Anna Carolina, Taciane, Anderson, Djaime e ao saudoso Francisco. A todos vocês meu muito obrigada não apenas pelas contribuições acadêmicas que engrandeceram incomensuravelmente meu trabalho, mas também pelos cafés da tarde e “choros” durante o processo de realização do trabalho, dando-me mais ânimo para a concretização da caminhada.

Minha querida amiga, quase irmã e comadre Elisângela Silva, muito obrigada por suas palavras de ânimo e amizade.

Profa. Dra. Clarice von Borstel, querida orientadora do mestrado, muito obrigada por suas palavras de incentivo. Guardo-a com muito carinho em meu coração e espero sempre poder aprender mais com sua competência e conhecimento.

A Profa. Dra. Aparecida Negri era meu Golias. Eu tinha receio dela, pois com toda sua sabedoria (e altura) ela parecia ser brava e inacessível. Enganei-me grandemente. Querida profa. Cida, quero agradecê-la, pois foi em sua disciplina, e com seu conselho, que determinei o tema desta pesquisa e pude realizá-la. Muito obrigada por toda sua ajuda e orientação com relação aos fundamentos teóricos para a elaboração desta tese.

O que dizer da profa. Dra. María Teresa Fuentes Morán? Cheguei à Espanha, ela não me conhecia, e mesmo assim me recebeu como uma amiga de longa data, com toda atenção e carinho. Com muita paciência me orientou e construiu a pesquisa comigo durante 4 meses. Profa. Teresa, sem você este trabalho não estaria completo. ¡Muchísimas Gracias y que Dios le bendiga siempre!

Obrigada também às irmãs *Dominicas* de Salamanca (María Jesús, Carmen, Delfina) que tão carinhosamente me receberam em seu lar para minha estada acadêmica na Espanha. Elena, Ana Olarte e Patricia Velásquez, obrigada pela amizade, risadas e doce recepção num país de costumes diferentes, mas de gente de coração lindo!

Ody, (rsrsrs) você não é um amigo, não é um irmão...Você é um anjo que Deus colocou aqui para cuidar de mim. Obrigada sempre...Deus te abençoe!

A todos vocês meus queridos amigos, meu muito obrigada.

*Esperai com paciência no SENHOR, e Ele se inclinou para mim, e ouviu o meu clamor.*

*Tirou-me dum lago horrível, dum charco de lodo, pôs os meus pés sobre uma rocha,*

*firmou os meus passos,*

*e pôs um novo cântico na minha boca, um hino ao nosso Deus.*

*Muitos o verão, e temerão, e confiarão no Senhor.*

*Bem-aventurado o homem que põe no SENHOR a sua confiança, e que não respeita os*

*soberbos nem os que se desviam para a mentira.*

***SENHOR meu Deus, quantas maravilhas tens operado para conosco, não se pode relatar***

***os planos que preparaste para nós! Eu queria proclamá-los, mas são por demais***

***numerosos, são mais do que se podem contar.***

*(Salmo 40:1-5)*

RAMIRES, Andréia C. Roder Carmona. **Vozes da Ditadura Franquista: uma análise do léxico espanhol veiculado em notícias de 1940 e 1975.** 162 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2015.

## RESUMO

Esta pesquisa tem por objetivo descrever e analisar os sentidos que algumas unidades léxicas, referentes ao contexto político-militar franquista, adquiriram nos anos 1940 e 1975. Essas duas décadas caracterizam-se como importantes momentos históricos para a Espanha, haja vista que, em 1940, o poder de Franco se estabeleceu e, em 1975, ocorreu sua morte e iniciou-se a transição do regime político naquele país. A opção pela descrição e análise do vocabulário dessa época se justifica pelo fato de, por meio do conhecimento do léxico de uma língua, podermos ampliar nosso conhecimento sobre a cultura, história e sobre a identidade de um povo. O *corpus* utilizado para a coleta das unidades descritas e analisadas constitui-se de exemplares do Jornal *La Vanguardia* e a metodologia para a sua constituição é baseada nos princípios teórico-metodológicos da Linguística de *Corpus* (BERBER-SARDINHA, 2004; FROMM, 2003; PIÑOL, 2012). Para tanto, inicialmente selecionamos, no referido jornal, notícias que divulgavam situações de desacordo ou de conflito em dois anos do período ditatorial espanhol (1940/1975). Após salvarmos os textos do *site* do jornal, que se apresentavam em formato *.pdf*, os transformamos em formato *.doc* e os gravamos, novamente, em formato *.txt*. Em seguida, formamos listas de frequência para selecionar, por meio do programa computacional *Léxico3*, unidades léxicas e seus respectivos contextos para a posterior descrição e análise. De posse da lista inicial das unidades léxicas mais frequentes, para efeito de descrição e análise, orientamo-nos em princípios da Lexicologia (FERNÁNDEZ-SEVILLA, 1982; BIDERMAN, 1998, 2001; OLANO, 2004) e da Semântica Lexical (LOPES e PIETROFORTE, 2004; HENRIQUES, 2010-2011; ESCANDELL VIDAL, 2012; WACHOWICZ, 2013). Ademais, para melhor contextualizar a pesquisa, elaboramos dois capítulos contendo informações a respeito de estudos históricos sobre a política e a sociedade espanhola dos referidos anos, bem como da formação da Língua Espanhola peninsular. Deparamo-nos, em nossas conclusões, com unidades léxicas que expressam informações relevantes sobre o período histórico estudado, bem como realidades vividas e relacionadas ao contexto político daquela época, tais como *paz*, *Caudillo*, *Movimiento*, *ley*, *rojo*, *política*, *gobierno*, *lucha* entre outras. Em vista dessas considerações, e da necessidade de maior desenvolvimento de pesquisa na área do léxico em Língua Espanhola, analisamos as unidades léxicas mais frequentes, bem como o que refletiam seus significados com relação ao contexto histórico político-militar expressos no vocabulário da publicação noticiosa em Língua Espanhola.

**Palavras-chave:** Lexicologia. Língua Espanhola. Semântica. Vocabulário político-militar.

RAMIRES, Andréia C. Roder Carmona. **Voces de la Dictadura Franquista: un análisis del léxico español de noticias de 1940 y 1975.** 162 p. Tesis (Doctorado en Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2015.

## RESUMEN

Esta investigación busca describir y analizar los sentidos referentes al contexto político-militar franquista que algunas unidades léxicas de Lengua Española presentaban en los años 1940 y 1975. Esas dos décadas representan importantes momentos históricos para España, es decir, en 1940 fue el año en que el general Franco estableció su poder y gobierno en el país y 1975 año de su muerte y comienzo del cambio del régimen político en aquel país. La opción por describir y analizar el vocabulario de esa época se justifica, pues al estudiar el léxico de una lengua, podemos conocer más sobre la cultura, historia así como la identidad de un pueblo. El *corpus* de donde sacamos las unidades descritas y analizadas se constituye de ejemplares del periódico *La Vanguardia* y la metodología para su elaboración está basada en los principios teórico-metodológicos de la Lingüística de *Corpus* (BERBER-SARDINHA, 2004; FROMM, 2003; PIÑOL, 2012). Para tanto, inicialmente, seleccionamos en el periódico *La Vanguardia*, noticias sobre situaciones de desacuerdo o de conflicto en los dos años del período dictatorial español (1940/1975). Después de grabar los textos del *sitio* del periódico, que estaban en formato *.pdf*, los cambiamos al formato *.doc* y los grabamos, nuevamente, en formato *.txt*. Enseguida, formamos listas de frecuencia para seleccionar, utilizándonos del programa computacional *Léxico3*, unidades léxicas y sus respectivos contextos para la posterior descripción y análisis. Con la lista inicial de las unidades léxicas más frecuentes para la descripción y análisis, utilizamos los principios defendidos por el área de la Lexicología (FERNÁNDEZ-SEVILLA, 1982; BIDERMAN, 1998, 2001; OLANO, 2004) así como de la Semántica Lexical (LOPES e PIETROFORTE, 2004; HENRIQUES, 2010-2011; ESCANDELL VIDAL, 2012; WACHOWICZ, 2013). Además, para contextualizar históricamente nuestro análisis, elaboramos dos capítulos conteniendo información a respecto de estudios históricos sobre la política y la sociedad española de los referidos años, así como de la formación de la Lengua Española peninsular. Al final, concluimos que algunas unidades léxicas expresan información relevante sobre el período histórico estudiado y también sobre realidades vividas y relacionadas al contexto político de aquellas épocas, como *paz*, *Caudillo*, *Movimiento*, *ley*, *rojo*, *política*, *gobierno*, *lucha* y otras. Después de esas consideraciones, y de la necesidad de más desarrollo de investigaciones en el área del léxico de Lengua Española, analizamos las unidades léxicas más frecuentes, así como lo que reflejaban sus significados con relación al contexto histórico político-militar encontrados en el vocabulario de publicación noticiosa en Lengua Española.

**Palabras-clave:** Lexicología. Lengua Española. Semántica. Vocabulario político-militar.

RAMIRES, Andréia C. Roder Carmona. **Voices of the Francoist Dictatorship**: analysis of the Spanish lexicon in news published in 1940 and 1975. 162 p. Thesis (PhD in Language Studies) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2015.

### ABSTRACT

The aim of this research is to describe and analyze the meanings acquired by some Spanish lexical units in 1940 and 1975, considering the Francoist political-military context. Those decades consist in important historical moments for Spain, as it was in 1940 that Franco's power was established, whereas 1975 was the year of his death and the beginning of the transition in the political regime in that country. The option for the description and analysis of the vocabulary used at the time is justified by that fact that, by means of knowing the lexicon of a language, it is possible to widen our knowledge about the culture, the history and the identity of a people. To compose the *corpus* of this study, data from the Spanish newspaper *La Vanguardia* were collected in accordance with the *Corpus Linguistics* theory (BERBER-SARDINHA, 2004; FROMM, 2003; PIÑOL, 2012). As for the methodology, initially, news that depicted situations of disagreement or conflict in the two years (1940/1975) of the Spanish dictatorship were selected. After downloading the texts from the newspaper site, which were in *PDF* format, they were converted into *txt.* format and saved in *doc.* format. In the sequence, frequency lists were made and run in the *Léxico3* software so that lexical units and their contexts were selected for later description and analysis. The analysis of the most frequent lexical units was based on the principles of Lexicology (FERNÁNDEZ-SEVILLA, 1982; BIDERMAN, 1998, 2001; OLANO, 2004) and Lexical Semantics (LOPES and PIETROFORTE, 2004; HENRIQUES, 2010-2011; ESCANDELL VIDAL, 2012; WACHOWICZ, 2013). In addition, with the objective of better contextualizing this study, two chapters are included about historical studies on the Spanish society and politics in those years as well as on the constitution of the peninsular Spanish language. Finally, we conclude that some lexical units expressing relevant information about the historical period studied and also lived realities and related political context of those times, such as *peace*, *Caudillo*, *Motion*, *law*, *red*, *politics*, *government*, *fight* and others. Therefore, taking into account the need for more research on lexical issues, this study aimed at analyzing the most frequent units and their meanings in relation to the historical politic-military context conveyed in the vocabulary used by a Spanish language newspaper.

**Key words:** Lexicology. Spanish Language. Semantics. Political-military vocabulary.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES, QUADROS E GRÁFICOS

### FIGURAS

<b>Figura 1 -</b>	Campo Semântico de Luz (BIDERMAN, 1981) .....	70
<b>Figura 2 -</b>	<i>La Vanguardia</i> .....	76
<b>Figura 3 -</b>	<i>La Vanguardia</i> .....	76
<b>Figura 4 -</b>	<i>La Vanguardia</i> .....	77

### QUADROS

<b>Quadro 1 -</b>	UL <i>Movimiento</i> (1940) .....	103
<b>Quadro 2 -</b>	UL <i>Movimiento</i> (1975) .....	104
<b>Quadro 3 -</b>	UL <i>paz</i> (1940) .....	109
<b>Quadro 4 -</b>	UL <i>paz</i> (1975) .....	110
<b>Quadro 5 -</b>	UL <i>Estado</i> (1940) .....	115
<b>Quadro 6 -</b>	UL <i>Estado</i> (1975) .....	115
<b>Quadro 7 -</b>	UL <i>Nacional</i> (1940) .....	119
<b>Quadro 8 -</b>	UL <i>Nacional</i> (1975) .....	119
<b>Quadro 9 -</b>	UL <i>Gobierno</i> (1940) .....	124
<b>Quadro 10 -</b>	UL <i>Gobierno</i> (1975) .....	124
<b>Quadro 11 -</b>	UL <i>política</i> (1940).....	130
<b>Quadro 12 -</b>	UL <i>política</i> (1975) .....	130
<b>Quadro 13 -</b>	UL <i>rojo</i> (1940) .....	137
<b>Quadro 14 -</b>	UL <i>rojo</i> (1975) .....	138
<b>Quadro 15 -</b>	UL <i>Ley</i> (1975) .....	142
<b>Quadro 16 -</b>	UL <i>Caudillo</i> (1940) .....	147
<b>Quadro 17 -</b>	UL <i>Lucha</i> (1940) .....	150

### TABELAS

<b>Tabela 1 -</b>	ULs de 1940 .....	83
<b>Tabela 2 -</b>	ULs de 1975 .....	85
<b>Tabela 3 -</b>	Países/Cidades/Nacionalidades de 1940 .....	88
<b>Tabela 4 -</b>	Países/Cidades/Nacionalidades de 1975 .....	89
<b>Tabela 5 -</b>	ULs presentes nas listas de 1940 e 1975 .....	97
<b>Tabela 6 -</b>	ULs analisadas .....	98

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	13
<b>1 PANORAMA HISTÓRICO, POLÍTICO E SOCIAL DA ESPANHA FRANQUISTA</b> .....	20
1.1 GUERRA CIVIL ESPANHOLA.....	20
1.2 A ERA DE FRANCO.....	21
1.3 A SOCIEDADE ESPANHOLA NA ERA FRANQUISTA.....	25
1.4 A SOCIEDADE CATALÃ .....	28
1.5 A ECONOMIA .....	30
1.6 A CULTURA NA DITADURA.....	32
1.7 O JORNAL E O FRANQUISMO .....	35
<b>2 LÉXICO E CULTURA: CONTRIBUIÇÕES PARA A FORMAÇÃO DA LÍNGUA ESPANHOLA PENINSULAR</b> .....	40
2.1 LÉXICO E CULTURA .....	40
2.1.1 Léxico .....	40
2.1.2 Cultura .....	43
2.2 LÉXICO E HISTÓRIA DA LÍNGUA ESPANHOLA PENINSULAR .....	47
2.2.1 Línguas Espanholas na Espanha.....	52
2.2.2 Panorama Linguístico da Espanha Atual.....	54
<b>3 LEXICOLOGIA E SEMÂNTICA: PARA UM REVELAR DA HISTÓRIA POR MEIO DA PALAVRA</b> .....	56
3.1 LEXICOLOGIA .....	56
3.2 SEMÂNTICA .....	60
3.2.1 Semântica Lexical.....	61
3.3 NEOLOGIA E NEOLOGISMO .....	62
3.3.1 Neologismo Semântico.....	66
3.4 CAMPOS LÉXICO-SEMÂNTICOS.....	67
<b>4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</b> .....	70

4.1	A IMPORTÂNCIA DA PESQUISA COM CORPUS .....	70
4.1.2	A Organização do Corpus.....	73
4.1.3	Critérios de Seleção das Unidades Léxicas para Análise .....	79
4.1.4	Critérios de Análise das Unidades Léxicas .....	80
<b>5</b>	<b>INVESTIGANDO PALAVRAS-TESTEMUNHO: DESCRIÇÃO E</b>	
	<b>ANÁLISE DAS UNIDADES LÉXICAS.....</b>	<b>81</b>
5.1	ANÁLISE QUANTITATIVA DO CORPUS GERAL.....	81
5.2	ANÁLISE QUALITATIVA DAS UNIDADES LÉXICAS.....	96
5.2.1	Unidades Léxicas frequentes nas listas de 1940 e 1975 .....	97
5.2.2	Unidades Léxicas não Presentes nas duas listas de Frequência .....	130
	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>151</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>156</b>

## INTRODUÇÃO

Conhecer e investigar os usos da Língua Espanhola, doravante LE, foi um dos motivos para o início da realização desta tese, que tem como escopo principal a análise do emprego de unidades léxicas<sup>1</sup> (doravante tratadas por ULs) de caráter político-militar, da esfera jornalística, no período ditatorial franquista enfocando, mais precisamente, os anos de 1940 e 1975.

Os relatos jornalísticos são, na maioria das vezes, apresentados de acordo com a concepção de alguém ou de algum grupo e as ULs usadas para a elaboração desses relatos carregam consigo a percepção e as intenções de quem contou a história. Esta representação social e intenções, materializadas por meio da escolha de UL, coloca o sujeito<sup>2</sup> em determinadas posições sociais no momento da formação de sua identidade como indivíduo inserido em um grupo e essa identidade grupal expõe uma cultura definida, estabelecendo fronteiras, diferenças entre as pessoas, particularizando a identidade. Consideramos, dessa forma, que a cultura está também expressa no léxico, pois ao estudá-lo, estaremos pensando sobre a relação existente entre Língua/Nação/Estado (ORLANDI, 2001).

Seguindo essa relação, este estudo é voltado para a análise do léxico devido ao nosso interesse sobre relatos que expressam acontecimentos reais de épocas passadas, neste caso, da história da Espanha, e conseqüentemente, de seu povo, haja vista que, a partir da análise do léxico de uma língua natural, também podemos conhecer a cultura e as mudanças sociais pelas quais passaram as diferentes sociedades. Corroboramos nossos argumentos com algumas considerações de Isquierdo (2001, p. 91), posto que, para essa autora, pesquisas na área da língua auxiliam a investigar também a cultura, pois “essa perspectiva de análise favorece uma melhor compreensão do próprio homem e da sua maneira de ver e de representar o mundo”. Ao pesquisar sobre o léxico de determinado período histórico, poderemos entender com maior objetividade os motivos pelas escolhas e/ou rechaços de algumas ULs por determinados grupos sociais, culturais ou políticos.

Confirmamos nosso posicionamento ainda com as considerações de Isquierdo (2003) quando afirma que ao conhecermos o vocabulário de determinado povo, deparamo-nos também com suas crenças e processos sociais, fazendo com que a língua se

---

<sup>1</sup> Para nos referirmos ao nosso objeto de análise usamos o termo “unidade léxica” em vez da unidade *palavra* em função de ser essa mais do senso comum e aquela mais voltada ao âmbito científico.

<sup>2</sup> Nossa pesquisa não é voltada para a área dos estudos da Análise do Discurso embora, em alguns momentos, nos apropriemos de alguns termos característicos dessa área.

transforme e se renove. Desse modo, ao investigar determinada UL conheceremos a visão de mundo, as ideologias, valores e os sistemas culturais de uma comunidade de fala (ANDRADE, 1998).

Côncios de que o léxico expressa a história e a cultura de um povo, investigar também os motivos pelos quais algumas ULs ganham maior destaque que outras durante determinados períodos históricos ratificam o argumento de que as palavras evoluem e podem desaparecer rapidamente. Após essas considerações, destacamos a relevância desta pesquisa para a história da imprensa escrita em LE, pois este veículo de informação pode ratificar nosso posicionamento de que

las palabras son creaciones humanas y, al mismo tiempo, como la mayoría de las creaciones del hombre, tienen vida propia. Nosotros las creamos y ellas se crean. Al igual que un jardín, se escogen las especies, se seleccionan las semillas, se plantan, se injertan, se cruzan, etcétera, y las plantas viven, prosperan unas y se marchitan otras, otras más son ahogadas por vecinos demasiado exuberantes, se realizan hibridaciones naturales. De la misma manera hay una creación consciente y una evolución espontánea de la lengua<sup>3</sup> (GUIRAUD, 1994, p. 43).

O período cunhado como Franquista compreende de 1939 a 1975 e ficou assim conhecido por serem os anos em que o general Francisco Franco governou Espanha sob um regime ditatorial. Nesses anos, a língua utilizada na mídia escrita apresentava peculiaridades da época, e essas podem (pela relação entre língua e sociedade) ter sido influenciadas pela situação político-social na qual se encontrava o país.

Desse modo, os meios de comunicação também eram um dos vários canais que refletiam essa mudança e acontecimentos sociais na Espanha. Vilamor (2006, p. 13) expõe que

una nueva realidad política, económica, social y hasta religiosa que afectaba de lleno a los comportamientos de los ciudadanos y de manera muy especial a los usos y costumbres de los españoles. Esa situación nueva requeriría un lenguaje adecuado, diferente con el presente. **Por ello, los medios de comunicación recogen y, en parte, crean este nuevo lenguaje que irá aflorando a medida que se reclaman y se exigen los cambios**<sup>4</sup> (grifo nosso).

<sup>3</sup> (Tradução Nossa, doravante TN): “as palavras são criações humanas e, ao mesmo tempo, como a maioria das criações do homem, possuem vida própria. Nós as criamos e elas se criam. Como um jardim, escolhem-se as espécies, selecionam-se as sementes, planta-se, enxertam-se, cruzam-se, etcétera, e as plantas vivem, prosperam umas e morrem outras, outras ainda são afogadas por vizinhos muito exuberantes, realizam-se hibridações naturais. Da mesma maneira há uma criação consciente e uma evolução espontânea da língua” (GUIRAUD, 1994, p. 43).

<sup>4</sup> (TN): “uma nova realidade política, econômica, social e até religiosa que influenciava globalmente os comportamentos dos cidadãos e de maneira muito especial os usos e costumes dos espanhóis. Esta nova

Rodríguez e Lara (2007, p. 55) confirmam também que “los términos pueden adquirir, dependiendo de los contextos, connotaciones positivas o negativas, pues la frontera de los valorativos es muy fluctuante”<sup>5</sup>. Desse modo, as implicações culturais, os processos políticos, econômicos, podem atribuir novo conteúdo a significantes já existentes. Essas mudanças são possíveis, pois as ULs são empregadas de acordo com a necessidade e escolhas de grupos socioculturais, demonstrando o conhecimento e a percepção de mundo que esses grupos possuem em determinadas épocas e situações políticas, econômicas, posto que “o discurso político e econômico cria sinônimos, para substituir unidades ou expressões que tem uma carga negativa” (FIORIN, 2004, p. 126).

As teorizações sobre a época histórica estudada e sobre a situação política apresentada durante as datas pesquisadas ratificam nosso posicionamento de que “la conceptualización esencial de la información en los inicios del franquismo parte de la necesidad de subordinar la prensa, y en general todos los medios de comunicación, a la autoridad del Estado”<sup>6</sup> (CALERO, 2003, p. 52). Durante o regime franquista a imprensa conviveu, forçosamente, com um sistema político ditatorial castrador da opinião pública livre, encontrando-se atada às condições de seus opressores para poder continuar a cumprir com seus objetivos empresariais.

Assim, a utilização da língua expõe-se como mais um tentáculo de poder e dominação, posto que seu uso espelhava autoridade frente a população e, ao utilizar-se da homogeneização da opinião pública por meio do controle dos meios de comunicação, o governo de Franco neutralizou e excluiu os cidadãos do processo político, sendo essa uma das muitas atividades utilizadas pelas ditaduras para suprimir a falta de legitimidade do governo. Como Calero (2003, p. 138), inferimos que uma pesquisa que investigue essa temática torna-se relevante, pois

se trata de un tema central no sólo para entender la naturaliza de la dictadura franquista en el contexto de los fascismos europeos en los años treinta, sino sobre todo para comprender gran parte de ese universo simbólico que un buen número de españoles todavía hoy recuerda en una España diferente<sup>7</sup>.

---

situação exigia uma linguagem apropriada, diferente com o presente. Portanto, os meios de comunicação coletam e, criam em parte, essa nova linguagem que irá florescer à medida que reclamam-se e exigem as mudanças” (VILAMOR, 2006, p. 13).

<sup>5</sup> (TN): “os termos podem adquirir, dependendo dos contextos, conotações positivas ou negativas, pois a fronteira dos valorativos oscila muito”.

<sup>6</sup> (TN): “a conceituação essencial de informação no início do Franquismo parte da necessidade de subordinar a imprensa e em geral todos os meios de comunicação, à autoridade do Estado” (CALERO, 2003, p. 52).

<sup>7</sup> (TN): “trata-se de um tema central não só para compreender a natureza da ditadura franquista no contexto dos fascismos europeus na década de trinta, mas acima de tudo entender grande parte desse universo simbólico que um bom número de espanhóis ainda hoje lembra numa Espanha diferente” (CALERO, 2003, p. 138).

A partir dessas considerações iniciais e cientes da relevância do desenvolvimento de pesquisas na área de Lexicologia, pensamos em desenvolver este estudo para a investigação do léxico, haja vista que “esse é um campo que tem empolgado, nos últimos anos, muitos linguistas e profissionais da linguagem, de maneira geral” (SILVA, 2009, p. 78). Fazemos esta afirmação, pois constatamos, durante nossa participação na disciplina Lexicologia e Lexicografia, junto ao Programa de Pós Graduação em Estudos da Linguagem da UEL, que muitos são os trabalhos realizados nessa área. Dessa forma, buscamos verificar também de que maneira o léxico político-militar espanhol era investigado no panorama acadêmico brasileiro. E para conhecermos mais sobre essas pesquisas recorreremos ao banco de teses da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior).

Na pesquisa no site da CAPES, encontramos poucas referências que se relacionassem ao tema. A busca nesta base de dados foi feita abrangendo apenas cinco anos de produção científica, 2008-2012, privilegiando assim a pesquisa mais recentemente produzida.

Fizemos esta busca na base de dados da CAPES em janeiro de 2013, pelo termo “lexicologia”, o que resultou em 59 referências, sendo desse montante 44 dissertações e 15 teses. Dentre os trabalhos encontrados na época, apenas um deles se referia, efetivamente, ao desenvolvimento de pesquisas na área da Lexicologia voltadas para a análise de LE: uma dissertação, realizada pela pesquisadora Arelis Felipe Ortigoza, na Universidade Estadual de Londrina, no ano de 2008, que objetivava mostrar como no Manual de Gramática I, editado em Cuba, havia frases que veiculavam conteúdos ideológicos e políticos próprios do sistema de governo cubano.

Dessa forma, por meio da pesquisa no banco de dados da CAPES, verificamos que a LE ainda não atraía suficientemente os especialistas para pesquisas na área de Lexicologia no Brasil. Portanto, um estudo que investigasse as transformações ocorridas no léxico de determinado período histórico espanhol seria relevante ao preenchimento desta lacuna nas pesquisas acadêmicas dessa área em nosso país.

Nesta perspectiva, delineamos os seguintes objetivos:

- Geral:

- Verificar em que proporção o léxico veiculado no jornal *La Vanguardia* de 1940 e 1975 testemunha o momento político ditatorial vivido pela Espanha daquelas épocas.

- Específicos:

- Organizar um *corpus* constituído de textos jornalísticos do período histórico de 1940 e 1975;
- Identificar e selecionar ULs representativas dos momentos históricos em questão;
- Descrever e analisar as acepções das ULs selecionadas no *corpus* em seus contextos de uso;
- Comparar as acepções encontradas nos textos do jornal com as do dicionário da *Real Academia Española* (DRAE) de 1947 (17ª edição) e 1984 (20ª edição);
- Refletir sobre os empregos (sentidos) das ULs analisadas e a importância dessas acepções para o desenvolvimento do saber lexical e histórico-cultural da Espanha.

Para iniciar esta pesquisa, voltada para a análise do léxico utilizado no contexto jornalístico, era conveniente começarmos pela escolha de textos que já estivessem em formato *online* para que, a partir da utilização de programas computacionais de conversão de textos e formação de listas de ULs, pudéssemos trabalhar com a menor margem de erro de digitação possível.

Por meio de buscas pela internet, utilizando a plataforma Google, deparamo-nos com vários jornais espanhóis que disponibilizam em suas páginas *online* várias décadas de informação impressa. Após a análise das edições disponíveis nesses *sites*, verificamos que apenas o jornal *La Vanguardia* disponibilizava edições de 1940 e 1975. Optamos em centrar nosso estudo nessas duas décadas, pois se caracterizam como importantes momentos históricos para a Espanha, haja vista que em 1940 o poder de Franco se estabeleceu no território espanhol e em 1975 ocorreu sua morte e, assim, iniciou-se a transição do regime político naquele país. A opção pela descrição e análise do vocabulário dessa época se justifica pelo fato de, por meio do conhecimento do léxico de uma língua, podermos ampliar nosso conhecimento sobre a cultura, história e sobre a identidade de um povo.

Após a escolha do periódico e das datas para a realização da pesquisa, realizamos a coleta dos textos *online* do referido jornal. Nas considerações de Biderman (1996, p. 28)

dada a enorme extensão do léxico, uma seleção lexical criteriosa e baseada em princípios lexicoestatísticos apresentou-se como a melhor alternativa para estabelecer os índices *verborum* das palavras mais frequentes e usuais dentre as centenas de milhares que constituem o léxico de uma língua de civilização moderna. Dessa forma, podem-se evitar o empirismo e uma seleção vocabular com base apenas na intuição. Assim, os textos foram salvos em formato *.pdf*, (formato disponibilizado pelo *site* do jornal), convertidos para *.doc* com a ajuda do programa computacional OCR (*Optical Character Recognition*, ou Reconhecimento Óptico de Caracteres), e depois gravados em formato *.txt* para, então passarmos os textos para o programa Léxico 3<sup>8</sup>, que gerou as listas de frequência com as ULs analisadas nesta tese.

Após essa etapa, afirmamos, por meio da frequência dos dados, que o tema mais recorrente nas edições consultadas era o político-militar, fato que ratificou nosso argumento inicial em optarmos pela análise desta temática. Assim, após verificarmos a quantidade de informação advinda com cada UL, e também por delimitações do tema, optamos em selecionar 10 ULs para as análises. Este montante é formado pelas ULs presentes nas duas listas de frequência correspondentes aos dois anos pesquisados, mas também por ULs que não estavam presentes nas duas listas de frequência, mas que, ainda assim, em nosso entendimento, são relevantes para o conhecimento de aspectos históricos e culturais da língua nos determinados anos estudados.

Com relação à estrutura desta tese, inicialmente, discorreremos sobre alguns pontos básicos para melhor entendimento, por parte do leitor, do conteúdo aqui discutido. No primeiro capítulo apresentamos um panorama histórico e social da Espanha englobando acontecimentos do cenário político, econômico e cultural das épocas estudadas, sobretudo enfocando aspectos históricos da ditadura espanhola, centrados nos anos de 1940 e 1975. O segundo capítulo trata brevemente da formação da LE e sua evolução, centrando nossa discussão no uso da LE no século XX. No capítulo seguinte, apresentamos as teorias que embasam a análise e discussão dos dados, trazendo as considerações de autores das áreas da Lexicologia (OLANO, 2004; ISQUERDO, 2003; KRIEGER, 2009; BIDERMAN, 1996, 1998, 2001), e da Semântica Lexical (WACHOWICZ, 2013; LOPES E PIETROFORTE, 2004), por meio de revisão bibliográfica sobre os conceitos de léxico e análise semântica, para a fundamentação teórica necessária ao desenvolvimento da tese. Assim, pela abordagem da Semântica Lexical e Lexicologia, buscamos realizar nesta pesquisa a análise semântica das ULs, pelas ocorrências em seus contextos de uso, expressos no vocabulário da publicação noticiosa periódica em LE.

---

<sup>8</sup> Na metodologia deste trabalho, o leitor encontrará mais detalhes sobre esse programa computacional e como se procedeu ao seu manejo.

A metodologia adotada na seleção dos dados está desenvolvida no quarto capítulo. Neste momento apresentamos a teoria da Linguística de *Corpus* e discutimos sobre as considerações e contribuições de Berber-Sardinha, Parodi, Fromm, Piñol e outros, para este campo da pesquisa.

Na sequência, compondo o quinto capítulo, descrevemos e analisamos o *corpus* coletado na investigação, embasados nas teorias anteriormente citadas. Para tanto, realizamos o levantamento dos significados das ULs em cada uma de suas ocorrências nos contextos. Essa parte de nosso trabalho busca também investigar se as características observadas por meio das análises das ULs, têm relação, ou não, com a situação social da época e seus dados históricos.

Conjuntamente à análise dos contextos, verificamos nos dicionários da *Real Academia Española*, doravante DRAE, nosso *corpus* de exclusão, dos anos de 1947 (17ª. edição) e de 1984 (20ª. edição), as acepções das ULs aqui selecionadas com o escopo de perscrutar as acepções que essas ULs compartilham e/ou diferenciam, observando os sentidos apresentados no jornal *La Vanguardia*. Por fim, expomos as considerações finais.

# 1 PANORAMA HISTÓRICO, POLÍTICO e SOCIAL DA ESPANHA FRANQUISTA

*Las palabras no son inocentes, sino que son instrumentos de manipulación*<sup>9</sup> (LAGUNILLA, 1999, p. 11).

A pesquisa do léxico é um campo relevante para os estudos da história da língua e sua cultura, posto que o significado que uma UL pode adquirir está relacionado com muitos fatores, inclusive extralinguísticos, que configuram o contexto, e este por sua vez, deve ser entendido num sentido amplo, não apenas gramatical, pois “entender un texto es buscarle un lugar en el mundo de la experiencia”<sup>10</sup> (TRUJILLO, 1988, p. 73).

Por conseguinte, neste capítulo, fazemos uma breve explanação sobre a sociedade espanhola do período pós-guerra civil, buscando mostrar a situação econômica, política, social e cultural da Espanha da era franquista para melhor entendimento do uso e do significado das ULs nesse contexto histórico.

## 1.1 GUERRA CIVIL ESPANHOLA

Em 17 de julho de 1936, após um golpe militar, teve início uma guerra civil na Espanha, que a princípio se imaginava breve, mas que se estendeu por longos três anos, até seu “término” em 1º. de abril de 1939, com a derrota do grupo republicano, então governo da situação.

Nas considerações de Juliá (2005, p.108),

la dictadura de Franco fue un régimen instaurado tras una rebelión militar y tres años de guerra de exterminio. Su origen determinó, al menos durante sus veinte primeros años, su naturaleza, basada más en la represión y regimentación que en la búsqueda de consenso<sup>11</sup>.

Grande parte das guerras civis acaba com uma vitória esmagadora de uma das partes, acompanhada de massacres, genocídios, abusos impunes dos direitos humanos e muitas outras incontáveis atrocidades, com a Espanha não foi diferente. Daquele golpe,

<sup>9</sup> (TN): “As palavras não são inocentes, são instrumentos de manipulação” (LAGUNILLA, 1999, p. 11).

<sup>10</sup> (TN): “entender um texto é procurar para ele um lugar no mundo da experiência” (TRUJILLO, 1988, p. 73).

<sup>11</sup> (TN): “a ditadura de Franco foi um regime instaurado depois de uma rebelião militar e três anos de guerra de extermínio. Sua origem determinou, ao menos durante seus vinte primeiros anos, sua natureza, baseada mais na repressão e regimentos que na busca de consenso” (JULIÁ, 2005, p.108).

instaurou-se um regime político ditatorial que teve seu fim apenas quatro décadas mais tarde com a volta, ainda controlada, do país ao sistema democrático.

Essa época é conhecida como franquista pela referência que se faz ao mentor do golpe e, posteriormente, ditador da Espanha, o General Francisco Franco Bahamonde, descrito como um homem pequeno, a quem agradavam muito as bajulações, casado e que tinha uma única filha. Era um homem que “demostró cierto valor así como una capacidad innata para la crueldad. Sabía correr riesgos pero no era temerario”<sup>12</sup> (CALDERÓN, 2006, p. 10).

Nas considerações de Delgado (2005), Franco tinha uma personalidade medíocre e inexpressiva se comparada a outros líderes mundiais da época como Mussolini e Hitler, pois enquanto esses eram convincentes oradores, Franco tinha um discurso monótono. Apoiado pelo exército e pela Igreja Católica, foi o responsável por instaurar na Espanha uma ditadura de carácter reacionário e conservador com a pretensão de alcançar uma nova “ordem social”.

## 1.2 A ERA DE FRANCO

Na década de 20, no que concerne à estrutura política, Franco acreditava que a Espanha deveria se submeter a um governo autoritário e, esse governo, deveria também trabalhar para a eliminação de todos os partidos políticos com o objetivo de, segundo ele, almejar o desenvolvimento do país.

O Caudilho<sup>13</sup> sabia que qualquer revolta provocaria um conflito de amplas dimensões cuja duração seria impossível prever, por isso sua atitude política foi levada ao extremo radicalismo. Devido a esses fatores, de acordo com Payne (2005, p. 309), “aunque Franco se había mostrado remiso a la hora de unirse a la insurrección, una vez que estalló la Guerra Civil se entregó a la lucha en cuerpo y alma, con todas las consecuencias”.

A ditadura franquista teve início em 1936, quando os militares, após a vitória na guerra civil, apoiaram o General Franco para o comando do Estado Espanhol. De acordo com Delgado (2005, p. 63) “la dictadura española duró mucho más que cualquiera de

---

<sup>12</sup> (TN): “demonstrou certo valor, bem como uma capacidade inata para a crueldade. Sabia correr os riscos, mas não foi imprudente” (CALDERÓN, 2006, p. 10).

(TN): “mesmo Franco mostrando-se contrário em aderir ao golpe, uma vez que a Guerra Civil começou, se entregou à luta de corpo e alma, com todas as consequências” (PAYNE, 2005, p. 309).

<sup>13</sup> Sinônimo de ditador.

sus homólogas europeas, excepto la de Salazar o la Unión Soviética. [...] fue también la única dictadura creada en la Europa de entreguerras que sobrevivió en el período de posguerra”<sup>14</sup>.

Como origem ela buscava essencialmente, além de restaurar a ordem e destruir os movimentos sociais e políticos criados durante a República, a união entre o tradicionalismo espanhol monárquico e católico, esclarecendo a todo o momento que a essas facetas se unia o estilo fascista<sup>15</sup> sob o jugo de um general.

Após sua vitória na Guerra Civil, o fato que mais preocupava Franco era a manutenção de seu poder, em detrimento da criação de uma real ideologia para seu governo, pois esta já estava fundamentada em uma doutrina militarista. Nas considerações de Abós (1939, *apud* CALDERÓN, 2006, p. 67),

los enemigos de España son siete: Liberalismo, democracia, judaísmo, masonería, marxismo, capitalismo y separatismo, vencidos en la Gran Cruzada, aunque no aniquilados, pues se esconden como sabandijas ponzoñosas en mechinales inmundos, para seguir desde las sombras arrojando su baba y envenenando el ambiente<sup>16</sup>.

Por ser admirador de figuras amigas como Mussolini e Hitler, e pelo fato da Espanha comungar de características socioeconômicas com a Itália, Franco adotou alguns tópicos do fascismo italiano, mas não tinha a pretensão de colocar todos seus aspectos em prática na Espanha. Acusado de ser fascista, o governo franquista fazia com que seus governados entendessem que participavam de um novo regime autoritário nacionalista, que era dominante na Europa da época. Assim, Payne (2005, p.310) afirma que

aunque es cierto que Franco no era personalmente un fascista y no tenía un gran interés o conocimiento de la ideología fascista revolucionaria, en muchos aspectos muy diferente de su propio conservadurismo, no es menos cierto que durante el curso de la Guerra Civil se quedó cada vez más impresionado por el potencial de la Italia fascista como, al menos, modelo parcial para su propio nuevo régimen<sup>17</sup>.

<sup>14</sup> (TN): "a ditadura espanhola durou muito mais do que qualquer uma das suas homólogas europeias, exceto a de Salazar ou da União Soviética. [...] foi também a única ditadura criada na Europa do entre guerras que sobreviveu até o período do pós-guerra" (DELGADO, 2005, p. 63).

<sup>15</sup> De acordo com Delgado (2005) grande parte dos historiadores do franquismo entende que o regime não foi fascista no sentido estrito, mas que se caracteriza, sobretudo, pelo sentido científico do termo.

<sup>16</sup> (TN): “os inimigos da Espanha são sete: liberalismo, democracia, judaísmo, maçonaria, marxismo, capitalismo e separatismo, vencidos na Grande Cruzada, embora não aniquilados, pois se escondem como vermes venenosos em lugares imundos, para continuar desde as sombras jogando sua gosma e envenenamento o ambiente” (ABÓS, 1939 *apud* CALDERÓN, 2006, p. 67).

<sup>17</sup> (TN): “embora seja verdade que Franco não era um fascista e não tinha grande interesse ou conhecimento da ideologia revolucionária fascista, em muitas maneiras muito diferentes do seu próprio conservadorismo, não é menos verdade que no decurso da Guerra Civil ficou cada vez mais impressionado com o potencial da Itália fascista como, pelo menos, modelo parcial para seu próprio novo regime” (PAYNE, 2005, p. 310).

Ainda segundo Payne (2005), encontramos vários registros de que Franco, e seu golpe, acabou com a democracia na Espanha, mas outras opiniões nos mostram que o levante que iniciou a Guerra Civil se deve ao fracasso do modelo de governo, a República, existente naquela época, que se pautava em fatores anarquistas.

Essa discussão até hoje possui uma proporção de tamanha relevância no cenário político espanhol e no ano de 1999, as Cortes espanholas denunciaram o levante de 18 de julho de 1936 como um ‘golpe militar fascista’. Nas palavras de Payne (2005, p.307) “la comisión de las Cortes, obviamente, no utilizó el término ‘fascista’ en un sentido técnico, erudito o científico, sino en el sectario y polémico de las izquierdas españolas durante la República”<sup>18</sup>.

Certo foi que uma faceta do fascismo esteve muito presente no governo franquista: a sua capacidade incomensurável para fomentar o horror. Segundo Delgado (2005, p. 47),

Mussolini ejecutó a 27 individuos desde 1922 hasta 1940; Franco ejecutó *al menos* mil veces más personas desde 1939 hasta 1941. Teniendo en cuenta que la población italiana era bastante más elevada, la verdadera proporción tendría a ser de 1.800 a 1; y todavía podría ser más alta – de 10.000 a 1 – si medimos el ritmo de las matanzas, ya que la cifra italiana cubre 18 años y la española sólo tres.<sup>19</sup>

O nível de repressão do governo de Franco foi altíssimo e, talvez, por esse fator, justifica-se a repugnância que alguns espanhóis sentem com relação a esse período da história de seu país, pois todos os que eram considerados inimigos, tinham confiscados seus bens, propriedades e privados de suas liberdades. Assim como os partidos políticos, também jornais e sindicatos foram aniquilados, sem nenhuma possibilidade de indenização, de defesa ou de reversão da situação.

Nas considerações de Calderón, (2006, p. 13) “en la Universidad Central de Madrid, el 30 de abril de 1939, se celebró lo que llamaron, con resonancias medievales, un *auto de fe* para condenar al fuego a los enemigos de España”<sup>20</sup>. Nesse ano, Franco era a máxima autoridade do Estado, do exército, do poder legislativo e da “Falange Española”.

<sup>18</sup> (TN): “A comissão de Cortes, obviamente, não usou o termo 'fascista' em um sentido técnico, acadêmico ou científico, mas no sectário e polêmico das esquerdas espanholas durante a República” (PAYNE, 2005, p.307).

<sup>19</sup> (TN): “Mussolini executou 27 indivíduos de 1922-1940; Franco executou pelo menos mil vezes mais pessoas de 1939 a 1941. Tendo em conta que a população italiana era bastante elevada, a verdadeira proporção teria que ser 1.800 para 1; e ainda poderia ser maior - 10.000 a 1 - se medimos o ritmo das mortes, já que a cifra da guerra italiana é de 18 anos e a espanhola apenas três” (DELGADO, 2005, p. 47).

<sup>20</sup> (TN): “na Universidade Central de Madri, em 30 de abril de 1939, realizou-se o que chamavam, com ecos medievais, um ato de fé para condenar à fogueira os inimigos da Espanha” (CALDERÓN, 2006, p. 13).

Essa, por sua vez, criada em 1936, independentemente de Franco, era um grupo político que buscava estabelecer vínculos mais restritos com o ditador mesmo antes da guerra civil, embora o Caudilho não correspondesse aos interesses desse grupo político.

Com a necessidade de apoiadores a sua causa, para ganhar a guerra e estabelecer sua vitória, principalmente durante os primeiros dias da guerra civil, e para eliminar os resquícios da República e da democracia, o General toma como modelo a utilização de um só partido político no Estado, a Falange Espanhola. Essa promovia uma forma de governo que oscilava entre o fascismo e a direita tradicional e religiosa e era vista como mais um dos braços do governo, assumindo o papel de sustentáculo do poder de Franco, pois podia utilizar-se do “apoio” desse partido para a continuidade do horror e da repressão sobre famílias e opositores cada vez que isso se fizesse necessário.

Nas palavras de Delgado (2005, p.41),

alguien le preguntó una vez a Franco para qué le servía la Falange; su respuesta fue que le servía de claqué. También tenía otra función, quizás más importante: junto con los militares, los católicos y los monárquicos, constituyó una de las “familias” del régimen que Franco equilibró tan brillantemente durante tantos años<sup>21</sup>.

Apesar da confirmação do sistema ditatorial, o país não apresentava desenvolvimento econômico. No início da década de 50, o racionamento e restrições elétricas continuavam aumentando a situação de miséria cotidiana: crescia a fome, o frio, o desemprego e o desespero da população.

Mas apesar de todo esse caráter tirano, Franco era um católico tradicional e queria o apoio da Igreja Católica para obter o reconhecimento e aceitação dos católicos de seu país e de outros dirigentes políticos do mundo.

Segundo o franquismo

la libertad humana conduce a la anarquía y al despotismo; treinta años de circulación de libros y de toda clase de escritos donde se enseña la incredulidad, no han podido menos que producir grave daño, y de alterar las costumbres religiosas de un número considerable de españoles (ABÓS, 1939, *apud* CALDERÓN, 2006, p. 70)<sup>22</sup>.

<sup>21</sup> (TN): “alguém perguntou uma vez a Franco para que servia a falange; sua resposta foi que ela servia de coadjuvante. Também tinha uma outra função, talvez mais importante: juntamente com os militares, os católicos e monarquistas, foi uma das “familias” do regime que Franco equilibrou tão brilhantemente por tantos anos” (DELGADO, 2005, p.41).

<sup>22</sup> (TN): “a liberdade humana leva a anarquia e o despotismo; trinta anos de circulação de livros e todos os tipos de escritos onde se ensinava a incredulidade, produziram graves danos e alterou os costumes religiosos de um número considerável de espanhóis” (ABÓS, 1939 *apud* CALDERÓN, 2006, p. 70).

Assim, a ditadura de Franco se baseou no chamado *nacional-catolicismo*.

Apesar de todo o esforço e trabalho para a aceitação das regras do novo governo, ainda havia resistência ao sistema de Franco. De acordo com Calderón (2006, p. 107)

era necesario una demanda específica y sentimentalmente poderosa; el derecho a reanudar la expresión escrita y pública de la propia lengua y el restablecimiento de las instituciones culturales y políticas arrasadas tras la Guerra Civil. [...] En Cataluña, desde enero de 1939 en que se produjo la toma de Barcelona por las tropas de Franco, se difundió el eslogan *hablad español, que es la lengua del Imperio* y el gobernador civil prohibió cualquier letrero escrito en otra lengua que no fuera la castellana<sup>23</sup>.

Também a Igreja Católica, que antes usufruía de imenso prestígio e privilégios, passa a se distanciar do regime franquista e, nessa mesma época, entre 1969 e 1975, as estruturas do regime começam a enfraquecer. Finalmente, em 22 de julho de 1969, as cortes aprovam a decisão do General em nomear como seu sucessor, a título de rei, D. Juan Carlos de Borbón y Borbón. Em 20 de novembro de 1975, morre o General, aclamado por parte da Igreja, posto que nem toda ela estava mais tão coesa e apoiando, sem contestação, a “cruzada y la venganza sangrienta de la pósguerra”<sup>24</sup> (CASANOVA, 2006, p. 40).

Com o falecimento do chefe do Estado, foi convocado um conselho para organizar a proclamação da monarquia, pois “el acto de juramento de Juan Carlos de Borbón tenía que celebrarse antes del entierro para que las exequias pudiesen ser presididas por el nuevo rey”<sup>25</sup> (CALDERÓN, 2006, p. 152).

Iniciava-se, naquele momento, um novo panorama político, social, econômico e cultural no território da nova Espanha presidida pelo Rei Juan Carlos.

### 1.3 A SOCIEDADE ESPANHOLA NA ERA FRANQUISTA

Conforme Juliá (2005) e Casanova (2006), entre outros pesquisadores, a sociedade espanhola da era franquista basicamente pode ser desenhada pelo abandono do campo por parte dos pequenos proprietários agrícolas, resultando no crescimento das cidades, na criação de uma nova classe de trabalhadores, e em decorrência disso, de uma nova classe

<sup>23</sup> (TN): “criar demanda específica e sentimentalmente poderosa; o direito de retomar a expressão escrita e pública da própria língua e a restauração das instituições culturais e políticas destruídos após a Guerra Civil. [...] Na Catalunha, a partir de janeiro de 1939 em que ocorreu a captura de Barcelona pelas tropas de Franco, espalhar o slogan fala espanhol, que é a língua do Império, o governador civil proibiu qualquer sinal escrito em outra língua que não fosse a castelhana” (CALDERÓN, 2006, p. 107).

<sup>24</sup> (TN): “cruzada e sangrenta vingança do pós-guerra” (CASANOVA, 2006, p. 40).

<sup>25</sup> (TN): “O ato de juramento de Juan Carlos de Borbón tinha de realizar-se antes do enterro, para que o funeral pudesse ser presidido pelo novo rei” (CALDERÓN, 2006, p. 152).

média técnica e profissional. Com esse novo panorama, houve também um aumento do acesso a bens de consumo. Juliá (2005, p.69) considera que “en apenas quince años una sociedad agraria se convirtió en una sociedad industrial avanzada con nuevas clases obreras y media”<sup>26</sup>.

Mas a Espanha dos anos 30 possuía um povo com capacidade suficiente para construir uma democracia, pois, contrariamente ao argumento dos franquistas, a República não era uma sociedade repleta de conflitos e atrasada, rural e anarquista. Segundo os opositores de Franco, até os anos 60, durante o regime, a Espanha foi uma sociedade formada por uma incipiente classe pensante, dominada por mercados locais, que impossibilitavam o desenvolvimento industrial e o crescimento de discussões para a obtenção de um estado democrático de governo.

Juliá (2005) expõe também que no governo franquista se podiam encontrar exemplos de fanatismo descabido e incontestado, haja vista que “lo que en las primeras semanas de guerra fueron matanzas más o menos indiscriminadas, se convirtió inmediatamente en ejecuciones decretadas por tribunales militares por ‘adhesión a la rebelión militar’<sup>27</sup>” (JULIÁ, 2005, p. 94). Para o ditador, a República, governo deposto, era a personificação da falta de regras gerada pelo liberalismo desenfreado, que originou uma sociedade frágil, que deveria ser contida para que a Espanha voltasse a ser um país organizado e com regras bem estabelecidas. Assim, Franco enxergava a guerra como um extermínio e castigo que Deus impunha aos impuros para limpar a história, pois desejava que em seu país houvesse um povo dócil que trabalhasse para a construção de uma sociedade estável, católica, pura e tradicional.

Assim, criou-se uma figura de liderança, pois, no momento de fraqueza do país quando o povo necessitava de mudança, de um “salvador”, surgiu o “Generalísimo” que prometeu segurança, disciplina, união e ação firme contra os abusos, o desemprego e as divisões sociais geradas pela incapacidade de governo da República. Nesta figura, se instaura a “confiança”, por parte da sociedade, de que futuramente, pautados em valores como a uniformidade, igualdade, se alcançaria a paz e o desenvolvimento social.

E para alcançar esses objetivos, o General praticou assassinatos arbitrários e sumários, decididos por tribunais militares organizados indiscriminadamente, além de prisões e torturas, e com todo o aparato estatal sob controle, a justiça militar obteve respaldo suficiente para concretizar suas tarefas. Nas considerações de Casanova (2006, p. 23),

---

<sup>26</sup> (TN): "em apenas quinze anos uma sociedade agrária tornou-se uma sociedade industrial avançada com novas classes trabalhadora e classe média" (JULIÁ, 2005, p.69).

<sup>27</sup> (TN): “o que nas primeiras semanas da guerra foram mais ou menos indiscriminadas mortes, tornou-se imediatamente execuções promulgadas por tribunais militares por ‘adesão’ à rebelião militar” (JULIÁ, 2005, p. 94).

tenía a su disposición, en primer lugar, a policías y guardias civiles, dependientes en teoría del Ministerio de Gobernación pero militarizados y encargados en el día a día de llevar a cabo la represión en todas las ciudades y pueblos. Mantener en la cárcel durante tanto tiempo a tantos prisioneros, torturarlos, asesinarlos con nocturnidad, dejarles morir de hambre y de epidemias, no fue, como la dura represión de posguerra en general, algo inevitable<sup>28</sup>.

Calderón (2006, p. 23) relata que “el 21 de marzo de 1948, en Asturias, nueve años después del final de la guerra, 22 mineros acusados de rojos fueron arrojados al pozo y rematados en el agujero con bombas de mano<sup>29</sup>”.

As mulheres e as crianças tampouco escaparam do jugo do ditador. Milhares de mulheres foram presas e fuziladas por serem mães, irmãs, filhas ou esposas de simpatizantes da causa contra a ditadura, mesmo sem nenhum vínculo comprovado de seus envolvimento no grupo contrário ao franquismo. As crianças que nasciam nas prisões, ou aquelas que tinham seus pais assassinados pela ditadura, eram “doadas” pelas esposas dos generais de Franco a famílias católicas e falangistas com o objetivo de fazer daquelas crianças bons soldados e bons filhos da Espanha pura.

Com a criação da lei de 29 de setembro de 1939, a *Falange Española* estava autorizada legalmente a apoderar-se dos bens dos sindicatos marxistas e anarquistas e a classe operária derrotada na Guerra Civil converteu-se em uma classe sem líderes, sem locais para debate, sem bens, sem direitos, sem dignidade.

Para substituir essas organizações, o caudilho utilizou-se da força do Exército e do apoio da Igreja como pilares de seu governo, ou seja, foi instaurada “una dictadura militarista y clerical que cerrara España a las influencias del extranjero y que vuelta sobre el propio ser de la nación extranjera los recursos necesarios para reanudar su destino glorioso”<sup>30</sup> (JULIÁ, 2005, p.115).

Nas considerações de Juliá, o governo falangista não foi somente uma ditadura militar e eclesiástica, mas sim um movimento de alcance nacional de base fascista, pois as exterminou os dirigentes de sindicatos de trabalhadores, silenciando os donos das

<sup>28</sup> (TN): “tinha à sua disposição, encarregados em primeiro lugar, os policiais e guardas civis, dependentes da teoria do Ministério do Interior, mas militarizados e encarregados todos os dias de realizar a repressão em todas as cidades e vilas. Manter na prisão por muito tempo tantos prisioneiros, torturá-los, matá-los à noite, deixá-los morrer de fome e epidemias, não era, como a dura repressão do pós-guerra em geral, algo inevitável” (CASANOVA, 2006, p. 23).

<sup>29</sup> (TN): “em 21 de março de 1948, nas Astúrias, nove anos após o fim da guerra, 22 mineiros acusados de esquerdistas foram jogados no poço e explodidos com bombas de mão” (CALDERON, 2006, p. 23).

<sup>30</sup> (TN): “uma ditadura militarista e clerical que fechava Espanha às influências estrangeiras e que colocava sobre o próprio ser da nação estrangeira os recursos necessários para retomar o seu destino glorioso” (JULIA, 2005, 115).

grandes mídias, bem como uma classe intelectual que almejava o progresso da ciência, da arte e da cultura do país (JULIÁ, 2005).

Além do terror, os meios de comunicação foram empregados pelo franquismo para a confirmação de seu governo, manipulando as notícias, investigando e retirando das bibliotecas livros que, segundo a ditadura, disseminavam ideias e conceitos imorais, propagando doutrinas marxistas, o menosprezo pela Religião Católica e pela dignidade da Pátria.

Segundo Calderón (2006, p. 25),

en cuanto a los medios de comunicación, el control estatal de radio, prensa, y de cuanto afectaba a la información, estuvo directa o indirectamente en manos del Estado o del Movimiento<sup>31</sup> y sujetos a una estricta censura de acuerdo con la *Ley de Prensa* de abril de 1938, que se mantuvo en vigor hasta 1966<sup>32</sup>.

Após essas considerações, vimos que na Espanha de Franco o poder não estava centralizado em partidos, pois esses não existiam mais, mas sim no tradicional Estado, começando pelas forças armadas, passando pela Igreja Católica, por alguns grandes proprietários de terras e comerciantes e, sobretudo, por Francisco Franco, “Generalísimo, Caudillo y Santo” (CASANOVA, 2006, p.13).

#### 1.4 A SOCIEDADE CATALÃ

Por estar centrada na análise de ULs coletadas em um jornal de Barcelona, capital da Catalunha, pensamos ser relevante, para o desenvolvimento da tese, tratar mais especificamente de alguns aspectos dessa sociedade.

Em 26 de novembro de 1938, Franco dá ordem para o ataque à região da Catalunha, e sai vencedor no dia 23 de dezembro do mesmo ano. Após a guerra, o franquismo precisa isolar Catalunha dos acontecimentos políticos e assim anular instituições e qualquer representatividade política da região.

Desse modo, os anos 40 representam uma grande “maldição” também para essa região, que ao mesmo tempo, tinha que reconstruir uma área devastada pela guerra e

<sup>31</sup> No ano de 1945 a *Falange Española*, partido único do governo franquista, foi reestruturada e passou a chamar-se *Movimiento Nacional*.

<sup>32</sup> (TN): “sobre aos meios de comunicação, o controle de estatal de rádio, imprensa, e tudo que afetava as informações, foi diretamente ou indiretamente nas mãos do Estado ou do Movimento e sujeito a uma censura rigorosa de acordo com a Lei de Imprensa de abril de 1938, que permaneceu em vigor até 1966” (CALDERÓN, 2006, p. 25).

aceitar a aniquilação de sua cultura diferenciada e de suas instituições, pois Franco objetivava *recristianizar* terras que estavam sob a influência de seus inimigos e Catalunha era uma dessas regiões. A Igreja Católica catalã se viu em difícil situação, pois, ao mesmo tempo em que sofreu com os problemas enfrentados durante a República, devido aos ataques sofridos a várias igrejas, mosteiros e conventos, encontrou-se submetida às ordens de Franco e ao seu controle até sobre a hierarquia da igreja. Com esse panorama, após algum tempo sob o jugo franquista, parte da igreja catalã começa a se distanciar do regime.

Como nas outras regiões, o Caudilho impõe uma dura repressão aos vencidos e os considerados inimigos da Espanha são perseguidos e sumariamente executados. E assim, segundo Augustí (2013, p. 181), essa região torna-se palco das maiores repressões do governo, “por ser posiblemente el territorio que alberga a los dos grandes enemigos del franquismo: las izquierdas más revolucionarias y el separatismo más radical”<sup>33</sup>.

Com esses acontecimentos, advém uma longa época de pobreza na sociedade catalã derrotada, para a qual a fome e a miséria chegaram com maior crueldade. Vários foram os fatores para a promoção dessa situação, entre eles: o carácter classista e conservador dos vencedores e a redução de importações no país que culminou na desvalorização da indústria e do campo.

Diante desse estado de involução social, no dia 14 de maio de 1939, começa o racionamento alimentar e para tanto foram distribuídas, pelo governo, três tipos de cartilha familiar. Augustí (2013, p. 31) observa que “en el año 1939, las raciones diarias para un hombre adulto rozan los 400 gramos de pan, 250 gramos de patata y 125 de carne. Es curioso que para las mujeres, los ancianos y los niños, el racionamiento es inferior”<sup>34</sup>. Interessante é analisar esse dado, posto que o governo de Franco era embasado em propostas como a construção de uma Espanha mais justa, contudo justa apenas para uma parte da população, pois os anciãos, mulheres e crianças não necessitavam de grandes porções de comida, mas apenas os homens não idosos, fato que ressalta os objetivos franquistas de manter sempre “mais bem” alimentados os homens, pois esses poderiam lutar caso fosse necessário.

Em decorrência dessa política pela busca de uma Espanha mais “pura”, a fome e a miséria trouxeram consigo doenças que havia alguns anos sido erradicadas. Nas considerações de Augustí (2013, p.31), “el tifus y la tuberculosis castigan a una población ya

---

<sup>33</sup> (TN): "por ser possivelmente o território que abriga os dois grandes inimigos do regime de Franco: as esquerdas mais revolucionárias e o separatismo mais radical" (AUGUSTI, 2013, p. 181).

<sup>34</sup> (TN): "em 1939, as porções diárias para um homem adulto era de 400 gramas de pão, 250 gramas de batata e carne 125. É curioso que para as mulheres, os idosos e crianças, o racionamento é menor" (AUGUSTÍ, 2013, p. 31).

muy debilitada. Sólo en la provincia de Barcelona, la tuberculosis causa la muerte del casi el 16% de la población”<sup>35</sup>.

Em meados de 1938, o tema principal de trabalho do partido falangista, nesta região, estava centrado em dois tópicos: a economia e a questão linguística. A política linguística promovida pela nova Espanha buscava eliminar toda e qualquer cultura de origem Vasca, Catalã ou Galega. Segundo Augustí (2013, p. 149),

uno de los objetivos de la España triunfante del 39 era alzar una nueva política, un nuevo orden, una nueva cultura, que requería acabar con el legado de las letras catalanas, vascas o gallegas, para que ese solar fuese el cimiento sobre el que asentar la ideología del Estado franquista. En lógica con esta política, si lo que se quería era crear un “imperio del libro católico y españolísimo” (en expresión que recoge J. Benet), era necesario acabar primero con todo referente del libro y cultura catalana<sup>36</sup>.

Desse modo, a cultura catalã foi “apagada”<sup>37</sup>, pois o governo franquista a considerava transgressora da unificação da Espanha, devendo ser destruída para o bem maior da Nação. Ficou proibido o uso da língua catalã em qualquer âmbito público, culminando no ato de apagar a UL *Catalunya* de escritos e panfletos.

Apesar de toda a crueldade e opressão, as regiões com características mais peculiares, sobretudo com o uso de uma língua diferente do castelhano, não deixaram de reivindicar liberdades democráticas. Não somente em Catalunha, mas também em outras regiões, por tradição cultural, institucional e poder econômico, após o término da ditadura, o sentimento nacional, expresso pelo uso intensivo da língua regional, conseguiu desenvolver-se com maior ênfase.

## 1.5 A ECONOMIA

No que tange à economia, o governo franquista foi uma sucessiva enxurrada de desastres e desordem, haja vista que a Espanha não alcançou modernidade, pois tornava-se cada vez mais isolada política e economicamente dos acontecimentos mundiais. Delgado

<sup>35</sup> (TN): “o tifo e a tuberculose punem uma população já bastante enfraquecida. Somente na região de Barcelona, a tuberculose provoca morte de quase 16% da população” (AUGUSTÍ, 2013, p. 31).

<sup>36</sup> (TN): “um dos objetivos da Espanha triunfante de 39 foi para criar uma nova política, uma nova ordem, uma nova cultura, que buscava acabar com o legado das letras Catalãs, Vascas ou Galegas, para que o solar fosse a base sobre a qual se estabelecesse a ideologia do estado franquista. Na lógica com esta política, se o que se queria era criar uma “regra do livro católico e espanhol” (expressão coletada por J. Benet), era necessário acabar primeiro com tudo sobre o livro e a cultura catalã” (AUGUSTÍ, 2013, p. 149).

<sup>37</sup> A Constituição Espanhola de 1978, em seu artigo 3º. estabelece que o dialeto castelhano é a língua oficial do território espanhol, e todos os espanhóis tem o dever de conhecê-la e o direito de usá-la. As outras línguas espanholas, reconhecidas como patrimônio cultural, são estabelecidas como oficiais nas respectivas Comunidades Autónomas.

(2005, p. 31) expõe que “en la esfera económica, la destrucción fue completa: no solo desaparecieron grandes empresas sino también pequeñas tiendas y granjas y en la esfera cultural, sucedió prácticamente lo mismo”<sup>38</sup>.

O rendimento econômico nos primeiros anos do regime foi o pior entre muitos países europeus, posto que grande parte da Europa conseguiu reestabelecer sua renda *per cápita* em poucos anos após o término da Segunda Guerra Mundial, mas com relação à Espanha, após a Guerra Civil, essa precisou do triplo do tempo.

O clima de repressão do governo, somado aos instrumentos de uma política sem futuro, determinaram o afastamento da Espanha dos níveis de renda dos outros países europeus. Assim, nos anos quarenta, tempo em que se encontra mais fortemente marcado o período mais nebuloso da economia espanhola juntamente com a presença de altos custos sociais, fatores como (DELGADO, 2005, p.173) “rígida disciplina laboral y drástica fijación de salarios en una situación que registra simultáneamente fuertes alzas en los precios “la inflación incontrolada combinada con los salarios controlados”<sup>39</sup> reforçaram a dificuldade de crescimento econômico do país.

Os três componentes fundamentais da política franquista eram formados pela presença do forte intervencionismo unido a financiamentos inflacionados para promoção de projetos industriais. Delgado (2005, p. 180) afirma que “fueron los acontecimientos mundiales, y no la legislación de Franco, lo que provocó finalmente la entrada de España en el concierto de las naciones”<sup>40</sup>.

Já nos anos cinquenta, ainda com a recessão econômica no período do pós-guerra, pode-se observar certa atenuação na crueldade do regime franquista e assim, um maior fomento às mudanças econômicas, possibilitando à década de 60 apresentar um leve desenvolvimento e crescimento econômico.

Nesta época há a última crise do regime ditatorial franquista, deflagrada, entre outros fatores, também pelo assassinato de Luís Carrero Blanco<sup>41</sup> em dezembro de 1973. De acordo com Juliá (2005, p. 153) “la muerte de Carrero Blanco desata la crisis postrera del

---

<sup>38</sup> (TN): “na esfera econômica, a destruição foi completa: não apenas desapareceram grandes empresas, mas também pequenas lojas e fazendas e no domínio da cultura, aconteceu praticamente o mesmo” (DELGADO, 2005, p. 31).

<sup>39</sup> (TN): “disciplina rígida de trabalho e drástica fixação de salário em uma situação que simultaneamente registra fortes aumentos da inflação descontrolada dos preços combinados com salários controlados” (DELGADO, 2005, p.173).

<sup>40</sup> (TN): “foram os acontecimentos mundiais e não a lei de Franco, o que provocou finalmente a entrada da Espanha no eixo das Nações” (DELGADO, 2005, p. 180).

<sup>41</sup> Foi um militar e político espanhol e ocupou diversos cargos no governo franquista. Foi assassinado em um atentado quando integrava o governo de Espanha durante a etapa final da ditadura.

régimen dictatorial superponiéndose a los primeros indicios de la crisis económica y al cambio de decorado en el mercado mundial”<sup>42</sup>.

A ditadura franquista dos anos 60 e 70 gerou mudanças sociais, culturais e até mesmo políticas. Contudo, segundo alguns teóricos do tema, não podemos esquecer que alguns governos democráticos também conseguiram um desenvolvimento econômico igualmente relevante, e, portanto, não se pode atribuir ao franquismo o crescimento econômico moderno da Espanha, nem mesmo uma possível modernização do país. Segundo Juliá (2005) e Delgado (2005), foi somente a partir do advento da democracia que os espanhóis alcançaram a reformulação de suas estruturas econômicas.

No início do século XXI, apesar das crises mundiais, a Espanha conseguiu fortalecer-se, pois, para tanto, foram necessários esforços acumulados ao longo de todo o tempo anterior de luta, à qual se uniram gerações de homens e mulheres desejosos por liberdade.

## 1.6 A CULTURA NA DITADURA

Nas considerações de Cantano (2008, p. 145) “en un sentido antropológico, la cultura se puede definir como un cuerpo complejo de normas, símbolos, mitos e imágenes que penetran en la intimidad del individuo, estructuran sus instintos, orientan sus emociones”<sup>43</sup>.

As ditaduras totalitárias das décadas de 20 e 30 foram os primeiros regimes que transformaram a cultura em um instrumento de doutrinação, domínio e propaganda. Na Alemanha, o regime nazista (1933 -1945) utilizou-se excepcionalmente da propaganda e da cultura como formas de manipulação com o fito de exaltar o “nacionalismo” (exacerbado e xenóforo) no país. Com o franquismo não foi diferente.

A política cultural do governo de Franco utilizou a censura aplicada com intenso rigor sobre a imprensa, livros, rádio, cinema, teatro e todas outras expressões de cultura, objetivando criar uma política afirmativa de uma nova cultura própria, por meio da instauração do terror, na busca da afirmação do poder absoluto. Ainda de acordo com Cantano (2013, p. 145) “en septiembre de 1936 se alentaba desde las páginas del diario pamplonés

---

<sup>42</sup> (TN): “a morte de Carrero Blanco desencadeia a última crise do regime ditatorial para os primeiros indícios de sobreposição da crise econômica e a mudança de cenário no mercado mundial” (JULIÁ, 2005, p. 153).

<sup>43</sup> (TN): “em un sentido antropológico, cultura pode ser definida como um corpo complexo de regras, símbolos, mitos e imagens que penetram a privacidade do indivíduo, estruturam seus instintos, orientam as suas emoções” (CANTANO, 2008, p. 145).

*Arriba España* a destruir y quemar todo libro, revista o propaganda que proviniese del separatismo”<sup>44</sup>.

Segundo Delgado (2005, p. 255)

regulada por la ley de 22 de abril de 1938, que estuvo en vigor hasta 1966, la prensa experimentó una radical regresión. Muchos periódicos de etapas anteriores de significación liberal o republicana (y por supuesto, toda la prensa de izquierda) fueron prohibidos, y sus instalaciones, incautadas por el Estado.) Mezcla de Estado totalitario y Estado católico, el régimen de Franco se dotó, al servicio de sus intereses y de su propaganda, de un importante aparato de medios de comunicación de propiedad pública (prensa, radio, agencias informativas), que inicialmente (1938-42) quedó bajo el control de la Delegación Nacional de Prensa y Propaganda del Ministerio del Interior, controlada por la Falange, el partido fascismo español (aunque todo ello acabaría dependiendo, desde 1951, del Ministerio de Información y Turismo, entonces creado)<sup>45</sup>.

No campo da sétima arte, a repressão, que precisava disseminar a ideia de um governo aceitável e justo, cria uma política de promoção para a elaboração de filmes com o objetivo de defender os ideais franquistas e fomentar o pensamento de que na Espanha franquista se pode viver muito bem. O futebol e as touradas ganham maior destaque e se consolidam como festas populares de abrangência nacional e, sobretudo, as touradas foram utilizadas pelo regime como promoção da cultura verdadeiramente espanhola.

O Caudilho queria ser visto como um enviado de Deus e como um mártir pela luta contra os inimigos da Espanha pura. Nas palavras de Casanova (2006, p. 9), “obispos, sacerdotes y religiosos comenzaron a tratar a Franco como un enviado de Dios para poner orden en la ‘ciudad terrenal’ y Franco acabó creyendo que, efectivamente tenía una relación especial con la divina providencia”<sup>46</sup>.

Nesse cenário, à Igreja Católica, muitas vezes mais rígida que a censura política, foi dada a tarefa de exercer a censura moral sobre espetáculos, livros, inclusive sobre a imprensa.

<sup>44</sup> (TN): “em setembro de 1936 é incentivado nas páginas do jornal de Pamplona *Arriba Espanha* a destruir e queimar cada livro, revista ou propaganda que proviesse do separatismo” (CANTANO, 2013, p. 145).

<sup>45</sup> (TN): “regulada pela lei de 22 de abril de 1938, que estava em vigor até 1966, a imprensa sofreu um retrocesso radical. Muitos jornais dos governos anteriores de significado liberal ou republicano (e claro, toda a imprensa de esquerda) foram proibidos e suas instalações, apreendidas pelo Estado.) Mescla de estado totalitário e estado católico, o regime de Franco se reforçou, ao serviço dos seus interesses e da propaganda, de um importante aparelho da mídia de propriedade pública (imprensa, rádio, agências de notícias) que inicialmente (1938-42) estava sob o controle da delegação nacional de imprensa e Propaganda do Ministério do Interior, controlada pela Falange, partido fascista espanhol (embora isto fosse acabar dependendo, desde 1951, do Ministério de Informação e Turismo, criado em seguida)” (DELGADO, 2005, p. 255).

<sup>46</sup> (TN): “Bispos, sacerdotes e religiosos começaram a tratar Franco como um enviado de Deus que traria ordem à 'cidade terrena' e Franco acabou acreditando que realmente tinha uma relação especial com a divina providência” (CASANOVA, 2006, p. 9).

Segundo Casanova, (2006, p. 33) “no se conoce otro régimen autoritario, fascista o no, en el siglo XX, y los ha habido de diferentes colores e intensidad, en el que la Iglesia asumiera una responsabilidad política y policial tan diáfana en el control social de los ciudadanos”<sup>47</sup>.

Com relação a área da educação, segundo alguns historiadores, foi o campo no qual mais se esforçou o Caudilho para dar espaço e autoridade à igreja, haja vista que esse era um terreno vital para alcançar uma base para os “ideais” católicos e falangistas. Portanto, de acordo com Delgado (2005, p. 230) “la Iglesia, no la Falange, monopolizó de hecho la educación en la España de Franco”<sup>48</sup>.

Na ânsia de acabar com resquícios do governo republicano, Franco optou por obrigar o ensino da pedagogia tradicional da Igreja. Calderón (2006, p. 72) afirma que “las prácticas religiosas fueron obligatorias desde que en 1937 se ordenó que todas las escuelas y colegios dedicaran el mes de mayo a la Virgen María. [...] La iglesia, por tanto, no podía estar más plenamente satisfecha de la actitud del régimen”<sup>49</sup>.

O desenvolvimento da universidade durante o período franquista foi escasso, posto que o ensino era voltado para o prisma tradicional, com base no controle do fluxo de alunos, fomentado também no caráter contrarrevolucionário, elitista e religioso e os professores que atuavam nas universidades deveriam possuir esse perfil. Assim, muitos docentes não eram “aptos” para dar aulas conforme desejava o novo governo e o resultado desse desencontro foi “una escuela aquejada durante las primeras décadas del régimen por graves deficiencias humanas y materiales y por unos bajos niveles de escolarización”<sup>50</sup> (CALERO, 2003, p. 51). Conseqüentemente, a ideologia falangista ficou limitada, pois havia insuficiência de professores com o perfil “desejado” para o ensino superior. Mas, com a Igreja exercendo forte influência durante a ditadura franquista, o ensino voltou-se para os princípios católicos, pois era necessária a garantia dos direitos da Igreja e a continuação do ensino dos princípios religiosos e, sobretudo, franquistas.

<sup>47</sup> (TN): “não se conhece outro regime autoritário, fascista ou não, no século XX, e existiu de diferentes cores e intensidade, em que igreja assumia uma responsabilidade política y policial tão diáfana no controle social dos cidadãos” (CASANOVA, 2006, p. 33).

<sup>48</sup> (TN): “A igreja, não a falange, de fato monopolizou a educação na Espanha de Franco” (DELGADO, 2005, p. 230).

<sup>49</sup> (TN): “as práticas religiosas foram necessárias, desde que, em 1937, foi ordenado que todas as escolas e faculdades dedicassem o mês de maio para a Virgem Maria. [...] A igreja, portanto, não poderia estar mais plenamente satisfeita com a atitude do regime” (CALDERÓN, 2006, p. 72).

<sup>50</sup> (TN): “uma escola afetada durante as primeiras décadas do regime por graves deficiências humana, material e baixos níveis de escolaridade, durante as primeiras décadas do regime” (CALERO, 2003, p. 51).

Sendo assim, a Igreja teve definitivamente um papel proeminente na educação da Espanha de Franco, desfrutando durante muito tempo de plenos poderes, beneficiando-se muito dessa troca de favores ao auxiliar a manutenção de um regime ditatorial “levantado sobre las cenizas de la República y la venganza sobre los vencidos en la guerra civil”<sup>51</sup> (CASANOVA, 2006, p. 40). Tanta influência teve a Igreja nos acontecimentos políticos e históricos da época que podemos observar que a arquitetura religiosa nos anos da ditadura fortaleceu-se e novas Igrejas e seminários obtiveram grande impulso para suas reformas no cenário espanhol. Nas palavras de Delgado (2005, p. 232-233),

sólo en Barcelona se proyectaron entre 1945 y 1959 setenta y dos iglesias. (p.232). En Madrid, se construyeron, entre otras, las iglesias de la Merced (1950), de Sáenz de Oiza y San Agustín (1945- 1959), de Luis Moya; en Málaga, la Iglesia de la Asunción (1950)<sup>52</sup>.

Por conseguinte, o Estado franquista, com o auxílio inexorável da Igreja, alcançou o controle da educação, dos meios de comunicação, das ruas, de parques e, sobretudo, dos lares, “donde tenían lugar las relaciones más íntimas, secretas y libres de las personas”<sup>53</sup> (MIR, 2002, p.160).

## 1.7 O JORNAL E O FRANQUISMO

Muitas vezes, algumas propagandas e artigos fomentam a formação de uma idéia coletiva, pois os homens, que se iludem ao imaginar que pensam por si mesmos, podem ser manipulados pelos meios de comunicação de que dispõem, ou seja, pelas notícias com as quais entram em contato. Por isso, a informação também depende da realidade comunicativa que, por sua vez, está ligada ao grau de desenvolvimento das condições socioeconômicas e culturais de onde se apresentam as notícias.

Os meios de comunicação de massa, que são um dos agentes fomentadores de mudanças culturais, são também propagadores de inovações semânticas e o alcance dessas mudanças se torna cada vez mais rápido se comparado a anos anteriores, posto que

<sup>51</sup> (TN): "construída sobre as cinzas da República e a vingança sobre os perdedores da guerra civil" (CASANOVA, 2006, p. 40).

<sup>52</sup> (TN): “somente em Barcelona foram projetados entre 1945 e 1959, setenta e duas igrejas. Em Madri, foram construídos, incluindo as igrejas *de la Merced* (1950), de Sáenz de Oiza e San Agustín (1945-1959), de Luís Moya; em Málaga, a Igreja da Assunção (1950)” (DELGADO, 2005, p.232-233).

<sup>53</sup> (TN): “onde tinham lugar as relações mais íntimas, secretas e livres das pessoas” (MIR, 2002, p. 160).

la palabra es una herramienta de la que todos se sirven como un elemento eficaz para conseguir sus fines. [...] Tras la elección de un vocablo u otro se esconde una u otra interpretación y, [...] la ausencia de ciertas palabras es tan significativa como su aparición (REBOLLO TORÍO, 2002, p. 34)<sup>54</sup>.

O prestígio social do meio propagador de mudança é um fator que impulsiona a aceitação ou recusa, por parte dos falantes, das novidades léxicas (ESCANDELL VIDAL, 2012). Desse modo, foi austera a hostilidade contra a expressão popular durante o governo ditatorial e uma das armas contra ela foi o ato do governo em negar papel para a impressão de notícias, pois, segundo o argumento franquista, o papel estava sujeito a “racionamiento y no debía malgastarse con obras que no tengan un interés nacional indudable”<sup>55</sup> (BAUTISTA, 2008, p. 69).

A falta de rentabilidade econômica, somada à escassez de papel, e a repressão governamental, impediram muitas cidades espanholas de continuar com a impressão de jornais, e, dessa forma, o único jornal editado naquela época, em muitas capitais era a *Cadena de Prensa del Movimiento* pois, a partir do golpe militar, o Estado criou a chamada *Prensa del Movimiento*<sup>56</sup>.

Desse modo, o Estado

[...] controló un inmenso aparato de prensa y propaganda, desempeñó miles de jefaturas locales y provinciales del Movimiento, encuadró a jóvenes y mujeres en distintos frentes y auxilios, desempeñó los gobiernos civiles de las provincias, fue titular de delegaciones y comisarias<sup>57</sup> (JULIÁ, 2006, p.99).

Assim, em janeiro de 1938, era de competência do governo decidir qualquer assunto sobre a imprensa e também sobre as propagandas, todas minuciosamente analisadas pelo *Servicio Nacional de Prensa y Propaganda* (CALERO, 2003). Nesse momento já se instaurava a nova missão da imprensa no governo franquista, que era a de destruir toda referência à antiga República, bem como silenciar as diferentes culturas e opiniões contrárias ao regime e línguas existentes no território espanhol.

<sup>54</sup> (TN): “a palavra é uma ferramenta que todos se servem como um elemento eficaz para atingir os seus fins. [...] Uma ou outra interpretação está oculta por trás da escolha de uma palavra ou outra [...] a ausência de certas palavras é tão importante como a sua aparição” (REBOLLO TORÍO, 2002, p. 34).

<sup>55</sup> (TN): “racionamiento e não devia se desperdiçar com obras que não tivessem um interesse claramente nacional” (BAUTISTA, 2008, p. 69).

<sup>56</sup> Esse era o nome do partido único do regime franquista criado em 1937 pela união entre os partidos que apoiaram o golpe militar de 1936.

<sup>57</sup> (TN): “[...] controlou um vasto aparato de imprensa e propaganda, servindo milhares de sedes locais e regiões do Movimento, colocou a jovens, homens e mulheres em diferentes frentes e desempenho dos governos civis das províncias, era chefe de delegações e delegacias” (JULIÁ, 2006, p. 99).

Foi com este objetivo que o regime franquista fez dos jornais instrumentos para a legitimação de seu poder político, e transformou os jornalistas em peças-chave dessa manipulação, na tentativa paradoxal de expor seu poder pela censura política e de fomentar uma “nova transmissão de valores”. A partir de uma atuação limitada, devido a restrições de liberdade informativa, ordenadas por parte do regime franquista, houve o atraso da estrutura e desenvolvimento da imprensa na Espanha daquelas décadas.

Sabemos que ao escrever, o jornalista deve primar pela imparcialidade e esse é um dos fatores chave para o bom desenvolvimento de seu texto, devendo ser cuidadoso com a escolha das ULs e limitar-se a transmitir fatos, não influenciando os leitores com opiniões pessoais. Mas, sabemos também que nas décadas pelas quais passava a Espanha, refém de um sistema ditatorial, não havia liberdade para a escolha de ULs, pois elas já estavam previamente determinadas pela censura do regime em vigor.

Dessa forma, os opositores do regime governamental eram posicionados como inimigos a serem dizimados, sendo satanizados na maioria das ocorrências presentes em *La Vanguardia*, jornal pesquisado. Assim, conforme apresenta Henriques (2011, p. 192) “o conhecimento partilhado de mundo e as premissas factuais largamente aceitas operam também como elementos de facilitação da mensagem”. Dessa forma, com influência direta sobre seus leitores, o jornal possibilitava que determinadas acepções utilizadas por ele se prolongassem “en la lengua que utilizan los individuos, lo que por otra parte les condiciona su pensamiento”<sup>58</sup> (BLASCO, 2006, p. 21).

Apesar de Franco e seu governo não encontrarem total apoio entre os líderes políticos mundiais, pois sua maneira de governar não foi bem aceita por algumas lideranças, a imprensa não foi favorecida por essa condenação de outros países ao regime ditatorial, pois o regime era orientado para trabalhar com maior rigor em se tratando da censura e orientação de informações, vigiando de maneira contundente os meios de comunicação (CALERO, 2003). A consciência do controle exercido pelo governo sobre os meios de comunicação fez crescer entre alguns leitores a desconfiança sobre as informações, posto que os meios de comunicação foram também transformados, assim como a educação, em aparelhos ideológicos do Estado.

Contudo, esse clima de desconfiança sobre as intenções do novo regime não se espalhou por toda Espanha, haja vista os que tinham contato com os jornais eram os habitantes de áreas urbanas,

---

<sup>58</sup> (TN): “na língua que utilizam os indivíduos, o que por outra parte lhes condicionava o pensamento” (BLASCO, 2006, p. 21).

sobre todo hombres en edad adulta pertenecientes a la burguesía que, como ya ha sido puesto de manifiesto, eran los que más se exponían a los medios de comunicación, mientras que quienes habitaban en las zonas rurales y las pequeñas poblaciones, así como las personas pertenecientes a los sectores sociales más desfavorecidos, estaban peor informados<sup>59</sup> (CALERO, 2003, p. 131).

Em consequência desses acontecimentos, a maioria das pessoas ainda estava presa a mistura de sentimentos como ojeriza, insipiência com relação à real situação do país, resignação e aceitação da ditadura devido ao medo das recordações dos tempos vividos durante a Guerra Civil.

Após estas considerações, podemos ratificar nosso argumento inicial de que ao estudar determinada UL, é necessário associar o estudo histórico dessas ULs, pois “tanto o pólo da palavra quanto o do conceito são variáveis segundo a inserção sócio-histórica das expressões que estejam em pauta” (PIETROFORTE; LOPES, 2004, p. 116), permitindo conhecer e entender mais sobre identidade, história e, conseqüentemente, a cultura, pois vimos “cómo el poder político –en este caso casi totalitario- extiende sus tentáculos de dominio sobre la población y cómo los periodistas nos convertimos en intermediarios en ese afán impropio, pues nos prestamos para actuar como cadena de transmisión”<sup>60</sup> (BLASCO, 2006, p. 25-26).

Portanto, a linguagem utilizada durante o governo do Caudilho e por seus apoiadores, buscava, a partir do uso de eufemismos, criar uma relação de “comunhão” autoritária com os cidadãos para incutir-lhes a ideia de que suas intenções de governo seriam as melhores para o povo espanhol. A propósito, Blasco (2006, p. 30), afirma que “esa submisión lleva a un tipo de lenguaje imperativo, como si el pueblo sólo necesitara ser conducido con nervio autoritario para desarrollar un tipo de comportamiento correcto”<sup>61</sup>.

Por fim, objetivamos nessa 1ª seção, expor um breve panorama da sociedade espanhola do período pós-guerra civil, buscando apresentar aspectos das situações econômica, política, social e cultural da Espanha franquista para situar historicamente nosso leitor nas discussões dos significados das ULs utilizadas neste contexto histórico.

<sup>59</sup> (TN): “especialmente os homens em idade adulta pertencentes à burguesia, como já foi explicitado, eram os que mais se interessavam pelos meios de comunicação, enquanto aqueles que viviam em áreas rurais e pequenas cidades, bem como as pessoas pertencentes aos setores sociais mais desfavorecidos, eram pior informados” (CALERO, 2003, p. 131).

<sup>60</sup> (TN): “como o poder político - neste caso quase totalitário - estende seus tentáculos de domínio sobre a população e como os jornalistas nos transformamos em intermediários neste desejo impróprio, porque nos prestamos para atuar como a cadeia de transmissão” (BLASCO, 2006, p. 25-26).

<sup>61</sup> (TN): “esta apresentação leva a uma espécie de desafio de linguagem imperativa, como se as pessoas só precisassem ser conduzidas com nervo autoritário para desenvolver um tipo de comportamento adequado” (BLASCO, 2006, p. 30).

Após essas considerações, passamos a 2º seção deste estudo na qual discorremos sobre a relação entre língua, cultura e história.

## 2 LÉXICO E CULTURA: CONTRIBUIÇÕES PARA A FORMAÇÃO DA LÍNGUA ESPANHOLA PENINSULAR

*O léxico reflete diretamente a realidade sociopolítica e cultural (BIDERMAN, 1996, p. 30).*

Neste trabalho consideramos que a língua é uma das vertentes que nos auxiliam na compreensão das sociedades e sua evolução. Para fundamentar essa proposição, apresentamos nesta seção a relação entre língua, cultura e história. Para tanto, trazemos à baila as considerações de autores como Schaff (1968), Coseriu (1978, 1987), Sarup (1996), Bakhtin (1999), Biderman (1981, 1996, 1998, 2001), entre outros estudiosos para embasar teoricamente nossas considerações.

### 2.1 LÉXICO E CULTURA

#### 2.1.1 Léxico

Sabemos que, por meio da linguagem,<sup>62</sup> o homem entra em contato com o mundo a seu redor, conhece sua realidade e a deixa transparecer, e assim, aprendemos como ver o mundo de acordo com os conceitos que nos são transmitidos, muitas vezes linguisticamente, e, após essa aprendizagem, reproduzimos nossas experiências em nosso discurso. Assim, concordamos com Schaff (1968, p. 315) quando este autor expõe que “toda teoria ou filosofia da linguagem trata, explícita ou implicitamente, das relações entre linguagem e realidade”. E com isso, inferimos que a personalidade dos indivíduos, as características da nação (região) a que pertence, estão intimamente relacionadas com o desenvolvimento de sua língua (FIORIN, 2004).

Portanto, a língua torna-se um espaço relevante para investigar, interpretar e estabelecer as práticas culturais das sociedades e seus sistemas, posto que ao utilizá-la, o homem expressa seus modos de agir e pensar, expressa sua identidade, confirmando os estudos também de Sarup (1996) que afirmam que qualquer identidade é construída *na e através* da linguagem.

Por conseguinte, as ULs expressam nossos pensamentos e os conhecimentos sobre o mundo em que vivemos e, assim, refletem nossos sentimentos como

---

<sup>62</sup> Consideramos linguagem a “capacidad humana específica que se manifiesta en forma de conducta observable como lengua, consistente en signos verbales o de otro tipo, como los gestuales. [...] Esa capacidad es específica del hombre” (ALONSO-CORTÉS, 2002, p. 39).

integrantes de grupos sociais, revelando nosso nível cultural, social, nossa profissão e, também, demonstrando a evolução pela qual a sociedade passa ao longo do tempo.

Para Botta, “o léxico, acervo dos lexemas de uma língua, é onde se configura a realidade extralinguística e se arquivam os saberes de uma comunidade” (2011, p. 21). Krieger também entende ser o léxico fator relevante para o conhecimento do desenvolvimento do ser humano, pois esta autora considera que

o léxico retrata-se como um componente que, ao cumprir o papel maior de denominação e designação do mundo humano, torna-se expressão de identidade pessoal e coletiva, manifestada ao longo da história já que é um sistema aberto e dinâmico. E, como tal, renova-se, funcionando como o pulmão das línguas (2009, p. 170).

Nas considerações de Elias e Scotson (2000, p. 133), encontramos também a ideia de que “a identidade coletiva e, como parte dela, o orgulho coletivo e as pretensões carismáticas grupais ajudam a moldar a identidade individual”. Assim, ao utilizar determinada UL, o indivíduo se posiciona como elemento de uma cultura, de uma ideologia de um povo, e, utilizando sua variante, faz com que seus posicionamentos sejam identificados, pois “toda língua [...] é um sistema completo que permite a um povo exprimir o mundo físico e simbólico em que vive” (ALKMIM, 2003, p.41).

De acordo com Lyons (1981, p. 108-109), o significado social

está ligado ao uso da língua para estabelecer e manter os papéis e relações sociais [...] a maioria das nossas atitudes, sentimentos e crenças –a maior parte do que consideramos a personalidade –é produto de nossa socialização. Nesta perspectiva, o significado expressivo depende das relações e papéis sociais.

Assim, em determinadas épocas, as escolhas das ULs pelo emissor podem funcionar “como medio de solidariedad, de cohesión social y como instrumento de control de la sociedad misma. Los hay de carácter relativo, que son los específicos de cada cultura, y, por lo tanto, los que permiten oponer una cultura a otra”<sup>63</sup> (REYES DIAS, 2009, p. 134). Dessa maneira, a língua, ao abranger as atividades da cultura humana, nos apresenta relações de poder e conflitos que irão revelar o acontecimento da vida cotidiana.

Paula (2007, p. 89) entende também que

---

<sup>63</sup> (TN): “como meio de solidariedade, de coesão social e como instrumento de controle da própria sociedade. Existem de caráter relativo, que são os específicos de cada cultura e, portanto, os que permitem opor uma cultura a outra” (REYES DIAS, 2009, p. 134).

o modo como se estrutura política e economicamente uma sociedade diz muito de suas estruturas culturais; estas, por sua vez, só se fazem possíveis graças à elaboração cotidiana do arcabouço de memória coletiva, ao modo como é concebida e ao estatuto que lhe é dado. Expressando estas inter-relações, servindo a elas no cotidiano da comunicação humana e carregando em seu funcionamento; muito do modo como a sociedade se faz e se refaz está na língua.

Assim, ao conhecermos as escolhas lexicais de determinados grupos, em determinado tempo ou região, poderemos verificar o modo como esses grupos contextualizam as ULs escolhidas por eles e, analisar também como exprimem suas posições em relação ao que falam. Benveniste (1989) também nos apresenta a idéia de que em determinadas escolhas lexicais podemos encontrar expressões práticas da cultura de determinado povo, pois com o passar do tempo alguns conceitos mudam, assim como os costumes, as instituições, regras, a moral etc.

Nas considerações de Reyes Días (2009, p. 135), “los valores no solo varían de una cultura a otra o de una sociedad a otra, sino también dentro de una misma sociedad”<sup>64</sup>. Por isso, nem todas as culturas, pertencentes a sociedades diferentes ou à mesma sociedade, são elevadas ao mesmo grau de importância, posto que a relevância histórica e de poder dos agentes sociais envolvidos no desenvolvimento de determinadas crenças podem delegar a determinadas culturas, mais importância e fomento social que a outras.

Portanto, tentar entender um enunciado apenas pelo significado literal das ULs, sem a busca pelo seu sentido social, pode implicar resultados não desejados, pois em algumas situações,

además del significado gramatical, está el significado que depende de los sujetos y del contexto o situación en que se enuncia. Así, además del significado resultante de la correcta combinación de los elementos lingüísticos se atenderá al lugar, tiempo y medio ambiente de la comunicación, el número de participantes, sus condiciones sociales, su relación de igualdad o subordinación, etc<sup>65</sup> (OLANO, 2004, p. 1).

Ou seja, torna-se mais fácil entender o significado das ULs quando essas são analisadas em seus contextos de uso, pois nem sempre se conseguirá entender as possíveis ambiguidades simplesmente pela análise das frases descontextualizadas. Assim, nas considerações de Olano, (2004, p. 328) “tendremos que recurrir al contexto (no sólo

<sup>64</sup> (TN): "os valores não só variam de uma cultura para outra, ou de uma sociedade para outra, mas também dentro de uma mesma sociedade" (REYES DIAS, 2009, p. 135).

<sup>65</sup> (TN): “além do significado gramatical, está o significado que depende dos sujeitos e do contexto ou situação em que está expresso. Assim, além do significado resultante da combinação certa de elementos de linguagem se atenderá ao lugar, tempo e meio ambiente da comunicação, o número de participantes, as suas condições sociais e sua relação de igualdade ou subordinação, etc” (OLANO, 2004, p. 1).

verbal) y a la situación pragmática para conseguir una interpretación unívoca de los mensajes”<sup>66</sup>.

Por conseguinte, pensamos que à significação denotativa do léxico, acrescentamos as acepções particulares advindas das vivências de um indivíduo, ou de um grupo, e este sentido, chamado conotativo, como afirmado anteriormente, varia de acordo com a cultura do falante, seu nível social, pois esse busca adequação de seu vocabulário às diferentes situações da vida (CUNHA, 2006).

Portanto, ao sabermos que a língua muda, reconhecemos que “a verdade é sempre uma construção dos homens e por isso é necessário acolher seu caráter múltiplo, problemático, variável em função dos pontos de vista humanos” (FIORIN, 2004, p. 116). Assim, as ULs “não têm, portanto, conotações negativas ou positivas” (HUMBLÉ, 2002, p. 176), pois elas podem adquirir um valor negativo, e o inverso também é provável, dependendo do enunciador e do contexto linguístico, pois “tales creaciones son fruto de la habilidad lingüística y del saber del mundo del sujeto”<sup>67</sup> (LAGUNILLA, 1999, p. 58).

Seguindo essa linha, pensamos que a língua não apenas representa e comunica as ações da vida cotidiana, mas ela pode também criar, inovar significados, devido às mudanças sociais e culturais, e neste processo ela se encaixa como um dos maiores recursos de inovação de que dispõe a sociedade para expressar sua cultura.

### 2.1.2 Cultura

*“o vocabulário é o domínio, por excelência, em que estão codificados os símbolos da cultura”*  
(BIDEMAN, 1981, p. 133).

É inegável a existência da relação entre língua, cultura e sociedade, pois, “la cultura junto con la lengua es uno de los pilares de la identidad del individuo como ciudadano y de la comunidad como formación social”<sup>68</sup> (GODOY, 2001, p. 235).

Por conseguinte, é na língua, o lado social da linguagem, que se explicitarão as diferentes formas de pensamentos das pessoas, haja vista que “a palavra é capaz de registrar as fases transitórias mais íntimas, mais efêmeras das mudanças sociais” (BAKHTIN, 1999, p. 41). Ao verificarmos a relação entre língua e cultura pensamos ser importante

<sup>66</sup> (TN): “teremos que recorrer ao contexto (não só verbal) e a situação pragmática para alcançar uma interpretação inequívoca das mensagens” (OLANO, 2004, p. 328).

<sup>67</sup> (TN): “tais criações são o resultado de competência linguística e conhecimento de mundo do sujeito” (LAGUNILLA, 1999, p. 58).

<sup>68</sup> (TN): “a cultura junto com a língua, é um dos pilares da identidade do indivíduo como cidadão e da comunidade como formação social” (GODOY, 2001, p. 235).

discutir seu conceito, embora estejamos cientes de que a definição de cultura não é trabalho fácil de ser concretizado.

Cultura pode ser relacionada a um componente que é aprendido, cultivado ou como sendo a soma de aspectos sócio-históricos, políticos, econômicos, filosóficos, científicos etc., que um povo possui (adquire) durante seu processo evolutivo.

Segundo Brahim e Vivan, “a evolução semântica do vocábulo cultura deu-se na França, a partir do século XVII, sendo depois transferida por empréstimo a outras línguas” (2004, p. 2). Com o passar do tempo a ideia sobre o conceito evoluiu, variando de acordo com diferentes correntes epistemológicas. E assim, a cultura de um grupo ou de classe, representa um estilo de vida especial e distinto deste grupo ou classe, que inclui os valores e ideias, seus significados e como eles são refletidos nas instituições, nas relações sociais, nos costumes, nos sistemas de crenças e tradições (BRAHIM e VIVAN, 2004, p. 2).

Para Lyons (1981, p. 224), “cultura pode ser descrita como conhecimento adquirido socialmente: isto é, como o conhecimento que uma pessoa tem em virtude de ser membro de determinada sociedade”. De acordo com Giovannini, (1996, p. 23) cultura “es la suma total de la forma de vivir y de concebir la propia vida que tiene un grupo social”<sup>69</sup>.

No campo da antropologia, cultura é considerada como a totalidade de características de um grupo social. Para Geertz (1978, p. 4), devemos assumir cultura “não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado”. Então, a cultura pode ser entendida como sendo a forma como o homem significa o seu mundo a partir da teia de signos e símbolos que ele criou e teceu ao longo de sua história.

Nas considerações de Giddens, (2012, p. 58), a “cultura consiste em valores que os membros de determinado grupo tem, as normas que seguem, e os bens materiais que criam”. A cultura, portanto, expressa também pela língua de um povo, possui em si ideologias, atitudes e valores dos grupos pertencentes a essa sociedade, como afirmado anteriormente. Nossas considerações são confirmadas em Kramsch (1998, p. 10), pois para essa autora, (a) cultura é manifestada através da língua do povo que a usa; (b) A cultura de um povo é construída historicamente; (c) cultura como processo que causa inclusão ou exclusão, sempre acarreta o exercício de poder e controle; (d) As culturas são heterogêneas e estão constantemente mudando, ao mesmo tempo em que buscam reconhecimento e legitimação.

Nesta pesquisa, defendemos o conceito de cultura como sendo o conjunto de práticas que expressam a história de uma sociedade e que a diferenciam de outras sociedades, ou seja, é a

---

<sup>69</sup> (TN): “é a soma total da maneira de viver e conceber a própria vida, que tem um grupo social” (GIOVANNINI, 1996, p. 23).

expressão da conduta e dos costumes de um povo, sendo essa embasada e fomentada pela comunhão das ações, crenças, atitudes e valores que determinados povos possuem entre si. Por isso, pensamos que essas ações são construídas nas relações sociais e simbolizam aspectos da vida em coletividade, posto que a cultura é “una entidad dinámica: varían los hábitos, las costumbres, las ideas, las pautas de comportamiento, los valores, las normas, las creencias compartidas”<sup>70</sup> (REYES DIAS, 2009, p. 133).

Desse modo, os valores passam a ser um ponto determinante para o fomento do comportamento humano. De acordo com Reyes Días (2009, p. 134-135), por ello, hay ideologías políticas cuyos valores fundamentales promueven formas de identidad y estilos de vida. Pero los valores son creaciones sociales y, como tales, susceptibles de cambio y acomodación a las circunstancias y situaciones nuevas<sup>71</sup>.

Seguindo esse pensamento, esses valores justificam que uma ação seja aceita por alguns e reprovada por outros. Nas palavras de Reyes Días,

los valores son factores fundamentales en la creación de las ideologías. Igualmente, son los que legitiman y justifican las actitudes colectivas y los que explican y determinan las opiniones generales, influyen en la comunicación y sus variaciones, en la conversación y **en los textos y pueden estar en la raíz de muchos conflictos sociales y culturales**<sup>72</sup> (2009, p. 135-136-grifo nosso).

Portanto, o léxico reflète essa complexidade da cultura (SAPIR, 1969) e, assim, a língua auxilia a divulgação da cultura para tornar possível a comunicação entre os interlocutores, pois “la alegría, la tristeza, el dolor y el miedo del hombre, su manera de

---

<sup>70</sup> (TN): “uma entidade dinâmica: variam os hábitos, costumes, ideias, padrões de comportamento, valores, normas e crenças compartilhadas” (REYES DIAS, 2009, p. 133).

<sup>71</sup> (TN): “por este motivo, há ideologias políticas cuyos valores fundamentales promueven formas de identidad y estilos de vida. Mas os valores são criações sociais e, como tais, suscetíveis à mudança e acomodação para novas situações e circunstâncias” (REYES DIAS, 2009, p. 134-135).

<sup>72</sup> (TN): “os valores são fatores fundamentais na criação das ideologias. Igualmente, são os que legitiman e justificam as atitudes coletivas e que explicam e determinam o comentário geral, influenciam na comunicação e suas variações, na conversação e **nos textos e podem estar na origem de muitos conflitos sociais e culturais**” (REYES, DIAS, 2009, p. 135-136-grifo nosso).

considerar el mundo y su actitud hacia él, todo esto se refleja en la palabra, en el acto de creación lingüística”<sup>73</sup> (COSERIU, 1987, p. 100).

Dessa forma, torna-se importante investigar e conhecer mais profundamente quais fatores auxiliam ou não o processo de comunicação entre as pessoas, pois a língua apresenta-se como o espaço onde temos a maior expressividade da diversidade de experiências culturais e, portanto, torna-se tarefa difícil tentar mapear e interpretar todos os possíveis usos particulares que a língua nos apresenta no cotidiano social.

Estamos cômnicos também de que não entenderemos a história de um povo somente pelo estudo da língua desse povo, pois, dessa forma, estaríamos reduzindo a língua a um estudo ideológico, e sabemos que não podemos afirmar que todas as expressões lingüísticas são representações das alterações sociais, pois a língua tem sua autonomia, é formada por uma estrutura formal além de ser ela mais conservadora que a evolução cultural. Segundo Sapir (1969, p. 60),

os elementos culturais, que servem de maneira mais definida às necessidades imediatas da sociedade e entram mais claramente no campo da consciência, não só hão de mudar mais rapidamente do que os elementos lingüísticos, mas a própria forma da cultura, que dá a cada elemento a sua significação relativa, há de ficar num processo contínuo de remodelação. Os elementos lingüísticos, por outro lado, embora em si mesmos possam ter, e tenham, rápidas mudanças, não se prestam facilmente a reformulações, devido ao caráter subconsciente da classificação gramatical.

Contudo, estudar a língua separada das formações sociais, centra as discussões num formalismo exagerado que marginaliza os significados discursivos (FIORIN, 2012). Por todas essas razões, não devemos nos furtar de investigar como elementos da língua expressam e carregam em si marcas da cultura e, portanto, como esta se relaciona com o léxico dos que a utilizam.

Lima (2006, p. 98) assevera que

uma voz nunca é isolada, nunca é dissociada de outras vozes, ressalta; sua existência só é possível como resultado das interações com outras vozes; ela sempre produz um enunciado tendo como alvo certa direção, certo endereçamento, outra(s) voz(es), por assim dizer [...] **Pois os processos de interanimação dialógica** que se dão no cotidiano da existência de qualquer ser falante não são destituídos de tensões, embates, negociações em torno de interesses, crenças, valores, visões de mundo, em suma, **não são destituídos de lutas de poder** (grifo nosso).

<sup>73</sup> (TN): "a alegria, tristeza, dor e o medo do homem, sua maneira de considerar o mundo e sua atitude para com ele, tudo isso se reflete na palavra, no ato de criação lingüística" (COSERIU, 1987, p. 100).

Portanto, defendemos que analisar como os fatos culturais, bem como os históricos, auxiliaram na atribuição de novos sentidos a estruturas já existentes na língua “permitirá uma compreensão mais aprofundada das razões que levam uma comunidade de falantes a atribuir determinados sentidos a uma UL em cada época, demonstrando quais são os elementos culturais mais relevantes nesse processo de escolha” (FERRAREZI, 2013, p. 85).

Assim, à relação entre a língua e cultura, podemos acrescentar mais um componente, a história, pois este também se faz relevante no processo de compreensão das mudanças linguísticas. Sendo assim, propomos este estudo de cunho lexicológico, pois a criatividade lexical permite que um sistema linguístico possa ser veículo de novas representações, na medida em que as transformações sociais, políticas e econômicas ocorrem (BOTTA, 2011). Ao estudarmos a relação entre cultura, léxico e história, apresentamos também uma breve exposição a respeito da história da formação da LE peninsular.

## 2.2 LÉXICO E HISTÓRIA DA LE PENINSULAR

Após nossas considerações sobre a relação entre língua e cultura, tratamos agora da relação entre língua e história. As diferentes conotações assumidas pelas ULs em determinados momentos históricos geraram variação no léxico e essas podem dificultar o entendimento do significado realizado em outras épocas. Segundo Álvarez (2007, p. 15), estas diferenças de significado com as quais o leitor pode se deparar

son numerosas y pueden llegar a impedir la comprensión del texto. El conocimiento de la historia del español permite comprender mejor el funcionamiento de la lengua como sistema, porque demuestra su coherencia interna y presenta la variación y los cambios como manifestaciones de tendencias evolutivas generales y reestructuraciones funcionales del sistema<sup>74</sup>.

A partir das considerações de Sánchez Pérez, (1992), Aguilar, (2002) e Penny (2012) vemos que, com a conquista da Península Ibérica, no ano de 218 (a. C.), os romanos apresentaram a seus conquistados uma nova ordem social, política, administrativa, militar e jurídica, bem como novos costumes, desenvolvimento cultural e artístico. Com o aumento das conquistas territoriais de Roma, a língua do império absorveu características da língua de cada região dominada, e assim, o latim foi evoluindo com as novas e diferentes

<sup>74</sup> (TN): “são numerosas e podem dificultar a compreensão do texto. O conhecimento da história do espanhol permite melhor compreender o funcionamento da língua como um sistema, porque demonstra a sua coerência interna e apresenta a variação e mudanças como manifestações de tendências evolutivas gerais e reestruturações funcionais do sistema” (ÁLVAREZ, 2007, p. 15).

línguas presentes nesses territórios, traçando sua própria história de formação linguística (LOPEZ, 2003). Nas considerações de Mouton (2002, p.13),

el latín vulgar, el que hablaban los no cultos con rasgos diferentes según las zonas, fue evolucionando y se fue diversificando sin control alguno. Así empezaron a apuntar distintas hablas. [...] exceptuando el vasco, que constituye el único resto vivo de las lenguas anteriores a la romanización<sup>75</sup>.

Desse modo, o latim falado pelos colonos na península ibérica passou por uma grande evolução e apresentou particularidades segundo a área geográfica para a qual se expandiu, evoluindo de maneira diferente até chegar a transformar-se em língua, pela aceitação da comunidade por determinado dialeto político e economicamente mais atuante. Isso ocorreu, pois a norma<sup>76</sup> utilizada como “cultura” foi escolhida por ser um dialeto em uso por uma classe mais privilegiada social e economicamente, e dessa forma os outros dialetos, menos privilegiados, foram relegados a segundo plano pela sociedade que faz uso da variante mais privilegiada socialmente (GNERRE, 1991).

Segundo Velarde (2008, p. 123), tratando mais especificamente da LE,

el castellano es, pues, el resultado de un desarrollo lento del latín hablado por los hispanos que ocupaban los altos vales del Ebro y del Pisuerga, parte sur de Cantabria, zona que se llamaría Castella, y cuyos habitantes mantenían intensas relaciones con las gentes vascónicas [...] El desarrollo y difusión de ese primitivo dialecto latino, agreste y aberrante, que fue el castellano ocurre paralelo a la expansión militar, política y cultural de la comunidad que lo hablaba<sup>77</sup>.

De acordo com Lopez (2003, p. 70), há três componentes para a formação do vocabulário espanhol, a saber: “(a) las voces *precedentes del latín* (populares, semicultas y cultas); (b) las aportaciones de *otras lenguas* (helenismos, germanismos, mozarabismo, galicismos, occitanismos...), y (c) *los mecanismos propios* de formación de palabras desarrollados ya en el romance (afijación, derivación y composición)”<sup>78</sup>.

<sup>75</sup> (TN): “o latim vulgar, o que falavam os não cultos com características diferentes de acordo com as regiões, evoluiu e foi se diversificando sem qualquer controle. Assim, começaram a aparecer diferentes falas. [...] com exceção do Vasco, que constitui o único resto vivo das línguas anteriores a romanização” (MOUTON, 2002, p. 13).

<sup>76</sup> Norma é aqui entendida como “correspondente aos usos e atitudes de determinado segmento da sociedade, precisamente aquele que desfruta de prestígio dentro da nação, em virtude de razões políticas, econômicas e culturais” (CASTILHO, 1988, p. 53).

<sup>77</sup> (TN): “o castelhano, portanto, é o resultado de um desenvolvimento lento do latim falado pelos hispânicos que ocuparam altos vales do Ebro e o Pisuerga, parte sul de Cantabria, área que é chamada de Castella, e cujos habitantes mantiveram fortes relações com os vascônicas [...] O desenvolvimento e a divulgação desse primitivo dialeto latino, agreste e forte, que foi o castelhano ocorre paralelamente à expansão militar, política e cultural da comunidade que o falava” (VELARDE, 2008, p. 123).

<sup>78</sup> (TN): “(a) as vozes *precedentes do latim* (populares, semicultas e cultas); (b) as incorporações de *outras línguas* (helenismos, germanismos, mozarabismo, galicismos, occitanismos...), e (c) *os mecanismos próprios*

Por isso, o léxico espanhol peninsular não é unicamente formado pela evolução do latim. Após os romanos, visigodos, germanos e outros, no ano de 711 os muçulmanos, povos procedentes do norte da África e Arábia, também conquistaram territórios e o fizeram com muita rapidez, fato que impôs uma mudança radical na organização territorial, política, religiosa, econômica, ou seja, em toda a sociedade existente naquela época.

A sociedade árabe era, em muitos aspectos, superior à europeia, especialmente no que tange ao desenvolvimento científico e cultural. Segundo Álvarez (2007, p. 193), “los ocho siglos de permanencia musulmana en la Península no pueden interpretarse, pues como un paréntesis en el devenir histórico de una Hispania cristiana, sino como un período fundamental sin el cual la España posterior no hubiera sido la misma”<sup>79</sup>.

Nas considerações de Velarde (2008, p. 46),

del contacto de lenguas y culturas ocurrido con la conquista musulmana de la Península (año 711), y los varios siglos posteriores de coexistencia de árabes y cristianos en el solar peninsular, proceden las más de 4 mil palabras de ascendencia árabe que integran el vocabulario español<sup>80</sup>.

Portanto, após 800 anos de ocupação territorial, o árabe foi uma das línguas que mais influência deixou na LE atual e suas contribuições, sobretudo no léxico, foram inúmeras, tais como na alimentação: (aceituna, albahaca, alberca); na guerra: (zaga, alférez); na construção: (aduana, almacén, etc) (ÁLVAREZ, 2007). E assim, as diferentes variedades linguísticas da língua árabe conviveram com as variedades peninsulares advindas do latim.

Mas a partir da reconquista dos territórios que estavam sob o domínio árabe, na região da Andaluzia, por parte dos reis católicos, Isabel de Castela e Fernando de Aragão, no século XV estabeleceu-se a supremacia definitiva das tropas espanholas contra os árabes. Os muçulmanos, que permaneceram na região então reconquistada, mantiveram inicialmente o uso de suas línguas, e aos poucos aceitaram a utilização do castelhano e de outras

---

da formação de palavras desenvolvidas já em romance (afixos, derivação e composição)” (LOPEZ, 2003, p. 70).

<sup>79</sup> (TN): “os oito séculos de permanência muçulmana na Península não podem ser interpretados como um simples parêntese na história de uma “Hispania cristiana”, mas deve ser visto como um período fundamental sem o qual a Espanha posterior poderia não ter sido a mesma” (ÁLVAREZ, 2007, p. 193).

<sup>80</sup> (TN): “do contato de línguas e culturas ocorrido com a conquista muçulmana da Península (ano 711), e os vários séculos posteriores de coexistência entre árabes e cristãos no solar peninsular, procedem mais de 4 mil palavras de origem árabe que integram o vocabulário espanhol (VELARDE, 2008, p. 46).

variedades, surgindo a situação de bilinguismo e diglossia<sup>81</sup> entre língua castelhana e as variedades árabes. Essa situação se amenizou quando houve, no século XVII, a retirada total dos árabes dos territórios espanhóis (ALVAREZ, 2007).

Segundo expõe Penny (2012, p. 334),

en los primeros siglos de la Reconquista (siglos VIII-X), el bilinguismo entre el árabe y el castellano debió limitarse a pequeños grupos de individuos; ahora bien, en el período siguiente (fines del siglo XI-XIV), Castilla se expande por territorios donde un elevado número de hablantes de árabe continua utilizando su lengua al tiempo que aprenden el castellano<sup>82</sup>.

Com os reis católicos, houve a transição da Idade Media para a Moderna na Espanha, pois a política empregada por eles buscava criar uma unidade territorial, administrativa, religiosa e, sobretudo, linguística, ainda que para o alcance desse objetivo, tivessem que subjugar a outras culturas. A união dos Reis Católicos deu início a conquistas, por parte da Espanha, de territórios tanto espanhóis quanto nas Américas, pois financiaram explorações marítimas como a viagem de Cristóvão Colombo que tornou a América, em 1492, conhecida à Europa.

O ensino do espanhol como língua estrangeira iniciou-se nessa época, “coincidentemente” com a publicação da primeira Gramática de LE de Antonio de Nebrija. A elaboração dessa gramática não foi pensada inocentemente, haja vista que foi feito pelo imperialismo dos reis católicos que também pela imposição da língua castelhana buscavam impor sua força.

Nesse momento foi quando o império espanhol saiu de suas fronteiras, e a Espanha se transformou em uma potência hegemônica e importante parceira comercial da Europa no século XVI. Segundo Lapesa (1980, p. 288) “en agosto de 1492, meses después de la rendición de Granada y estando en viaje las naves de Colón, salía de la imprenta la Gramática castellana de Antonio de Nebrija”<sup>83</sup>.

<sup>81</sup> Segundo Ferguson, *diglossia* pode ser entendida como uma “situação lingüística relativamente estável na qual além dos dialetos principais da língua [...] há uma variedade superposta, muito divergente, altamente codificada” (1974, p. 111).

<sup>82</sup> (TN): “nos primeiros séculos da Reconquista (séculos VIII - X), o bilinguismo entre o árabe e o castelhana era limitado a pequenos grupos de indivíduos; mas no período seguinte (final do século XI - XIV), Castela se expande para territórios onde um elevado número de falantes do árabe continuou a usar sua língua ao mesmo tempo em que aprendem o castelhana” (PENNY, 2012, p. 334).

<sup>83</sup> (TN): “em agosto de 1492, meses depois da rendição de Granada e estando em viagem as naves de Colombo, se imprimia a *Gramática Castellana* de Antonio de Nebrija” (LAPESA, 1980, p. 288).

Após a união territorial e política das regiões de Castela e Aragão, com o casamento real, e com a reconquista de Granada (1492), de Navarra e a colonização da americana, o castelhano passou a ser utilizado como língua culta em várias regiões sendo considerado como língua de comunicação entre os espanhóis (MOUTON, 2002). Nesta época, começa-se a utilizar a UL Espanhol como sinônimo de Castelhana (SECO, 1999).

A variante de Castela obteve seu maior êxito com o reinado de Alfonso X, el sábio, (de 1252 a 1284) e com ele, houve um novo divisor de águas para a história da LE, pois este rei promoveu com intensidade a normatização da variante de Castela e seu uso nos âmbitos da administração e da cultura daquela sociedade. De acordo com Lopez (2003, p. 41-42),

la etapa que inaugura su reinado (1252-1284) es de una extraordinaria importancia para la historia de la lengua y la cultura españolas, [...] Alfonso X es el primero en darle forma a la << prosa castellana >>, haciéndola y sentando las bases del modelo lingüístico medieval. [...] Alfonso X pronto mostró un grande celo por establecer un modelo idiomático común (se habla de su predominación por la << corrección > constante de sus escritos) y para ello acuñó el concepto de << castellano drecho >> 'castellano derecho', 'correcto'. Este modelo idiomático convertía a Toledo en centro cultural y lingüístico de la España medieval, de tal manera que era la referencia para el uso del << buen hablar >>. Surge desde el siglo XIII el primer concepto de << norma lingüística >> amparada por una ciudad/ región, una literatura que empezaba a alcanzar cotas importantes, así como por una clase social<sup>84</sup>.

Dessa maneira, também com a ajuda de escritores não somente castelhanos, a literatura da época clássica ajudou definitivamente a fomentar o uso da variante de Castela em todo o país e assim, as outras cidades, a partir desse fomento também cultural, foram se transformando em centros de difusão dessa variante, pois as classes altas de toda Espanha adotaram a língua castelhana como língua de prestígio, por ser esta a utilizada na Corte.

Já nos séculos XVI e XVII, o léxico espanhol peninsular recebeu a influência de empréstimos de outras línguas, advindos das circunstâncias históricas deste período, ou seja: da língua francesa, de outros latinismos, de línguas indígenas da América. Dessa forma,

---

<sup>84</sup> (TN): “a etapa que inaugurou seu reinado (1252-1284) é de uma extraordinária importância para a história da LE e cultura, [...] Alfonso X é o primeiro em dar forma a <<prosa castelhana>>, fazendo e tornando a lançar as bases do modelo linguístico medieval. [...] Alfonso X logo mostrou um grande zelo para o estabelecimento de um modelo idiomático comum (se fala da sua preferência pela << correção >> constante de seus escritos) e então cunhou o conceito de << 'castelhana direito', 'correto'. Este modelo idiomático convertia Toledo em centro cultural e linguístico da Espanha medieval, de tal maneira que era a referência para o uso do << falar bom >>. Surge a partir do século XIII o primeiro conceito de << norma linguística >> amparado por uma cidade / região, uma literatura que começava a alcançar importantes níveis, assim como por uma classe social” (LOPEZ, 2003, p. 41-42).

no aspecto fonético-gramatical, a variante castelhana se caracterizou por ser uma língua que apresentou uma grande capacidade de inovação.

Por conseguinte, com a necessidade de estabelecer relações políticas e econômicas, por parte das demais regiões espanholas com Castela, tornou-se necessário elaborar uma teoria linguística que apresentasse as bases para a formação de obras gramaticais. Por isso, no século XVIII, para fomentar a utilização de uma só língua, criou-se a Real Academia com o intuito de preservar a nova língua da Espanha e fomentar seu uso em todo território espanhol.

### 2.2.1 Línguas Espanholas na Espanha

*El español, como cualquiera otra lengua, no es uniforme, más bien es la diferenciación lo que aparece de inmediato*<sup>85</sup> (ALONSO-CORTÉS, 2002, p. 435).

Algumas vezes, numa atitude homogeneizadora, tenta-se estabelecer que determinada cultura de um país representa todos os moradores deste país. Essa é uma proposição equivocada, pois “la idea de una lengua igual a una nación no siempre se ajusta a la realidad, porque las lenguas no suelen ser respetuosas con las fronteras”<sup>86</sup> (MOUTON, 2002, p. 09). Por isso, ao falarmos em LE, no território da Espanha, devemos dispensar maior atenção a essa denominação, haja vista que esse território, apesar de não possuir uma grande extensão, apresenta diversas línguas, e dialetos, expressando diferentes culturas.

Castelhano ou LE são duas denominações para a mesma língua. Contudo, ao utilizar essas ULs podemos incorrer em “erro”, quando tratamos mais especificamente de designar culturas dentro do território espanhol. De acordo com Velarde (2008, p. 128)

por consiguiente, el nombre de lengua española adquiere, a partir del siglo XV, su justificación y se sobrepone al de lengua castellana. En esta preferencia influyen varios factores: por una parte, fuera de España la denominación adecuada para designar el idioma del nuevo Estado era lengua española; y dentro de España aragoneses y andaluces no se encuadraban dentro del adjetivo castellano y sí de español<sup>87</sup>.

---

<sup>85</sup> (TN): “O espanhol, como qualquer outra língua, não é uniforme, pelo contrário, é a diferenciação que aparece de imediato” (ALONSO-CORTÉS, 2002, p. 435).

<sup>86</sup> (TN): “a ideia de uma língua igual a uma nação nem sempre está de acordo com a realidade, porque idiomas não são geralmente amigáveis com as fronteiras” (MOUTON, 2002, p. 09).

<sup>87</sup> (TN): “por conseguinte, o nome da LE adquire, a partir do século XV, sua justificação e sobrepõe-se a língua castelhana. Vários fatores influenciam esta preferência: por um lado, fora de Espanha, o nome apropriado para designar a língua do novo Estado era LE; e dentro de Espanha, aragoneses e andaluces não se enquadravam dentro do adjetivo castelhano e sim de espanhol” (VELARDE, 2008, p. 128).

Portanto, pelo fato da utilização das línguas terem sofrido repressão durante a ditadura, pensamos ser necessário expor as diferentes línguas que coexistem, e são oficiais, dentro da Espanha.

O galego é uma das quatro línguas oficiais da Espanha e é derivada do latim, falada no noroeste peninsular. Suas origens remontam à antiga comunidade linguística galaico-portuguesa. De acordo com Mouton, foi nos séculos VIII e XI quando houve a divisão dialetal que se deu lugar ao catalão e ao galego, pois “lejos de la influencia de Castilla y con más tradición cortesana, el catalán y el gallego se crecieron, produjeron literatura y alcanzaron la nivelación relativa que en la Edad Media podía conseguir una lengua”<sup>88</sup> (MOUTON, 2002, p. 14). A língua galega é extremamente relacionada com a Língua Portuguesa, pois ainda segundo Mouton,

comparten la etapa medieval de formación a partir del latín, y fueron las circunstancias históricas las que los separaron hasta llegar a constituir dos lenguas diferentes, si bien muy cercanas: el portugués recibió el cultivo que correspondía al medio de comunicación de un Estado, mientras que el gallego sufrió hasta el siglo XIX el proceso contrario (2002, p. 47)<sup>89</sup>.

Essa língua teve um passado de esplendor na Idade Média, especialmente com o cultivo da lírica e prosa e é atualmente utilizada não somente em ambientes que antes estavam restritos ao castelhano, mas também hoje é língua habitual de quem jamais o havia utilizado como veículo de comunicação frequente, pois é empregada na administração pública, junto com o castelhano, nas leis, decretos, anúncios, regulamentos, formulários, etc. e é ensinada, junto ao castelhano, nas escolas, institutos e universidades da região da Galicia.

Outra língua oficial do território espanhol é o Euskera, ou Vasca. Sobre ela sabemos que é a única das línguas espanholas que tem origem pré-romana, pois é anterior à chegada do latim. Nas palavras de Mouton, podemos considerar “el Vasco como una lengua reliquia, sumamente interesante”<sup>90</sup> (2002, p. 51), é encontrada no norte da Espanha, junto ao mar Cantábrico, no território que abrange parte do País Vasco, Vizcaya, Guipúzcoa, Navarra e também nos Pirineus, na parte francesa.

<sup>88</sup> (TN): “longe da influência de Castela e com mais influência cortesã, o catalão e o galego cresceram, produziram literatura e alcançaram o nível que na Idade Média podia conseguir uma língua” (MOUTON, 2002, p. 14).

<sup>89</sup> (TN): “compartilham a fase medieval da formação do latim, e foram as circunstâncias históricas as que os separam até formar duas línguas diferentes, se bem muito íntimos: o português recebeu o cultivo que correspondia aos meios de comunicação de um Estado, enquanto que o galego sofreu até o século XIX o processo contrário” (MOUTON, 2002, p. 47).

<sup>90</sup> (TN): “o Vasco como uma língua reliquia, extremamente interessante” (MOUTON, 2002, p. 51).

A língua Euskera obteve dificuldade de transmissão, pois era basicamente oral, sem documentos escritos até a época moderna, usadas muitas vezes apenas em âmbitos rurais. Seu pouco conhecimento por outras comunidades e sua menor força de fomento social se deve também, entre vários motivos, pela pressão política exercida durante muitos anos, pelo governo de Franco, na tentativa de opressão de seu uso. Atualmente pode-se encontrar Euskera nos meios de comunicação, nos centros de ensino, nos pronunciamentos do governo daquela região, nas leis.

Nas considerações de Lopez (2002, p. 47) “el uso de euskera en la Universidad y en la divulgación científico-técnica ha consolidado, en buena medida, los recelos iniciales hacia esta modalidad unificada”<sup>91</sup>. A influência dos meios de comunicação, dos ambientes culturais, editoriais, são fatores que estão ajudando a fazer com que esta língua seja mais amplamente difundida.

O Catalão, quarta língua oficial, é considerado, depois da variante castelhana, a língua de maior difusão e número de falantes dentro da Espanha, pois “tiene una personalidad propia” (MOUTON, 2002, p. 11). A língua catalã se originou do contato com o sul da França. Do século XVIII ao XIX o território catalão sofreu um processo de fomento da aprendizagem da variante de Castela, ou seja, do castelhano e de seu ensino na alfabetização e dessa forma, o catalão foi relegado a segundo plano. Nas palavras de Mouton (2002, p. 43),

el hecho de que el catalán se hable desde el siglo XV en un Estado con otra lengua oficial supuso históricamente una situación de bilingüismo que, en algunos casos, determinó un proceso de sustitución lingüística o un reparo social de papeles en que el catalán quedaba para ámbitos familiares, locales o, como más, literarios, mientras que el español/castellano asumía los demás usos. La realidad es que la catalana es en gran parte una comunidad bilingüe<sup>92</sup>.

No século XIX, alguns movimentos nacionalistas da região catalã, incentivaram o apreço pelo cultivo dessa língua e, em 1913, Pompeu Fabra elaborou as normas ortográficas desta variante latina e nessa época, a língua catalã se torna oficial na região da Catalunha.

---

<sup>91</sup> (TN): "o uso de Euskera na Universidade e na divulgação técnico-científico consolidou, em boa parte, os receios iniciais com relação a esta modalidade unificada" (LOPEZ, 2002, p. 47).

<sup>92</sup> (TN): “o fato de que o Catalão se fala desde o século XV em um Estado com outra língua oficial era historicamente uma situação de bilinguismo que, em alguns casos, determinou um processo de substituição linguística ou um reparo social de papéis em que o Catalão ficava para âmbitos familiares, locais ou, como muito, literários, enquanto que o espanhol/castelhano assumiu os demais usos. A realidade é que a Catalunha é em grande parte uma comunidade bilíngue” (MOUTON, 2002, p. 43).

Mas, assim como aconteceu com as outras línguas, depois da Guerra civil, a língua catalã foi impedida de ser utilizada, e somente após a criação da constituição de 1978 esse panorama mudou. Nas considerações de Lopez (2002, p. 55),

la lengua catalana, como vínculo histórico, como manifestación de cultura y tradiciones de todo un pueblo y de toda una comunidad lingüística mucho más amplia que los límites estrictamente administrativos de Cataluña, ha vuelto a retomar su andadura como lengua plena, independiente, en contacto con el español<sup>93</sup>.

Embora ainda hoje a grande maioria dos espanhóis (em torno de 89%) fale, leia e escreva, preponderantemente, na variante castelhana (SEDYCIAS, 2005), todas as comunidades autônomas possuem leis e normas em defesa de suas línguas, que lhes garantem seu conhecimento e expansão, tanto nos atos públicos como nos espaços privados, nos jurídicos, nos meios de comunicação sociais, no ensino, em todas as manifestações culturais.

### 2.2.2 Panorama Linguístico da Espanha Atual

A partir das considerações anteriores sobre a formação da LE peninsular, vimos que a Espanha é e sempre foi um país multilíngue, pois a língua castelhana, desde o início, conviveu com outras variantes latinas, e também não latinas, que apresentavam diferentes graus de desenvolvimento e aceitação social. Assim, vimos que também as razões histórico-sociais modelaram o panorama atual de uso das línguas e variantes naquele país, configurando uma situação de bilinguismo<sup>94</sup> em algumas regiões.

Todas essas línguas, a Vasca, a Galega e a Catalã, conviviam bem com suas diferenças até que a ideia de uma língua homogênea para o país foi imposta à Espanha e assim a diglosia aparece como o resultado desse processo. A partir desse marco, essas línguas não puderam mais conviver, pois com a ditadura (1940-1975), as várias línguas presentes no território espanhol foram rechaçadas e sua utilização era reconhecida pelo governo espanhol, como ato de subversão, aceitando-se apenas a língua castelhana como a correta e representativa do país e de sua cultura.

---

<sup>93</sup>(TN): “a língua catalã, como vínculo histórico, como manifestação da cultura e tradições de todo um povo e de toda uma comunidade linguística muito mais ampla que os limites estritamente administrativos da Catalunha, voltou para retomar sua carreira como língua plena, independente, em contato com o espanhol” (LOPEZ, 2002, p. 55).

<sup>94</sup> Entendemos por *bilingüismo* “a situação em que coexistem duas línguas como meio de comunicação num determinado espaço social, ou seja, um estado situacionalmente compartimentalizado de uso de duas línguas” (HEYE, 2003, p.34).

Com a morte do ditador, o início da democracia e a aprovação da Constituição de 1978, o panorama linguístico espanhol mudou radicalmente e se reconheceu o caráter multilíngue do país. Do fomento do monolingüismo e da disseminação da ideia de unidade cultural, passou-se a 17 comunidades autônomas com uma língua nacional para todo o território e o reconhecimento da existência, e respeito, a mais 3 línguas nas comunidades bilíngues, ou seja, além do castelhano como língua oficial do país, as três línguas já citadas, são cooficiais em suas regiões. E a partir da constituição de 1978, cada língua pode “legislar, promover y sancionar leyes que regulen el uso, aprendizaje, normalización y protección de las lenguas autóctonas”<sup>95</sup> (LOPEZ, 2002, p. 42).

Conforme expõe Lara (2011, p. 339)

la lengua española, cuya identidad no está en duda, es lengua materna de cerca de 400 millones de personas y lengua nacional en 22 países. La variedad de usos que se han producido entre ellos constituye su mayor riqueza y nunca ha puesto en riesgo su unidad, pero no como efecto de la acción académica, sino del viejo valor social de la comunicación<sup>96</sup>.

Atualmente, podemos dizer que, no mundo de fala hispânica, há um movimento que busca a maior convergência no uso da língua. A partir da facilidade de comunicação com outros povos, seja por viagens, pelo advento da internet, pela globalização, os falantes de diferentes variedades da LE têm a possibilidade de entrar em contato direto com as diferenças linguísticas que apresenta a língua de Cervantes, não negando, assim, a variação nela existente e sua grandiosa beleza, pois “a pesar de usarse en tierras y ámbitos socioculturales tan diversos, presenta una gran vitalidad y cohesión, como lo revelan su fundamental unidad – debida a la robusta tradición literaria- y su creciente difusión”<sup>97</sup> (VELARDE, 2008, p. 121).

Portanto, observamos, assim como Lara (2011, p. 328), que

lo que ha conservado efectivamente la unidad del español no es la acción de normas explícitas dictadas por la Academia, sino una tradición de cultivo de la lengua basada en el valor de la comunicación y en el aprecio de la literatura, considerada común a todos los países hispanohablantes<sup>98</sup>.

<sup>95</sup> (TN): "legislar, promover e sancionar leis que regem o uso, aprendizagem, a normatização e a proteção das línguas nativas" (LOPEZ, 2002, p. 42).

<sup>96</sup> (TN): “a LE, cuja identidade não está em dúvida, é a língua materna de quase 400 milhões de pessoas e a língua nacional em 22 países. A variedade de usos que são produzidos entre eles constituem sua maior riqueza e nunca se colocou em risco sua unidade, mas não como efeito da ação acadêmica, mas sim do velho valor social de comunicação” (LARA, 2011, p. 339).

<sup>97</sup> (TN): "apesar do uso em terras e diversos campos sócio-culturais, apresenta uma grande vitalidade e coesão, como sua unidade fundamental - devido a forte tradição literária - e sua crescente difusão” (VELARDE, 2008, p. 121).

<sup>98</sup> (TN): “o que efetivamente tem preservado a unidade do espanhol não é a ação de regras explícitas pela Academia, mas uma tradição de cultivo da língua com base no valor da comunicação e valorização da literatura, considerada comum a todos os países hispano falantes” (LARA, 2011, p. 328).

### 3 LEXICOLOGIA E SEMÂNTICA: PARA UM REVELAR DA HISTÓRIA POR MEIO DA PALAVRA

O sistema léxico de um idioma, por estar em constante transformação, apresenta-se de forma mais aberto a mudanças se comparado a outros sistemas da língua como o fonológico, morfológico ou sintático. Não temos a pretensão de apresentar neste estudo uma pesquisa minuciosa sobre todo o sistema léxico da LE, mas um recorte léxico enfocando textos jornalísticos em LE, dos anos de 1940 e 1975.

Nesta seção, apresentamos os princípios da Lexicologia (FERNÁNDEZ-SEVILLA, 1982; BIDERMAN, 1996; OLANO, 2004), da Semântica (SCHAFF, 1968; GUIRAUD, 1994; TAMBA, 2006; FERNANDES, 2007) e da Semântica Lexical (LOPES e PIETROFORTE, 2004; HENRIQUES, 2010-2011; ESCANDELL VIDAL, 2012; WACHOWICZ, 2013), em que nos baseamos para a análise das ULs selecionadas, bem como apresentamos breves considerações a respeito de Neologismo (ALVES, 2004), Neologismo Semântico (ALVES, 2004) e Campos léxico-semânticos (ABBADE, 2011), (BIDERDEMAN, 1981).

#### 3.1 LEXICOLOGIA

*El cambio léxico está más directamente ligado a la historia del mundo y de la sociedad (OLANO, 2004, p. 60)<sup>99</sup>.*

O vocabulário pode ser entendido como o reflexo da história e da cultura, o produto de acontecimentos de épocas anteriores que auxiliaram na formação das sociedades. Assim, por meio do estudo de uma língua natural, podemos verificar os reflexos das mudanças das esferas econômica, cultural, política e social de uma comunidade.

Nas considerações de Biderman (1998, p. 32),

o léxico de uma língua constitui, portanto, uma forma de registrar o conhecimento do universo. Ao dar nomes às entidades perceptíveis e apreendidas no universo cognoscível, o homem as classifica simultaneamente. [...]. Ao identificar semelhanças e, inversamente, discriminar os traços distintivos que individualizam estes referentes em entidades distintas, o homem foi estruturando o conhecimento do mundo que o cerca, dando nomes (palavras e termos) a essas entidades discriminadas. [...] Por outro lado, e inversamente, esse processo está indissolúvelmente associado à cultura com que se conjuga uma língua natural.

---

<sup>99</sup> (TN): “A mudança léxica está mais diretamente ligada à história do mundo e da sociedade” (OLANO, 2004, p. 60).

Por sua vez, de acordo com Trujillo (1988, p. 24), “forma el léxico un repertorio de valores e identidades ‘singulares’ a disposición de los hablantes, que eligen los distintos significados mínimos, para dar forma a sus pensamientos o a sus deseos”<sup>100</sup>.

Isquierdo (2001, p. 178), também considera que

o léxico de uma língua de cultura atesta o modo de vida e a imagem de mundo que individualiza um determinado grupo social, tornando-se, em vista disso, uma espécie de documento vivo da própria história desse grupo, assim como de todas as normas sociais que o regem. **O conjunto de vocábulos que integra o universo lexical de uma língua**, por reproduzir a visão de mundo, o patrimônio cultural dos falantes e por **testemunhar a vida, a história e a cultura de um grupo em diferentes fases de sua história**, fornece marcas da identidade desse grupo (grifo nosso).

Assim, pelo fato de ser a língua viva e expressar as mudanças ocorridas nas sociedades, surgem, a todo o momento, ULs novas ou significados novos atribuídos a ULs já existentes no acervo léxico.

Em passado recente, os estudos lexicais eram relegados a segundo plano, pois pensava-se em utilizar as ULs apenas para organizá-las em listas e apresentar suas definições. Assim, havia maior valorização em pesquisas pautadas em questões sintáticas, fonéticas e morfológicas.

A Lexicologia, juntamente com a Lexicografia e a Terminologia, constitui um conjunto de Ciências, as quais nem sempre tiveram espaço entre os pesquisadores, haja vista que é recente o interesse por seu estudo.

Segundo Olano (2004), foi a partir da Gramática de Port-Royal, nos séculos XVII e XVIII, propondo o estudo das ULs dentro do discurso e não mais isoladamente, que se deu a origem epistemológica da Lexicologia. Ainda de acordo com essa autora, no século XX houve um crescimento pelo interesse do estudo da Lexicologia como ciência do léxico e nesta mesma época houve seu fortalecimento como vertente científica de estudo. Sendo assim, “nos finais do século XIX, o interesse linguístico passa pouco a pouco da investigação fonética para a dos problemas lexicais” (ABBADÉ, 2011, p. 1333) e, dessa forma, a área da Lexicologia ganha maior abrangência.

A Lexicologia, segundo Fernández-Sevilla (1982, p. 18-19), é a “disciplina linguística que se ocupa del vocabulario global de una lengua como conjunto estructurado,

---

<sup>100</sup> (TN): “forma o léxico um repertório de valores e identidades ‘singulares’ à disposição dos falantes, que escolhem os diferentes significados, para dar forma a seus pensamentos ou a seus desejos” (TRUJILLO, 1988, p. 24).

de la medida y del volumen del mismo, de sus movimientos y tendencias generales, según las épocas”<sup>101</sup>.

De acordo com Biderman, a lexicologia “tem como objetos básicos de estudo e análise a UL, a categorização lexical e a estruturação do léxico” (1998, p. 14).

Dessa forma, por podermos desvelar acontecimentos não somente linguísticos, mas também sociais, pensamos que a Lexicologia é uma disciplina sociológica que usa material linguístico. Também em Botta (2011, p. 61), encontramos esta definição, quando a autora afirma que “um estudo lexicológico visa mostrar como se constitui e se valida o vocabulário, investigando-se além da linguagem em si, as práticas (de definições e de julgamentos) compartilhadas”. Esses posicionamentos convergem com os estudos de Rector e Yunes (1980, p. 78) quando essas autoras afirmam, embasadas nas teorias de Matoré (1953), que “em cada estudo da língua encontram-se *palabras-testemunho* que recebem a nova noção conceitual que uma coletividade tem sobre determinado aspecto de sua sociedade num certo momento de sua história”.

A Lexicologia é, portanto, uma disciplina que tem por objetivo estudar o léxico, analisando a relação que cada UL expressa com o período histórico em que ocorre, a região a que pertence e, sobretudo, seu uso social, cultural e político em diferentes domínios da língua, tais como a etimologia, a formação e a criação de ULs, a fonologia, a morfologia, a sintaxe e a semântica.

Com relação ao nosso objeto de análise, podemos observar essa relação social, cultural, histórica e política expressa nos contextos, por exemplo, em que nos deparamos com ULs <sup>102</sup> como *rojo*, *paz*, *Movimiento*, *asociación*, *ley*, entre outras, que apresentam significados, e sentidos, relacionados ao momento histórico em que foram utilizados. Sendo assim, faz-se mister voltar a atenção também aos contextos nos quais determinadas ULs aparecem, pois o significado das ULs se conhece sobretudo por meio dos contextos nos quais elas ocorrem.

De acordo com Vilela, “a função da lexicologia é a de apresentar as informações acerca das unidades lexicais necessárias à produção do discurso e caracterizar a estrutura interna do léxico” (1994, p. 10). Desse modo, “cabe à Lexicologia dizer, cientificamente, em seus variados níveis, o que diz o léxico, ou seja, a sua significação. Ao

---

<sup>101</sup> (TN): “disciplina linguística que se ocupa do vocabulário geral de uma língua como um conjunto estruturado, da medida e do volume do mesmo, de seus movimentos e tendências gerais, de acordo com os tempos” (FERNÁNDEZ-SEVILLA, 1982, p. 18-19).

<sup>102</sup> Essas ULs serão descritas com maior detalhamento na seção 5 desta tese.

lexicólogo, especialista da área, incumbe levar a termo essa tarefa tão complexa sobre uma ou mais línguas” (HENRIQUES, 2011, p. 13).

Segundo Biderman (1998, p. 14), “a lexicologia faz fronteira com a semântica, já que, por ocupar-se do léxico e da UL, a Lexicologia tem que considerar também a dimensão significativa” das ULs. Sendo assim, a Lexicologia se aproxima da Semântica.

Coseriu (1978, p. 139) afirma que a “lexicologia es y debe ser semántica a la medida en que estudia y describe el lado semántico del léxico, o sea, los significados específicamente léxicos, lo cual constituye, a su vez, su tarea primordial”<sup>103</sup>. Krieger e Finatto (2004, p.45) expõem que “a Lexicologia relaciona-se com a Semântica. Por isso, diz-se que a Lexicologia se ocupa de aspectos formais e semânticos das unidades lexicais de uma língua”.

Dessa forma, verificamos que a comunhão dessas duas áreas de estudos – Lexicologia e Semântica – foi essencial e necessária para o desenvolvimento da pesquisa que ora apresentamos nesta tese.

Após as considerações anteriores, e conceituando a importância da investigação do léxico em suas acepções históricas, além da Lexicologia, outra ciência que sustenta nossas análises é a Semântica, mais especificamente a Semântica lexical e assim, passamos a breves explicações sobre essa área de estudo.

### 3.2 SEMÂNTICA

A partir da verificação das diferentes formas de emprego das ULs, é possível tratar do significado específico que uma UL pode adquirir em determinados contextos e das relações significativas entre as ULs, pois ao relacionar os sentidos entre ULs, estamos tratando sobre a estruturação semântica. Assim, seu estudo e descrição buscam delimitar o significado literal, ou conceitual, das ULs e orações e se refere a um estado da língua em um momento exato, como a um estilo determinado, a um dialeto, a um socioleto, num tempo determinado.

Nas palavras de Fiorin (2004, p. 114) “a questão do significado constitui uma interrogação permanente dos estudos sobre a linguagem desde seus primórdios”. Portanto, na tentativa de desvelar os significados adquiridos pelas ULs utilizadas em diferentes contextos, nasce a disciplina intitulada Semântica.

Segundo Schaff (1968, p. 109) “a semântica estuda as relações de palavras e proposições com seus referentes, e nesta base estabelece sua significação e verdade”. A teoria

---

<sup>103</sup> (TN): “lexicologia é e deve ser semântica, na medida em que estuda e descreve o lado semântico do léxico, ou seja, os significados especificamente léxicos, os quais constituem, por sua vez, sua tarefa primordial” (COSERIU, 1978, p. 139).

semântica trata da competência semântica do falante, pois se embasa no estudo da existência de um significado que o falante já conhece pelo simples fato de ser falante de uma língua natural. Segundo Henriques (2011), o papel da Semântica é o de analisar os significados encontrados nas ULs e locuções. Esse autor acrescenta ainda que

a semântica se preocupa com mecanismos e operações relativos ao sentido, através do funcionamento das línguas naturais [...] tentando explicar os elos que existem entre os comportamentos discursivos num dado envolvimento, constantemente renovado, e as representações mentais que parecem ser partilhadas pelos usuários das línguas naturais (HENRIQUES, 2011, p. 1).

Segundo Tamba (2006, p. 21), a Semântica é “o estudo sincrônico das estruturas lexicais de uma língua [...] e podem desvelar as mudanças de ordem social, tributárias da evolução das instituições humanas (direito, moral)” e seu objeto de estudo centra-se nas transformações do sentido linguístico. Portanto, observamos que, sendo os significados elaborados segundo as informações culturais do falante e de sua comunidade, a Semântica se relaciona aos fatos culturais representados pela língua, ligando o discurso à história, à ideologia, buscando também analisar o papel de quem utiliza e como utiliza as ULs nos enunciados (ILARI, 2013).

Por conseguinte, a Semântica busca estudar a evolução do significado das línguas e uma teoria semântica, portanto, deve, em relação a qualquer língua: “(i) ser capaz de atribuir a cada palavra e a cada sentença o significado (ou significados) que lhe (s) é (são) associado (s) nessa língua; (ii) caracterizar e explicar as relações sistemáticas entre palavras e entre sentenças de uma língua que o falante é capaz de fazer” (CANÇADO, 2012, p. 21-23).

Apesar de ter um objetivo estabelecido, a área de semântica apresenta várias vertentes e podemos falar em semântica argumentativa, cognitiva, computacional, cultural, da enunciação, formal e também a lexical (FERRAREZI; BASSO, 2013). Neste estudo centramos nossa discussão na última vertente citada, a semântica lexical.

### 3.2.1 Semântica Lexical

Nesta tese, observamos que as mudanças de significado efetuadas na LE apresentam as diferentes maneiras de entendermos as sociedades e, por isso, afirmamos que os sentidos advindos dos contextos não podem ser apenas retirados de informações gramaticais, mas advém também de conhecimentos extralinguísticos (OLANO, 2004).

Assim, não apenas o sistema semântico é o único responsável por estabelecer o significado das ULs, pois este pode ir além do sentido do que foi dito.

Nas considerações de Olano (2004, p. 328)

el simple texto tampoco es suficiente en numerosas ocasiones para la desambiguación ya que la ambigüedad es un problema pragmático. Por tanto, para resolverla tendremos que recurrir al contexto (no sólo verbal) para conseguir una interpretación unívoca de los mensajes<sup>104</sup>.

Também Ferrarezi (2013, p. 84) entende ser relevante a investigação sobre processos de variação de significado, pois, para este autor,

é preciso compreender mais profundamente como funciona esse processo de atribuição de sentidos e verificar de que forma esses conhecimentos podem nos ajudar a compreender mais profundamente as línguas que falamos e como elas interferem na nossa forma de ver o mundo e interagir com ele.

Assim, vemos que várias são as causas que motivam as mudanças de sentido, e uma delas, segundo Giraud (1994), são os fatores históricos, pois nelas transparecem as mudanças na área das “ciencias, de las técnicas, las instituciones, las costumbres, que acarrea cambios de cosas sin cambios del nombre, y que no alcanzan, pues, sino indirectamente al sistema de la lengua”<sup>105</sup>(GIRAUD, 1994, p. 81).

Contudo, nem sempre novas ULs, ou acepções, são aceitas e disseminadas entre os falantes de toda uma comunidade de fala, pois, para que um novo significado seja aceito no léxico, é necessário que haja sua difusão e utilização pelos falantes. Se há certa frequência de uso, significa que esses fatores anteriormente citados aconteceram e, assim, essas ULs podem ser inseridas em obras lexicográficas e fazerem parte do acervo lexical de uma língua.

Quando essa aceitação acontece, um novo significado é criado e surge uma nova forma de designar a realidade. Também por meio da atribuição de uma nova acepção a uma forma já existente na língua, se consolida um novo significado. Mas as razões para “que

<sup>104</sup> (TN): “o texto simplesmente não é suficiente, em muitas ocasiões, para a desambiguação já que a ambigüedad é um problema pragmático. Portanto, para resolvê-lo teremos que recorrer ao contexto (não só verbal) para conseguir uma interpretação unívoca de mensagens” (OLANO, 2004, p. 328).

<sup>105</sup> (TN): “ciências, das técnicas, as instituições, os costumes, que fomentam mudanças de coisas de nome, e que não atingem, pois, contudo indiretamente ao sistema da língua” (GIRAUD, 1994, p. 81).

una comunidad idiomática acepta o rechaza se guía por las coordenadas de necesidades y valores vigentes dentro de ella en cada momento de la historia”<sup>106</sup>(VELARDE, 2008, p. 47).

Lara (2011) explica que, para que se converta em norma o uso do novo significado, é necessário que haja um reconhecimento social por parte da sociedade que tenha autoridade para ser seguida. Ou seja, vemos que o estabelecimento de uma norma está ligado, entre outros fatores, ao prestígio social da classe do criador do significado, bem como da força expressiva que terá a UL junto aos usuários da língua (COSERIU, 1987). Sendo assim, verificamos em Alves (2004, p. 84) que

não basta a criação do neologismo para que ele se torne membro integrante do acervo lexical de uma língua. É, na verdade, a comunidade linguística, pelo uso do elemento neológico ou pela sua não-difusão, que decide sobre a integração dessa nova formação ao idioma. Por isso, não podemos, *a priori*, identificar as criações lexicais que chegarão a anexar-se ao código de uma língua, pois fatores extralinguísticos, como tendências políticas, econômicas, culturais... interferem frequentemente e ajudam a determinar a possibilidade de integração de ULs.

Mas, ainda que nem todas as ULs cheguem a se tornar usuais para a comunidade falante de uma língua natural, estudar os processos pelos quais passaram determinadas ULs é fator relevante para a história das línguas e a compreensão dos processos evolutivos torna-se vital para a compreensão da linguagem.

Dessa forma, a teoria de semântica lexical nos auxiliará a caracterizar os significados das ULs, pesquisar as relações estabelecidas entre elas em virtude de seus diferentes significados, investigar os diferentes tipos de acepções e explicar sua variação nos diferentes contextos de uso; e, sobretudo, explicar como são criados os novos significados das ULs (ESCANDELL VIDAL, 2012).

### 3.3 NEOLOGIA E NEOLOGISMO

À medida que novos conceitos são introduzidos no cotidiano de determinada comunidade linguística, por meio da aproximação de diferentes culturas promovida pela globalização e pela rapidez do acesso aos acontecimentos mundiais, surge a necessidade de nomeá-los para que se estabeleça a comunicação. Esse processo de inovação não é sempre explícito, pois ele é lento e depende da aceitação ou não da mudança, ou seja,

---

<sup>106</sup> (TN): “que uma comunidade idiomática aceita ou recusa se guia pelas coordenadas de necessidades e valores vigentes dentro dela em cada momento da história” (VELARDE, 2008, p. 47).

da evolução da criação léxica, pois “una lengua natural es el resultado de una lenta elaboración inconsciente, de una comunidad”<sup>107</sup> (POTTIER, 1992, p. 14).

Esse processo de inovação da língua é nomeado como neologia, e, segundo Alves (2004, p. 5), “o elemento resultante, a nova palavra, é denominado neologismo”.

De acordo com Ramos (1997, p. 10),

la concepción de neología y neologismo no ha sido siempre la misma. El término neologismo nació en el siglo XVIII para designar una afectación en la manera de expresarse, y neología le fue opuesto algunos lustros después como un arte de innovar siguiendo el progreso de las ideas. Después del Siglo de las Luces el término neologismo fue despojado de su carga peyorativa y pasó a la terminología lingüística para designar, como todavía lo hace hoy, una innovación en la lengua<sup>108</sup>.

Para Fernández-Sevilla (1982, p. 11), a neologia pode ser entendida como a “utilización del código y subversión del mismo; reconocimiento y transgresión de la norma; creatividad gobernada por las reglas y creatividad que cambia las reglas”<sup>109</sup>.

Nas palavras de Gómez (2010, p. 332) “el neologismo se produce cuando la palabra adopta un nuevo significado, puesto que se trata de significantes que ya existían en la lengua, pero con otros significados diferentes”<sup>110</sup>. Por conseguinte, o neologismo é o ato de criar uma UL, ou dar novo significado a uma UL já existente, para preencher a necessidade de designar um novo conceito na língua. Seu aparecimento se dá por diferentes fatores como necessidades objetivas de comunicação pela aparição de um novo objeto ou também por necessidades subjetivas de estética e essas novas ULs, atualmente, são estudados sob o viés da criatividade da língua, que lhe é inerente.

Segundo Ramos (1997), em certo momento da história, a maioria das ULs foram neologismos. Mas ainda assim, nem sempre os neologismos foram considerados com características positivas para a expansão da língua, posto que eram vistos como elementos que poderiam corromper o equilíbrio da língua, principalmente se as novas ULs procedessem de outros idiomas.

<sup>107</sup> (TN): “una lengua natural é o resultado de uma lenta elaboração inconsciente, de uma comunidade” (POTTIER, 1992, p. 14).

<sup>108</sup> (TN): “a concepção da neologia e neologismo não foi sempre a mesma. O termo neologismo nasceu no século XVIII para designar um distúrbio na maneira de se expressar, e neologia, alguns lustros depois, apareceu como uma arte de inovar seguindo o progresso das ideias. Depois do Século das Luzes o termo neologismo perdeu sua carga pejorativa e passou a terminologia linguística para designar, como ainda o é hoje, uma inovação na língua” (RAMOS, 1997, p. 10).

<sup>109</sup> (TN): “utilização do código e da subversão do mesmo; reconhecimento e transgressão da norma; criatividade governada pelas regras e criatividade que mudam as regras” (FERNÁNDEZ-SEVILLA, 1982, p. 11).

<sup>110</sup> (TN): “o neologismo ocorre quando a palavra adota um novo significado, desde que se trata de significantes que já existiam na língua, mas com outros significados diferentes” (GÓMEZ, 2010, p. 332).

Apesar dessa consideração antiquada, esse fenômeno, a neologia, ocorre com frequência no uso cotidiano da língua e reflete a maneira mais elaborada dos falantes de qualquer língua, de expressarem a renovação linguística e sua alta criatividade. E esse ato de criar é devido, segundo Velarde (2008, p. 36) ao “carácter libre y creador propio de cada acto lingüístico, pues es el responsable de ese constante cambio que acontece en todas y cada una de las lenguas vivas”<sup>111</sup>.

Alves (2004, p. 6) afirma também que,

sendo a língua um patrimônio de toda uma comunidade linguística, a todos os membros dessa sociedade é facultado o direito de criatividade léxica. No entanto, é através dos meios de comunicação de massa e de obras literárias que os neologismos recém-criados têm oportunidade de serem conhecidos e, eventualmente, de serem difundidos.

Assim, entendemos os neologismos como acontecimentos linguísticos que devem ser estudados também sob o prisma da história das sociedades, e conseqüentemente, do léxico, pois “al hablar damos a conocer nuestro origen social, provincia nativa, profesión, nuestras intenciones y actitud respecto al interlocutor, etc., por asociaciones que realizan las palabras y que se agregan siempre al sentido de ellas”<sup>112</sup> (GUIRAUD, 1994, p. 41).

O neologismo constitui-se mediante alguns processos, que são classificados como: autóctone, (formado por mecanismos da própria língua); ou alóctone, (formado por vocábulos provenientes de outras línguas) (ALVES, 2004). Esses processos são conhecidos como (i) a neologia formal, (formam-se novas ULs utilizando recursos do próprio sistema linguístico), (ii) a neologia de empréstimos, (formam-se ULs utilizando recursos de outro sistema linguístico) e a (iii) neologia semântica (atribuem-se novos significados a ULs já existentes na língua).

Para continuarmos com as discussões, nesta seção do estudo, apresentamos nossas considerações sobre neologismo semântico.

---

<sup>111</sup> (TN): “caráter livre e criador próprio de cada ato linguístico, pois é o responsável dessa mudança constante que ocorre em todas e cada um dos idiomas vivos” (VELARDE, 2008, p. 36).

<sup>112</sup> (TN): “ao falar demonstramos nossa origem social, região nativa, profissão, nossas intenções e atitude a respeito ao interlocutor, etc., por associações que realizam as palavras e que se acrescentam sempre ao sentido delas” (GUIRAUD, 1994, p. 41).

### 3.3.1 Neologismo Semântico

Ao trabalhar com a análise do léxico, devemos estar cientes de que diferentes momentos da história poderão nos apresentar diferentes sentidos para o mesmo item lexical, sentido nesta tese entendido como sendo construído dependendo das relações de uma UL com as outras ULs dentro de um contexto, pois “el sentido, o mejor, los sentidos de cada palabra, son definidos por el conjunto de estas relaciones”<sup>113</sup> (GUIRAUD, 1994, p. 27).

De acordo com Alves (2004, p. 62), “qualquer transformação semântica manifestada num item lexical ocasiona a criação de um novo elemento. Trata-se, nesses casos, do neologismo semântico ou conceptual”.

Para compreender um neologismo semântico é necessário, por parte do falante, conhecer também os acontecimentos sociais, políticos, históricos que cercam a língua analisada. De acordo com Penny (2012, p. 329)

[...] todos los conceptos (bien se refieran a cosas, instituciones, nociones abstractas, etc.) están sujetos por lo menos a modificaciones graduales, mientras que los signos (o palabras) que los reflejan son más remisos a ser sustituidos (o incluso llegan a no ser reemplazados en absoluto); **de ahí la probabilidad de que cualquier transformación histórica (no lingüística) provoque un cambio semántico**<sup>114</sup> (grifo nosso).

Assim, classificamos como neologismo semântico o processo que se caracteriza pelo empréstimo de sentido. Para Alvar (2000, p. 541), neologismo semântico define-se como “el desarrollo de nuevas acepciones o giros, que aportan significados nuevos a términos ya conocidos”<sup>115</sup>.

Nas considerações de Alves (2004) verificamos que os neologismos semânticos, ou neologismos conceituais, não acarretam mudanças na forma das ULs já existentes na língua, mas, na verdade, há um acréscimo na carga semântica de uma UL já existente, originando, então, um novo significado para o mesmo significante.

Não podemos pensar pura e simplesmente que as ULs são a exteriorização de conceitos compartilhados por todos os falantes de uma língua, no mesmo momento, pois

<sup>113</sup> (TN): “o sentido, ou melhor, os sentidos de cada palavra, são definidos pelo conjunto destas relações” (GUIRAUD, 1994, p. 27).

<sup>114</sup> (TN): [...] todos os conceitos (que se refiram a coisas, instituições, noções abstratas, etc.) estão sujeitos pelo menos a modificações graduais, enquanto que os signos (ou palavras) que os refletem são mais suscetíveis a ser substituídos (ou inclusive chegam a não ser substituídos em absoluto); **daí a probabilidade de que qualquer transformação histórica (não lingüística) provoque uma mudança semântica**<sup>114</sup> (grifo nosso) (PENNY, 2012, p. 329).

<sup>115</sup> (TN): “o desenvolvimento de novos significados ou gírias, que trazem significados novos a termos já conhecidos” (ALVAR, 2000, p. 541).

as diferenças linguísticas encontradas no léxico “no son, pues, fruto del pensamiento reflexivo sino manifestación de la inmediatez de nuestra contemplación del mundo y de nosotros mismos”<sup>116</sup> (VELARDE, 2008, p. 37). Essas criações ocorrem porque se impõe à realidade a necessidade de se reinventar devido às transformações pelas quais passam as culturas de diferentes línguas, em diferentes momentos históricos.

Para Gualda (2008, p. 185), “la creación semántica supone la intervención consciente del hablante; ésta es posible gracias a los cambios de significado de las palabras que podemos comprobar en la historia de cualquier idioma”<sup>117</sup>. Dessa forma, a mudança de significado acontece porque um falante precisa, por necessidades sociais, expressivas, ou para nomear um novo objeto, usar determinada UL, atribuindo à UL novos sentidos. E assim, as revoluções sociais e políticas implicam frequentemente mudanças linguísticas (COSERIU, 1987).

Nas palavras de Lagunilla (1999, p. 57), “una prueba de la relación señalada es que, como cabe esperar, los momentos de mayor renovación léxica se producen en períodos en los que la política tiene un protagonismo especial”<sup>118</sup>.

Nesse aspecto, ao analisarmos as escolhas lexicais, analisamos também a maneira como o locutor contextualiza as ULs das quais se utiliza e a forma como ele expõe seu posicionamento em relação ao que fala, pois, pelas ULs escolhidas (ou recusadas) para elaborar uma mensagem, podemos entender muito sobre a constituição interna de uma época.

Por conseguinte, entendemos, assim como Fernandes (2007, p. 18), que “as posições em contraste revelam lugares socioideológicos assumidos pelos sujeitos envolvidos, e a linguagem é a forma material de expressão desses lugares”.

### 3.4 CAMPOS LÉXICO-SEMÂNTICOS

Pelo fato desta pesquisa desenvolver-se sobre a análise de ULs pertencentes a um campo específico, é importante esclarecer o que entendemos por campo léxico-semântico. Compartilhando das ideias de Botta (2011), delimitamos os campos léxico-semânticos desta pesquisa com base em critérios históricos e consideramos, além dos

<sup>116</sup> (TN): “não são, portanto, fruto do pensamento reflexivo, mas manifestação do imediatismo da nossa contemplação do mundo e de nós mesmos” (VELARDE, 2008, p. 37).

<sup>117</sup> (TN): “a criação semântica significa a intervenção consciente do falante; isto é possível graças às mudanças do significado das palavras que podemos ver na história de qualquer língua” (GUALDA, 2008, p. 185).

<sup>118</sup> (TN): “uma prova da relação estabelecida é que, como se pode esperar, os momentos de maior renovação lexical ocorrem em períodos em que a política tem um papel especial” (LAGUNILLA, 1999, p. 57).

resultados da análise quantitativa, a relevância social e histórica das ULs escolhidas, para a época estudada.

Ao selecionar determinada UL para seu uso, algumas vezes o falante não se atém à relação que os significados delas estabelecem entre si, pois a mesma UL tem ou pode ter vários sentidos, os quais são realizados de acordo com o contexto abordado.

Assim, nesta tese, estabelecemos como campo semântico o conjunto dos significados, dos conceitos, que uma UL possui, sendo esta interdependente. De acordo com Trier, um campo semântico é “um conjunto de unidades não necessariamente aparentadas etimologicamente, nem ligadas por associações psicológicas individuais, arbitrárias e contingentes” (TRIER, 1924 *apud* RECTOR; YUNES, 1980, p. 75).

Segundo Lopes, (1995, p. 242) “cada campo semântico se forma coerentizando internamente determinada parte de material léxico de cada língua, e, ao mesmo tempo, delimitando-se exteriormente por outros campos semânticos da mesma língua”. Assim, o campo semântico de uma UL é dado pelos significados que ela assume em suas ocorrências, pois “na maioria das vezes, os vocábulos componentes de um campo semântico registram numerosas nuances de sentido, compondo um amplo leque de significados afins” (BIDERMAN, 2001, p. 194).

Abbade (2011, p. 1341) afirma que “a estruturação e o funcionamento dos campos não dependem unicamente dos tipos formais de oposições, mas também do tipo de sua relação com a realidade extralinguística, que elas organizam ou formam a partir do ponto de vista semântico”. Por conseguinte, podemos formar um campo semântico ao procurar estabelecer as relações de conteúdo entre as ULs, quando delimitamos o conteúdo evitando a intuição, e também quando buscamos relacionar as ULs com a criação de conjuntos de significados.

De acordo com Olano (2004, p. 217), observamos que “la estructura semántica de una lengua está constituida por microestructuras o campos léxicos (conjuntos léxicos) en los que, conteniendo una sustancia en común, sus elementos constitutivos tienen relaciones precisas y formalizadas”<sup>119</sup>.

A ideia de que as ULs estão organizadas em campos léxicos e conceituais foi proposta por Trier (1931), mas já havia aparecido em algumas considerações de Humboldt

---

<sup>119</sup> "a estrutura semântica de uma língua está constituída de microestructuras ou campos léxicos (conjuntos lexicais) no qual, contendo uma substância em comum, seus elementos constitutivos têm relações precisas e formalizadas" (OLANO, 2004, p. 217).

(1836). Segundo Alonso-Cortés (2002), essa discussão começa a ganhar maior força a partir dos estudos de Saussure (1916).

Atualmente, a teoria mais difundida sobre campos léxicos é a elaborada por Coseriu, que define campo léxico como “un conjunto de lexemas unidos por un valor léxico común, que es el valor del campo y al que aquellos lexemas subdividen”<sup>120</sup> (1987, p. 403).

E acrescenta que

un campo léxico es, desde el punto de vista estructural, un paradigma léxico que resulta de la repartición de un contenido léxico continuo entre diferentes unidades dadas en la lengua como palabras y que se oponen de manera inmediata unas a las otras, por medio de rasgos distintos mínimos (COSERIU, 1987, p. 146),<sup>121</sup>.

Nas considerações de Mounin (1975, p. 65), o campo léxico, “que é constituído por traços de significação comuns, se refere à parte do significado e também faz parte do campo semântico”. Desse modo, classificamos um campo léxico como um conjunto de lexemas que possuem relação de valor léxico, ou seja, que pertencem à mesma área de conhecimento ou que derivam do mesmo radical, e desse modo, devemos analisar as ULs em conjunto e não separadamente.

Nesta pesquisa tentamos, assim como Biderman (1981), organizar as redes semânticas, as articulações léxicas, que se constroem a partir do campo léxico político-militar olhando diretamente para este *corpus* específico. Para essa autora, (como apresentado na figura 1 a seguir) um campo léxico apresenta uma palavra nuclear, expressando a possível conexão entre outro núcleo ou gerando outros campos léxicos<sup>122</sup>. Evidentemente a rede semântica do campo léxico político-militar não se esgota nas interpretações que apresentamos neste estudo, posto que essas interpretações são somente uma tentativa (o nosso olhar) de aproximação de elaboração de redes a partir das palavras mais frequentes neste *corpus*.

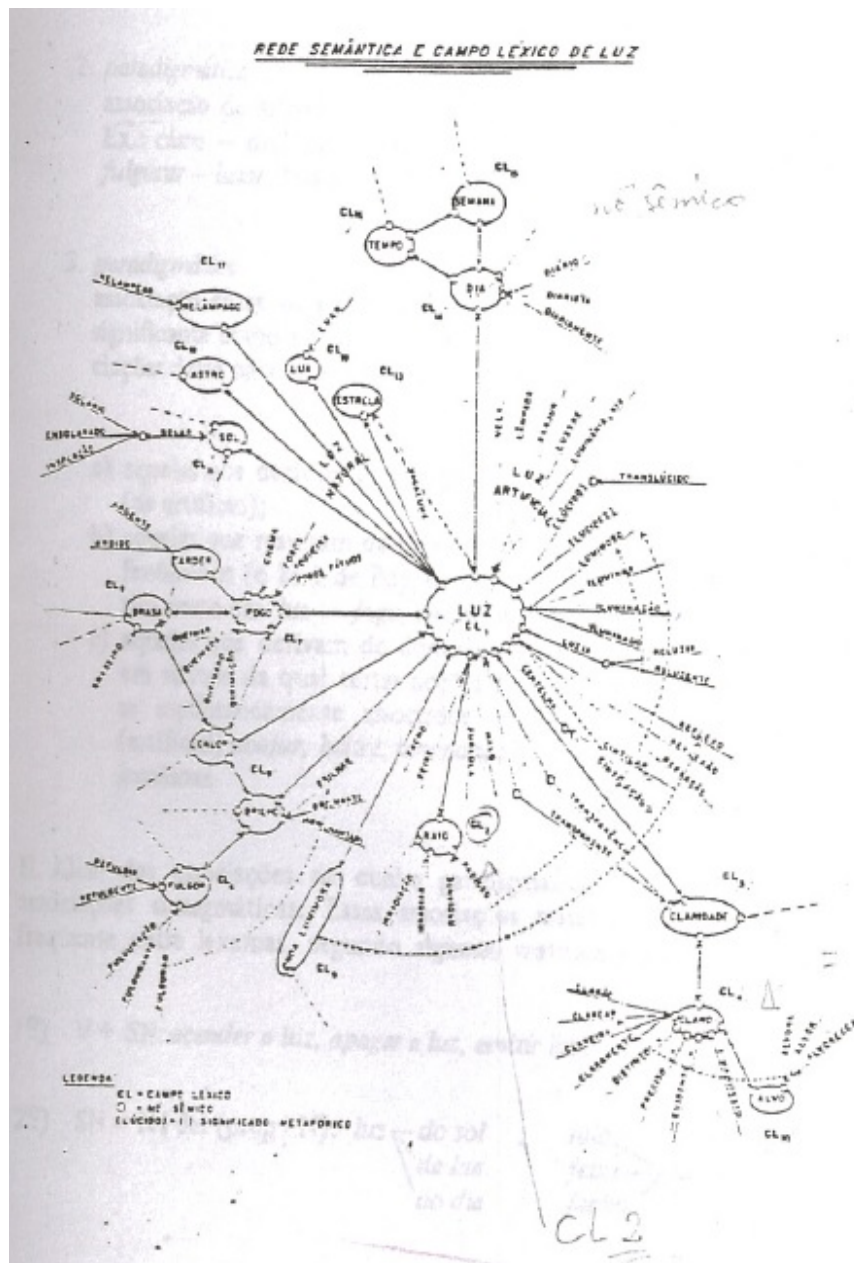
---

<sup>120</sup> "um conjunto de lexemas unidos por um valor léxico comum, que é o valor do campo e aos quais aqueles lexemas subdividem" (COSERIU, 1987, p. 403).

<sup>121</sup> (TN): “um campo léxico é, desde o ponto de vista estrutural, um paradigma léxico que resulta da distribuição de um conteúdo léxico continuo entre diferentes unidades dadas na língua como palavras e que se opõem de maneira imediata umas às outras, por meio de diferentes características mínimas” (COSERIU, 1987, p. 146).

<sup>122</sup> Não apresentamos nossas análises com o formato da figura de Biderman (1981), contudo a utilizamos como uma possibilidade de interpretação da formação da rede semântica de nossas unidades analisadas.

Figura 1- Campo Semântico de Luz (BIDERMAN, 1981).



Sendo assim, esta tese se sustenta na análise desses dois campos de pesquisa, pois entendemos por campo léxico-semântico o conjunto de ULs que se organizam a partir de significados em comum formando um mesmo campo de significado.

## 4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Nesta seção, descrevemos as etapas metodológicas cumpridas ao longo do processo da pesquisa, tais como: (i) a constituição do *corpus*; (ii) a seleção das ULs analisadas e a seleção dos contextos do *corpus* a fim de identificar suas acepções; (iii) descrição e a análise dos contextos das ULs selecionadas.

### 4.1 A IMPORTÂNCIA DA PESQUISA COM *CORPUS*

Segundo Fromm (2003 p. 69) “*corpus*, na área da linguística, indica uma coleção de textos reunidos, de áreas variadas ou não, com um propósito específico de análise”. De acordo com Biderman (2001, p. 79),

*corpus* constitui um conjunto homogêneo de amostras da língua de qualquer tipo (orais, escritos, literários, coloquiais, etc.) [...] A análise dos dados lingüísticos de um *corpus* deve permitir ampliar o conhecimento das estruturas linguísticas da língua que eles representam.

Portanto, *Corpus* pode ser definido como sendo a reunião de textos, ou fragmentos desses, que devem ser representativos da realidade da língua que se quer estudar, tornando-se assim, uma fonte relevante de dados para a investigação linguística.

Assim, vemos que é inegável a importância do uso de *corpus* linguístico como fonte de informação no desenvolvimento de pesquisas sobre as línguas naturais. A partir da organização de banco de dados podemos ter acesso aos registros de uso da língua em contextos reais, pois, por meio de análises desses dados podemos verificar como grupos diferentes de falantes se expressam em diferentes situações linguísticas, fazendo com que a elaboração de um *corpus* obtenha relevância primordial como fonte de informação. Nas considerações de Piñol (2012, p. 35), ao trabalhar com análises baseadas na formação desses bancos de dados, nos depararemos com amostras reais do uso da língua, bem como poderemos

comprobar las teorías lingüísticas o las intituciones, comprobar la gramaticalidad de las oraciones dentro de su contexto, extraer reglas o descripciones lingüísticas a partir de la observación de la lengua, obtener información cuantitativa y, por lo tanto, verificable, y manejar un gran volumen de información en poco tiempo<sup>123</sup>.

---

<sup>123</sup> (TN): “verificar as teorias linguísticas ou instituições, comprovar a gramaticalidade de frases dentro de seu contexto, remover observações linguísticas a partir de observações da língua, obter informações

Para a concretização desta tese, contamos com os fundamentos teórico-metodológicos da Linguística de *Corpus*, haja vista que essa ciência é considerada uma

área da Linguística que se dedica à pesquisa através da observação de uma grande quantidade de textos naturais armazenados eletronicamente (*corpus*) e analisados através de programas de computação capazes de selecionar, ordenar, contar e calcular. Por textos naturais, entende-se discursos orais e/ou escritos produzidos por falantes nativos em situações reais de comunicação (JACOBI, 2001, p.1).

De acordo com Berber-Sardinha (2004, p. 3), a Linguística de *Corpus*

se ocupa da coleta e exploração de corpora, ou conjuntos de dados linguísticos textuais que foram coletados criteriosamente com o propósito de servirem para a pesquisa de uma língua ou variedade linguística. Como tal, dedica-se à exploração da linguagem através de evidências empíricas, extraídas por meio de computador.

Parodi (2010, p. 15) entende que

la LC no se entiende como una rama o un área de la lingüística tal como son la fonología, la semántica, la sintaxis, sino que como un método de investigación que puede ser empleado en todas las ramas o áreas de la lingüística, en todos los niveles de la lengua y desde enfoques teóricos diferentes<sup>124</sup>.

A coleta de *corpora* é procedimento antigo, pois há estudos que indicam que ainda na Grécia Antiga, Alexandre, o Grande, foi o responsável pela elaboração do *Corpus* Helenístico. De acordo com Berber-Sardinha (2004, p. 3) “na Antiguidade e na Idade Média, produziam-se corpora de citações da Bíblia”.

Na atualidade, a Linguística de *Corpus* tem forte influência na pesquisa Linguística, em diversos países. “Na Grã-Bretanha, um dos centros mais desenvolvidos, várias universidades (Birmingham, Brighton, Lancaster, Liverpool, Londres, etc.) dedicam-se à pesquisa baseada em *corpus* para a descrição dos mais variados aspectos da linguagem” (BERBER-SARDINHA, 2004, p. 5). No Brasil, observamos que a pesquisa em *corpus* é desenvolvida com maior ênfase em centros voltados ao Processamento de Linguagem Natural, Lexicografia e à Linguística Computacional.

---

quantitativas e, portanto, verificável, e manejar um grande volume de informações em um curto espaço de tempo” (PIÑOL, 2012, p. 35).

<sup>124</sup> (TN): “a LC não pode ser entendida como um ramo ou uma área da linguística tal como é a fonologia, a semântica, a sintaxe, mas como um método de investigação que pode ser empregado em todos os ramos ou áreas da linguística, em todos os níveis da língua e desde enfoques teóricos diferentes”.

Utilizamos-nos desta teoria, pois entendemos que a Linguística de *Corpus* contribui para o desenvolvimento do conhecimento linguístico em diversas áreas, a saber: na estilística buscando identificar as características de determinado escritor; na área dos estudos diacrônicos, ou históricos, que comparam a língua de diferentes períodos para pesquisar sobre mudanças linguísticas; nos estudos sobre a língua falada, que focalizam a forma como o falante organiza o seu discurso; na lexicografia quando por meio dos exemplos que os *corpora* fornecem, pode-se obter uma visão mais aprofundada do uso, da frequência e do valor social de determinadas ULs.

Isto posto, concordamos com Parodi, (2010, p. 42) quando este autor afirma que “sin lugar a dudas la información que un corpus puede contener es infinita y cada investigador debe explorar y buscar respuestas a diversos tipos de preguntas que un determinado corpus puede estimular o para las cuales ha sido recolectado”<sup>125</sup>.

Segundo Berber-Sardinha (2004, p 17), o *corpus* “deve ser planejado e concretizado seguindo critérios linguísticos de seleção”. Portanto, há de se seguir alguns requisitos para sua organização:

os textos que o compõem devem ser autênticos e escritos em linguagem natural (em contraposição à linguagem artificial, como por exemplo, notação matemática). O segundo refere-se à autenticidade dos textos, que devem ter sido produzidos espontaneamente por falantes nativos. O terceiro pré-requisito diz respeito à escolha criteriosa dos textos que compõem o corpus. Os critérios adotados deverão ser definidos *a priori* e dependerão do tipo de estudo que os seus criadores desejem realizar. E por último, mas não menos importante, o corpus deve ser representativo da linguagem, de uma variedade linguística ou de um idioma (JACOBI, 2001, p. 8).

Embora representativo, o *corpus* possui seus limites, pois, ainda que sigamos alguns passos, não é certo que consigamos abranger toda a informação previsível de uma língua, haja vista que “es bien sabido que incluso los grandes corpus no logran dar cuenta de la lengua como un todo ni tampoco se pretende que así sea. La lengua en su dinamismo y heterogeneidad es mucho más rica de lo que se puede imaginar y no logra ser captada en un solo corpus, por gigantesco que sea su tamaño”<sup>126</sup> (PARODI, 2010, p. 23-24).

<sup>125</sup> (TN): “sem dúvida, a informação que um *corpus* pode conter é infinita e cada investigador deve explorar y buscar respostas a diversos tipos de perguntas que um determinado *corpus* pode estimular ou para as quais foi coletado” (PARODI, 2010, p. 42).

<sup>126</sup> (TN): “sabe-se que inclusive os grandes *corpus* não conseguem abarcar a língua como um todo nem se pretende que assim seja. A língua no seu dinamismo e heterogeneidade é muito mais rica do que se possa imaginar e não pode ser captada somente em um *corpus*, por gigantesco que seja seu tamanho” (PARODI, 2010, p. 23-24).

E essa foi, por algum tempo, uma das críticas à pesquisa linguística baseada em *corpus*, pois, por ser realizado por meio de um processamento manual, esse não apresentava confiabilidade na obtenção dos resultados. A partir do surgimento dos computadores, foi possível armazenar e processar maior quantidade de dados com um esforço manual menor e com uma margem de erro reduzida (JACOBI, 2001). Nas considerações de PARODI (2010, p. 28),

el (re)florecimiento de los estudios basados en corpus se puede fijar a comienzos de la década del sesenta, marcado –en parte- por la fuerte irrupción de los computadores en el ámbito lingüístico y el desarrollo de grandes proyectos de investigación en Inglaterra y en los países escandinavos, a partir de la construcción de grandes corpus lingüísticos digitales para el inglés<sup>127</sup>.

Em nosso caso, restringimos nosso estudo a somente um jornal, o *La Vanguardia*. Sabemos que tomar os anos de 1940 e 1975 para a análise pode ter restringido a representatividade do vocabulário a ser analisado nesta pesquisa, pois entre aqueles períodos há um intervalo de 35 anos de governo ditatorial que pode ter influenciado, em outras décadas, outras mudanças linguísticas. Contudo, entendemos também que, como anteriormente explicitado, atingir a representatividade total de um *corpus* é fato impossível para um idioma, pois um *corpus* será sempre um recorte de uma língua e “é a amostra de uma população (a linguagem em uso), por isso as conclusões não podem ser tomadas como definitivas e aplicáveis a toda uma língua” (BERBER-SARDINHA, 2004, p. 326).

Sendo assim, e por delimitações de tema como mencionado anteriormente, optamos em analisar apenas algumas ULs com o escopo de traçar um panorama, ainda que restrito, mas promissor para futuras pesquisas na área do léxico de LE.

#### 4.1.2 A Organização do *Corpus*

Para o desenvolvimento da pesquisa que deu origem a esta tese, cumprimos diferentes etapas. A primeira foi determinar qual seria o material que comporia nosso *corpus* de análise. Como já havíamos definido que analisaríamos o léxico utilizado no contexto jornalístico de uma fase da história da Espanha, faltava determinar quais seriam esses jornais.

---

<sup>127</sup> (TN): “o (re)florecimiento dos estudos baseados em *corpus* é fixado no começo da década de sessenta, marcado –em parte- pelo forte crescimento na utilização dos computadores no âmbito linguístico e o desenvolvimento de grandes projetos de investigação na Inglaterra e nos países escandinavos, a partir da construção de grandes *corpus* linguísticos digitais para o inglês” (PARODI, 2010, p. 28).

A primeira questão a resolver seria encontrar jornais que estivessem disponíveis *online* e que pudessem ser acessados, baixados e, a partir da utilização de programas computacionais, manipulados com a menor margem de erro de digitação possível. Para tanto, verificamos quais jornais estavam disponíveis para acesso *online* por meio da plataforma Google.

Deparamo-nos com os jornais *El Mundo*, *El País*, *La Voz de Galicia* e *La Vanguardia*, os quais disponibilizam *online* várias décadas de informação impressa. O jornal *El País* foi criado no ano de 1976, *El Mundo* em 1989 e *La voz de Galicia* em 1982. Dessa forma, não pudemos utilizá-los, pois, como foram criados a partir da década de 70, não poderiam apresentar edições de anos anteriores, como por exemplo, de 1940, que é um dos anos por nós pesquisado. Após a análise dos jornais disponíveis naqueles *sites*, verificamos que apenas *La Vanguardia* disponibiliza edições das décadas que neste trabalho estudamos, ou seja, os anos de 1940 e 1975.

*La Vanguardia*, redigido em castelhano, com alguns conteúdos em catalão, é um dos jornais editados na cidade de Barcelona, região da Catalunha, e bastante representativo dessa comunidade. Esse jornal foi fundado no ano de 1881 pela família Godó que ainda detém sua propriedade.

Essa região, a Catalunha, por fatores históricos anteriormente citados<sup>128</sup>, é conhecida como uma região linguística e politicamente diferenciada, que defende a manutenção da língua e da cultura catalã. Essa característica da região foi outro fator que nos impulsionou a escolher o referido jornal, haja vista que, durante o governo de Franco, as línguas e as culturas não castelhanas sofriam repressão por um aparato centralista e coercitivo (CALERO, 2003).

Dessa forma, este jornal se dirigia a um grande número de pessoas porque “el diario *La Vanguardia Española* de Barcelona, con una tirada superior a los 200.000 ejemplares, se distribuía por toda Cataluña y llegaba a Madrid”<sup>129</sup> (CALERO, 2003, p. 94).

Apresentamos a seguir, para ilustrar nossa discussão, as primeiras páginas do *La Vanguardia* em 1940 (Figura 2) e 1975 (Figura 3), respectivamente:

---

<sup>128</sup> Ver seção 2.

<sup>129</sup> (TN): “o diário *La Vanguardia Española de Barcelona*, com uma tiragem superior a 200,000 exemplares, era distribuído em toda a Catalunha e chegava a Madrid” (CALERO, 2003, p. 94).

Figura 2



Figura 3



Em Calero (2003, p. 86) encontramos a informação de que

en concreto, fueron las capitales más grandes del país donde se editó un mayor número de diarios, especialmente en Madrid y Barcelona, que también experimentaron el mayor crecimiento en el número de publicaciones periódicas editadas, no sólo por su potencial demográfico, sino también porque en ellas se publicaban los escasos diarios que tenían una cierta difusión nacional, caso de *ABC*, *YA* y *Pueblo* de Madrid, o regional como *La Vanguardia Española* de Barcelona<sup>130</sup>.

Os temas que se destacam nesse jornal, referindo-nos aos anos de nossa pesquisa, são os que se relacionam com a situação econômica e política da Espanha, e também da Europa, bem como a descrição sobre as guerras e suas consequências na vida da população que as enfrentava. Verificamos, também, notas de falecimento e classificados, anúncios publicitários, divulgação das festas religiosas das cidades, dos acontecimentos e críticas teatrais, de cinema, dos concertos, dos esportes, informações sobre o ensino no país e palavras cruzadas. No ano de 1975, além dessas informações, constam, ainda, informações meteorológicas. Assim, observamos “tanto aspectos de enunciação objetivada (resumos de notícias, relatórios, anúncios publicitários, transcrição de decretos e proclamações), quanto os

<sup>130</sup> (TN): “Na verdade, foram nas maiores capitais do país onde se editou um maior número de jornais, especialmente em Madri e Barcelona, que também experimentaram o maior crescimento no número de publicações jornalísticas editadas, não só devido ao seu potencial demográfico, mas também porque nelas foram publicados os escasos jornais que tinham certa difusão nacional, caso da *ABC*, *YA* e o *Povo de Madri*, ou regionais como *La Vanguardia Espanhola* de Barcelona” (CALERO, 2003, p. 86).

de enunciação subjetivada (as quase-críticas de arte, os relatos sobre a vida social)” (BOTTA, 2011, p. 224).

Por conseguinte, entre a verificação dos textos e temas do jornal e a elaboração das listas de frequência, percorremos várias etapas, as quais comentamos a seguir:

1) primeiramente salvamos os jornais em *pdf*, formato disponibilizado pelo jornal *online*, e os separamos em pastas divididas por ano e mês, como pode ser verificado na figura 4:

Figura 4



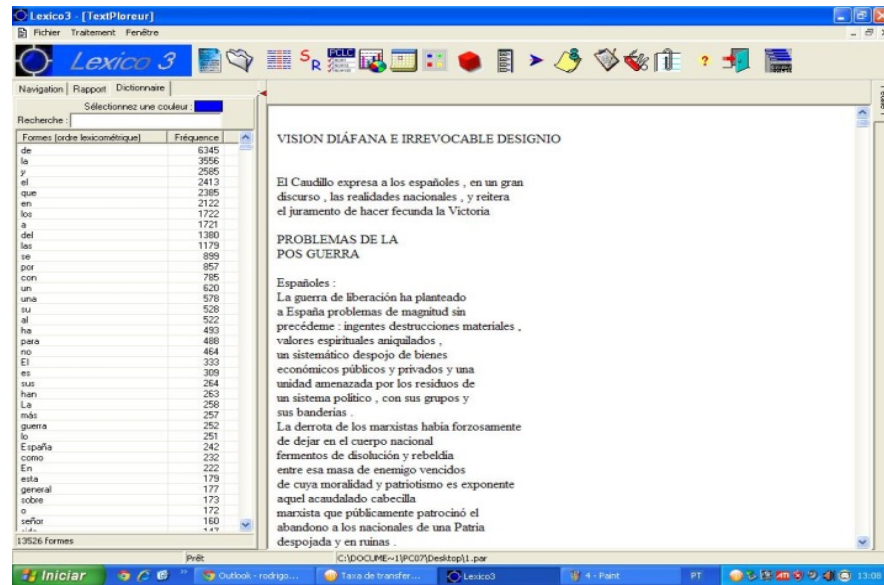
2) na sequência, transferimos os textos salvos para o programa computacional OCR (*Optical Character Recognition*, ou Reconhecimento Óptico de Carateres), que realizou a conversão dos textos do jornal que estavam em *.pdf*. para o formato *.doc*;

3) após esta conversão dos textos para o formato *.doc*, foi realizada uma revisão para sanar problemas de não identificação de caracteres na conversão;

4) logo depois da revisão dos textos em *.doc*, gravamos os textos em formato *txt*. e os passamos para o programa Léxico 3<sup>131</sup>, por meio do qual geramos as listas de frequência necessárias para a escolha das ULs que foram analisadas nesta pesquisa, conforme figura 5:

<sup>131</sup> Este programa foi desenvolvido pela equipe universitária SYLED-CLA2T (*Centre de lexicométrie et d'analyse automatique des textes, da Université Sorbonne Nouvelle Paris 3*). Tal ferramenta fornece dados estatísticos da frequência das unidades do *corpus*.

Figura 5



Escolhemos para a análise dos textos o período de janeiro a dezembro de 1940 e de janeiro a dezembro de 1975, sendo 12 jornais referentes a cada ano pesquisado e, portanto, o *corpus* que compõe esta pesquisa é formado por 24 edições do jornal *La Vanguardia*. Esses anos foram escolhidos por delimitações históricas, explicitados respectivamente, a saber: o início da concretização do poder do regime ditatorial militar do general Francisco Franco, e o ano de sua morte e recomeço da transição do regime político do país e da reconquista, pelos cidadãos, de direitos civis e políticos.

Com relação aos dias pesquisados, analisamos os textos relativos apenas ao primeiro dia da primeira semana de cada mês dos referidos anos. Ou seja, de cada mês, foram analisados jornais de apenas um dia do mês, sendo que os dias escolhidos para a coleta desses dados foram variados, englobando os sete dias semanais.

1940<sup>132</sup>1975

<u>Nº da</u> <u>Edição</u>	<u>Dia</u>	<u>Mês</u>
22.865	02	Janeiro
22.891	01	Fevereiro
22.916	02	Março
22.941	02	Abril
22.966	01	Mai
22.993	01	Junho
23.019	02	Julho
23.045	01	Agosto
23.072	01	Setembro
<u>Nº da</u> <u>Edição</u>	<u>Dia</u>	<u>Mês</u>
33.767	01/02	Janeiro
33.793	01	Fevereiro
33.817	01	Março
33.842	01	Abril
33.868	01	Mai
33.895	01	Junho
33.920	01	Julho
33.947	01	Agosto
33.974	02	Setembro
33.999	02	Outubro
34.026	01	Novembro
34.072	25/26	Dezembro

Por conseguinte, afirmamos que os dados obtidos a partir dos textos desse jornal expressam alguns resultados, mas ressaltamos também que “qualquer outro *corpus* diferente forneceria resultados diferentes” (BERBER-SARDINHA, 2004, p. 326).

Com os resultados obtidos após os textos convertidos, e a elaboração das listas de frequência constatamos que, de fato, o tema mais recorrente no jornal era o político-militar, conforme supúnhamos inicialmente. Assim, pensamos que a investigação das ULs

<sup>132</sup> Tabelas de edições do jornal *La Vanguardia* consultadas.

deveria partir das ULs relacionadas à atividade militar, não apenas por sua alta frequência, mas também por serem importantes na sociedade política da época.

#### 4.1.3 Critérios de Seleção das ULs para Análise

Durante a coleta dos dados, os textos que apresentavam informações sobre classificados e avisos fúnebres foram descartados. As listas de frequência que criamos são formadas por 100 ULs correspondentes a cada ano pesquisado, ou seja, para o ano de 1940 há uma lista de 100 ULs e para 1975 apresentamos outra lista com a mesma quantidade de ULs.

Para a seleção das ULs, consideramos, por questões de delimitação do tema, apenas os substantivos e adjetivos presentes em nossa lista de frequência, formando parte ou não de ULs mono ou pluriverbais, bem como não diferenciamos, pois, ULs que se apresentaram em singular ou plural.

Desse modo, um dos critérios de seleção das ULs foi o da frequência, por ser relevante para o desenvolvimento na área de análises linguísticas, uma vez que “há uma ligação entre a importância da frequência a fenômenos relevantes, tais como as mudanças linguísticas ao longo do tempo” (BERBER-SARDINHA, 2004, p. 163).

Dessa forma, a seleção das ULs estudadas foi realizada por meio de análises quantitativas e qualitativas, posto que esta dupla abordagem já se mostra frutífera em pesquisas de Lexicologia, como podemos encontrar nos trabalhos de Adelstein (2004), Paula (2007), Botta (2011), entre outras pesquisas expoentes para a análise do léxico.

Com o fito de restringir nossas análises, optamos por analisar apenas algumas ULs constantes das duas listas de frequência e outras ULs que não constavam nas duas listas de frequência, mas que poderiam expressar informações relevantes sobre o período histórico estudado, bem como de realidades vividas e relacionadas ao contexto histórico-político daquela época. Esse recorte na coleta de dados permitiu uma diminuição considerável dos dados a serem analisados.

Pela observação do universo total das ULs no *corpus* e apresentadas em listas, selecionamos um conjunto de 10 ULs, utilizando-nos dos critérios de frequência e também de relevância social, mesmo que essas ULs não tivessem frequência significativa na lista que elaboramos.

#### 4.1.4 Critérios de Análise das ULs

Visto que o léxico está em constante transformação, pois acompanha e reflete as mudanças sociais, as obras lexicográficas, todavia, não conseguem e nem podem acompanhar esse ritmo de criatividade da língua. Embora estejamos cômnicos de que seria difícil encontrar um dicionário que registre as mudanças das línguas, escolhemos para utilizar como *corpus de exclusão* o dicionário da *Real Academia Española*, pois sabemos que “a prática usual em trabalhos de lexicoestatística é de escolher um dicionário como base de referencia” (BIDERMAN, 1996, p. 34).

Assim, escolhemos o *Diccionario de la Real Academia (DRAE)* dos anos de 1947 (17ª edição) e 1984 (20ª edição)<sup>133</sup>, com o fito de observar se as acepções descritas a partir do *corpus* se encontravam registradas, se apresentavam matizes diferentes entre o que estava registrado e o que se comunicava nos jornais ou se se tratava de neologismos semânticos, ou seja, se o período franquista havia motivado o surgimento de novos significados àquelas ULs. Assim, o DRAE serviu-nos tanto como “base de referência” quanto como *corpus* de exclusão.

Portanto, na seção 5 – da descrição e análise, – apresentamos dois grupos de ULs selecionadas para a análise, a saber: (i) no primeiro momento analisamos ULs presentes nas duas listas de frequência, centrando-nos mais precisamente, na análise das ULs pertencentes ao campo léxico-semântico político-militar; (ii) na sequência, analisamos ULs que consideramos relevantes para este estudo, por serem essas expressivas do período histórico estudado.

---

<sup>133</sup> A escolha das citadas edições do DRAE se justifica em virtude de serem essas as publicadas mais proximamente aos anos pesquisados nesta tese.

## 5 INVESTIGANDO PALAVRAS-TESTEMUNHO<sup>134</sup>: DESCRIÇÃO E ANÁLISE DAS UNIDADES LÉXICAS

*Las lenguas reflejaban la mentalidad de las naciones y respondían a diferentes concepciones del mundo (OLANO, 2004, p.242)<sup>135</sup>.*

Nesta seção expomos dois estudos: o primeiro se refere à análise quantitativa dos dados gerais do *corpus*. Esta análise nos permitiu delimitar o tema da pesquisa: a área político-militar. Nesta etapa, organizamos duas listas ordenadas por suas frequências de ocorrência nos textos para a seleção das ULs a serem analisadas.

O segundo estudo, de cunho qualitativo, é a análise do campo léxico-semântico político-militar, constituído por ULs que constam das duas listas de frequência, bem como ULs que não estão presentes nas duas listas de frequência, mas que apresentam relevância social para a época. Nesta fase da análise, verificamos as ideias associadas às ULs nos textos, as ideias opostas também associadas a elas e a adjetivação que recebem. Portanto, devido a questões de limitação do tema para a elaboração da tese, nossas análises são compostas por 10 ULs e a seguir, expomos nossas considerações sobre elas.

### 5.1 ANÁLISE QUANTITATIVA DO *CORPUS* GERAL

Em relação aos dados referentes à frequência, por meio do uso do programa Léxico 3, comprovamos que as ULs com maior número de ocorrências no *corpus* dos anos de 1940 e 1975 são as relacionadas à política da Espanha, embora tenhamos verificado também a descrição de fatos históricos relacionados a outros países, mas em menor quantidade. A área militar também tem forte presença nos textos analisados, fato que converge com os estudos de Calero (2003, p. 52) quando esse autor expõe que “con el inicio de la Guerra Civil, los medios de comunicación social fueron instrumentalizados como armas propagandísticas por ambos bandos en conflicto”<sup>136</sup>. E esse autor acrescenta, ainda, que “a finales de 1942 y principios de 1943 la información de guerra ocupaba el primer lugar en el interés de los lectores”<sup>137</sup> (CALERO, 2003, p. 118).

<sup>134</sup> Tomamos emprestada a expressão de Matoré (1953), pois, a nosso ver, essa se relaciona com as ULs aqui analisadas.

<sup>135</sup> (TN): “As línguas refletiam as mentalidades das nações e correspondiam a diferentes concepções de mundo”.

<sup>136</sup> (TN): “com o início da Guerra Civil, os meios de comunicação sociais foram instrumentalizados como armas de propagandas por ambas partes em conflito” (CALERO, 2003, p. 52).

<sup>137</sup> (TN): “no final de 1942 e início de 1943 a informação de guerra ocupava o primeiro lugar no interesse dos leitores” (CALERO, 2003, p. 118).

Entre as 200 ULs de nossa lista (consideramos apenas os adjetivos e substantivos), verificamos que, aproximadamente, 50 são referentes à atividade militar ou política<sup>138</sup>. Apesar de representar 25% das ULs das listas, essa porcentagem é representativa, pois, ocupa uma parte relevante dos temas mais recorrentes no jornal em análise.

Nas duas tabelas a seguir apresentamos as 200 ULs, excluindo-se as palavras gramaticais, com maior número de ocorrências no *corpus*:

**Tabela 1 - ULs de 1940<sup>139</sup>**

ULs	Ocorrências
<b>1. Guerra</b>	252
2. España	242
3. gran (es)	178
<b>4. general</b>	177
<b>5. Estado (s)</b>	162
6. Señor	160
<b>7. Ministro</b>	129
8. día (s)	124
<b>9. nacional</b>	119
10. aleman (es)	114
<b>11. Gobierno</b>	106
<b>12. Ejército</b>	105
13. Jefe	98
<b>14. Caudillo</b>	96
<b>15. Tropas</b>	96
16. Alemania	93
17. Inglaterra	93
<b>18. Militar</b>	89
19. Italia	85
20. Fuerzas	85
<b>21. Política</b>	76
22. español (es)	76
23. paz	67
24. Pueblo	67
25. Vida	66
<b>26. autoridades</b>	65
27. Madrid	64
28. Situación	64
29. Año	62
30. Europa	58
31. Francia	58
<b>32. Civil</b>	<b>57</b>
<b>33. Presidente</b>	57
34. Aviones	56

<sup>138</sup> As unidades que consideramos relacionadas à atividade militar estão assinaladas em negrito.

<sup>139</sup> Dados retirados de textos do *La Vanguardia* de 1940.

35. Mañana	56
<b>36. Franco</b>	54
<b>37. Movimiento</b>	54
38. Número	53
39. Nuevo	52
40. Tempo	52
41. Millones	51
42. Ciudad	49
43. Tarde	49
44. Acto	48
<b>45. Embajador</b>	48
46. Primer	48
47. Región	47
<b>48. Lucha</b>	45
49. Mayor	45
50. Ayer	44
<b>51. gobernador</b>	44
52. ingleses	44
<b>53. oficiales</b>	44
54. Londres	43
55. Noruega	43
56. Dunkerque	42
<b>57. Coronel</b>	42
58. Señora	42
59. Rojo	41
<b>60. Patria</b>	41
61. Momento	41
<b>62. Nación</b>	41
63. Palabras	41
<b>64. Falange</b>	40
<b>65. Ataques</b>	40
66. Bajo	40
67. Primera	40
68. París	39
69. Menos	39
70. Nueva	39
71. Orden	39
72. Países	39
<b>73. Generalísimo</b>	38
74. Actual	38
<b>75. Enemigos</b>	38
76. Alemana	37
77. Desfile	37
78. Discurso	37
79. Público	37
80. Prensa	36
81. Barcos	36
82. Británico	36
83. Acción	35
<b>84. Alcalde</b>	35
85. Lugar	35
86. Mundo	35
87. Noche	35

88. Campo	34
89. Cuenta	34
90. Obra	34
91. Problemas	33
<b>92. Soldado</b>	<b>33</b>
93. Caso	33
94. subsecretario	33
95. Victoria	32
96. Campaña	31
97. actitud	30
98. artículo	30
<b>99. batalla</b>	<b>30</b>
100. hombres	30

**Tabela 2 - ULs de 1975<sup>140</sup>**

ULs	Ocorrências
1. señor	180
2. España	177
3. año (s)	130
<b>4. Estado (s)</b>	<b>129</b>
<b>5. Presidente</b>	<b>127</b>
<b>6. general (es)</b>	<b>121</b>
<b>7. Gobierno</b>	<b>82</b>
<b>8. Nacional</b>	<b>80</b>
9. Madrid	78
<b>10. Ley</b>	<b>76</b>
11. español (es)	72
12. país	68
<b>13. política</b>	<b>59</b>
14. pesetas	55
15. proyecto	55
16. Unidos	53
<b>17. Ministro</b>	<b>54</b>
<b>18. Consejo</b>	<b>51</b>
19. Tiempo	50
20. Día	49
21. Momento	49
22. Mañana	49
23. Españolas	47
24. Hoy	46
25. Parte	43
26. Director	40
27. Vez	40
28. Personas	39
29. Tarde	39
30. José	38
31. Mundo	38
32. Orden	37

<sup>140</sup> Dados retirados de textos do *La Vanguardia* de 1975.

33. Situación	37
34. Ford	36
35. Juan	35
36. Europa	35
37. Barcelona	34
<b>38. Ministerio</b>	<b>34</b>
39. Horas	34
40. trabajadores	34
41. paz	33
42. policía	33
<b>43. Príncipe</b>	<b>32</b>
44. Gran	32
<b>45. Franco</b>	<b>32</b>
<b>46. Movimiento</b>	<b>32</b>
47. problemas	31
48. vida	31
49. contra	30
50. económica	30
51. población	30
<b>52. Cortes</b>	<b>29</b>
53. Marruecos	29
54. Defensa	29
55. Forma	29
56. Actual	28
57. Cuenta	28
58. Carlos	28
59. Pueblo	28
60. Trabajo	28
61. Seguridad	27
62. Ciudad	26
63. cooperación	26
<b>64. autoridades</b>	<b>25</b>
65. carácter	25
66. empresa	25
<b>67. jefe</b>	<b>25</b>
68. manera	25
69. Trabajo	24
<b>70. Civil</b>	<b>24</b>
71. Especial	24
72. Futuro	24
73. Respecto	24
74. Asuntos	24
75. Asociación	23
76. Comisión	23
77. Crisis	23
78. Hombre	23
79. miembros	23
80. participación	23
81. precios	23
82. Argelia	22
83. Noche	22
84. María	21
85. Prensa	21

86. importante	21
<b>87. político</b>	<b>21</b>
88. provincia	21
89. pública	21
<b>90. régimen</b>	<b>21</b>
91. social	20
92. cambio	20
93. nuevo	20
<b>94. oficial</b>	<b>20</b>
95. poder	20
96. secretario	20
97. visita	20
98. administración	19
99. acuerdo	19
100. aeropuerto	19

Após a elaboração das listas de frequência, confirmamos nossas afirmações anteriores, pois verificamos que o ano de 1940 é fortemente marcado pela presença de ULs relacionadas ao regime político e militar daquela época, sendo que a UL *guerra* ocupa o primeiro lugar da lista, com 252 ocorrências, mas esta não está contemplada na lista de 1975.

Também destacamos que, nas listas dos dois anos pesquisados, há 10 ULs em 1940 e aproximadamente 8 ULs em 1975 que designam títulos ou cargos tais como, *general, embajador, gobernador, alcalde, director, soldado, ministro, gobierno, jefe, caudillo, príncipe, presidente*, entre outros. De acordo com o que apresentamos na seção 2<sup>141</sup> desta tese, observamos que, naquele momento, década de 40, a Espanha estava passando por uma ratificação do poder do governo ditatorial e uma, entre outras, das armas utilizadas para essa “imposição” do novo governo era o uso da imprensa e sua força de persuasão nas informações apresentadas aos leitores.

Referindo-nos ao ano de 1975, constatamos em nossa lista a presença de ULs como *proyecto, personas, trabajadores, defensa, trabajo, cooperación, futuro, participación, Asociación, hombre, seguridad, acuerdo* entre outras que, são relevantes para demonstrar quais ULs apareciam mais frequentemente nos textos pesquisados, dando a conhecer alguns aspectos de assuntos de maior destaque naquele momento histórico no país, assuntos envolvendo ULs que provavelmente revelavam as transformações e anseios da população por mudanças. Sendo assim, observamos que em 1975, abria-se a possibilidade de discussão sobre temas antes não apresentados pelos textos analisados, pois, a partir da verificação das ULs anteriormente mencionadas, vemos uma mudança no foco das notícias, e essas nos desvelam uma possível mudança do panorama de temas políticos discutidos na

<sup>141</sup> Pode ser consultada a partir da página 41.

Espanha. Ratificamos nossa constatação também com a informação de que a UL *ejército* não consta das 100 ULs mais frequentes nos textos analisados no ano de 1975, diferentemente do ano de 1940, no qual essa UL ocupa a 12ª posição na lista das mais frequentes.

Nossas constatações encontram respaldo em Martínez (*et. al.*), pois para esse autor, no momento da transição política espanhola, muitas ULs outrora utilizadas pelos jornais foram desaparecendo, pois se apresentava uma nova realidade econômica, social, religiosa e, sobretudo, política no cenário do país. Nas considerações desse autor, “fueron desapareciendo todas aquellas palabras que suponían enfrentamiento, resentimiento, humillación, odio, rencor entre los dos bandos, entre las dos Españas”<sup>142</sup> (MARTÍNEZ, *et. al.*, 2006, p. 13). Encontramos exemplos para essa afirmação nas ULs *rojo*, *Caudillo*, *ejército*, *guerra*, entre outras verificadas no *corpus*, que eram muito presentes no ano de 1940 e que perderam força de uso no ano de 1975, como podemos verificar mais adiante na análise.

Desse modo, observamos que a inexistência de algumas ULs na lista de frequência também é um fator relevante para nossa discussão, haja vista que, ao conhecermos as ULs mais frequentes, ou aquelas que são evitadas no discurso, podemos desvelar o que a linguagem nos ensina a respeito de uma época e sua constituição. Constatamos, igualmente, que são muitos os nomes de países, cidades e os gentílicos presentes nas listas de frequências; por isso optamos por reagrupar essas ULs em outras tabelas, a seguir apresentadas:

**Tabela 3** - Países/Cidades/Nacionalidades de 1940<sup>143</sup>

ULs	Frequência
1. España	242
2. Alemania	93
3. Inglaterra	93
4. Italia	85
5. Españoles	76
6. Alemanes	66
7. Madrid	64
8. Francia	58
9. Alemán	48

<sup>142</sup> (TN): “foram desaparecendo todas aquelas palavras que expressavam enfrentamento, ressentimento, humilhação, ódio, ou rancor entre os dois lados, entre as duas Espanhas” (MARTÍNEZ *et al.*, 2006, p. 13).

<sup>143</sup> Dados retirados de textos do *La Vanguardia* de 1940.

10. Ingleses	44
11. Londres	43
12. Noruega	43
13. Durkenque	42
14. París	39
15. Alemana	37
16. Britânico	36

**Tabela 4 - Países/Cidades/Nacionalidades de 1975<sup>144</sup>**

ULs	Frequência
1. España	177
2. Madrid	78
3. Barcelona	34
4. Marruecos	29
5. Argelia	22

Essa tabela apresenta mais coincidências entre algumas ULs com maior frequência nas listas dos dois anos pesquisados. Comentamos brevemente, a seguir, algumas delas.

#### Exemplo 1: *España*

Entre as coincidências verificadas, podemos citar a UL *España* como sendo a UL com maior número de ocorrência entre as ULs mais frequentes. Na lista de 1940, essa UL é a segunda mais frequente e, em 1975, também ocupa esse lugar, totalizando nas duas listas, 419 ocorrências.

Encontrar a UL *España* como a mais frequente entre os países não é fator de surpresa, haja vista que, nos dois anos pesquisados, vemos temas importantes da história deste país sendo discutidos e refletidos nos textos jornalísticos. Nos contextos selecionados, no ano de 1940, a UL *España* refere-se, na maioria das vezes, à necessidade de união do país e de seu povo, para a obtenção de uma nação mais “forte e próspera”.

Assim, encontramos, majoritariamente, situações de “apoio” ao governo franquista, pois, de acordo com a análise dos contextos pesquisados, o jornal expressa a ideia de que o apoio a esse regime governamental ajudaria a Espanha a ser um país mais livre, justo e unido. Aqueles que não buscavam esse mesmo objetivo eram descritos como

<sup>144</sup> Dados retirados de textos do *La Vanguardia* de 1975.

perniciosos, criminosos, assassinos, assim como podemos observar no excerto a seguir apresentado:

No por pequeños hemos de despreciar a nuestros **enemigos**. A nadie se oculta que vivimos los momentos políticos más interesantes de nuestra historia, y en ellos han do unirse para el ataque los **enemigos** internos de nuestra nación, con la eterna **anti-España**, entre los que destacan esos pequeños grupos de **cretinos** que pasean su miseria física y moral, alternando las tertulias frívolas con los lugares de crápula, para verter en ellos las consignas que del extranjero les remiten, y que no vacilan en buscar ambiente hasta en aquellos sectores de población afectados por el área penitenciaria, intentando echar sobre el régimen que parecen patrocinar el baldón de hermanarlo con una **monstruosa** impunidad para los **crímenes** de nuestros hermanos (LA VANGUARDIA, 1940)<sup>145</sup> (grifo nosso).

Contudo, no ano de 1975, os contextos analisados nos apresentam outro panorama. A UL *España* se relaciona à ideia de um país que buscava perspectivas melhores para seu futuro com o advento de um novo governo, pois “se fue eliminando u ocultando todo aquello que había sido machaconamente usado por el franquismo en beneficio de sus intereses y en detrimento de la seguridad de los perdedores”<sup>146</sup> (MARTÍNEZ, *et al.*, 2006, p. 15).

Nessa época, nos deparamos com ULs que apresentam a ideia de uma possível relação de convivência entre as “duas Espanhas”. Mas, ainda assim, em 1975, a linha principal do jornal se mantém, ou seja, o discurso de apoio ao regime de governo está evidente. Verificamos também, contextos que expressavam o desejo de paz para Espanha, de possibilidade de reconquista dos direitos civis naquele momento, mas sempre esclarecendo, por parte do jornal, que esses direitos deveriam ser pautados nas bases estabelecidas por Franco e por seu sucessor escolhido por ele, o Príncipe Juan Carlos.

Nesse momento, surge no cenário político, a figura do então Príncipe Juan Carlos Alfonso Víctor María de Borbón y Borbón-Dos Sicilias, Rei Juan Carlos, chefe da Espanha até junho de 2014.

Anos antes, a partir de 1947, o governo franquista pretendeu tornar mais ameno o regime político instaurado na Espanha, abandonando algumas características totalitárias, na tentativa de aproximar-se às democracias ocidentais, das quais foi alijado. Esse

<sup>145</sup> Optamos por apresentar os contextos do *corpus* em fonte menor que a do corpo do texto, separados por espaço simples e com a indicação da data da publicação em todas as aparições nesta tese.

<sup>146</sup> (TN): “Foi se eliminando ou escondendo tudo aquilo que tinha sido insistentemente usado pelo regime de Franco, em benefício dos seus interesses e em detrimento da dignidade dos perdedores” (MARTINEZ, *et al.*, 2006, p. 15).

plano tinha como objetivo salvaguardar a ditadura, mas adaptando-a às novas circunstâncias externas. Segundo Calero (2003, p. 71)

para ello, se utilizó la imagen política de los católicos y se promovió una serie de reformas políticas y administrativas que instauraban una “democracia orgánica” y, con la aprobación plebiscitaria de la Ley de Sucesión, una “Monarquía católica, social y representativa.”<sup>147</sup>

Para ratificar nossa afirmação, segue um excerto do jornal de 1975:

Franco, que *victoriosamente* dirigió la guerra, ha sabido siempre cuál era el horizonte hacia el que debía dirigirse el país; lo supo en las horas difíciles, cuando la segunda guerra mundial abría una nueva época de angustias, y lo supo, con *sagaz clarividencia* histórica, cuando designó al príncipe Juan Carlos sucesor a título de rey. España está girando ahora sobre *los gozones del porvenir* y es, precisamente, a ese porvenir hacia donde nos orientan todas las enseñanzas que cabe deducir de las dolorosas experiencias pasadas. En tal sentido, la fotografía que ilustra estas líneas, en la que Franco y el príncipe aparecen en la presidencia de un acto oficial, evoca simbólicamente la necesaria conjunción de respeto al pasado y de esperanza para lo venidero en el diálogo de las generaciones (*LA VANGUARDIA*, 1975).

Conforme afirmamos, apesar do discurso de esperança e de mudança no panorama político, as ULs relacionadas a Franco são frequentemente de expressão (sentido) positiva. Outras informações referentes à área da saúde, às relações internacionais, à economia podem ser encontradas nos contextos que envolvem a UL aqui descrita. Encontramos também partes de discursos políticos e documentos oficiais sendo reproduzidos pelo jornal, com o fito de complementar ou detalhar as notícias publicadas, entrelaçando os discursos político e jornalístico, que algumas vezes se aproximam ao midiático, pela maneira como se promovem as ideias franquistas. Nas considerações de Calero (2003), havia durante a ditadura a obrigatoriedade de colocar nos textos jornalísticos a íntegra de discursos oficiais do Estado para que os leitores se “informassem” sobre a situação do país, seus acontecimentos e, sobretudo, suas novas “leis”.

Dessa forma, chamamos a atenção, para o fato de que essa UL se relaciona a ideias diferentes nos diferentes anos pesquisados. Em 1940, a UL *España* se relacionava à luta entre os franquistas, “defensores do povo” e da manutenção da ordem no país, e os opositores de Franco, considerados inimigos da prosperidade e ordem na Espanha. Já em 1975, a ideia de emancipação política, de prosperidade e de esperança de liberdade estava explícita nos contextos analisados.

<sup>147</sup> (TN): “Para tanto, foi utilizada a imagem política dos católicos e se promoveu uma série de reformas políticas e administrativas que instauravam uma “democracia orgânica” e, com a aprovação por plebiscito da Lei de Sucessão, uma “Monarquia Católica, social e representativa” (CALERO, 2003, p. 71),

Assim, a alta frequência da UL *España* pode ser atribuída à situação vivenciada pelo país nos anos de 1940 e de 1975, pois constatamos que as ULs mais frequentes nesse jornal nas referidas épocas eram as que descreviam a situação de guerra, ou de uma reorganização político-militar imposta ao país naqueles períodos de tempo. Sendo assim, afirmamos que cada ano pesquisado apresentava a UL *España* relacionando-se a sentidos diferentes de entendimento (FERNANDES, 2007).

#### Exemplo 2: *Alemania*

Após a UL *España*, outra UL com maior número de frequência é a *Alemania*, no ano de 1940, com 93 ocorrências. Esse país era um forte aliado político da Espanha, e conseqüentemente, do general Franco.

A menção à Alemanha aparece, nesse ano, sempre como um país aliado, e Hitler mencionado também como uma peça importante para o cenário político espanhol. Assim, em 1940, o referido jornal faz menção a Hitler como um libertador, como um exemplo a ser seguido, sendo “favorável” a suas decisões. O excerto do jornal ratifica nossa afirmação:

[...] el ministro de Asuntos Extranjeros, ha obsequiado con un banquete de despedida al embajador de España en Berlín, marqués de Magas que abandonará la capital alemana dentro de pocos días después de haber representado a España cerca del Gobierno del Reich durante tres años. Ausente de Berlín el ministro von Ribbentrop presidió el almuerzo el subsecretario del Ministerio de Asuntos Exteriores, barón von Weizahecker. El acto, al que asistió también el alto personal de la Embajada española, constituyó una prueba más de la cordial amistad existente entre Alemania y España (LA VANGUARDIA, 1940)

Em 1975 essa UL já não consta mais dos textos jornalísticos tanto quanto aparecia em 1940, mas sim constam países como Marrocos e Argélia cuja frequência se deve ao fato de que, no ano de 1975, Marrocos, apoiado pela Argélia, iniciou uma guerra contra Espanha pela posse do território espanhol no Saara. Marrocos reivindicava esse território e, para tanto, o governo marroquino da época enviou ao Saara milhares de civis desarmados, incluindo prisioneiros liberados na condição de aderir à causa, fato que se tornou conhecido na história como “Marcha Verde”. Nas considerações de Calderón (2006, p. 150),

la *Marcha Verde*, iniciada el 6 de noviembre, consiguió llegar a frontera y, por mandato de la ONU, el ejército español se retiró varios kilómetros para evitar algún incidente grave. La *Marcha* se interrumpió y la resolución del conflicto pasó a desarrollarse por vías diplomáticas menos visibles. El 14 de noviembre, seis días antes de la muerte de Franco, se concluía el *Acuerdo Tripartito de Madrid* por el que España aceptada retirar sus tropas y dividir el territorio del Sáhara entre Marruecos y Mauritania.<sup>148</sup>

Portanto, uma vez mais, a história, a cultura, os acontecimentos sociais são refletidos na língua e em seu uso.

### Exemplo 3: *Inglaterra*

A Inglaterra, o terceiro com maior frequência em nossa lista, é descrito no jornal como um país que tem interesses contrários aos da Alemanha e Itália, portanto, é adversário de Espanha.

### Exemplo 4: *Itália*

A UL Itália é mencionada no jornal, em 1940, também como país aliado da Espanha e é descrito, assim como a Alemanha, como “vítima” dos outros países que contra ela se posicionavam. Pelos contextos verificamos que a Itália e a Alemanha são descritas como países que buscam a paz, mas que não a conseguem devido à falta de entendimento de seus opositores a respeito de suas reivindicações, a saber:

Los diarios berlineses coinciden en poner de relieve que la labor de pacificación de Europa sudoriental, efectuada por Alemania e Italia en circunstancias peligrosas y en plena lucha, con Inglaterra, constituye una prueba de la vitalidad de las naciones del Eje y de sus deseos de limitar la extensión de la lucha que en la actualidad ensangrienta Europa (LA VANGUARDIA, 1940).

Assim, a Itália e a Alemanha foram “obrigadas a se defender” do mal causado a elas por países que não queriam “encontrar a paz”. A partir dos contextos analisados, esses países, na maioria das vezes, são descritos no jornal como vítimas dos ataques incompreensíveis dos outros que optam pelo combate e não pelo “diálogo”.

<sup>148</sup> (TN): “a marcha verde, que começou em 6 de novembro, conseguiu chegar a fronteira e, por mandato da ONU, o exército espanhol se retirou vários quilômetros para evitar qualquer incidente grave. A marcha foi interrompida e a resolução do conflito foi desenvolvida por canais diplomáticos menos visíveis. Em 14 de novembro, seis dias antes da morte de Franco, concluiu-se o acordo Tripartido de Madri no qual Espanha aceitava retirar suas tropas e dividir o território do Saara entre Marrocos e Maurítânia” (CALDERON, 2006, p. 150).

#### Exemplo 5: *França*

Em quinto lugar, encontramos França. Esse país, junto à Itália, aparece nos textos pesquisados no ano de 1940 como um dos países “responsáveis” pela situação de guerra pela qual passava a Europa. Os adjetivos e advérbios usados pelo jornal para descrever o avanço das tropas alemãs no território francês são, na maioria das vezes, positivos, como *satisfactoriamente*, *espectacular*, *fulminante*, posicionando favoravelmente os textos do jornal com relação ao desempenho da Alemanha e seus aliados, nas conquistas bélicas.

#### Exemplo 6: *Noruega*

A aparição da Noruega na lista de frequência se deve ao fato de que, em 1940, os alemães a invadiram e, fizeram recuar as tropas aliadas, Reino Unido e França. Essa batalha acabou em definitivo quando toda a extensão do território da Noruega foi ocupada pelo exército alemão. A Noruega ainda tentou resistir à invasão alemã durante dois meses, (entre 9 de abril de 1940 até 10 de junho), fato que faz do país um dos que mais resistiu a um ataque alemão durante a guerra.

#### Exemplo 7: *Estados Unidos*

No “final” da ditadura franquista, os Estados Unidos estavam muito presentes na política e economia do país, já anteriormente ajudada por eles nos anos 50. Nesta década, a Espanha era considerada, pelos Estados Unidos, ponto geográfico estratégico contra a União Soviética. Esse fato culminou na aliança entre Espanha e os Estados Unidos para que ambos os países pudessem lucrar: os Estados Unidos teriam mais facilidade de ataque contra a União Soviética e a Espanha teria o fim do isolamento internacional de seu regime ditatorial e conseguiria a abertura da economia nacional. Essa união ficou tão fortemente marcada na história da Espanha que, no ano de 1953, dirigido pelo cineasta Luís Garcia Berlanga, foi produzido um filme sob o título *Bem-vindo Mr. Marshall*. Dessa forma, o sobrenome Ford, referindo-se ao presidente Gerald Ford (governo dos USA de 1974 a 1977), aparece também em nossa lista de frequência por suas visitas ao país durante o ano de 1975.

Assim, cabe ressaltar que as ULs *estados e unidos* aparecem quase com o mesmo número de frequência na lista de ULs de 1975 devido a constante presença do país em relações políticas com a Espanha daquela época.

#### Exemplo 8: *Madrid*

Referindo-nos ainda às coincidências entre as duas listas, observando os países e cidades presentes no *corpus*, podemos destacar a presença da UL *Madrid* nas duas tabelas. Entre as cidades, tanto nos anos de 1940 quanto em 1975, a que aparece em primeiro lugar, com maior frequência, é a capital da Espanha. Essas ocorrências podem ser pautadas no fato de que Madri sempre foi uma cidade com grande importância na Espanha, sendo a capital do país e também durante a ditadura militar, sede do governo espanhol.

Em 1940, essa UL aparece sendo descrita como o local onde as maiores e mais calorosas manifestações aconteciam, mas o jornal ressalta que estas manifestações, em sua maioria, eram favoráveis ao governo de Franco.

Em 1975 essa UL aparece, entre outros assuntos, também para referir-se ao local onde o “Caudillo” estava enfrentando momentos difíceis com relação a sua saúde. Há a descrição de manifestações desfavoráveis ao governo, mas, ainda em 1975 são classificadas como conflitos promovidos pelos universitários, e também “terroristas”. Ou seja, aqueles que se atrevessem a pensar diferente do que lhes era estabelecido eram tratados sob a mesma designação pejorativa mesmo no ano de 1975. Nos exemplos a seguir, podemos constatar algumas ULs que eram relacionadas aos opositores do regime, tais como *salvajes*, *terrorismo*, *asesinos*, *subversivos*, *siniestra*. Já as ULs relacionadas ao regime expressavam a ordem e a paz que o governo proporcionava aos seus: *víctimas*, *defensa*, *paz*, *orden*, *abnegadas*, *justa*, *seguridad*, *metas*, conforme ilustramos:

Ayer, en Madrid, mientras el centro de la capital hervía ya de fervor patriótico ante la magna concentración de homenaje a Franco, cuatro servidores del orden, de guardia en distintas sucursales bancarias, eran víctimas de otros tantos salvajes atentados. Si es que todavía hacía falta alguna fatídica muestra más del sanguinario proceder de la rama española del terrorismo internacional, para convencerse de las razones que asisten a nuestros gobernantes en la puesta en práctica de eficaces medida de defensa de la paz y del orden, nos toca hoy contabilizar estos nuevos y espeluznantes asesinatos, resultado evidente de una siniestra operación perfectamente calculada. Nadie, ni en la misma oposición al Régimen que se considere civilizada, puede aceptar y menos justificar este tipo de desafío. Nadie ya,

suponemos, en la Europa sinceramente democrática se puede llamar a engaño y buscar atenuantes a una *acción subversiva* que intenta a sangre y fuego cerrar los caminos de la *evolución política* y de la convivencia pacífica. Pero con todo el dolor que nos producen tan *incalificables agresiones* a las *abnegadas instituciones que aseguran el orden público*, es deber de nuestros políticos no dejarse intimidar, no desfallecer y perseverar hacia las grandes metas propuestas, en la seguridad de que la gran mayoría de los españoles están resueltamente contra la violencia y *en favor de una sociedad justa libre y en orden* (LA VANGUARDIA, 1975).

#### Exemplo 9: *Londres*

Ainda referindo-nos às cidades encontradas no *corpus*, depois de Madri, temos a UL *Londres*. O jornal descreve que as atividades inglesas, no ano de 1940, objetivavam dificultar e até impedir as exportações de carvão à Itália. Também encontramos informações sobre a tentativa da Inglaterra em estabelecer relações com a Itália na compra de carvão do governo italiano, mas esse país, aliado fiel da Alemanha, preferiu negar-se à negociação.

De acordo com os contextos identificados no jornal, o governo inglês solicitava, sobretudo aos jovens, para que defendessem a Inglaterra com seu sangue contra os invasores inimigos. Descrições sobre ataques aéreos e as linhas férreas também estavam presentes nos contextos que incluem a UL *Londres*. Essas mesmas descrições podemos encontrar quando nos reportamos aos contextos relacionados à UL *París*.

Com relação aos gentílicos, registramos ULs como *alemanas, alemán, español (es), ingleses, italiano, británico* entre as mais frequentes, mas apenas no ano de 1940, pois em 1975 já não temos, compondo nossa lista de frequência, nenhuma UL referindo-se a gentílicos.

Após essas reflexões, ratificamos nosso posicionamento de que o estudo sobre léxico e, suas relações de significado, nos permite investigar as diferentes formas de uso das ULs, tais como seus empregos preferenciais, as recorrências e suas restrições de uso, dando-nos a conhecer uma parte da história de um povo.

## 5.2 ANÁLISE QUALITATIVA DAS UNIDADES LÉXICAS

Nesta seção do trabalho, reagrupamos, em uma nova tabela, as ULs presentes nas duas listas de frequência anteriormente apresentadas. Essa nova lista é formada por 38 ULs, conforme expomos a seguir:

**Tabela 5 -** ULs presentes nas listas de 1940 e 1975<sup>149</sup>

No.	ULs	Ocorrências 1940	Ocorrências 1975
1	España	242	177
2	General	219	97
3	gran (es)	178	32
4	Estado (s)	162	129
5	señor	160	180
6	Ministro	129	54
7	Día	124	82
8	Nacional	119	80
9	año (s)	116	130
10	Gobierno	106	82
11	Jefe	98	25
12	Política	76	59
13	Paz	67	33
14	Pueblo	67	28
15	Vida	66	31
16	Autoridades	65	25
17	Madrid	64	78
18	Situación	64	37
19	Europa	58	35
20	Civil	57	24
21	Presidente	57	127
22	Mañana	56	49
23	Franco	54	32
24	Movimiento	54	32
25	Nuevo	52	20
26	Tiempo	52	50
27	Ciudad	49	26
28	Tarde	49	39
29	Espanoles	46	78
30	Momento	41	49
31	Orden	39	37
32	Países	39	46
33	Actual	38	28
34	Prensa	36	21
35	Mundo	35	38
36	Noche	35	22
37	Cuenta	34	28
38	Problemas	33	31

<sup>149</sup> Dados retirados de textos do *La Vanguardia* de 1940 e 1975.

Ao elaborar a tabela 5, constatamos que algumas ULs que não se faziam presentes nas duas listas de frequência, apresentavam relação com os anos pesquisados, e, como exemplo, citamos a UL *rojo*. Diante disso, optamos também em analisar não apenas ULs constantes das duas listas de frequência, mas também algumas que não constam das duas listas, mas que expressavam marcadamente relação com o período histórico das épocas estudadas.

Assim, apresentamos nossas análises nas seções 5.2.1 e 5.2.2.

Devido ao grande volume de informações referentes a cada análise das ULs, e também por delimitações do tema, optamos em investigar 10 ULs que serão aqui apresentadas:

**Tabela 6 - ULs analisadas**

No.	ULs selecionadas	Ocorrências 1940	Ocorrências 1975
1	Estado	162	129
2	Nacional	119	80
3	Paz	67	33
4	Ley	-----	76
5	Rojo	41	-----
6	Movimiento	54	32
7	Caudillo	96	-----
8	Lucha	45	-----
9	Política	76	59
10	Gobierno	106	82

Os traços de significação aqui apresentados foram obtidos pela comparação das ocorrências das ULs no *corpus* com as definições nos dicionários DRAE. Fizemos essa verificação por considerarmos que este dicionário pode refletir um posicionamento coerente do significado das ULs, pois nele encontramos uma descrição racional dos significados em LE. Sobre o uso do dicionário, Martínez (2002) afirma que

como ningún diccionario es inofensivo -así como ninguna palabra es inocente- todos ellos delatan, por lo general, los prejuicios, los usos y las incertidumbres de la época en que se escriben. Quizás el mejor medio para conocer a una nación es lo que hace ella con su lenguaje.

Esse método foi aplicado a todas as ULs do campo léxico-semântico político-militar analisadas nesta tese.

Referindo-nos ao jornal pesquisado, não pretendemos neste trabalho julgar sua ideologia, buscamos somente pesquisar os sentidos atribuídos a determinadas ULs nos

dois anos estudados, bem como analisar em que medida algumas ULs eram utilizadas, pois entendemos que a aceção de cada UL também é constituída nos e pelos contextos em que ela aparece.

### 5.2.1 Unidades Léxicas Frequentes nas Listas de 1940 e 1975

#### 1) Unidade Léxica *Movimiento*

Uma das ULs da lista que merece especial atenção é *Movimiento* que, no ano de 1940, apresenta 54 ocorrências, e no ano de 1975, 32. No primeiro ano, a UL *Movimiento* predomina com inicial maiúscula (47 vezes) contra apenas sete ocorrências com letra minúscula. Com respeito ao ano de 1975, das 32 ocorrências, apenas quatro estão grafadas com inicial minúscula.

Em nossa análise, a UL *Movimiento*, com letra inicial maiúscula, apresenta um significado que se refere ao único partido político permitido durante o regime ditatorial de Franco, cujo nome completo era *Falange Española Tradicionalista y de las Juntas de Ofensiva Nacional Sindicalista*. Esse “partido”, criado ainda no início da Guerra civil, era formado pela união dos nacionalistas que apoiavam os militares, que por sua vez eram destacados com o nome de *Alzamiento Nacional*. Foi nesse momento que houve a dissolução de todos os outros partidos políticos, sendo proibidos de exercer qualquer tipo de manifestação.

Nas considerações de Zorilla (2002), o chamado *Movimiento Nacional* era um partido único de difícil categorização e, assim, podemos entender que, a partir da criação desse partido político, “no hubo más que el franquismo, en alusión al proceso de domesticación y burocratización de las diferentes corrientes políticas llevado a cabo por Franco”<sup>150</sup> (ZORILLA, 2002, p. 31). Nos DRAE dos anos de 1947 e 1984<sup>151</sup>, respectivamente, essa UL é descrita com aceções diferentes, pois em 1947 não encontramos nenhuma referência dessa UL relacionando-se a tendência política. Já no DRAE de 1984, essa aceção é apresentada como:

<sup>150</sup> (TN): “não houve mais que o franquismo, referindo-se ao processo de domesticação e burocratização das diferentes correntes políticas realizadas por Franco” (ZORILLA, 2002, p. 31).

<sup>151</sup> Como apresentamos na seção da metodologia, escolhemos os DRAEs de 1947 e 1984 como *corpus* de exclusão por serem estes os anos de publicação mais próximos aos anos pesquisados nesta tese.

8. desarrollo y propagación de una tendencia religiosa, política, social, estética, etc., de carácter innovador. El MOVIMIENTO de Oxford; el MOVIMIENTO socialista; el MOVIMIENTO romántico.

1947

**Movimiento.** (De *mover*.) m. Acción y efecto de mover o moverse. || 2. Estado de los cuerpos cuando cambian de lugar de una manera continuada o sucesiva. || 3. En las artes del dibujo, variedad bien ordenada de las líneas y el clarooscuro de una figura o composición. || 4. fig. Alteración, inquietud o conmoción. || 5. fig. Primera manifestación de un afecto, pasión o sentimiento; como celos, risa, ira, etc. || 6. fig. Variedad y animación en el estilo, o en la composición poética o literaria. || 7. *Astron.* Adelanto o atraso de un reloj en un intervalo fijo. || 8. *Escr.* Cambio rápido en la posición del arma. || 9. *Más.* Velocidad del compás. || **acelerado.** *Mec.* Aquel en que la velocidad aumenta en cada instante de su duración. || **compuesto.** *Mec.* El que resulta de la concurrencia de dos o más fuerzas en diverso sentido. || **continuo.** El que se pretende hacer durar por tiempo indefinido sin gasto de fuerza motriz. || de reducción. *Escr.* El que se hace dirigiendo el sable o la espada desde los lados al centro. Es contrario al remisó. || de rotación. *Mec.* Aquel en que un cuerpo se mueve alrededor de un eje. || de traslación. *Astr.* El de los astros a lo largo de sus órbitas. **MOVIMIENTO de traslación de la Tierra.** || 2. *Mec.* El de los cuerpos que siguen curvas de gran radio con relación a sus propias dimensiones. **MOVIMIENTO de traslación de un proyectil.** || **directo.** *Astron.* El de traslación o el de rotación de los astros, cuando se verifica en el mismo sentido que los de la Tierra, o sea en el orden de los signos del Zodíaco. || **diurno.** *Astron.* El de rotación aparente de la bóveda celeste, de levante a poniente, producido por el verdadero o real de la Tierra, de sentido contrario, en el término de un día sidéreo. || **extraño.** *Escr.* El que se hace retirando el sable o la espada. Es contrario a la estocada. || **natural.** *Escr.* El que se hace dirigiendo el sable o la espada hacia abajo. || **oratorio.** Arranque o arrebató del orador, excitado por la pasión. || **paraláctico.** *Astron.* El que pueden ejecutar ciertos aparatos, como los ecuatoriales, en ascensión recta y en declinación. || **primario.** *Astron.* **MOVIMIENTO diurno.** || **propio.** *Astron.* El de un astro cualquiera en su órbita o alrededor de su eje. || **radial.** *Astron.* El de muchas estrellas que siguen la dirección del rayo visual, acercándose o alejándose de la Tierra. || **remiso.** *Escr.* El que se hace dirigiendo el sable o la espada desde el centro hacia los lados. || **retardado.** *Mec.* Aquel en que la velocidad va disminuyendo. || **retrogrado.** *Astron.* El real o aparente de un astro en sentido contrario al directo. || **simple.** *Mec.* El que resulta del impulso de una sola fuerza. || **uniforme.** *Mec.* Aquel en que es igual y constante la velocidad. || **uniformemente acelerado.** *Mec.* Aquel en que la velocidad aumenta proporcionalmente al tiempo transcurrido. || **uniformemente retardado.** *Mec.* Aquel en que la velocidad disminuye proporcionalmente al tiempo transcurrido. || **variado.** *Mec.* Aquel en que no es constante la velocidad. || **verdadero.** *Astron.* El que es real y distinto del aparente de algunos astros. || **violento.** *Escr.* El que se hace dirigiendo el sable o la espada hacia arriba. Es contrario del natural. || **Primer movimiento.** fig. Repentino o involuntario ímpetu de una pasión. || **Hacer movimiento.** fr. *Arg.* Dícese de una obra cuando toda o una parte de ella se separa levemente de su posición natural de equilibrio.

1984

**movimiento.** (De *mover*.) m. Acción y efecto de mover o moverse. || 2. Estado de los cuerpos mientras cambian de lugar o de posición. || 3. En las artes del dibujo, variedad bien ordenada de las líneas y el clarooscuro de una figura o composición. || 4. En los cómputos mercantiles y en algunas estadísticas, alteración numérica en el estado o cuenta durante un tiempo determinado. || 5. fig. Alteración, inquietud o conmoción. || 6. Alzamiento, rebelión. || 7. fig. Primera manifestación de un afecto, pasión o sentimiento; como celos, risa, ira, etc. || 8. Desarrollo y propagación de una tendencia religiosa, política, social, estética, etc., de carácter innovador. *El MOVIMIENTO de Oxford; el MOVIMIENTO socialista; el MOVIMIENTO romántico.* || 9. Conjunto de alteraciones o novedades ocurridas, durante un período de tiempo, en algunos campos de la actividad humana. *MOVIMIENTO basáltico; el MOVIMIENTO literario durante el año 1954.* || 10. fig. Variedad y animación en el estilo, o en la composición poética o literaria. || 11. *Astron.* Adelanto o atraso de un reloj en un intervalo fijo. || 12. *Escr.* Cambio rápido en la posición del arma. || 13. *Más.* Velocidad del compás. || **acelerado.** *Mec.* Aquel en que la velocidad aumenta en cada instante de su duración. || **compuesto.** *Mec.* El que resulta de la concurrencia de dos o más fuerzas en diverso sentido. || **continuo.** El que se pretende hacer durar por tiempo indefinido sin gasto de fuerza motriz. || de reducción. *Escr.* El que se hace dirigiendo el sable o la espada desde los lados al centro. Es contrario al remisó. || de rotación. *Mec.* Aquel en que un cuerpo se mueve alrededor de un eje. || de traslación. *Astron.* El de los astros a lo largo de sus órbitas. **MOVIMIENTO de traslación de la Tierra.** || 2. *Mec.* El de los cuerpos que siguen curvas de gran radio con relación a sus propias dimensiones. **MOVIMIENTO de traslación de un proyectil.** || **directo.** *Astron.* El de traslación o el de rotación de los astros, cuando se verifica en el mismo sentido que los de la Tierra, o sea en el orden de los signos del Zodíaco. || **diurno.** *Astron.* El de rotación aparente de la bóveda celeste, de levante a poniente, producido por el verdadero o real de la Tierra, de sentido contrario, en el término de un día sidéreo. || **extraño.** *Escr.* El que se hace retirando el sable o la espada. Es contrario a la estocada. || **natural.** *Escr.* El que se hace dirigiendo el sable o la espada hacia abajo. || **ondulatorio.** El que efectúa la superficie del agua, o las partículas de un medio elástico, al paso de las ondas. Hay transporte de energía, pero no de materia. || **oratorio.** Arranque o arrebató del orador, excitado por la pasión. || **paraláctico.** *Astron.* El que pueden ejecutar ciertos aparatos como los ecuatoriales, en ascensión recta y en declinación. || **primario.** *Astron.* **movimiento diurno.** || **propio.** *Astron.* El de un astro cualquiera en su órbita o alrededor de su eje. || **radial.** *Astron.* El que siguen determinados astros en la dirección del rayo visual, acercándose o alejándose de la Tierra. || **remiso.** *Escr.* El que se hace dirigiendo el sable o la espada desde el centro hacia los lados. || **retardado.** *Mec.* Aquel en que la velocidad va disminuyendo. || **retrogrado.** *Astron.* El real o aparente de un astro en sentido contrario al directo. || **simple.** *Mec.* El que resulta del impulso de una sola fuerza. || **turbulento.** *Fit.* **movimiento** de un fluido en el que la presión y velocidad en cada punto fluctúan muy irregularmente. || **uniforme.** *Mec.* Aquel en que es igual y constante la velocidad. || **uniformemente acelerado.** *Mec.* Aquel en que la velocidad aumenta proporcionalmente al tiempo transcurrido. || **uniformemente retardado.** *Mec.* Aquel en que la velocidad disminuye proporcionalmente al tiempo transcurrido. || **variado.** *Mec.* Aquel en que no es constante la velocidad. || **verdadero.** *Astron.* El que es real y distinto del aparente de algunos astros. || **violento.** *Escr.* El que se hace dirigiendo el sable o la espada hacia arriba. Es contrario del natural. || **primer movimiento.** fig. Repentino o involuntario ímpetu de una pasión. || **hacer movimiento.** fr. *Arg.* Dícese de una obra cuando toda o una parte de ella se separa levemente de su posición natural de equilibrio.

Portanto, entendemos que essa UL está relacionada a esse partido político formado por ideais totalitários de inspiração fascista que visava a ser o único canal de participação na vida pública espanhola, pois era o partido que apoiava e disseminava as ideias de uma Espanha pura (SANT'ANA, 2012). Segundo Juliá, “el Movimiento Nacional había venido a rectificar los errores de un siglo. Ha venido a vivir de cara al mar y de cara al campo; destruir el mal espíritu ciudadano”<sup>152</sup> (JULIÁ, 2005, p.115).

E com esse discurso, sustentava-se sua legitimidade no governo. O surgimento de vários grupos contrários ao regime ditatorial de Franco foi influenciado pelo acúmulo de acontecimentos negativos que cercaram e assolaram os civis espanhóis nesse período ditatorial. Desse modo, a criação de um partido responsável por “relacionar-se” com os civis foi uma forma de lhes impor as novas regras para a construção e manutenção do país, utilizando-se, assim, da linguagem política para impor à população suas ideias de governabilidade.

Por conseguinte, constatamos que a acepção da UL *Movimiento* foi utilizada, nesses contextos históricos, com um sentido restrito, como um nome próprio, com acepção político-militar. Portanto, pensamos ser esse mais um exemplo de generalização de emprego de uma UL que tinha anteriormente outra acepção, pois a UL *movimiento*, foi verificada, nos DRAEs (1947; 1984), como *acción ou efecto de mover ou mover-se*, apresentando essa acepção como a primeira. Não verificamos nos DRAEs analisados nenhuma referência a acepção da UL *Movimiento* com letra maiúscula, explicitamente.

Diante destas constatações, a UL *Movimiento*, utilizada com letra maiúscula, “no es utilizada por su contenido denotativo primário, sino esencialmente por su valor conotativo, por los contenidos secundários o implícitos [...] dirigidos más al sentimiento que al razonamiento”<sup>153</sup> (LAGUNILLA, 1999, p. 23), apresentando diferença de significado entre a utilização das ULs *Movimiento* e *movimiento*.

Expomos excertos do jornal para apresentar a utilização da UL *movimiento* em 1940:

<sup>152</sup> (TN): “o Movimento Nacional veio para retificar os erros de um século. Ele veio para viver de frente ao mar e de frente ao campo; destruir o mau espírito cidadão”(JULIA, 2005, 274).

<sup>153</sup> (TN): “não é usado por seu conteúdo denotativo primário, mas essencialmente pelo seu valor conotativo, pelos conteúdos secundários ou implícitos [...] dirigidos mais ao sentimento que ao raciocínio” (LAGUNILLA, 1999, p. 23).

La Reforma Social Española ya tiene en punto los papeles necesarios para que el Consejo Nacional del *Movimiento* haga firme la autorización para el funcionamiento provisional de la Asociación. Cuando se concedió esta autorización, en la última reunión de la comisión permanente del Consejo, se hacía constar que se concedía a Reforma Social Española, un plazo hasta el día 2 de abril para que subsane una serie de defectos formales existentes en su documentación. (*La Vanguardia*, 1940).

De todos modos, tanto el *movimiento* de los comandos como la destitución de su comandante demuestran a las claras lo que se sugirió muchas veces que la línea dura de Saraiva de Carvalho calificada de ultraizquierdista controla a todas las tropas especiales que rodeen Lisboa (*La Vanguardia*, 1940).

El ministro secretario general del *Movimiento*, don José Solís, que ha llegado en la tarde de hoy al aeropuerto malagueño, ha dicho, en unas declaraciones al diario Sol de España, que el asociacionismo va viento en popa y que hoy se habían presentado dos nuevas asociaciones: la del Frente Español y la del otro grupo, del Maestrazgo, por lo que tendremos que reunir la permanente este verano (*La Vanguardia*, 1940).

Chamou-nos a atenção também o fato de que, no ano de 1940, essa UL, com letra maiúscula, apresentava maior frequência nos contextos analisados que no ano de 1975. Essa constatação vem ratificar nossas afirmações de que, com o passar dos anos, e a partir das transformações ocorridas no panorama político e social espanhol, algumas ULs que pudessem expressar alguma relação com o regime franquista tinham sua frequência de uso rechaçadas com o intuito, possivelmente, de se relegar ao esquecimento o passado daquele país. Outras ULs foram igualmente relegadas ao “esquecimento”, pois se relacionavam intimamente com a figura do ditador de um regime de terror e repressão, pois “[...] las palabras evocan la imagen de aquellas personas que comúnmente las emplean, y de las situaciones a las cuales son aplicadas”<sup>154</sup> (GUIRAUD, 1994, p. 40).

Vilamor (2006, p. 161) considera que a UL “*Movimiento* es la palabra que muy bien se podía calificar de tormento durante el primer año de la Transición. Se podría decir que desapareció por inanición al quedar sin cometido”<sup>155</sup>.

Em 1975 essa UL é encontrada com menor frequência, posto que a situação política do país já não mais estava centrada e solidificada nas mãos dos militares, haja vista que o governo estava passando por transições com relação até mesmo ao chefe de Estado.

<sup>154</sup> (TN): “as palavras trazem a imagem daquelas pessoas que frequentemente as empregam, e das situações às quais são aplicadas”<sup>154</sup> (GUIRAUD, 1994, p. 40).

<sup>155</sup> (TN): “*Movimiento* é a palavra que podía ser classificada como tormento durante o primeiro ano da Transição. Poderíamos dizer que ela desapareceu por inanición ao não ser mais usada”<sup>155</sup> (VILAMOR, 2006, p. 161).

Esse fato nos faz refletir sobre as acepções apresentadas como as primeiras nos dicionários pesquisados e as reais acepções encontradas no jornal em seu uso mais frequente, e, conseqüentemente, transparecendo a língua no seu uso real.

Por fim, elaboramos quadros para expor nossas considerações essa UL:

**Quadro 1 - UL *Movimiento* (1940)**

			Ocorrências
		<b>Substantivo</b>	<b>54</b>
<b>1</b>		<b>Segundo (DRAE, 1947): Desenvolvimento e propagação de uma tendência política; partido político.</b>	<b>47</b>
	<b>1</b>	<b>Ex.:</b> La mayoría de los españoles ignoran cuál era la vida, económica de la nación antes del <i>Movimiento</i> , a qué cifras monta el importe de la alimentación de nuestro pueblo: una muestra tenéis, en que con todo el oro de la nación, el cuantioso robado a los particulares y con crédito abierto en las principales naciones, los rojos no pudieron durante sólo tres años mitigar el hambre del pueblo que sojuzgaban.	
	<b>2</b>	<b>Ex.:</b> Es la enorme mortandad infantil otra causa de pérdidas humanas; son espantosas las cifras que hasta hoy alcanzaba por descuidos y abandonos evitables; su remedio es mucho menos costoso y está en la propaganda, los pequeños auxilios y el admirable y amoroso cuidado ya iniciado de nuestra Falange Femenina. Esta tiene que ser una de las grandes obras que nuestro <i>Movimiento</i> llega para con celo mantener nuestras consignas.	
<b>2</b>		<b>Segundo (DRAE, 1947): Movimentar-se; mover-se</b>	<b>7</b>
	<b>1</b>	<b>Ex.:</b> Como bonzos, dos soldados soviéticos de amplio capotan amarillento, gorro puntiagudo y fusil con bayoneta de tres cuartas, miran atentamente con grandes gemelos a estos insólitos paisanos. Los cuales —dicho sea para la historia— contestan con un eficaz <i>movimiento</i> del antebrazo, cuyo significado es obvio. “En la trasera de mi villa —decía de su residencia, vienesa, él príncipe de Metternich”—	
	<b>2</b>	<b>Ex.:</b> Viborg presenta el aspecto de una ciudad completamente muerta. No hay ni una sola casa que no haya sido deteriorada. Se da el caso asombroso de que la iglesia ortodoxa no haya sufrido ningún daño, aunque no se debe ver en ello un gesto de piedad por parte de los Soviets, que igualmente la han atacado. En la ciudad no hay <i>movimiento</i> , ni vida, ni habitantes. No circulan en ella más que patrullas militares. Apenas hace cuatro meses era la tercera ciudad de Finlandia.	

## Quadro 2 - UL *Movimiento* (1975)

		Ocorrências
	<b>Substantivo</b>	<b>32</b>
<b>1</b>	<b>Segundo (DRAE, 1984): Desarrollo e propagação de uma tendência política; partido político.</b>	<b>28</b>
	<b>1</b> Ex.: Ante la falta de confirmación oficial sobre el nombre de don Fernando Suarez como sucesor del señor de la Fuente, se especula con la posibilidad de que el actual secretario general técnico de la Presidencia haya puesto algunas condiciones o bien que el nombramiento esté dentro de una estrategia más amplia que incluya el cambio o el traslado de algunos ministros. En este sentido, el periódico informaciones, adelanta en su primera página que se habla de un cambio que afectaría a la Secretaría General del <i>Movimiento</i> , puesto al que podría ir don Fernando Suárez, y al Ministerio de Trabajo, al que podría acceder el señor Utrera Molina.	
	<b>2</b> Ex.: Según don Joaquín Gerrigues Walker esto no lo sabe nada y, un tanto escéptico, afirma en el Estatuto de las Asociaciones está prevista la posibilidad de que el <i>Movimiento</i> las financie. Pero como no se explica la cifra ni la forma en que se llevará a cabo la financiación, yo esa partida ni la considero ni la consideraría si tuviera que montar tal Asociación.	
<b>2</b>	<b>Segundo (DRAE, 1984): Movimentar-se; mover-se</b>	<b>4</b>
	<b>1</b> Ex.: El Jueves Santo, el viernes, el domingo y hoy lunes, todos los vuelos procedentes de la península y del extranjero, tanto los regulares como los vuelos, llegaron a tope. El domingo fue el día cumbre, llegando al aeropuerto 250 vuelos, con un <i>movimiento</i> de pasajeros de unos 40.000 entre llegadas y salidas.	
	<b>2</b> Ex.: Fue así cómo los dos industriales tuvieron que renunciar a su viaje de regreso a Madrid e instalarse en el hotel Ritz, de nuevo. Un piquete de trabajadores de la empresa se instaló también en el hall del citado hotel, para vigilar los <i>movimientos</i> de sus patrones. Las personas que se entrevistan con los señores Armeros y Johnsen eran después registradas por los obreros.	

Após as considerações anteriores, observamos que a UL em análise nos apresenta sentidos diferentes nos dois anos pesquisados. Em 1940, *Movimiento* era um partido político que almejava a ratificação do regime ditatorial por meio da proibição do uso dos direitos dos cidadãos em opinar, se posicionar a respeito da política existente na época, ou seja, esse partido buscava a ratificação do poder de Franco.

Em 1975, ao verificarmos os contextos analisados, vimos que o mesmo partido, *Movimiento*, estava financiando a criação de associações políticas, ato esse totalmente paradoxal se comparado a 1940. Os contextos verificados nos mostraram que as ULs que estão ao redor de *Movimiento* são, em 1940, *satisfación, amoroso, victoriosa, pujanza, guerra de liberación, generosidad, salvador*, enquanto em 1975 estão relacionadas às ULs *prensa e restructuración*.

Portanto, mais uma vez afirmamos que “as transformações históricas possibilitam-nos a compreensão da produção dos discursos, seu aparecimento em determinados momentos e sua dispersão” (FERNANDES, 2007, p. 26).

### 2) Unidade Léxica *paz*

Encontramos a UL *paz* integrando nossa lista de 1940 e ocupando a 21ª posição entre as mais frequentes ULs nesse ano, com 67 ocorrências. No ano de 1975 essa UL também consta de nossa lista, mas aparece apenas com 33 ocorrências.

Nos DRAEs pesquisados encontramos a definição de *paz* como:

1. Virtud que pone en el ánimo tranquilidad y sosiego, opuestos a la turbación y las pasiones. Es uno de los frutos del Espíritu Santo (DRAE, 1947).
2. Situación y relación mutua de quienes no están en guerra (DRAE, 1984).

1947

**Paz.** (Del lat. *pacis, pacis*.) f. Virtud que pone en el ánimo tranquilidad y sosiego, opuestos a la turbación y las pasiones. Es uno de los frutos del Espíritu Santo. || 2. Pública tranquilidad y quietud de los estados, en contraposición a la guerra. || 3. Sosiego y buena correspondencia de unos con otros, especialmente en las familias, en contraposición a las disensiones, riñas y pleitos. || 4. Genio pacífico, sosegado y apacible. || 5. Ajuste o convenio que se acuerda entre los príncipes para dar la quietud a sus pueblos, especialmente después de las guerras. || 6. V. **Bandera, beso, iris, juez, moro de paz.** || 7. En la misa, ceremonia en que el celebrante besa el altar y luego abraza al diácono y éste al subdiácono, y en las catedrales se da a besar al coro y a los que hacen cabeza del pueblo una imagen o reliquia. || 8. Esta misma reliquia o imagen. || 9. Salutación que se hace dándose un beso en el rostro los que se encuentran cuando ha mucho tiempo que no se han visto. || **octaviana**, fig. Quietud y sosiego generales, como se gozaban en el imperio romano en la época de Octavio Augusto, al tiempo de la Encarnación del Verbo Divino. || **A la paz de Dios**, loc. fam. con que se despide uno de otro o de una conversación. || **Andar la paz por el coro**, fr. fig. e irón. Haber riñas y desazones en una comunidad o familia. || **Con paz sea dicho**, expr. Con beneplácito y permiso, o sin ofensa. || **Dar la paz a uno**, fr. Darle un abrazo, o darle a besar una imagen, en señal de paz y fraternidad, como se hace en las misas solemnes. || 2. ant. **Dar paz.** || **Dar paz a uno**, fr. Saludarle besándole en el rostro en señal de amistad. || **Dejar en paz a uno**, fr. No inquietarle ni molestarle. || **Degansar en paz**, fr. Morir y salvarse; conseguir la bienaventuranza. Píadosamente se dice de todos los que mueren en la religión católica. || **En paz y en haz**, loc. adv. Con vista y consentimiento. || **Estar en paz**, fr. En el juego, se toma por la igualdad de caudal o del dinero que se ha expuesto, de modo que no hay pérdida ni ganancia, o por la igualdad del número de tantos de una parte u otra. || 2. Dicese por la igualdad en las cuentas cuando se paga enteramente el alcance o deuda. || 3. fig. Aplícase también al desquite o correspondencia en las acciones o palabras que intervienen de un sujeto a otro. || **Ir en paz**, o **con la paz de Dios**, fr. con que cortesantemente despide uno al que estaba en su compañía o conversación. || **meter paz**, fr. poner paz. || [paz] interj. que se usa para ponerla o solicitarla entre los que riñen. || **paz sea en esta casa**, expr. con que se saluda generalmente cuando se entra en una casa. || **Paz y paciencia**, y muerte con penitencia. ref. que comprende las reglas de vivir y de morir bien. || **Paz y pan**, expr. con que se significa que estas dos cosas son la causa y fundamento principal de la quietud pública. || **Poner en paz a dos o más personas**, o **poner paz entre ellas**, frs. Mediar, 3.ª acep. || **Quedar en paz**, fr. **Estar en paz.** || **Reposar en paz**, fr. Descansar en paz. || **Sacar a paz y a salvo a uno**, fr. Librarle de todo peligro o riesgo. || **Vaya, o vete, en paz**, o **con la paz de Dios**, fr. **Vaya, o vete, con Dios.** || **Venir uno de paz**, fr. Venir sin ánimo de reñir, cuando se temía lo contrario.

1984

**paz.** (Del lat. *pacis, pacis*.) f. Situación y relación mutua de quienes no están en guerra. || 2. Pública tranquilidad y quietud de los Estados, en contraposición a la guerra o a la turbulencia. || 3. Tratado o convenio que se acuerda entre los gobernantes para poner fin a una guerra. U. t. c. pl. || 4. Sosiego y buena correspondencia de unos con otros, especialmente en las familias, en contraposición a las disensiones, riñas y pleitos. || 5. Reconciliación, vuelta a la amistad o a la concordia. U. m. en pl. || 6. Virtud que pone en el ánimo tranquilidad y sosiego, opuestos a la turbación y las pasiones. En la doctrina cristiana se la considera como uno de los frutos del Espíritu Santo. || 7. Genio pacífico, sosegado y apacible. || 8. En la misa, rito que precede a la comunión. En la práctica anterior a la reforma litúrgica de 1969 el sacerdote besaba el altar y abrazaba al diácono, y este al subdiácono, dándose a besar al coro, y a veces al pueblo, una imagen o reliquia. En el nuevo orden de la misa el sacerdote o diácono invita a todos los miembros de la asamblea con las palabras *dominus fraternamente la PAZ*, y se la dan unos a otros con un gesto adecuado: inclinación, apretón de manos, etc. || 9. **portapaz.** || 10. desos. Salutación que se hace dando un beso en el rostro. || 11. V. **bandera, beso, iris, juez, moro de paz.** || **octaviana**, fig. Quietud y sosiego generales, como se gozaban en el imperio romano en la época de Octavio Augusto. || **a la paz de Dios**, loc. fam. usada como fórmula de saludo o de despedida. || **andar la paz por el coro**, fr. fig. e irón. Haber riñas y desazones en una comunidad o familia. || **aquí paz y después gloria**, fr. **aquí gracia y después gloria.** || **con paz sea dicho**, expr. Con beneplácito y permiso, o sin ofensa. || **dar la paz a uno**, fr. Darle un abrazo, o darle a besar una imagen, en señal de paz y fraternidad, como se hace en las misas solemnes. || 2. ant. **dar paz.** || **dar paz a uno**, fr. Saludarle besándole en el rostro en señal de amistad. || **dejar en paz a uno**, fr. No inquietarle ni molestarle. || **descansar en paz**, fr. Morir y salvarse; conseguir la bienaventuranza. Píadosamente se dice de todos los que mueren en la religión católica. || **en paz y en haz**, loc. adv. Con vista y consentimiento. || **estar en paz**, fr. En el juego, se toma por la igualdad de caudal o del dinero que se ha expuesto, de modo que no hay pérdida ni ganancia, o por la igualdad del número de tantos de una parte u otra. || 2. Dicese por la igualdad en las cuentas cuando se paga enteramente el alcance o deuda. || 3. fig. Aplícase también al desquite o correspondencia en las acciones o palabras que intervienen de un sujeto a otro. || **hacer las paces**, fr. reconciliarse, rehacer amistades, o terminar una lucha. || **ir en paz**, o **con la paz de Dios**, fr. con que cortesantemente despide uno al que estaba en su compañía o conversación. || **meter paz**, fr. poner paz. || [paz] interj. que se usa para ponerla o solicitarla entre los que riñen. || **paz sea en esta casa**, expr. con que se saluda generalmente cuando se entra en una casa. || **paz y pan**, expr. con que se significa que estas dos cosas son la causa y fundamento principal de la quietud pública. || **poner en paz a dos o más personas**, o **poner paz entre ellas**, frs. mediar, interponerse entre los que riñen. || **quedar en paz**, fr. **estar en paz.** || **reposar en paz**, fr. **descansar en paz.** || **sacar a paz y a salvo a uno**, fr. Librarle de todo peligro o riesgo. || **vaya, o vete, en paz**, o **con la paz de Dios**, fr. **vaya, o vete, con Dios.** || **venir uno de paz**, fr. Venir sin ánimo de reñir, cuando se temía lo contrario.

Assim, observamos que, em 1940, as acepções relacionadas à UL em questão se referem aos nomes e expressões, tais como sossego, tranquilidade, pacífico, contrário a brigas; e também referência a questões religiosas.

Em 1975, no entanto, o nome *paz* adquire sentidos que se opõem à guerra, ou seja, *paz* está também relacionada a sinônimos como tranquilidade, sossego, pacífico etc., mas enfatiza-se a contradição entre paz e guerra, na maioria das descrições e não há referência a religião. De acordo com a DRAE, a UL *paz* é classificada como um substantivo, mas verificando seu uso em todas as ocorrências no jornal aqui pesquisado, constatamos que essa UL provoca interpretações diferenciadas com relação à perspectiva de *paz* adotada em cada ano do jornal pesquisado.

Ao analisarmos seus contextos de emprego, vimos que, no ano de 1940, essa UL se referia a situações em que o governo pedia ajuda aos “verdadeiros espanhóis” para obter a paz contra os inimigos da “Espanha pura e livre”. Nesse sentido, essa informação se coaduna com a consideração de Hiraldo (2002, p.14) de que, para entendermos o significado de ULs abstratas, devemos “hacer un constante ejercicio de relación, de lo abstracto a lo más concreto”<sup>156</sup>. Ou seja, a UL *paz* se referia a situações em que o governo se colocava como vítima de bandidos que estavam contra seu objetivo de “salvar” o país de mãos inimigas e a UL *paz* podia ser entendida como “un tratado o convenio que se concuerda entre los gobernantes para poner fin a una guerra”<sup>157</sup> (HIRALDO, 2002, p. 16).

Como comentado, na década de 40 era muito evidente e perceptível a imposição da força do regime ditatorial nos artigos jornalísticos. Esse meio de comunicação era frequentemente manipulado pelas esferas reguladoras do regime ditatorial que enxergavam no jornal seu poder de alcance de público e convencimento. Nesse momento, podemos pensar que a UL é usada em sua perspectiva mais perigosa, convertendo-se em propaganda ideológica com o objetivo de imposição de conceitos.

Por meio dessa imposição, vemos também expressa a violência cultural e intelectual por parte de determinados grupos em detrimento de outros, promovendo a ascensão e manutenção de ditadores, que objetivam monopolizar o poder, buscando intimidar, assustar o povo dominado, bem como caluniar o adversário, difamando pessoas, países, grupos e suas culturas.

---

<sup>156</sup> (TN): “fazer um constante exercício de relação, do abstrato ao mais concreto” (HIRALDO, 2002, p. 14).

<sup>157</sup> (TN): “um tratado ou convênio que se estabelece entre os governantes para acabar com uma guerra” (HIRALDO, 2002, p. 16).

Por conseguinte, inferimos que os jornais podem ser considerados também como reflexos da realidade, pois, por meio da linguagem utilizada, podemos reproduzir estereótipos e crenças solidificando as relações de domínio e poder. Desse modo, vemos que a ideologia franquista buscava, assim como todos os regimes totalitários, justificar e fazer com que se aceitasse seu “poder”.

Podemos ratificar nossa fala anterior com os excertos a seguir que revelam como, no ano de 1940, a UL *paz* estava relacionada à vitória do grupo de Franco, de modo que o povo espanhol devia ser merecedor de o ter como governo e, portanto, ser agradecido e leal a suas conquistas. Vejamos :

Primer año de la *paz* fecunda sin duda, porque durante él -Dios lo querrá si los españoles, haciéndonos dignos del Caudillo, lo sabemos merecer- remontaremos dificultades, asperezas y crisis y nos haremos invictos de ellas en la *paz* todos los españoles, como fueron invictos de los enemigos los combatientes que ganaron la guerra (LA VANGUARDIA, 1940).

En este año en que toda España está redimida de la ignominia, de la ruina y de la muerte que fue para ella la República, queremos expresar igualmente, no el *anhelo de ver perpetuada una paz* segura, sino el voto solemne y el juramento firme de merecer igualmente esa *paz* con nuestra conducta de *lealtad a España y al Caudillo*(LA VANGUARDIA, 1940).

De tal manera que la diversidad de opiniones dentro de un legítimo *pluralismo*, jamás se convierta en posturas irreconciliables que son siempre enemigas de la *paz* (LA VANGUARDIA, 1975).

[...] sin entrar en el fondo de si efectivamente ha sido esfuerzo permanente de Estado ofrecer a los españoles no solo los bienes esenciales de la *paz*, el orden y el progreso, sino también un ordenamiento fundamental y duradero, flexible y abierto al futuro, que se basara expresamente en el principio de que *el destino político de España tiene que ser forjado por los españoles mediante una acción democrática auténtica y progresiva, y que los derechos de la persona humana han de ser estimulados y defendidos en su ejercicio efectivo por todos los españoles* (LA VANGUARDIA, 1975).

ULs como *fecunda, segura, lealtad, régimen*, em 1940, demonstram a situação de imposição sob a qual estavam submetidos os espanhóis na referida década, pois a paz deveria ser mantida e sustentada, ainda que fosse imposta, haja vista que esse era o dever de um cidadão de “bem” que primava pela bênção de Deus e, conseqüentemente, do Caudilho, para o desenvolvimento de seu país. Já se referindo ao grupo opositor ao regime,

temos ULs como *conflicto*, *subordinación*, em 1940, enquanto, em 1975, *hermandad*, *libertad de expresión*<sup>158</sup> que expressam a mudança de tratamento das notícias no jornal.

Portanto, nos contextos de 1940 selecionados podemos afirmar que a UL *paz* mantém relação direta com o substantivo Caudilho, a saber: só é digno de paz quem é digno do Caudilho, quem o merece, quem é leal a ele. Por conseguinte, paz pode ser relacionada à submissão ao regime, ao Caudilho. Essa interpretação ganha força quando verificamos que a imposição da aceitação do regime governamental vem respaldada na ideia de que o regime governamental anterior, a República, foi a ruína, a morte, a ignomínia, como pode ser observado nos contextos anteriormente apresentados. A paz entra então em choque com a República, e o Caudilho aparece no cenário político como libertador e amigo da paz. Sabemos que Caudilho era o título de Franco, mas curiosamente quase não há registros, no *corpus*, da UL *ditador*. Ou seja, podemos afirmar que não se ligava *ditador* à UL Caudilho, posto que essa era positivamente empregada nos contextos de afirmação do regime.

Vemos então o poder da palavra na utilização da ascensão e manutenção de um ditador, para manter seu poder utilizando-se da intimidação do povo, da calúnia aos inimigos, a instituições, a sociedades e culturas (CORTÉS, 2009). De acordo com Cortés (2009, p. 180), o regime de Franco usava a palavra para “convencer a las gentes de que se les está promocionando a niveles de libertad, y someterlas a un implacable dominio [...] fácil de adquirir dada la peculiar capacidad del lenguaje para disimular las intenciones del que lo usa con afán manipulador”<sup>159</sup>.

Assim, no ano de 1975, dentro das ocorrências verificadas, encontramos a UL *paz* referindo-se não apenas a situações relacionadas com a política da Espanha ou sua situação social. Vimos também informações sobre outros países, como a descrição de um possível acordo entre as nações de Israel e Egito buscando realizar a paz no Oriente Médio.

Apesar de apresentar menor frequência, encontramos contextos em que a UL *paz* aparece, dentro de discursos religiosos quando o jornal apresenta as notícias referentes à igreja e seus discursos em eventos políticos; para destacar o novo modelo de país que os espanhóis esperavam encontrar com o advento de um novo governo (ainda que monárquico, mas que poderia abrir os horizontes da Espanha para uma nova era de transformação e reconhecimento de direitos civis).

<sup>158</sup> Essas ULs fazem parte do *corpus* geral formado a partir dos contextos do jornal analisado.

<sup>159</sup> (TN): “convencer as pessoas de que se está promovendo-as na liberdade, e submetê-las a um implacável domínio [...] fácil de adquirir dada a peculiar capacidade da linguagem para dissimular as intenções de um afã manipulador” (CORTÉS, 2009, p. 180).

Em outros contextos, observamos também que houve uma mudança de foco no sentido da interpretação da UL *paz*, pois em 1940 ela referia-se, como apresentado anteriormente, à luta contra determinado grupo contrário ao governo militar. Já em 1975, a UL *paz* vem envolta a ULs como *futuro, democracia, progresso, ordem, pluralismo, bem, direito*. Assim, há relações positivas construídas com a UL *paz* neste ano, haja vista que a UL Caudilho saiu de foco, e o teor de submissão dos contextos também. Vemos que, em 1975, há maior convergência de sentido da UL *paz* com o que nos mostra os DRAEs tanto de 1940 quanto de 1975, ou seja, a UL *paz* é definida como “sossego e uma boa convivência uns com os outros”.

**Quadro 3 - UL *paz* (1940)**

		Ocorrências
<b>Substantivo</b>		<b>67</b>
<b>1</b>	<b>Segundo (DRAE, 1947): Virtude que põe em ânimo tranquilidade e sossego; oposto a desordem.</b>	<b>67</b>
<b>1</b>	<b>Ex.:</b> ¿Con qué medios contamos para coronar esta labor? Con la movilización de nuestras riquezas naturales bajo un régimen de <i>paz</i> , de colaboración nacional de cuantos elementos integran el proceso económico. En el levantamiento, o mejor dicho, en la creación de nuestra economía. Encontramos con la subordinación de todo interés particular al supremo de la nación, con la racionalización de nuestras producciones y la labor protectora del Estado, con el estímulo de la iniciativa privada, savia y vigor de las actividades nacionales y con el aumento progresivo de la capacidad consumidora de nuestro pueblo. El bienestar económico de la colectividad nacional está íntimamente ligado a esta labor, que si se hubiera orientado y estimulado a tiempo hoy podríamos mejorar la base al acelerar el ritmo.	
<b>2</b>	<b>Ex.:</b> No puede fundamentarse la continuación de la guerra en el desequilibrio que ocasiona la potencia bélica de una nación cuando surge un potente enemigo que precisamente exige se contrapesa, ya que por su masa y sus doctrinas es la máxima amenaza para la civilización que necesitamos defender. Para nadie es un secreto las pugnas que en los Balcanes tratan de encender la guerra y extender el conflicto a países que desean mantener la <i>paz</i> .	

Quadro 4 - UL *paz* (1975)

			Ocorrências
		<b>Substantivo</b>	<b>33</b>
<b>1</b>		<b>Segundo (DRAE, 1984): Situação ou relação mútua de quem não está em guerra; tranquilidade pública.</b>	<b>33</b>
	<b>1</b>	<b>Ex.:</b> Los periodistas deseamos vivamente la convivencia pacífica de todos los españoles, pero creemos que a la <i>paz</i> se llega también por la palabra, por la <i>libertad de expresión</i> sin trabas por la recia probidad informativa garantizada oralmente por una profesión y una prensa sobre la que rige una normativa legal múltiple y severa y cuyo comportamiento creemos que no justifica esta dureza. Una dureza que, por encima de incertidumbres y temores, no va a entibiar el caliente afán de los periodistas de servir desde su parcela propia, a la gran empresa común de una España <i>justa, hermandad</i> y en <i>paz</i> .	
	<b>2</b>	<b>Ex.:</b> Ayer, en Madrid, mientras el centro hervía ya de fervor patriótico ante la magna concentración de homenaje a Franco, cuatro servidores del orden, de guardia en distintas sucursales bancarias, eran víctimas de otros tantos salvajes atentados. Si es que todavía hacía falta alguna fatídica muestra más del sanguinario proceder de la rama española del terrorismo internacional, para convencerse de las razones que asisten a nuestros gobernantes en la puesta en práctica de eficaces medida de defensa de la <i>paz</i> y del orden, nos toca hoy contabilizar estos nuevos y espeluznantes asesinatos, resultado evidente de una siniestra operación perfectamente calculada.	

A partir das considerações anteriores, vimos que os adjetivos que circundam a UL *paz*, em 1940, são reveladores de um pensamento de afirmação do governo ditatorial, de apoio à situação conquistada pelos militares para salvaguardar o “bem” do país. Ressaltamos novamente que os contextos analisados foram elaborados em uma época de ditadura na qual a liberdade de expressão não fazia parte do cotidiano profissional e civil daquela sociedade, e por isso não julgamos a ideologia do jornal, apenas descrevemos nossos dados.

### 3) Unidade Léxica *Estado*

A UL em questão apresenta frequência, no ano de 1940, de 162 ocorrências e no ano de 1975, de 129 ocorrências. Para chegarmos a esse montante, consideramos também as aparições referentes ao plural da UL.

Em meio a tantas referências à UL *Estado*, apresentamos aqui a acepção mais encontrada nos contextos e que se coaduna com a apresentada pelos DRAEs (1947 e 1984), ou seja:

6. En el régimen federativo, porción de territorio cuyo habitantes se rigen por leyes propias, aunque sometidos en ciertos asuntos a las decisiones del gobierno.

1947

**Estado.** (Del lat. *stātus*.) m. Situación en que está una persona o cosa, y en especial cada uno de los sucesivos modos de ser de una persona o cosa sujeta a cambios que influyen en su condición. || 2. Orden, clase, jerarquía y calidad de las personas que componen un reino, una república o un pueblo, como el eclesiástico, el de nobles, el de plebeyos, etc. || 3. Clase o condición a la cual está sujeta la vida de cada uno. **ESTADO de soltería, de matrimonio, de religión, de miseria, de prosperidad.** || 4. Cuerpo político de una nación. || 5. País o dominio de un príncipe o señor de vasallos. || 6. En el régimen federativo, porción de territorio cuyos habitantes se rigen por leyes propias, aunque sometidos en ciertos asuntos a las decisiones del gobierno general. || 7. V. Consejo, golpe, hombre, inquisidor, materia, mayordomo, mesa, prisión, razón, reo de Estado. || 8. Medida longitudinal tomada de la estatura regular del hombre, que se ha usado para apreciar alturas o profundidades, y solía regularse en siete pies. || 9. Medida superficial de 49 pies cuadrados. || 10. Resumen por partidas generales que resulta de las relaciones hechas por menor, y que ordinariamente se figura en una hoja de papel. **ESTADO de las rentas del vecindario, del ejército.** || 11. Manutención que acostumbraba dar el rey en ciertos lugares y ocasiones a su comitiva. || 12. Sitio en que se la servía. || 13. deus. Casa de comidas que era algo menos plebeya que el bodegón. || 14. Ministerio de Estado. || 15. ant. Séquito, corte, acompañamiento. || 16. Esgr. Disposición y figura en que queda el cuerpo después de haber herido, reparado o desviado la espada del contrario. || absoluto. En los cronómetros o relojes marinos, atraso o un hecho efecto decisivo en lo venidero. || **Dar estado.** fr. Colocar el padre de familia, o el que hace sus veces, a los hijos en el estado eclesiástico o en el de matrimonio. || **En estado de merecer.** fr. fam. Dícese de la persona que pueda aspirar al noviazgo y al casamiento. || **Estar una cosa en el estado de la inocencia.** fr. fig. y fam. No haberse adelantado nada en ella; hallarse en el mismo ser y estado que al principio. || **Hacer estado.** fr. ant. Dar el rey de comer en mesa común y de balde, o hacer los gastos el tiempo que duraba la jornada en alguno de los sitios reales, a los que eran llamados a ella. || **Mudar estado.** fr. Pasar de un estado a otro; como de secular a eclesiástico, de soltero a casado, etc. || **No estar, o no venir, en estado un pleito.** fr. *Por.* Faltarle algunos requisitos necesarios para determinada resolución o pretensión. || **Poner a uno en estado.** fr. Darle estado. || **Siete estados debajo de tierra.** expr. fig. de que se usa para denotar que una cosa está muy oculta o es difícil de sacar a luz. || 2. Con los verbos *mecer, sepultar*, etc., es una expresión exagerativa con que se intenta amedrentar. || **Tomar estado.** fr. Mudar estado. **Estadofo.** m. *Art. y Sant.* Estanadorio.

1984

**dad,** en cuyo urgente remedio se excusa o disculpa la infracción de la ley y la lesión económica del derecho ajeno. || **de prevención.** La primera y menos grave de las situaciones anormales reguladas por la legislación de orden público. || **federal.** El compuesto por estados particulares, cuyos poderes regionales gozan de autonomía y aun de soberanía para su vida interior. || **general.** Estado llano. || **honesto.** El de soltera. || **llano.** fig. El común de los vecinos de que se compone un pueblo, a excepción de los nobles, los eclesiásticos y los militares. || **mayor.** Mil. Cuerpo de oficiales encargados en los ejércitos de informar técnicamente a los jefes superiores del ejército, distribuir las órdenes y procurar y vigilar su cumplimiento. || 2. Mil. Generales y jefes de todos los ramos que componen una división, y punto central donde deben determinarse y vigilarse todas las operaciones de la misma, según las órdenes comunicadas por el estado mayor general y el general comandante de ella. || 3. Mil. General o gobernador que manda una plaza, teniente de rey, sargento mayor, ayudantes y demás individuos agregados a él. || **mayor central.** Mil. Organismo superior en el ejército y en la marina. || **mayor general.** Mil. Conjunto de jefes y oficiales del estado mayor y de los demás cuerpos y servicios auxiliares que constituyen el cuartel general y la secretaría de campaña del general que ejerce el mando superior sobre las tropas en operaciones. || **Caer uno de su estado.** fr. fig. Perder total o parcialmente el valimiento y conveniencia que tenía. || 2. fig. y fam. Caer en tierra sin impulso ajeno. || **Causar estado.** fr. Ser definitiva una sentencia, resolución, etc. || 2. *Por ext.* tener adelantado respecto de la hora en el mediano de comparación. || celeste. *Astrof.* El que compete al planeta, según el signo en que se halle, y sus aspectos y configuraciones. || civil. Condición de cada persona en relación con los derechos y obligaciones civiles || **de alarma.** Situación oficialmente declarada de grave inquietud para el orden público que implica la suspensión de garantías constitucionales. || **de guerra.** El de una población en tiempo de guerra, cuando la autoridad civil resigna sus funciones en la autoridad militar. || 2. El que según ley se equipara al anterior por motivos de orden público, aun sin guerra exterior ni civil. || **común.** Estado general. || **de la inocencia.** Aquel en que Dios crió a nuestros primeros padres en la gracia y justicia original. || **del reino.** Cualquiera de las clases o brazos de él, que solían tener voto en Cortes. || **de sitio.** Estado de guerra. || **de necesidad.** *For.* Situación de grave peligro o extrema necesi-

**estado.** (Del lat. *stātus*.) m. Situación en que está una persona o cosa, y en especial cada uno de los sucesivos modos de ser de una persona o cosa sujeta a cambios que influyen en su condición. || 2. Orden, clase, jerarquía y calidad de las personas que componen un reino, una república o un pueblo; como el eclesiástico, el de nobles, el de plebeyos, etc. || 3. Clase o condición a la cual está sujeta la vida de cada uno. || 4. **estado civil.** || 5. Cuerpo político de una nación. || 6. País o dominio de un príncipe o señor de vasallos. || 7. En el régimen federativo, porción de territorio cuyos habitantes se rigen por leyes propias, aunque sometidos en ciertos asuntos a las decisiones del gobierno general. || 8. V. **casa, consejo, golpe, hombre, inquisidor, materia, mayordomo, mesa, prisión, razón, reo, secreto de Estado.** || 9. Medida longitudinal tomada de la estatura regular del hombre, que se ha usado para apreciar alturas o profundidades, y solía regularse en siete pies. || 10. Medida superficial de 49 pies cuadrados. || 11. Resumen por partidas generales que resulta de las relaciones hechas por menor, y que ordinariamente se figura en una hoja de papel. **ESTADO de las rentas del vecindario, del ejército.** || 12. Manutención que acostumbraba dar el rey en ciertos lugares y ocasiones a su comitiva. || 13. Sitio en que se la servía. || 14. deus. Casa de comidas que era algo menos plebeya que el bodegón. || 15. **ministerio de Estado.** || 16. ant. Séquito, corte, acompañamiento. || 17. *Fó.* Cada uno de los grados o modos de agregación de las moléculas de un cuerpo. **ESTADO sólido, líquido, gaseoso,** etc. || 18. *Esgr.* Disposición y figura en que queda el cuerpo después de haber herido, reparado o desviado la espada del contrario. || **absoluto.** En los cronómetros o relojes marinos, atraso o adelanto respecto de un hecho efecto decisivo en lo venidero. || **dar estado.** fr. Colocar el padre de familia, o el que hace sus veces, a los hijos en el estado eclesiástico o en el de matrimonio. || **en estado.** fr. **en estado interesante.** || **en estado de buena esperanza.** fr. **en estado interesante.** || **en estado de merecer.** fr. fam. Dícese de la persona que puede aspirar al noviazgo y al casamiento. || **en estado interesante.** fr. Dícese de la mujer embarazada. || **estar una cosa en el estado de la inocencia.** fr. fig. y fam. No haberse adelantado nada en ella; hallarse en el mismo ser y estado que al principio. || **hacer estado.** fr. ant. Dar el rey de comer en mesa común y de balde, o hacer los gastos el tiempo que duraba la jornada en algunos de los sitios reales, a los que eran llamados a ella. || **mudar estado.** fr. Pasar de un estado a otro; como de secular a eclesiástico, de soltero a casado, etc. || **no estar, o no venir, en estado un pleito.** fr. *Der.* Faltarle algunos requisitos necesarios para determinada resolución o pretensión. || **poner a uno en estado.** fr. **darle estado.** || **siete estados debajo de tierra.** expr. fig. de que se usa para denotar que una cosa está muy oculta o es difícil de sacar a luz. || 2. Con los verbos *mecer, sepultar*, etc., es una expresión exagerativa con que se intenta amedrentar. || **tomar estado.** fr. **mudar estado.**

De maneira geral, no ano de 1940, essa UL consta em contextos nos quais são descritos acontecimentos sociais e, sobretudo, políticos, relatando situações ligadas à Espanha e também a outros países em destaque na época, como França, Itália e, sobretudo, Alemanha.

Há a presença maçante de descrições de situações sobre encontros e eventos de militares em lugares públicos, sobre os discursos e homenagens que os “Chefes de Estado” recebiam, com frequência, na Espanha que se vislumbrava após a guerra civil.

No ano de 1940, são muito frequentes os contextos em que se defendia o regime de Franco e, sobretudo, sua manutenção no poder, pois, de acordo com os contextos analisados, o General não permitiria que o Estado espanhol sofresse com a pobreza e, para tanto, faria a revitalização da sociedade conspurcada pelo anterior governo, a República, a saber:

El peligro que pueden correr los *Estados* totalitarios, según acredita la experiencia, es el de llegar a la paradoja de Estado rico y nación pobre. Pero en España no hay el menor peligro de esta desviación, porque aparte de nuestra originalidad, está dicho por el Caudillo que el *Estado* será siempre un servidor de la Nación, como ésta de aquél, pero sin empobrecer, de suerte que no ha de alterar jamás, estemos seguros, el esquema de *Estado* rico y nación próspera, que es finalidad y designio del Gobierno (*LA VANGUARDIA*, 1940).

Outra ideia frequentemente relacionada a essa UL é a de que o Caudilho possuía total domínio sobre a regência do país e de seu povo, posto que, nas ocorrências do jornal, podemos observar que a palavra de Franco atingia um nível transcendental de obediência e o principal foco no ano de 1940 é o de demonstrar que os bons espanhóis deveriam estar sempre a favor do Estado Espanhol. A saber:

Juzgamos trascendental el documento leído por el Caudillo el día último del año ante el micrófono, porque en él se condensa, en términos de claridad estricta, con exposición metódica, la situación del *Estado* español en el tránsito del año que se fue al año que ha venido (*LA VANGUARDIA*, 1940).

Observamos, ainda, que a UL *Estado* referindo-se à situação política é altamente empregada, haja vista que contextos descrevendo a depressão, a decadência, a situação lastimável e desfavorável (utilizando-nos de adjetivos retirados do jornal) do país, são facilmente encontrados nos contextos analisados. Ao tratar desses adjetivos, é oportuno esclarecer que aqueles estão relacionados à regência do antigo governo, ou seja, da República. Não se ligam esses adjetivos pejorativos ao regime franquista, por ser o responsável pela

“salvação do país” e pela sua ascensão política e desenvolvimento social, segundo o jornal. Ao regime de Franco se relacionavam somente adjetivos positivos e que enaltecessem o cidadão e o país, a saber:

La época exige nuevo ritmo y no es posible aquel aire cansino de antaño que llegó a caracterizar las oficinas del Estado. Yo aspiro a que, elevando y dignificando a nuestros funcionarios, volvamos a los otros tiempos anteriores 'en que el haber *servido al Estado* era constitutivo de un timbre de *honradez y laboriosidad* (LA VANGUARDIA, 1940).

Assim, podemos entender que Franco, de acordo com o discurso franquista, era o responsável por devolver à nação um Estado honrado, produtivo. Voltando nossa atenção para o ano de 1975, não observamos mais essa descrição relacionada à UL em questão, pois vimos que os sentidos referidos pela UL nos contextos analisados apresentam a ideia de que haveria uma nova oportunidade para o país de prosperar, mas sem o jugo ditatorial.

Tanto em 1975 quanto em 1940, os acontecimentos sociais mais relevantes da época estão relacionados ao emprego dessa UL em estudo, pois, nos contextos há a descrição de uma cobertura exaustiva da visita do presidente americano ao território espanhol, da transferência de poder do Caudilho para o Príncipe Juan Carlos, e conseqüentemente, da esperança de abertura política e social para a democracia do país.

Sabemos que, por analisar textos jornalísticos, nos depararíamos seguramente com as notícias mais importantes de cada ano aqui estudado, contudo não esperávamos que essas notícias estivessem focadas tão explicitamente nos mesmos assuntos, haja vista que essa pesquisa analisou 12 edições de cada ano pesquisado, ou seja, um jornal por mês. Assim, a seguir, expomos um excerto do jornal no qual encontramos a situação anteriormente descrita:

Bajo el título de una nueva posibilidad para España, The Daily Telegraph publica un editorial en el que afirma que la aceptación del Príncipe de tomar los poderes de Jefe de Estado temporalmente es lo más importante que ha ocurrido en España en muchos meses. Indica que esta aceptación supone una ruptura de la parálisis política producida por la enfermedad de Franco y que, a pesar de que no se pueda considerar que todo comienza de nuevo, *de momento España tiene una nueva posibilidad de funcionar nuevamente como Estado* (LA VANGUARDIA, 1975).

Encontramos também contextos em que a UL *estado*, apresentada com letra minúscula, era utilizada para a descrição do estado de saúde de políticos e de seus familiares,

bem como havia a descrição da preocupação, por parte de algumas figuras políticas, sobre a doença de Franco e a nova situação política do país:

El estado de doña María Luisa Vázquez ha sufrido una ligera mejoría en el día de hoy, pudiendo considerarse bastante satisfactorio dentro de la gran verdad que padeció durante todo el día de ayer (LA VANGUARDIA, 1975).

Entre los innumerables mensajes recibidos por la Casa Civil del Generalísimo interesándose por la salud de Jefe del Estado, abúndanos que proceden de las provincias catalanas, destacando los expresivos telegramas de las corporaciones barcelonesas (LA VANGUARDIA, 1975).

Outro fato que nos chamou a atenção foi a utilização de expressões de eufemismo para a descrição do estado de saúde do General Franco, pois, em alguns contextos analisados, ao descrever o estado de saúde do Caudilho, evitava-se a utilização de ULs relacionados à morte. Para tanto, aparecem no jornal ULs como *ausencia*, *enfermedad*. Abaixo, um excerto para ratificar nossa afirmação:

citando una declaración de Madrid, la agencia oficial china, en información radiada oída de Hong Kong, indicaba que el Príncipe se hace cargo de la Jefatura de *Estado* por *enfermedad* del Generalísimo Franco (LA VANGUARDIA, 1975).

Além das já mencionadas situações relacionadas à UL aqui em estudo, encontramos algumas descrições de como alguns países (Estados Unidos e China) enxergavam a nova situação do governo espanhol, descrevendo-a como uma possibilidade de abertura e modernização para a Espanha.

De maneira geral, no ano de 1975, as notícias mais relevantes com relação a essa UL giram em torno da visita do presidente americano, Gerald Ford, ao país, bem como sobre o estado de saúde do general e sobre a transferência de poder para seu sucessor escolhido, o então príncipe, notícias de relevância crucial para a formação do novo estado espanhol e seu desenvolvimento.

A partir dessas considerações, diferentemente de 1940, quando nos deparamos com assuntos que enfocavam a necessidade de separar os “bons” dos “maus”, os inimigos da Espanha dos verdadeiros heróis do país, em 1975 o assunto mais frequentemente ligado à UL *Estado* era o da mudança, ou pelo menos a presença da perspectiva de um novo panorama político e social que se apresentava à Espanha naquele ano.

Na sequência (quadros 5 e 6), citamos alguns fragmentos de notícias nos quais ocorre a UL *Estado*:

Quadro 5 - UL *Estado* (1940)

Substantivo		Ocorrências
<b>1</b>	<b>Segundo DRAE (1947): País, Nação.</b>	<b>162</b>
	<b>Ex.:1</b> El Jefe del <i>Estado</i> fue acogido con clamorosos y entusiásticos vítores de la selecta concurrencia, que prorrumpió en un prolongado Franco! ¡Franco! ¡Franco!	<b>152</b>
<b>2</b>	<b>- Segundo DRAE (1947): estado de ânimo; situação.</b>	<b>7</b>
	<b>Ex.:1</b> La guerra ha causado en todos los tiempos un <i>estado</i> de depresión en la vida económica, a la que no se han substraído ni las naciones más fuertes y poderosas.	
	<b>Ex.:2</b> Existen otros importantes sectores de la importación, que como veremos, contribuyen a este <i>estado</i> desfavorable de nuestra balanza y que en todo o en parte pueden reducirse.	
<b>3</b>	<b>Participio</b>	<b>3</b>
	<b>Ex.:1</b> A La Misión militar española en el Palacio Presidencial de Belén <i>han estado</i> hoy para inscribirse, con el fin de cumplimentar al señor Presidente de la República, acompañados del agregado militar de su país, los oficiales que constituyen la Misión española que ha venido a Lisboa a hacer entrega al Gobierno portugués de la colección de armas cogidas a los rojos durante la guerra civil de España. Esta colección está destinada al Museo Militar de esta capital.	

Quadro 6 - UL *Estado* (1975)

Substantivo		Ocorrências
<b>1</b>	<b>- Segundo DRAE (1984): país-governo</b>	<b>129</b>
	<b>Ex.:1</b> El presidente de la Sección Séptima de la Audiencia Provincial de Madrid, don José María Salvedo Ortega, preguntó al término de la sesión de ayer al fiscal y al abogado del <i>Estado</i> si tenían algo más que manifestar, a lo que contestaren que no.	<b>116</b>
<b>2</b>	<b>- Segundo DRAE (1984): saúde</b>	<b>6</b>
	<b>Ex.:1</b> El <i>estado</i> de doña María Luisa Vázquez ha sufrido una ligera mejoría en el día de hoy, pudiendo considerarse bastante satisfactorio dentro de la gravedad que padeció durante todo el día de ayer.	
<b>3</b>	<b>Segundo DRAE (1984): Situação</b>	<b>3</b>
	El procurador de representación familiar por Barcelona, Juan Antonio Samaranch Torelló, pregunta al Gobierno, de manera especial al Ministerio de Obras Públicas, cuál es el <i>estado</i> actual de los trabajos en el desarrollo o ejecución del proyecto del ferrocarril de enlace estación Sants-Prat y cuándo está prevista su total terminación, así como si se ha fijado fecha para su entrada en servicio.	
<b>4</b>	<b>Segundo RAE (1984): Participio</b>	<b>4</b>
	Prácticamente, <i>han estado</i> al completo todos los hoteles de la bahía de Palma durante la pasada semana, aunque algunos no han abierto todavía por no haber comenzado la temporada y otros han cerrado sus puertas definitivamente.	

4) Unidade Léxica *Nacional*

Essa UL aparece na lista de frequência, no ano de 1940, com 119 ocorrências e no ano de 1975, com 80 ocorrências.

Nos DRAEs de 1947 e 1984 essa UL é descrita como:

1947	1984
<p><b>Nacional.</b> adj. Pertenciente o relativo a una nación.    2. Natural de una nación, en contraposición a extranjero. Ú. t. c. s.    3. V. Bienes nacionales.    4. V. Concilio, milicia nacional.    5. m. Individuo de la milicia nacional.</p>	<p><b>nacional.</b> adj. Pertenciente o relativo a una nación.    2. Natural de una nación, en contraposición a extranjero. Ú. t. c. s.    3. V. bienes nacionales.    4. V. concilio, milicia, monumento nacional.    5. m. Individuo de la milicia nacional.</p>

De maneira geral, no ano de 1940, essa UL é encontrada em contextos que descrevem, sobretudo, acontecimentos políticos e é utilizada em inúmeros contextos, juntamente com a UL *Movimiento*, referindo-se a situações em que o hino e a bandeira do país, e também do partido, são enaltecidos, haja vista que também nos monumentos nacionais a bandeira nacional e do *Movimiento* estavam presentes, como podemos analisar a seguir:

[...] en el salón de fiestas se colocaron las banderas nacional y del Movimiento. Una orquestina amenizó la fiesta, que se interrumpió a media noche para pasar la distinguida concurrencia al salón comedor donde se sirvió un espléndido refrigerio (LA VANGUARDIA, 1940).

Constatamos também a descrição de desfiles realizados pelas forças armadas, bem como homenagens realizadas ao Caudilho, essas mais veementemente na cidade de Madri.

Fato relevante para ressaltar é a presença, em alguns contextos, do dia da *Fiesta Nacional para el Caudillo*. Apesar de compreendermos que a década de 40 foi à ratificação e consolidação do poder ditatorial, e que Franco era o mentor de toda essa mudança, nos chamou a atenção o fato de não apenas o regime apresentar um dia para sua exaltação, mas também o chefe de Estado possuir um dia para que seus *súditos* o vangloriassem e o glorificassem como libertador:

[...] con motivo de la Fiesta Nacional del Caudillo, se ha celebrado una vistosa parada militar en la que tomaron parte fuerzas de la guarnición, en uniforme de gala (LA VANGUARDIA, 1940).

Assim como já apresentado nesta tese, o tema *atividade militar* predominava no jornal, fato que se ratificou em nosso estudo quantitativo e que ressalta a importância política do tema para a sociedade espanhola da época. Há também descrições sobre a posse de novos chefes do departamento de assuntos governamentais, bem como relatos sobre a instabilidade econômica do comércio espanhol.

A presença constante da Igreja Católica<sup>160</sup> no governo de Franco realiza-se também nas descrições do jornal. Encontramos contextos em que a UL *nacional* aparece relacionada à realização de missas solenes em homenagem à guerra vencida pelos militares.

O jornal *La Vanguardia* apresenta também contextos em que o governo demonstra preocupação pela alta taxa de mortalidade infantil. Essa preocupação era fomentada e discutida pela *Delegación Nacional de la Sección Femenina de Falange Española Tradicionalista*. Faz-se necessário ressaltar que muitas crianças durante o regime franquista foram retiradas de suas famílias, consideradas comunistas, e inseridas em outras famílias, mas apoiadoras de Franco, para que essas os criassem na “verdadeira fé (Católica) e no caminho político correto”, objetivando dissipar a evolução de ideais subversivos (CALERO, 2003).

Além de relatos sobre a situação política e social de Espanha, há referência a assuntos econômicos e políticos envolvendo países como Romênia, Grã Bretanha, Portugal, Itália, entre outros.

Como verificado anteriormente, na década de 40, efetivamente, os direitos civis não eram respeitados. Ratificamos essa afirmação, apresentando um contexto, entre outros vários encontrados no *corpus*, em que as férias laborais são suspensas em favor da manutenção da produção de guerra:

[...] en respuesta al llamamiento del ministro de Trabajo, el Sindicato Nacional de Obreros de Altos Hornos ha decidido suspender todas las vacaciones con el ira de mantener el ritmo de la producción de guerra (LA VANGUARDIA, 1940).

---

<sup>160</sup> Ressaltamos que, neste trabalho, não estamos julgando a instituição da Igreja Católica como uma das instituições responsáveis por transformar a Espanha num país regido por um governo ditatorial. Centramos-nos apenas em descrever os fatos tais como se apresentam em nosso *corpus* com o fito de analisá-los.

Sobre a mesma UL, no ano de 1975, a encontramos em contextos em que há a descrição da Argélia tentando modernizar seu exército. Essa modernização acontecia com a ajuda da antiga União Soviética (URSS) que enviou tanques de guerra, canhões e armamento para aquele país.

Verificamos também que a UL *nacional* está presente em situações em que há o pedido de anistia aos delitos políticos ocorridos no território espanhol. A Espanha vivia um novo momento político devido à doença do General Franco e a entrada de um novo governo.

Os contextos em que encontramos a UL aqui estudada se relacionam com assuntos diversos, tais como descrições sobre o prêmio de literatura nacional, sobre a previsão do tempo em diversas regiões do país, sobre a notícia do encerramento das atividades do jornal *Arriba España*, bem como descrições sobre os problemas econômicos enfrentados pelo país devido ao seu isolamento político durante as décadas anteriores: observamos também a necessidade de mudança no aspecto referente a discussões para criação e atuação dos sindicatos no país, sem a presença de violência ou revolução para alcançar tais metas, mas com o objetivo primordial de alcançar acordos por meio do diálogo e da evolução de ideias.

Outro assunto em 1975 é o da contribuição financeira dada pelo *Consejo Nacional del Movimiento* para a criação das associações políticas buscando a reforma social espanhola, antes abolidas pelo regime de Franco. Encontramos também descrições sobre situações enfrentadas pelos trabalhadores, e a discussão de assuntos tais como a redução da carga horária laboral e a idade mínima para admissão no trabalho.

Apesar desses assuntos relacionados a alguns direitos civis, ainda em 1975 havia, mesmo que em poucas referências, manifestações de apoio a Franco, conforme se comprova com expressões de adesão ao ditador e aos príncipes Juan Carlos e Sofia:

[...] parecidas manifestaciones de adhesión a Franco, a su Gobierno y a los Príncipes de España, se produjeron en todo el territorio *nacional* con motivo de los actos celebrados para conmemorar el treinta y nueve aniversario de la exaltación del Caudillo a la Jefatura del Estado, que este año han revestido *mayor brillantez y grandiosidad* que en ocasiones anteriores, dada las grandes concentraciones de millares de personas, de todas edades y condiciones, que han querido testimoniar su *caluroso apoyo a Franco* y su repulso ante la injerencia extranjera en los asuntos internos de España (LA VANGUARDIA, 1975).

Mas, mesmo verificando contextos em que a UL *nacional* aparece em situações de apoio popular a Franco e seu regime, ainda em 1975, há também rejeição ao uso de expressões que vangloriem seu governo e enalteçam o chefe de Estado:

La Invocación o exclamación “Por Dios, España y su Revolución Nacional Sindicalista” es por lo menos inactual (LA VANGUARDIA, 1975).

#### Quadro 7 - UL *Nacional* (1940)

Substantivo			Ocorrências
			119
<b>1</b>		<b>Segundo (DRAE, 1947): Pertencente a uma nação.</b>	119
	<b>1</b>	<b>Ex.:</b> El bienestar económico de la colectividad <i>nacional</i> está íntimamente ligado a esta labor, que si se hubiera orientado y estimulado hace tiempo hoy podríamos mejorar la base al acelerar el ritmo.	
	<b>2</b>	<b>Ex.:</b> Este desnivel permanente y visible de nuestro comercio encierra tal gravedad para nuestra economía, que al suprimirlo ha debido constituir la directriz principal de nuestra política económica, que evitaría que la riqueza <i>nacional</i> se agotase en esta sangría suelta de centenares de millones que anualmente marcha a vigorizar la economía de los países exportadores.	

#### Quadro 8 - UL *Nacional* (1975)

Substantivo			Ocorrências
			80
<b>1</b>		<b>Segundo (DRAE, 1984): Pertencente a uma nação.</b>	80
	<b>1</b>	<b>Ex.:</b> El convencimiento de la validez de estos planteamientos, el supuesto de la recuperación de la economía internacional en el segundo semestre y las actuales tendencias contractivas de la economía española, con el fuerte aumento del desempleo, llevan a proponer a la Administración que, con independencia de las medidas que ya ha adoptado, disponga una coherente política económica que permita a prevista tasa de crecimiento del producto <i>nacional</i> bruto del 4'5 al 5 por ciento, así como la mejora y reorientación de la estructura productiva y de expansión de las exportaciones y que se resumen en esas siguientes peticiones.	
	<b>2</b>	<b>Ex.:</b> Otros aspectos contemplados en el proyecto se refieren a la modificación de la edad mínima para la admisión en el trabajo, la revisión del salario mínimo Interprofesional cada seis meses, la reducción de la semana laboral a 44 horas y la creación de un fondo <i>nacional</i> de garantía salarial para casos de Insolvencia o quiebra de las empresas.	

Mais uma vez vemos que a língua reflète traços específicos de cada período social e político de uma nação e a cada época.

#### 5) Unidade Léxica *Gobierno*

Com 106 ocorrências no ano de 1940, a UL *gobierno* apresenta a acepção no DRAE de 1947 pesquisado como ação e efeito de governar, a saber:

**Gobierno**, m. Acción y efecto de gobernar o gobernarse. || 2. Orden de regir y gobernar una nación, provincia, plaza, etc. || 3. Conjunto de los ministros superiores de un Estado. || 4. Empleo, ministerio y dignidad de gobernador. || 5. Distrito o territorio en que tiene jurisdicción o autoridad el gobernador. || 6. Edificio en que tiene su despacho y oficinas. || 7. Tiempo que dura el mando o autoridad del gobernador. || 8. Gobernalle. || 9. Docilidad de la nave al timón. || 10. ant. Alimento y sustento. || 11. *Germ.* Freno, 1.<sup>a</sup> acep. || 12. *And.* Manta hecha de retazos de tela retorcidos y entretejidos con hilo fuerte. || **absoluto**. Aquel en que todos los poderes se hallan reunidos en solo una persona o cuerpo, sin limitación. Aplícase más comúnmente al caso en que se hallan reunidos en el monarca. || **parlamentario**. Aquel en que los ministros necesitan la confianza de las Cámaras, o al menos de la elegida por voto más popular y directo. || **representativo**. Aquel en que, bajo diversas formas, concurre la nación, por medio de sus representantes, a la formación de las leyes. || **Servir de gobierno**. fr. fam. Servir de norma, de advertencia o aviso.

Verificamos que, na grande maioria dos contextos analisados, a UL *gobierno* visava a reiterar que Franco esperava que o povo espanhol entendesse que ele foi constituído governo para auxiliar seu país e, portanto, resgatá-lo do caos que, segundo ele, havia sido instaurado pela República, vejamos:

[...] la preocupación principal del **Gobierno** es poder atender a las familias humildes aumentando los contingentes de los artículos de primera necesidad. Se esperan de un día a otro dos barcos procedentes de América con 12.000 toneladas de garbanzos de las que se distribuirán en Madrid, durante el mes de enero, 6.700 quintales métricos (LA VANGUARDIA, 1940).

Observando o excerto anterior vemos que a imposição da ideia de preocupação do governo com o povo estava fortemente presente no jornal, e assim, as prisões arbitrárias, as execuções, os abusos de poder, eram respaldados por esse discurso de fomento da “paz” na Espanha. A ideia subjacente é de que a guerra civil não foi uma desapropriação de direitos básicos e imprescindíveis, como o direito à alimentação. Era necessário convencer, também, que os aliados políticos e militares eram “paladinos” de seus povos e culturas, conforme observamos no excerto a seguir:

En la lucha contra el ejército holandés, provocada por la actitud de su **Gobierno**, el ejército alemán ha hecho todo lo posible para proteger la población y conservar el país (LA VANGUARDIA, 1940).

Assim como encontrado na análise da UL *ley* (na pág. 146), observamos que a maçonaria e os considerados “comunistas” eram obrigados por lei a se declararem ao governo e a se ajustarem ao novo regime, haja vista que tanto os comunistas quanto os

maçons eram consideradas inimigas do progresso e da paz na nova Espanha. Em 1940, deparamo-nos também com contextos nos quais explicitamente vemos a imposição das regras do governo e de suas arbitrarias leis quando podiam prender pessoas pelo fato de serem consideradas suspeitas de atividades subversivas. Vejamos:

De la Valera tiene necesidad de actuar con toda rapidez, habiendo cancelado los permisos concedidos a los oficiales del Ejército al mismo tiempo que ha sido convocado el Parlamento para votar los plenos poderes al **Gobierno**, *incluyendo en ellos la autorización para encarcelar sin pruebas a las personas sospechosas de actividades subversivas* (LA VANGUARDIA, 1940).

Também observamos algumas referências à Igreja Católica e a celebrações de missas em homenagem à vitória dos franquistas e ao estabelecimento do poder de Franco no país, como podemos ver no excerto a seguir:

En acción de gracias por la victoria y con asistencia del Caudillo, de su esposa, del **Gobierno**, del Cuerpo diplomático, jerarquías del Movimiento y autoridades, se ha celebrado esta mañana en la iglesia de San Jeronimo el Real, una misa que ofició el obispo de Madrid-Alcalá (LA VANGUARDIA, 1940).

Em linhas gerais, constatamos que, assim como as outras ULs aqui analisadas, a UL **gobierno**, em 1940, também se relaciona ao sentido de ordem, obediência, pois, em grande parte das ocorrências desta UL, há a descrição de leis e resoluções ditadas pelo novo governo para a obtenção da “paz e progresso” do país e seus cidadãos. Assim, vemos que os sentidos encontrados nos contextos analisados são compatíveis com algumas acepções registradas em nosso *corpus* de exclusão, posto que, ao nos atermos ao verbete do DRAE de 1947, observamos que a 12<sup>a</sup> acepção descreve o poder que incide no governo e como esse dispõe da possibilidade de exercê-lo sem limites.

Já com relação ao ano de 1975, encontramos menor número de ocorrências da UL aqui em estudo, sendo 82 no total. O DRAE de 1984 nos apresenta o seguinte verbe para esta UL:

**gobierno.** m. Acción y efecto de gobernar o gobernarse. || 2. Orden de regir y gobernar una nación, provincia, plaza, etc. || 3. Conjunto de los ministros superiores de un Estado. || 4. Empleo, ministerio y dignidad de gobernador. || 5. Distrito o territorio en que tiene jurisdicción o autoridad el gobernador. || 6. Edificio en que tiene su despacho y oficinas. || 7. Tiempo que dura el mando o autoridad del gobernador. || 8. **gubernalle.** || 9. Docilidad de la nave al timón. || 10. V. **mujer de gobierno.** || 11. ant. Alimento y sustento. || 12. *Germe.* Freno de las caballerías. || 13. *And.* Manua hecha de retazos de tela retorcidos y entretajidos con hilo fuerte. || **absoluto.** Aquel en que todos los poderes se hallan reunidos en solo una persona o cuerpo, sin limitación. Aplicase más comúnmente al caso en que se hallan reunidos en el monarca. **parlamentario.** Aquel en que los ministros necesitan la confianza de las Cámaras, o al menos de la elegida por voto más popular y directo. || **representativo.** Aquel en que, bajo diversas formas, concurre la nación, por medio de sus representantes, a la formación de las leyes. ! **servir de gobierno** una cosa. fr. fam. Servir de norma, de advertencia o aviso.

Observamos que não houve mudança ou acréscimo nas acepções dicionarizadas apresentadas nesse verbete, nos distintos anos pesquisados. Contudo, com relação aos assuntos apresentados pelo jornal, notamos maior preocupação em discussões voltadas ao âmbito econômico e da busca pelo desenvolvimento do país. Deparamo-nos também com contextos em que se descrevem projetos de lei que objetivavam regulamentar as relações laborais, inclusive com um capítulo a respeito da participação dos trabalhadores na gestão e lucros da empresa, tema improvável se pensado no ano de 1940. A seguir, ilustramos com alguns exemplos:

Este procurador pide la devolución al **Gobierno** del proyecto de ley por considerar que en éste debe figurar un capítulo dedicado a la *participación de los trabajadores en la gestión y frutos de la empresa*; que se ha de ir con urgencia a una reforma y perfeccionamiento de la Ley Sindical que permita la constitución de asociaciones de trabajadores y técnicos y de empleados libres y autónomos en orden a una normalización de las relaciones laborales (LA VANGUARDIA, 1975).

Dadas las dificultades de la economía mundial y el efecto negativo que necesariamente produce sobre la balanza de pagos y el equilibrio exterior de España, el **Gobierno**, pese a todos esos inconvenientes, subraya y reitera la necesidad de proseguir en el desarrollo de la economía española y en el aumento de las principales magnitudes económicas del país (LA VANGUARDIA, 1975).

El ministro de Trabajo y Vice presidente del **Gobierno**, don Licinio de la Fuente, ha señalado hoy que el inmovilismo no es bueno ni en el orden social ni en el político (LA VANGUARDIA, 1975).

Há também referência à proposta do governo em criar e conservar espaços naturais com o intuito de protegê-los, contudo, esse projeto não encontrou respaldo entre

todos os seus analisadores, posto que o jornal descreve as opiniões contrárias à aprovação desse projeto de lei.

Assim, na análise dos contextos de 1975, verificamos que o foco nas discussões não se centra mais tão incisivamente em temas como o estabelecimento e distinção entre os dois grupos existentes na Espanha, como os franquistas e os comunistas, o que poderia ser entendido, de acordo com a imposição ideológica do governo, como o lado do bem e do mal. A UL *gobierno* não está relacionada mais ao franquismo e ao estabelecimento de leis para a concretização e manutenção da ditadura. Também não encontramos no *corpus* em questão mais contextos retratando a perseguição àqueles que não comungavam da mesma opinião do regime. Observamos, contudo, a abertura de discussão para temas como a busca pelo desenvolvimento do país, tanto no âmbito social quanto no econômico, bem como temas de preservação ambiental, a abertura para a participação dos empregados em questões de suas empresas, esboçando preocupação pelos trabalhadores. Outro tema muito recorrente nos contextos em que ocorrem as UL *gobierno*, referentes a 1975, relata sobre a lei de sucessão que o governo de Franco implementou para que seu regime tivesse continuidade. Em grande parte de nossas análises esse era o tema predominantemente apresentado pelo jornal, que em muitos contextos expressava a opinião de que a transição era um fato relevante para o país, contudo essa deveria trazer a participação social nos assuntos políticos da Espanha de maneira mais contundente e justa. Vejamos os excertos a seguir:

Todos estamos ‘identificados’ con el esplendoroso momento político vivido por nuestro glorioso general Francisco Franco, con nuestra Ley monárquica de sucesión y con nuestro Príncipe Juan Carlos, como sucesor a título de Rey, *siempre y cuanto todo signifique*, en un futuro que esperamos muy próximo, *auténtica participación del pueblo en el gobierno de la Patria* (LA VANGUARDIA, 1975).

Explica que la aceptación del Príncipe es una buena noticia, porque significa que España tiene un *Gobierno* y porque el Príncipe está ahora en mejor posición que Franco, enfermo, para tomar una decisión con respecto al Sahara (LA VANGUARDIA, 1975).

A seguir, nos quadros 9 e 10, apresentamos mais alguns contextos referentes à UL em estudo:

**Quadro 9 - UL *Gobierno* (1940)**

			Ocorrências
		<b>Substantivo</b>	<b>106</b>
<b>1</b>	<b>Ex.</b>	<b>Segundo (DRAE, 1947): Ato ou efeito de governar.</b>	
	<b>1</b>	Quienes en tiempo anterior a la publicación de esta ley hayan pertenecido a la masonería o al comunismo, en los términos definidos en el artículo cuarto, vienen obligados a formular ante el <b>Gobierno</b> una declaración retractación en el plazo de dos meses y conforme al modelo que las disposiciones reglamentarias establezcan, en el cual se haga constar aquel hecho así como las circunstancias que estimen pertinentes, y señaladamente, si concurriese alguna de ellas, las determinadas en los artículos sexto y décimo.	
	<b>2</b>	En acción de gracias por la victoria y con asistencia del <b>Gobierno</b> de su esposa, del Cuerpo diplomático, jerarquías del Movimiento y autoridades, se ha celebrado esta mañana en la iglesia de Sao Jeronimo el Real una misa, que ofició el obispo de Madrid-Alcalá.	

**Quadro 10 - UL *Gobierno* (1975)**

			Ocorrências
		<b>Substantivo</b>	<b>82</b>
<b>1</b>	<b>Ex.</b>	<b>Segundo (DRAE, 1984): Ato ou efeito de governar.</b>	
	<b>1</b>	El proyecto de Ley sobre Relaciones Laborales ha sido presentado hoy a los medios informativos. El acto se desarrolló en el Ministerio de Trabajo y fue presidido por el titular del Departamento y vicepresidente tercero del <b>Gobierno</b> , don Licinio de la Fuente.	
	<b>2</b>	El <b>Gobierno</b> percatado del problema, ha remitido a las Cortes el Proyecto de Ley sobre creación y Conservación de Espacios Naturales Protegidos, cuyo estudio por la Cámara Legislativa está suscitando controversias. Algún procurador ha llegado a afirmar que la protección de los espacios naturales es una agresión a la cultura. Ante semejantes palabras sólo cabe pensar que o bien denotan una absoluta ignorancia acerca de la degradación que sufre la Tierra, o bien no se ha comprendido un concepto como la defensa de la Naturaleza.	

A diminuição nas ocorrências da UL *gobierno* e a mudança de foco relacionada aos contextos em que essa UL se encontrava nos permitem ratificar que encontramos o reflexo de uma sociedade também a partir da análise de seu léxico, pois “os discursos não são fixos, estão sempre se movendo e sofrem transformações, acompanham as transformações sociais e políticas de toda natureza que integram a vida humana” (FERNANDES, 2007, p. 20).

Assim, as ULs analisadas nesta tese são, na expressão de Matoré (1953), *palavras-testemunho* de momentos significativos da história da Espanha e de seu povo.

6) Unidade Léxica *política*

No ano de 1940, a UL *política* apresenta 76 ocorrências e, no ano de 1975, 59. Analisando registros no DRAE de 1947, verificamos que essa UL designa, entre outras acepções, uma arte relacionada à manutenção da ordem e dos bons costumes, como podemos verificar a seguir:

**Política.** (Del lat. *politice*, y éste del gr. πολιτική, t. f. de -ικός, político.) f. Arte de gobernar y dar leyes y reglamentos para mantener la tranquilidad y seguridad públicas, y conservar el orden y buenas costumbres. || 2. Cortesía y buen modo de portarse. || 3. Por ext., arte o traza con que se conduce un asunto o se emplean los medios para alcanzar un fin determinado.

Assim, a UL *política* pode ser relacionada à “arte, doctrina u opinión referente al gobierno de los Estados” (HIRALDO, 2002, p. 16), bem como a “actividad de los que rigen o aspiran a regir los asuntos públicos” (HIRALDO, 2002, p. 16).

Reportando-nos aos contextos do *corpus*, de maneira geral, no ano de 1940, essa UL compõe a descrição de acontecimentos que relatam situações, majoritariamente, associadas à luta entre os “espanhóis de bem” e os que se colocavam contra o novo regime governamental espanhol. Observamos nos contextos muitos discursos políticos que buscavam fomentar, nos leitores do jornal a ideia de que a guerra vivida anos antes foi realizada com o intuito principal de tornar a Espanha melhor, buscando o progresso econômico e a estabilidade política.

Vejamos o fragmento a seguir

[...] desde el primer día de la guerra luchábamos por una España mejor, y que serían estériles los sacrificios nuestros si no realizábamos la revolución indispensable a nuestro progreso económico y estabilidad *política* (LA VANGUARDIA, 1940).

Encontramos também contextos de referência à vitória do exército de Franco sobre o exército republicano e nesses contextos as ULs utilizadas para sua descrição objetivavam transmitir, na grande maioria, ideias positivas, a saber: *hecho rico, victoriosa, Generalísimo, pujanza, verdad*. Contudo, em relação ao grupo adversário, verificamos ULs que ressaltavam a necessidade de diminuir a capacidade de combate do rival, descrevendo a fuga de muitos do exército *rojo* para os países vizinhos à região da Catalunha, além de

utilizar-se de ULs como *falta de consistencia y fuerza, destrozada*, para a descrição do grupo perdedor.

A UL em estudo também foi utilizada em contextos que se referiam à *Real Academia Española*, pois, de acordo com as análises, era necessário resgatar e purificar essa instituição do provincianismo instaurado durante o governo republicano que, segundo o governo franquista, vetava a publicação de algumas obras literárias das quais não fosse adepto.

Como afirmamos desde o início de nossas análises, a política governamental era tema relevante nos contextos analisados, sobretudo quando referente ao aumento de preços dos produtos e controle da inflação no país. Contudo, não apenas a política da Espanha, mas também a situação de outros países em destaque na época como a França, Itália, Japão e, sobretudo, a Alemanha, podia ser observada nos contextos. A década de 40 trazia a devastação de uma guerra mundial, e esse panorama bélico fazia-se fortemente presente no jornal quando *La Vanguardia* descreve a situação de como alguns países se comportaram durante a 2ª guerra e também frente à soberania da Alemanha.

Ratificando nossas considerações anteriores com respeito à utilização, pelo jornal, de ULs com caráter positivo para a descrição das atividades políticas e militares dos aliados do governo franquista, selecionamos o fragmento a seguir que expõe a aprovação da conduta do governo de Hitler. Vejamos:

[...] pero la suerte no llega más que hasta cierto punto, Adolfo Hitler la merece *porque facilita al Destino la tarea de ayudarle*, porque actúa sobre el principio de que en la vida *política* hay que estar constantemente preparado para aprovechar las ocasiones que se presenten. Por otra parte sus adversarios le dan casi hecha la labor, y ésta es una prueba de que están llamados a desaparecer (LA VANGUARDIA, 1940).

Seguindo o texto com conteúdo de apoio ao ditador alemão, verificamos descrições sobre as vitórias do exército germânico, a aliança entre a Itália fascista e a Alemanha, e a verificação de que, naquela época, Hitler era dono político e militar da Europa, posto que, segundo o jornal,

[...] los últimos acontecimientos balcánicos, a su vez, han venido a consagrar y consolidar, por parte del Eje, el dominio del Continente europeo, del cual Inglaterra ha sido totalmente expulsada (LA VANGUARDIA, 1940).

No ano de 1940, verificamos, pois, a UL *política* era utilizada na apresentação de situações de apoio aos regimes de governo daquele momento histórico, como

não podia deixar de ser no panorama de repressão existente na época. Os adjetivos utilizados para acompanhá-la eram, em sua maioria, de aceção positiva, como apresentado anteriormente, ratificando, assim, o amparo às ordens governamentais dos ditadores.

Com relação ao ano de 1975, a UL *política* vem associada ao aumento do desemprego e à reformulação de propostas na área da política econômica. Observamos também que a Espanha passava, ainda, por um período de consolidação de seu prestígio e lugar na Europa como país relevante. Esse fato corrobora nossas pesquisas descritas na seção 1 desta tese, quando explicitamos que o governo franquista não encontrava respaldo político em muitas nações e essas o isolaram política e economicamente. Vejamos:

España, geopolítica y geográfica, psicológica y racionalmente, es Europa. Y por consiguiente, nuestro destino normal es la integración en Europa. Es evidente que tenemos para ello una serie de dificultades, se habla de dificultades *políticas*. (LA VANGUARDIA, 1975).

Problemas econômicos referentes ao equilíbrio das contas do país, crescimento da estrutura produtiva, um explícito esforço para o fomento da exportação, da criação de um sistema produtivo com maior eficiência, com melhor aproveitamento dos recursos de que dispunha a Espanha, são alguns dos temas relacionados à UL *política* no jornal de 1975. Nesse ano, se sobressaem discursos políticos que descreviam um processo que implicava uma renovação para o alcance da democratização, uma renovação da elite política, buscando a transição de forma legítima por meio de eleições e de um ajuste coerente com os interesses sociais:

La modernización alcanzada por la sociedad española presiona y favorece de manera nítida un proceso de democratización *política*. Ese proceso implica una renovación de la élite *política*, un tránsito de formas de legitimación carismática a formas racionales de legitimación a través de elecciones y un ajuste más coherente que el actual entre los intereses sociales y las ideologías que corresponden a dichos intereses, ha dicho don José Antonio Ortega Díaz-Ambrona en la conferencia que sobre el tema Asociaciones y elecciones ha pronunciado hoy, en el Colegio Mayor San Pablo. Ante el fenómeno de las asociaciones políticas y de las elecciones que habrán de celebrarse normalmente dentro de este año —ha seguido diciendo— la cuestión básica es saber si servirán de cauce para el proceso de democratización antes descrito o si éste desbordará talos cauces y seguirá otros distintos (LA VANGUARDIA, 1975).

Verificamos também, em vários contextos, a receptividade positiva por parte da Espanha à indicação do então Príncipe Juan Carlos para o governo interino do país,

pois, na época, segundo o jornal, a aceitação por parte do Príncipe em governar a Espanha acalmou os ânimos políticos dos espanhóis. Vejamos:

[...] la aceptación del Príncipe es una buena noticia, porque significa que España tiene un Gobierno y porque el Príncipe está ahora en mejor Posición que Franco, enfermo, para tomar una decisión con respecto al Sahara. Elogia el editorial del diario «Ya» y reproduce el párrafo en el que se dice que es indispensable para un futuro estable un profundo y radical cambio de la situación *política* (LA VANGUARDIA, 1975).

[...] indica que esta aceptación supone una ruptura de la parálisis política producida por la enfermedad de Franco y que, a pesar de que no se pueda considerar que todo comienza de nuevo, de momento España tiene una nueva posibilidad de funcionar nuevamente como Estado (LA VANGUARDIA, 1975).

Ao lado da constante referência às esperadas eleições de 1975, que almejavam iniciar o processo de democratização no país, encontramos informações a respeito das associações políticas, sobre a visita do presidente americano Gerald Ford a Espanha, referência a pronunciamentos da emissora vaticana sobre o discurso de condenação do Papa da época, Paulo VI, ao terrorismo como forma de combate à política existente.

Observando o verbete *política* no DRAE de 1984, deparamo-nos com uma acepção não existente em 1947, quando lemos a 3ª acepção, ou seja: 3. *Actividad del ciudadano cuando interviene en los asuntos públicos con su opinión, con su voto, o de cualquier otro modo, a saber:*

**política.** (Del lat. *polítice*, y este del gr. πολιτική, t. f. de -κόζ, político.) f. Arte, doctrina u opinión referente al gobierno de los Estados. || 2. Actividad de los que rigen o aspiran a regir los asuntos públicos. || 3. Actividad del ciudadano cuando interviene en los asuntos públicos con su opinión, con su voto, o de cualquier otro modo. || 4. Cortesía y buen modo de portarse. || 5. Por ext., arte o traza con que se conduce un asunto o se emplean los medios para alcanzar un fin determinado. || 6. Orientaciones o directrices que rigen la actuación de una persona o entidad en un asunto o campo determinado.

Apesar deste trabalho não estar voltado para a análise lexicográfica, entendemos ser relevante ter verificado que o panorama histórico alterou também a descrição da UL nos dicionários das épocas estudadas, haja vista que, em 1975, constatamos situações que envolviam a população e discussão por parte dos governantes sobre assuntos relacionados a possíveis direitos civis, pontos não identificados nos contextos do jornal de 1940.

Ressaltamos ainda que, embora os contextos de 1975 apresentassem explícita preocupação pela concretização da democratização do país, por meio das ULs que expressam a mudança do panorama de discussão social e político no país, como *proyecto, personas, trabajadores, defensa, trabajo, Seguridad, cooperación, futuro, participación, Asociación, hombre, miembros, acuerdo*, encontramos contextos nos quais havia também a defesa e adesão ao regime governamental vigente, como podemos observar:

[...] Juan Angel Fernández López, Angel Coatimo Dornénech, Julio Antonio Pérez de la Puente Riba, María del Rosario Alabes Albera, Flufino Corbató Cotoy Manuel Pillado Martínez, son miembros activos del Partido Comunista de España, entidad *política* que cuenta entre sus fines la destrucción de la actual organización del Estado español (LA VANGUARDIA, 1975) (grifo nosso).

Outro fragmento, também de 1975, retrata Franco como um mártir pela Espanha e como tal deveria ser respeitado:

[...] Creo que el Príncipe está dando al país un ejemplo insuperable de prudencia *política* y el Caudillo, de sacrificio y de entregar su vida al servicio del país (LA VANGUARDIA, 1975) (grifo nosso).

Após uma análise geral dessa UL, afirmamos que, assim como as outras UL pesquisadas, a UL *política* também apresenta situações distintas, posto que no ano de 1940 as discussões relacionadas a essa UL expressavam a necessidade de ratificar a dependência do povo espanhol ao governo ditatorial, que representava o estabelecimento de uma Espanha “Una, Grande y Libre”.

Entretanto, em 1975, assuntos referentes ao aumento do desemprego, à reformulação de propostas na área da política econômica, ao fomento da exportação, à renovação política almejando a democratização são questões que demonstram a mudança de foco das notícias discutidas na época. Assim sendo, concordamos com Moreno (2008, p. 214) ao considerar que:

[...] ni siquiera los textos noticiosos —tradicionalmente concebidos como mera reproducción, descripción o codificación objetiva de hechos— pueden escapar por completo a la articulación más o menos patente de ciertas intenciones persuasivas, valores o líneas ideológicas que condicionan la formulación y la estructuración discursivas.

A seguir, apresentamos nos quadros 11 e 12 mais alguns contextos da UL *política*:

**Quadro 11 - UL *política* (1940)**

Substantivo		Ocorrências
<b>Segundo DRAE (1947): Arte de governar ou fazer leis para manter a segurança e tranquilidade pública.</b>		<b>76</b>
<b>Ex.:1</b>	Puede decirse que la guerra española terminó <i>política</i> y militarmente con la rápida campaña de Cataluña y consiguiente caída de Barcelona el día 26 de enero. La parte principal del ejército rojo quedó destrozada y toda la República puede decirse que huyó al extranjero con el presidente, el Gobierno y el Parlamento a la cabeza.	
<b>Ex.:2</b>	También había que rescatar la Real Academia Española y purificarla de los aires de <i>política</i> rural con que había enrarecido su ambiente la República y principalmente aquel don Niceto Alcalá Zamora inolvidable que llevó al ámbito académico todos los resentimientos de sus pasiones caciquiles traducidas en vetos a los grandes prestigios literarios.	

**Quadro 12 - UL *política* (1975)**

Substantivo		Ocorrências
<b>Segundo DRAE (1984): Arte, doutrina ou opinião referente ao governo dos Estados.</b>		<b>59</b>
<b>Ex.:1</b>	No creemos en fórmulas <i>políticas</i> de compromiso, que originen ese hipotético centro, sino <i>en fórmulas de acción, desarrollo, participación, trabajo y honestidad</i> . No creemos en las palabras sino en los hechos, como base empírica de la razón. No menospreciamos la razón como base, si su empírica ha sido honesta, pero repetimos, no creemos en palabras <i>políticas</i> vanas, sino en hechos y realidades.	
<b>Ex.:2</b>	[...] al margen de esta opinión, las principales fuentes informativas del extranjero afirman que la transferencia temporal de poderes de Jefe de Estado al Príncipe don Juan Carlos ha apaciguado la atmósfera <i>política</i> española después de dos semanas de tensión en expectativa por el desarrollo de la enfermedad de Francisco Franco.	

Nesta subseção, analisamos as ULs com maior frequência nas duas listas, com o intuito de apresentar os temas e as ideias predominantes no jornal pesquisado nas duas sequências temporais. Na próxima subseção, incluímos a análise das ULs mais frequentes em apenas uma das listas, tais como *rojo, ley, caudillo e lucha*.

## 5.2.2 Unidades Léxicas não Presentes nas Duas Listas de Frequência:

### 7) Unidade Léxica *rojo*

A UL *rojo* aparece no ano de 1940 com 41 ocorrências e no ano de 1975 com apenas 10 ocorrências. Essa UL compõe ULs monoverbais e pluriverbais, como, por exemplo, *Cruz Roja*, *Mar Rojo*, isto é, também nomeia, designa e faz referência a esses eventos, como pode ser observado nos excertos a seguir:

El cónsul de España en Perpiñan ha remitido a la Delegación de la **Cruz Roja** Española en la frontera de los pirineos Orientales los efectos pertenecientes a los refugiados españoles fallecidos en los hospitales de aquella ciudad cuya lista se acompaña. Se suplica a los familiares directos de los difuntos se presentan en las oficinas de la delegación en Barcelona, Laurina, 95, principal, los martes y viernes de cuatro a siete de la tarde provistos de la documentación personal que los identifique para hacerles la correspondiente entrega (*LA VANGUARDIA, 1940*).

Italia, por su parte, con el bloqueo en el Mediterráneo, hace perder a Inglaterra el petróleo y las demás mercancías europeas, así como por la obligada circun-navegación de África reduce cuatro veces el rendimiento de tonelaje mercantil-británico; entreteniéndose la mayoría de la Marina de guerra británica en el Mediterráneo, **Mar Rojo** y Océano Indico, debilita progresivamente el poderío inglés (*LA VANGUARDIA, 1940*).

Na *Gramática de la Real Academia Española* (2010), essa UL é classificada como um adjetivo que deve concordar com o substantivo em gênero e número e tem por objetivo dar àquele vários significados, atribuindo-lhe um sentido qualificativo ou depreciativo (RAE, 2009).

Bosque e Demonte (1999, p. 134-135) ratificam a proposição da RAE e acrescentam que o adjetivo expressa características bastante específicas, formando parte, também, de uma categoria semântica. Para esses autores um adjetivo é um termo genérico que pode ser utilizado com vários objetos, fato que não ocorre com o substantivo, pois esse, segundo Bosque e Demonte (1999), agrega um conjunto de condições necessárias para identificar um indivíduo.

Os gramáticos explicam que alguns adjetivos são utilizados em alguns contextos como substantivos. Esse fato ocorre quando, segundo a RAE, os adjetivos são

precedidos de artigos expressando várias características, tais como: a formação ou a cultura que um sujeito possui, a profissão ou a ocupação, a idade, a cor da pele ou do cabelo, a saúde, a nacionalidade ou a procedência geográfica, a posição ocupada dentro de uma hierarquia, um aspecto do caráter ou da personalidade, ou quando descrevemos a participação de sujeitos em grupos políticos, artísticos, religiosos, culturais e políticos.

Segundo a RAE (2009, p. 945),

la pertinencia a grupos políticos, socioeconómicos, artísticos, culturales o religiosos: una antifascista, una artístocrata, una budista, un católico, un cubista, una demócrata, una impresionista, una liberal, una marxista, un musulmán, un peronista, un pobre, un protestante, un rico, un rojo ('un izquierdista'), un surrealista, un verde ('un ecologista').<sup>161</sup>

Por conseguinte, após leituras mais atentas dos contextos de uso desta UL, em 1940, além de adjetivo, pudemos constatar a presença da UL *rojo* também como substantivo.

Nas análises, constatamos que, de um total de 57 ocorrências, 19 preservaram o sentido denotativo, ou seja, o de adjetivo. Os outros exemplos analisados, 38 no total, referiam-se a um sentido derivado, conotativo desta UL analisada<sup>162</sup>, pois efetivamente a classe mais frequente era a de substantivo<sup>163</sup>, o que nos leva a admitir que a UL *rojo* foi empregada majoritariamente em sua acepção de revolucionário, esquerdista, ou seja, substantivada. Essa acepção foi constatada nas edições dos DRAEs de 1947 e 1984, que trazem no verbete *rojo*, na 6ª acepção, a definição que interessa a este trabalho:

<sup>161</sup> (TN): “a pertinência a grupos políticos, socioeconômico, artísticos, culturais ou religiosas: uma antifascista, um aristocrata, uma budista, um católico, um cubista, um democrata, uma impressionista, um liberal, uma marxista, um muçulmano, um peronista, um pobre, um protestante, um rico, um vermelho ('esquerdista'), um surrealista, um verde ('ambientalista')” (RAE, 2009, p. 945).

<sup>162</sup> Para esse cálculo, somamos as ocorrências dos substantivos e os adjetivos depreciativos.

<sup>163</sup> Adotamos como substantivo a mesma definição apresentada pela RAE (2010, p. 209), ou seja, “los substantivos denotan entidades, materiales o inmatemales, de toda naturaliza y condición: personas, animales, cosas reales o imaginarias, **grupos**, materias, acciones, cualidades, sucesos”<sup>163</sup>(grifo nosso).

**Rojo, ja.** (Del lat. *russus*.) adj. Encarnado muy vivo. Ú. t. c. s. Es el primer color del espectro solar. || **2. Rubio**, 1.ª acep. || **3.** Dícese del pelo de un rubio muy vivo, casi colorado. || **4. V. Abeto, lápiz, libro, ocre, oligisto, sándalo rojo.** || **5. V. Agua, bala, caparrosa, consuela, plata, pudrición roja.** || **6.** En política, radical, revolucionario. || **7. Quím. V. Precipitado rojo.** || **alambrado.** De colorencendido de brasa. || **Al rojo.** fr. que se aplica al hierro u otra materia cuando por el efecto de una alta temperatura toma dicho color. || **2. fig.** Muy exaltadas las pasiones. || **Al rojo blanco.** Cuando por la elevada temperatura el color rojo de la materia incandescente se torna blanquecino. || **Al rojo cereza.** Cuando el color rojo de la materia incandescente es obscuro semejante al de las cerezas.

**rojo, ja.** (Del lat. *russus*.) adj. Encarnado muy vivo. Ú. t. c. s. Es el primer color del espectro solar. || **2. rubio**, de color parecido al oro. || **3.** Dícese del pelo de un rubio muy vivo, casi colorado. || **4. V. abeto, lápiz, libro, ocre, oligisto, sándalo rojo.** || **5. V. agua, bala, caparrosa, consuela, plata, pudrición roja.** || **6.** En política, radical, revolucionario. || **7. Quím. V. precipitado rojo.** || **alambrado.** De color encendido de brasa. || **al rojo.** loc. que se aplica al hierro u otra materia cuando por el efecto de una alta temperatura toma dicho color. || **2. fig.** Muy exaltadas las pasiones. || **al rojo blanco.** loc. Cuando por la elevada temperatura el color rojo de la materia incandescente se torna blanquecino. || **al rojo cereza.** loc. Cuando el color rojo de la materia incandescente es obscuro semejante al de las cerezas.

Documentamos nossa assertiva com os excertos a seguir:

La ofensiva está costando a los *rojos* un enorme número de muertos y cuantiosas pérdidas de material, pero los Soviets no reparan en ello. No se trata de valorizar el precio de la victoria: se trata de obtenerla a toda costa (*La Vanguardia*, 02 marzo, 1940, p. 02).

El robo y exportación por los *rojos* de la gran cantidad de oro de nuestro Banco de emisión ha dificultado en el orden exterior la rápida resolución de nuestros problemas de comercio. Mientras el oro sea en el exterior el módulo de estimación de las monedas y un metal confiado por los pueblos, no podemos prescindir para nuestras relaciones comerciales de su existencia y de contar con una masa de dinero o de oro con que cubrir el déficit de nuestra balanza de pagos (*La Vanguardia*, 1940).

Essa UL, naquele momento histórico, assumiu mais de uma característica e aceção nos contextos analisados, pois há, marcadamente, traços políticos e militares relacionados à UL *rojo*.

Segundo Olano (2004, p. 205),

el término *rojo* denota el primer color del espectro solar, pero su connotación puede variar según los sujetos hablantes. Para unos puede asociarse con sangre, violencia, para otros con fuego, pasión, para otros con peligro, para otros con amor, para otros con persona radical, con revolucionario, etc.<sup>164</sup>

<sup>164</sup> (TN): “o termo vermelho significa a primeira cor do espectro solar, mas sua conotação pode variar segundo os sujeitos falantes. Mas alguns podem associar-se com sangue, violência, para outros com fogo, paixão, para outros, perigos, para outros, com amor, para outros, como pessoa radical, com revolucionário etc.” (OLANO, 2004, p.205).

Além das descritas interpretações anteriores para a UL *rojo*, também há alguns contextos em que essa UL se relaciona a um valor depreciativo, pois junto a ela há adjetivos que designam características de quem infringe a lei, quem pratica um delito, ou seja, quem é criminoso. Desse modo, curiosamente, as UL que aparecem com frequência ao redor da UL *rojo* são ULs como *sacrificados*, *assassinos*, *selvagens*, *ataques*, *morte*, *roubo*, *guerra*, *invasão*, *brutal*, *delinquência*, *infectar*, entre muitas outras, que designam ações negativas ligadas ao grupo que está sendo descrito.

Assim, no excerto a seguir, vimos também que a UL *rojo* foi substantivada, apresentando a UL *asesinos* como adjetivo de *rojos*. Observamos que, nesse contexto, a UL *rojos* era mais expressivamente enfática e marcada que a UL *asesinos* que poderia se referir a qualquer pessoa ou grupo:

Creo que fue por los últimos meses del año 1934 —con fuertes insistencias en 1935— cuando uno de los fundadores que acompañaron gloriosamente a José Antonio Primo de Rivera, el capitán Julio Ruiz de Alda, sacrificado en Madrid por los *asesinos rojos*, donó a las Juventudes falangistas la consigna cerrada de que esa roca de Yebel Tarik, rematada por la bandera del Imperio británico, era ¡para todos nosotros un punto de honor y un grave deber! (*LA VANGUARDIA*, 1940) (**grifo nosso**).

Já no excerto a seguir, vimos claramente a função adjetiva da UL *rojo* com flexão para o feminino, acompanhando a UL *horda* para designar *rojo* como um adjetivo de valor depreciativo:

El general Mola dirigió la campaña de rescate del Norte con singular acierto en la ejecución de los geniales designios de Franco. Desde que en Navarra levantó la bandera imprescriptible de España y bajó en rápida y táctica marcha a través de Castilla hasta Somosierra en donde realizó la proeza decisiva, que fue también el acierto clave, de contener a la *horda roja* que intentaba subir hacia el Norte (*LA VANGUARDIA*, 1940) (**grifo nosso**).

A partir da análise desses dois contextos, podemos entender que o adjetivo *rojo* passou pelo mecanismo da transposição metafórica e adquiriu outro sentido, o de pessoa que é contra o governo vigente, de esquerda ou comunista, ou seja, o adjetivo foi substantivado, ratificando as acepções encontradas nos DRAEs de 1947 e 1984.

Nas palavras de San Francisco (2012), à UL *rojo* foi acrescido um qualificativo pejorativo, atribuído àqueles que estivessem contra o regime ditatorial. Assim, eram considerados delinquentes, inimigos do progresso e da paz na “Espanha pura”, ou seja,

adotando esse posicionamento “el franquismo trataba de solucionar un problema de delincuencia y no de oposición política” (SAN FRANCISCO, 2012, p. 84).<sup>165</sup>

Para entendermos melhor essa relação, buscamos na história da época, elementos para nossa discussão<sup>166</sup>. Observamos que *vermelho* era a cor que representava o grupo contrário ao regime ditatorial de Franco, os “revolucionários”, servindo de referência, de motivação para denominar, ou adjetivar, a todas as pessoas que congregavam da ideia de luta contra a situação governamental vigente no país, e que, por isso, participavam desse movimento de militância política.

Encontramos em Lagunilla mais um argumento para entender o motivo que levou a UL *rojo* a obter outra conotação nesse cenário político. Nas considerações dessa autora, “los momentos de mayor renovación léxica se producen en periodos en los que la política tiene un protagonismo especial” (LAGUNILLA, 1999, p.57)<sup>167</sup>.

Esse processo de transposição de sentido atribuído a esta UL foi tão intenso que pudemos verificar também que até mesmo o meio futebolístico foi afetado pelo sentido derivado da UL *vermelho*. Segundo Sant’Ana (2012), a cor azul foi introduzida à camisa da seleção espanhola de futebol em substituição ao tradicional vermelho – *rojo* - do uniforme antigo, pois esta cor poderia remeter os torcedores a outras associações que não apenas referidas ao âmbito futebolístico.

Dessa forma, essa nova acepção relacionada à UL *rojo* foi atribuída ao fato do regime político na Espanha da época ser ditatorial e também reflexo da situação social e histórica em que se encontrava o mundo e também outros países, pois o futebol, assim como as corridas de touros, foi transformado em uma ferramenta do regime para melhor controle da sociedade. Nas considerações de Augustí (2013, p. 60-61),

un buen ejemplo de ello es la actitud hacia el Fútbol Club Barcelona. El Régimen ve al club catalán como un reflejo de los rojo-separatistas y decide dar un giro a esta situación. Obliga al club a cambiar de nombre (en lugar de Futbol Club debe denominarse Club de Fútbol) y también debe denunciar los excesos republicanos anteriores<sup>168</sup>.

<sup>165</sup> (TN): “o franquismo tratava de solucionar um problema de delinquência e não de posicionamento político” (SAN FRANCISCO, 2012, p. 84).

<sup>166</sup> Ver seção I da tese, página 20.

<sup>167</sup> (TN): “os momentos de maior renovação léxica se produzem em períodos em que a política tem um protagonismo especial” (LAGUNILLA, 1999, p.57).

<sup>168</sup> (TN): “um bom exemplo disso é a atitude para com o futebol clube Barcelona. O regime vê o clube catalão como um reflexo do esquerdistas-separatistas e decide dar uma reviravolta a esta situação. Obriga o clube a mudar seu nome (em vez de futebol clube deve ser chamado de Clube de Futebol) e também deve denunciar os excessos republicanos anteriores” (AUGUSTI, 2013-. 60-61).

Foi também a partir dos dados de frequência de nossa lista que pudemos verificar que esta UL aparece com maior frequência em 1940 e perde força de uso em 1975. Nesse ano, a UL *rojo* diminui em frequência e em acepção, apresentando apenas 10 ocorrências<sup>169</sup> no *corpus*, todas utilizadas como adjetivo, ao contrário do uso mais frequente como substantivo no ano de 1940.

Devido ao novo contexto político, essa UL foi gradativamente suprimida, haja vista que, com o passar dos anos, e a partir dos acontecimentos pelos quais passou o povo espanhol no campo social, político e econômico, a carga semântica atribuída a essa UL perdeu a força que possuía anos antes. No ano de 1940, a UL *rojo* estava em maior evidência devido à nova realidade que se apresentava para os civis espanhóis, pois, naquela época era necessário que a população espanhola entendesse que os *rojos* eram os inimigos da Espanha e que eles deveriam ser delatados pela população que desejava uma Espanha “una, grande y libre”.

Desse modo, entendemos oportunas para esta discussão as considerações de Vilamor (2006) ao afirmar que desapareceram muitas palavras que se relacionavam com a descrição dos lados de confronto existentes na Espanha franquista. Após estas explanações, pudemos constatar que a UL *rojo* foi utilizada de posições ideológicas diferentes, opostas.

Por meio da análise dos contextos em que aparecem no *corpus*, bem como das definições encontradas nos dicionários pesquisados, consideramos os seguintes semas como relevantes para essa UL: negativo, prejudicial, nefasto, inimigos, terroristas, desordeiros. Neste particular, concordamos com Cortés (2009, p. 181) quando afirma que “si el lenguaje es ideología en todos sus usos, ese lenguaje se convierte en una perfecta arma de propaganda en boca, labios o pluma de cualquiera que desee imponer sus ideas y su concepción del mundo”<sup>170</sup>.

A diminuição da frequência da UL *rojo* em 1975 nos faz pensar que a ideia depreciativa relacionada a ela pode não ter desaparecido totalmente com o passar do tempo, mas esse sentido depreciativo pode ter sido transferido para outra UL.

Elaboramos os quadros 13 e 14 para expor nossas considerações sobre a UL aqui investigada:

<sup>169</sup> Para esse montante, assim como no ano de 1940, consideramos a frequência das ULs *rojo*, *rojos*, *roja* e *rojas*.

<sup>170</sup> (TN): “se a linguagem é ideologia em todos seus usos, essa linguagem se converte numa perfeita arma de propaganda em boca, lábios ou caneta de qualquer que deseje impor suas ideias e sua concepção de mundo” (CORTÉS, 2009, p. 181).

Quadro 13 - UL *rojo* (1940)

Substantivo		Ocorrências
1	<b>Segundo DRAE (1947): precedido de artigo; descrevendo um grupo.</b>	21
1	<b>Ex. 1a:</b> La ofensiva está costando a los <i>rojos</i> un enorme número de muertos y cuantiosas pérdidas de material, pero los Soviets no reparan en ello, no se trata de valorizar el precio de la victoria, se trata de obtenerla a toda costa.	
2	<b>Ex. 1b:</b> Gozarán de extensión quienes adquieran muebles en substitución de los que les hubieron sido <u>arrebata</u> dos por los <i>rojos</i> , siempre que esto se justifique.	
3	<b>Ex. 3:</b> Señalábamos días pasados el riesgo que se cierne sobre Méjico con la <i>invasión</i> constante de <i>rojos</i> españoles, escapados de Europa. La <i>patulea asesina</i> que huyó con el botín salpicado de sangre se está aposentando, con iodo desahogo, bajo el amparo del Gobierno del general Cárdenas, a quien por lo visto no inquieta que su país se infecte de ese <i>tipo brutal de delincuencia</i> que es el <i>gansterismo disfrazado</i> de partido político, que practicaron en España el Frente Popular y sus <i>secuaces</i> .	
1	<b>Nome Próprio</b>	1
	<b>Ex.:</b> <i>Rojas</i> , Yanguas, González Feijóo, Sanjuán, La Llave, Arce, Astrajn, Jordá y Prats; teniente coronel jefe da las fuerzas de Asalto y Seguridad, señor Asens; coronel jefe de Carabineros.	
	<b>UL Pluriverbal</b>	13
1	<b>Cruz Roja</b>	12
1	<b>Ex.:</b> El cónsul de España en Perpiñan ha remitido a la Delegación de la <i>Cruz Roja</i> Española en la frontera de los pirineos Orientales los efectos pertenecientes a los refugiados españoles fallecidos en los hospitales de aquella ciudad cuya lista se acompaña.	
2	<b>Mar Rojo</b>	1
1	<b>Ex.:</b> Italia, por su parte, con el bloqueo en el Mediterráneo, hace perder a Inglaterra el petróleo y las demás mercancías europeas, así como por la obligada circun-navegación de África reduce cuatro veces el rendimiento de tonelaje mercantil-británico; entreteniend <sup>o</sup> la mayoría de la Marina de guerra británica en el Mediterráneo, <i>Mar Rojo</i> y Océano Indico, debilita progresivamente el poderío inglés.	
	<b>Adjetivo qualificativo</b>	1
1	<b>Ex.:</b> La iglesia de San Jerónimo estaba adornada con plantas y el suelo cubierto con alfombras de terciopelo <i>rojo</i> .	
2	<b>Adjetivo depreciativo</b>	11
1	<b>Ex.:</b> Además, es necesario conozcáis, para que os deis cuenta de la magnitud del caso, que las <i>vandálicas destrucciones rojas</i> , con el robo y desaparición del tesoro español y de tantos bienes nacionales, con ser tan graves, no encerrarían tanto daño si nuestra economía anterior hubiera sido fuerte y no sufriésemos las consecuencias de varios lustros de abandono.	
2	<b>Ex.:</b> En los demás frentes del Este ha habido fuerte actividad de la artillería y de elementos de reconocimiento. Mar: Nada importante a señalar. Aire: Los aviones soviéticos han bombardeado Roviemi y han emprendido vuelos sobre algunos lugares del interior. Según los informes que se poseen hasta ahora, ha habido algunas decenas de personas civiles muertas y más de cuarenta heridas. Dos aparatos <i>rojos</i> han sido derribados.	

Quadro 14 - UL rojo (1975)

Substantivo		Ocorrências
	<b>Segundo DRAE (1984)</b>	<b>10</b>
	<b>UL Pluriverbal</b>	<b>3</b>
	<b>Cruz Roja</b>	
<b>1</b>	<b>Ex.:</b> El hombre bueno del demandante, el abogado don Juan Miguel Baustica y Bolonio dijo que las frases vertidas sobre el señor Pérez Pillado eran Inciertas, ya que los hechos no fueron como se había dicho. Asimismo manifestó que la indemnización solicitada sería destinada a la <i>Cruz Roja</i> Española.	
	<b>Adjetivo qualificativo</b>	<b>3</b>
<b>1</b>	<b>Ex.:</b> Desde mi ventana dominó la ciudad las dos bóvedas verdes del Ayuntamiento y los <i>rojos</i> tejados de la Comandancia, ante cuya fachada principal monta la guardia un pelotón de soldados. Separa a los dos edificios el parque Hernández, aromático y vegetal como el de María Luisa en plena feria sevillana.	
<b>2</b>	<b>Adjetivo depreciativo</b>	<b>4</b>
	<b>1</b> <b>Ex.:</b> La falta de siembra en la <i>zona roja</i> nos causó un déficit para el año agrícola en curso de 10 millones de quintales más que España está importando del extranjero; y esto exige, aparte del enorme sacrificio de 35 millones de dólares, un transporte en barcos que asciende a 160 barcos de 5.000 toneladas, y en trenes de unos 100.000 vagones.	
	<b>2</b> <b>Ex.:</b> Queremos que nuestros lectores compartan con nosotros, siquiera alguna vez, la hilaridad que produce el repaso de la <i>prensa roja</i> de Barcelona, correspondiente a estos días del año pasado.	

8) Unidade Léxica *ley*

A UL *ley* não consta da lista referente a 1940, por não estar entre as 100 mais frequentes. No ano de 1975, no entanto, ocorre com 76 registros.

As primeiras acepções de *ley* no dicionário de 1984 dizem respeito à “norma, regra ditada por determinada pessoa ou instituição que está no poder, como por exemplo, um chefe de estado”. Embora o foco desta tese não seja a análise de verbetes dos dicionários, verificamos que na 2ª acepção *ley* é definida como um preceito ditado pela suprema autoridade que, ao proibir, ou ordenar algo, visa ao bem de seus governados. Essa definição seria “aceitável” e compreensível se ocorresse no ano de 1940, pois o contexto social daquela época estabelecia a necessidade de obediência do cidadão ao sistema para a sua sobrevivência.

Assim, no ano de 1940, a UL *ley* aparece nos contextos do jornal, mas não tão expressivamente como no ano de 1975, fato que nos faz deduzir que essa ausência nos

textos analisados naquele ano pode expressar uma falta de discussão sobre esse tema. Por conseguinte, vemos que a ausência dessa UL em 1940 deixa transparecer a imposição, unilateral, do cumprimento da lei. Só havia uma lei e essa era advinda do discurso, em alguns contextos, qualificado como transcendental, do ditador Franco.

Entre as poucas ocorrências, a UL *ley* está presente em textos que apresentam artigos de lei contra sociedades como a maçonaria e o comunismo, que por sua vez eram classificadas como clandestinas, inimigas da Igreja e do governo. Aos seus participantes era ordenado que se confiscassem os bens ou que fossem presos. É mencionada uma lei, do ano de 1939, que ordenava a execução de obras para a construção de uma basílica, em homenagem aos “caídos”<sup>171</sup>, UL utilizada pelo governo ditatorial para nomear os mortos pela causa franquista durante o período da guerra civil.

Ilustramos nossos comentários com excertos do jornal referente ao ano de 1940:

Artículo primero. Constituye figura de delito, castigado conforme a las disposiciones de la presente *ley*, el pertenecer a la masonería, al comunismo y demás sociedades clandestinas a que se refieren los artículos siguientes. El Gobierno podrá añadir a dichas organizaciones las ramas o núcleos auxiliares que juzgue necesario aplicarles entonces las mismas disposiciones de esta *ley* debidamente adaptadas (LA VANGUARDIA, 1940).

Artículo primero. Con objeto de perpetuar la memoria de los que cayeron en nuestra gloriosa Cruzada, se elige como lugar do reposo, donde se alcen basílica, monasterio y cuarte de juventudes, la finca situada en las vertientes de la Sierra de Guadarrama, término de El Escorial, conocida hasta hoy con el nombre de Cuelga-muros, declarándose de urgente ejecución las obras necesarias al efecto y siéndoles de aplicación lo dispuesto en la *ley* de 7 de octubre de 1939 (LA VANGUARDIA, 1940).

Pelo exposto, a UL *ley* no ano de 1940, pelos motivos políticos e históricos já discutidos, não abordava assuntos relacionados aos direitos civis, aos trabalhadores, suas associações e outros temas.

Nos contextos referentes a 1975, porém, encontramos exemplos de uso dessa UL relacionado a diferentes assuntos. Um deles expõe a existência de leis que, ainda em 1975, ditavam regras sobre a boa convivência e a ordem pública, proibindo as manifestações públicas, conforme verificamos no excerto a seguir:

---

<sup>171</sup> Apesar de ser uma unidade que se refere ao período franquista, essa (caídos) não aparece nas listas de 1940 nem de 1975.

[...] de acuerdo con ella, diez personas han sido sancionadas con 10.000 pesetas cada una por haber participado de manera destacada en la manifestación ilegal constituyendo tal hecho infracción de la vigente *Ley* de Orden Público, en tanto que otras dos personas han sido sancionadas con 25.000 pesetas por el mismo motivo (LA VANGUARDIA, 1975).

Embora fosse proibido manifestar publicamente o pensamento e opiniões, e a sociedade ainda vivesse sob o jugo ditatorial, o jornal se referiu a um projeto de *ley*, em que cidadãos discutiam a situação da mulher no contexto social de 1975, sobretudo sobre a importância da igualdade de direitos em relação ao homem. Assim, essa discussão nos textos jornalísticos acontecia de modo relevante, como se comprova pelo fato de, em uma reunião, por parte de alguns integrantes do governo franquista, houve a discussão sobre a criação de mais emendas às leis já existentes, almejando a mudança da situação de desigualdade entre ambos os sexos. O excerto a seguir ilustra nossos comentários:

A pesar de no ser completa la Igualdad de derechos de la mujer que se pretende con el proyecto de *ley*, a éste le han sido formulados ciento una enmiendas estudiadas por los señores Angulo Montee, Cremades Royo, Hernández Gil, Mendisábal Allen y Pilar Primo de Rivera, y reflejadas en una ponencia que ya las ha entregado a los productores (LA VANGUARDIA, 1975).

Trata-se de um fato que chama a atenção pela relevância na época, posto que, no governo franquista, as mulheres deveriam ser totalmente submissas a seus maridos, não tendo direito sequer de viajar sem a autorização, por escrito, de seus cônjuges.

Na análise das ocorrências da UL *ley*, verificamos a referência à regulamentação das relações comerciais entre Espanha e, sobretudo, os Estados Unidos. Constam das edições de 1975, referências a este país norteamericano e à visita do então presidente Gerald Ford à Espanha.

Além de outros assuntos tratados pelo jornal referentes a essa UL, também há contextos que tratam da criação de leis que buscavam reduzir o preconceito contra trabalhadores estrangeiros no território espanhol, bem como sobre leis para auxiliar os trabalhadores em seus direitos. Isso demonstra que, já no ano de 1975, havia uma preocupação, ainda que incipiente, sobre direitos civis, questão não discutida, nem apresentada nos contextos verificados no jornal em 1940.

Averiguamos também em outros contextos de 1975, assuntos referentes a homilias religiosas, e a presença da igreja orientando os homens para promover a “paz” entre seus semelhantes.

O tema sobre a sucessão governamental também aparece entre os contextos analisados, demonstrando o anseio popular de que o novo governo pudesse favorecer o acesso do povo a seus direitos e à sua participação nos processos governamentais. O excerto, a seguir, ilustra nossa assertiva:

todos estamos ‘identificados con el esplendoroso momento político vivido por nuestro glorioso general Francisco Franco, con nuestra **Ley** monárquica de sucesión y con nuestro Príncipe Juan Carlos, como sucesor a título de Rey, siempre y cuanto todo signifique, en un futuro que esperamos muy próximo, *auténtica participación del pueblo en el gobierno de la Patria* (LA VANGUARDIA, 1975).

Ainda entre os assuntos concernentes à UL **Ley**, encontramos uma referência ao posicionamento da associação jornalística à respeito da situação a que estavam submetidos os meios de comunicação da época, isto é, das limitações que lhes eram impostas para publicar as notícias. Por conseguinte, mesmo em 1975, havia um controle sobre as notícias e sobre a imprensa. A iminência de um novo governo no território espanhol, era ainda “comandado” pelo regime militar, e não gerava liberdade. O excerto a seguir ilustra nossa afirmação:

Bajo el título de ‘Los periodistas y el decreto **ley**’ la *Hoja del Lunes de Madrid*, órgano de la Asociación de la Prensa, publica hoy el siguiente editorial: Los periodistas y los periódicos nos hallamos en una difícil circunstancia tras la promulgación del decreto **ley** sobre prevención del terrorismo, invocado ya en los recientes secuestros de las revistas *Cambio16*, *Posible Doblón Destino*, etc. Somos fieles intérpretes de un sentir muy generalizado si sea referimos a la preocupación y honda inquietud que a estas horas reina en las redacciones de periódicos y revistas. La inseguridad jurídica en que los periodistas hemos de desarrollar nuestra función, derivada de las tantas veces denunciada imprecisión del artículo segundo de la vigente **Ley** de Prensa, se ve ahora peligrosamente incrementada por la falta de concreción de las conductas sancionables de los artículos 10 y 19 del decreto-**ley** sobre prevención del terrorismo. ¿Qué ha de entenderse por crítica solapada? ¿Se combaten los males ocultándolos? ¿Será subversivo la simple crítica? ¿Será llamar a la violencia el simple hecho de constatarla? (LA VANGUARDIA, 1975).

A seguir, apresentamos o quadro 15, referente à UL **Ley**:

**Quadro 15 - UL *Ley* (1975)**

<b>Substantivo</b>		<b>Ocorrências</b>
<b>1</b>	<b>Segundo DRAE (1984): regra, norma</b>	<b>76</b>
<b>Ex.:1</b>	A partir del uno de enero de 1975 los precios y tarifas de toda clase de bienes y servicios se ajustan a las normas que se establecen en el decreto de la Presidencia del Gobierno que ha insertado el Boletín Oficial del Estado y que desarrolla el decreto <i>ley</i> 5/1974 de 27 de noviembre.	<b>75</b>
<b>2</b>	<b>Segundo DRAE (1984): culto à divindade</b>	<b>1</b>
<b>Ex.:1</b>	El doctor Jubany inició su homilía, tras las lecturas evangélicas, en catalán y recordando el mensaje de Pablo VI sobre la reconciliación, camino hacia la paz que, Junto con la idea de renovación, son los temas planteados para este Año Santo Romano. La paz, dijo a continuación, lleva un dinamismo interior que sale de nuestras cosas y de nuestra propia experiencia. Los pueblos se rigen por el orden jurídico y este también es dinámico. Las <i>leyes</i> que marcan este orden Jurídico, tienen la necesidad de ser flexibles para poder conducir las costumbres de los pueblos Y, ¿no es acaso verdad que esta misma costumbre, muchas veces salidas de la entraña del pueblo, son las que marcan el camino que la <i>ley</i> tiene que seguir? Entonces el orden jurídico es dinámico, no es pasivo.	<b>1</b>

Como realizado com as ULs anteriores, apresentamos também os verbetes encontrados nos DRAEs de 1947 e 1984:

**Ley.** (Del lat. *lex*.) f. Regla y norma constante e invariable de las cosas, nacida de la causa primera o de sus propias cualidades y condiciones. || 2. Precepto dictado por la suprema autoridad, en que se manda o prohíbe una cosa en consonancia con la justicia y para el bien de los gobernados. || 3. Religión, 2.ª acep. *La Ley de los mahometanos.* || 4. Lealtad, fidelidad, amor. U. generalmente con los verbos *tener* y *tomar*. || 5. Calidad, peso o medida que tienen los géneros, según las leyes. || 6. Cantidad de oro o plata finas en las ligas de barras, alhajas o monedas de oro o plata, que fijan las leyes para estas últimas y la han fijado antes para todas. || 7. Cantidad de metal contenida en una mena. || 8. Estatuto o condición establecida para un acto particular. **LEYES** de una justa, de un certamen, del juego. || 9. Conjunto de las leyes, o cuerpo del derecho civil. || 10. V. Palabras de la ley. || 11. For. V. Generales de la ley. || 12. For. V. Presunción de ley. || 13. Cada una de las disposiciones comprendidas, como última división, en los títulos y libros de los códigos antiguos, equivalentes a los artículos de los actuales. | adjetiva. Suele decirse de la procesal, y aun de la penal, por cuanto rigen la aplicación y castigan la violación de las demás. | antigua. **Ley de Moisés.** || caldaria. La que ordenaba antiguamente la prueba del agua caliente, que se hacía metiendo la mano y brazo desnudos en una caldera de agua hirviendo, para comprobar su inocencia el que los sacaba ileso. | de Dios. Todo aquello que es arreglado a la voluntad divina y recta razón. | de duelo. Máximas y reglas establecidas acerca de los retos y desafíos. | de gracia. La que Cristo, nuestro Señor, estableció y nos dejó en su Evangelio. | de la trampa, fam. Embuste, engaño. | del embudo, fig. y fam. La que se emplea con desigualdad, aplicándola estrictamente a unos y ampliamente a otros. | del encaje, fam. Dictamen o juicio que discrecionalmente forma el juez, sin atender a lo que las leyes disponen. | de Moisés. Preceptos y ceremonias que Dios dió al pueblo de Israel por medio de Moisés para su gobierno y para el culto divino. | escrita. Preceptos que escribió Dios con su dedo en las dos tablas que dió a Moisés en el monte Sinaí. | evangélica. **Ley de gracia.** || marcial. For. La de orden público, una vez declarado el estado de guerra. || 2. Ley o bando de carácter penal y militar, aplicada en tal situación. | natural. Dictamen de la recta razón, que prescribe lo que se ha de hacer o lo que debe omitirse. || nueva. **Ley de gracia.** || orgánica. La que inmediatamente se deriva de la constitución de un Estado, y contribuye a su más perfecta ejecución y observancia. || recopilada. Cualquiera de las incluidas en la nueva o en la novísima recopilación. | sálica. La que excluía del trono de Francia a las hembras y sus descendientes. Se introdujo en España después del establecimiento de la casa de Borbón, pero fué derogada en 1830. | seca. La que prohíbe el tráfico y consumo de bebidas alcohólicas; como la que ha regido en los Estados Unidos de la América del Norte desde 1920 hasta 1933. || sunitaria. La que tiene por objeto poner modo y tasa en los gastos. U. m. en pl. || vieja. **Ley de Moisés.** || A la ley, m. adv. fam. Con propiedad y esmero. || A ley de caballero, de cristiano, etc. exprs. con que se asegura la verdad de lo que se dice. || Allá van leyes, do, o donde, quieren reyes, ref. que da a entender que los poderosos quebrantan las leyes, acomodándolas o interpretándolas a su gusto. || A toda ley, m. adv. Con estricta sujeción a lo justo o debido, o a cualquier género de arte, regla o prescripción. || Bajar de ley, fr. Disminuir la parte más valiosa de un metal o un mineral respecto al volumen o al peso. || Bajo de ley, loc. Dícese del oro o plata que tiene mayor cantidad de otros metales que la que permite la ley. | Con todas las de la ley, m. adv. Sin omisión de ninguno de los requisitos indispensables para su perfección o buen acabamiento. | Dar la

**ley.** fr. fig. Servir de modelo en ciertas cosas. || 2. fig. Obligar a uno a que haga lo que otro quiere, aunque sea contra su gusto. || De buena ley, loc. fig. De perfectas condiciones morales o materiales. || Echar la ley, o toda la ley, a uno. fr. Condenarle, usando con él de todo el rigor de la ley. || Hecha la ley, hecha la trampa, expr. fam. con que se da a entender que la malicia humana halla fácilmente medios y excusas para quebrantar o eludir un precepto apenas se ha impuesto. || Subir de ley, fr. Aumentar la parte más valiosa de un metal o un mineral respecto al volumen o al peso. || Tomar uno la ley, fr. At. y Nav. Hacer, o tomar, las once. || Venir contra una ley, fr. Quebrantarla.

**ley.** (Del lat. *lex, legis*.) f. Regla y norma constante e invariable de las cosas, nacida de la causa primera o de sus propias cualidades y condiciones. || 2. Precepto dictado por la suprema autoridad, en que se manda o prohíbe una cosa en consonancia con la justicia y para el bien de los gobernados. || 3. En el régimen constitucional, disposición votada por las Cortes y sancionada por el jefe del Estado. || 4. Religión, culto a la Divinidad. *La Ley de los mahometanos.* || 5. Lealtad, fidelidad, amor. U. generalmente con los verbos *tener* y *tomar*. || 6. Calidad, peso o medida que tienen los géneros, según las leyes. || 7. Cantidad de oro o plata finas en las ligas de barras, alhajas o monedas de oro o plata, que fijan las leyes para estas últimas y la han fijado antes para todas. || 8. Cantidad de metal contenida en una mena. || 9. Estatuto o condición establecida para un acto particular. **LEYES** de una justa, de un certamen, del juego. || 10. Conjunto de las leyes, o cuerpo del derecho civil. || 11. V. palabras, tablas de la ley. || 12. For. V. generales de la ley. || 13. For. V. presunción de ley. || 14. Cada una de las disposiciones comprendidas, como última división, en los títulos y libros de los códigos antiguos, equivalentes a los artículos de los actuales. || 15. Fr. Cada una de las relaciones existentes entre las diversas magnitudes que intervienen en un fenómeno. | adjetiva. Suele decirse de la procesal, y aun de la penal, por cuanto rigen la aplicación y castigan la violación de las demás. | antiguas, **ley de Moisés.** | caldaria. La que ordenaba antiguamente la prueba del agua caliente, que se hacía metiendo la mano y brazo desnudos en una caldera de agua hirviendo, para comprobar su inocencia el que los sacaba ileso. | de bases. La que solo contiene las normas generales sobre una materia. | de Dios. Todo aquello que es arreglado a la voluntad divina y recta razón. | de duelo. Máximas y reglas establecidas acerca de los retos y desafíos. | de gracia. La que Cristo estableció en su Evangelio. | de la trampa, fam. Embuste, engaño. | del embudo, fig. y fam. La que se emplea con desigualdad, aplicándola estrictamente a unos y ampliamente a otros. | del encaje, fam. Dictamen o juicio que discrecionalmente forma el juez, sin atender a lo que las leyes disponen. | de Moisés. Preceptos y ceremonias que Dios dió al pueblo de Israel por medio de Moisés para su gobierno y para el culto divino. || escrita. Preceptos que escribió Dios con su dedo en las dos tablas que dió a Moisés en el monte Sinaí. || evangélica. **ley de gracia.** || marcial. For. La de orden público, una vez declarado el estado de guerra. || 2. Ley o bando de carácter penal y militar, aplicada en tal situación. | natural. Dictamen de la recta razón, que prescribe lo que se ha de hacer o lo que debe omitirse. || nueva. **ley de gracia.** | orgánica. La que inmediatamente se deriva de la Constitución de un Estado, y contribuye a su más perfecta ejecución y observancia. || recopilada. Cualquiera de las incluidas en la Nueva o en la Novísima Recopilación. | sálica. La que excluía del trono de Francia a las hembras y sus descendientes. Se introdujo en España después del establecimiento de la casa de Borbón, pero fué derogada en 1830. | seca. La que prohíbe el tráfico y consumo de bebidas alcohólicas; como la que regió en los Estados Unidos de América del Norte desde 1920 hasta 1933. || sunitaria. La que tiene por objeto poner modo y tasa en los gastos. U. m. en pl. || universal. La que es válida cualquiera que sea la naturaleza de los cuerpos a que se aplica. | vieja, **ley de Moisés.** | a la ley, loc. adv. fam. Con propiedad y esmero. | a ley de caballero, de cristiano, etc. expr. con que se asegura la verdad de lo que se dice. | a toda ley, loc. adv. Con estricta sujeción a lo justo o debido, o a cualquier género de arte, regla o prescripción.

he una cosa en consonancia con la justicia y para el bien de los gobernados. || 3. En el régimen constitucional, disposición votada por las Cortes y sancionada por el jefe del Estado. || 4. Religión, culto a la Divinidad. *La Ley de los mahometanos.* || 5. Lealtad, fidelidad, amor. U. generalmente con los verbos *tener* y *tomar*. || 6. Calidad, peso o medida que tienen los géneros, según las leyes. || 7. Cantidad de oro o plata finas en las ligas de barras, alhajas o monedas de oro o plata, que fijan las leyes para estas últimas y la han fijado antes para todas. || 8. Cantidad de metal contenida en una mena. || 9. Estatuto o condición establecida para un acto particular. **LEYES** de una justa, de un certamen, del juego. || 10. Conjunto de las leyes, o cuerpo del derecho civil. || 11. V. palabras, tablas de la ley. || 12. For. V. generales de la ley. || 13. For. V. presunción de ley. || 14. Cada una de las disposiciones comprendidas, como última división, en los títulos y libros de los códigos antiguos, equivalentes a los artículos de los actuales. || 15. Fr. Cada una de las relaciones existentes entre las diversas magnitudes que intervienen en un fenómeno. | adjetiva. Suele decirse de la procesal, y aun de la penal, por cuanto rigen la aplicación y castigan la violación de las demás. | antiguas, **ley de Moisés.** | caldaria. La que ordenaba antiguamente la prueba del agua caliente, que se hacía metiendo la mano y brazo desnudos en una caldera de agua hirviendo, para comprobar su inocencia el que los sacaba ileso. | de bases. La que solo contiene las normas generales sobre una materia. | de Dios. Todo aquello que es arreglado a la voluntad divina y recta razón. | de duelo. Máximas y reglas establecidas acerca de los retos y desafíos. | de gracia. La que Cristo estableció en su Evangelio. | de la trampa, fam. Embuste, engaño. | del embudo, fig. y fam. La que se emplea con desigualdad, aplicándola estrictamente a unos y ampliamente a otros. | del encaje, fam. Dictamen o juicio que discrecionalmente forma el juez, sin atender a lo que las leyes disponen. | de Moisés. Preceptos y ceremonias que Dios dió al pueblo de Israel por medio de Moisés para su gobierno y para el culto divino. || escrita. Preceptos que escribió Dios con su dedo en las dos tablas que dió a Moisés en el monte Sinaí. || evangélica. **ley de gracia.** || marcial. For. La de orden público, una vez declarado el estado de guerra. || 2. Ley o bando de carácter penal y militar, aplicada en tal situación. | natural. Dictamen de la recta razón, que prescribe lo que se ha de hacer o lo que debe omitirse. || nueva. **ley de gracia.** | orgánica. La que inmediatamente se deriva de la Constitución de un Estado, y contribuye a su más perfecta ejecución y observancia. || recopilada. Cualquiera de las incluidas en la Nueva o en la Novísima Recopilación. | sálica. La que excluía del trono de Francia a las hembras y sus descendientes. Se introdujo en España después del establecimiento de la casa de Borbón, pero fué derogada en 1830. | seca. La que prohíbe el tráfico y consumo de bebidas alcohólicas; como la que regió en los Estados Unidos de América del Norte desde 1920 hasta 1933. || sunitaria. La que tiene por objeto poner modo y tasa en los gastos. U. m. en pl. || universal. La que es válida cualquiera que sea la naturaleza de los cuerpos a que se aplica. | vieja, **ley de Moisés.** | a la ley, loc. adv. fam. Con propiedad y esmero. | a ley de caballero, de cristiano, etc. expr. con que se asegura la verdad de lo que se dice. | a toda ley, loc. adv. Con estricta sujeción a lo justo o debido, o a cualquier género de arte, regla o prescripción.

hajar de ley, fr. Disminuir la parte más valiosa de un metal o un mineral respecto al volumen o al peso. || bajo de ley, loc. Dícese

del oro o plata que tiene mayor cantidad de otros metales que la que permite la ley. || con todas las de la ley, loc. adv. Sin omisión de ninguno de los requisitos indispensables para su perfección o buen acabamiento. || dar la ley, fr. fig. Servir de modelo en ciertas cosas. || 2. fig. Obligar a uno a que haga lo que otro quiere, aunque sea contra su gusto. || de buena ley, loc. fig. De perfectas condiciones morales o materiales. || de mala ley, loc. fig. De malas condiciones morales o materiales. || sedar la ley, o toda la ley, a uno. fr. Condenarlo, usando con él de todo el rigor de la ley. | hecha la ley, hecha la trampa, expr. fam. con que se da a entender que la malicia humana halla fácilmente medios y excusas para quebrantar o eludir un precepto apenas se ha impuesto. || subir de ley, fr. Aumentar la parte más valiosa de un metal o un mineral respecto al volumen o al peso. || tomar uno la ley, fr. At. y Nav. Hacer, o tomar, las once. || venir contra una ley, fr. Quebrantarla.

09) Unidade Léxica *Caudillo*

A UL *Caudillo* não consta de nossas duas listas de frequência dentre as 100 mais frequentes, contudo ela faz parte de outro critério de escolha das ULs analisadas nesta tese, ou seja, expressava relevância histórica nos anos pesquisados. As ocorrências de *Caudillo* nos contextos referentes a 1940 apresentam essa UL como substantivo, com 96 ocorrências e em todas elas vimos que *Caudillo* não apresenta outros significados senão os encontrados no DRAE de 1947:

**1947**

**Caudillo.** (De *cabdillo*.) m. El que como cabeza, guía y manda la gente de guerra. || 2. El que dirige algún gremio, comunidad o cuerpo.

Os contextos analisados apresentam, na maioria das vezes, a ideia de que Franco não era apenas o “cabeça” de um grupo, mas sim, o salvador e incontestável senhor da Espanha pós-guerra civil, e aquele que pensasse de forma diferente não era merecedor de uma Espanha que estava sendo construída para ser “Una, Grande y Libre”. Assim, a UL *Caudillo*, no ano de 1940, relacionava-se à ideia de libertador, segundo os contextos analisados, era o representante dos sonhos e desejos do povo espanhol, culminando no aspecto divino, quando se comparava a presença de Franco a um instrumento humano na terra enviado por Deus para o alcance da paz no país. Nos mesmos contextos onde ocorre a UL *Caudillo*, a UL *paz* aparece ligada às ações de Franco na busca pela restauração da Espanha. Nesse sentido, à figura do ditador se almejava relacionar a ideia de paz, de bonança, de segurança que só poderia ser alcançada por meio da obediência e colaboração ao ditador, mantida pela submissão dos espanhóis de bem.

Consequentemente, os adjetivos e substantivos relacionados à UL *caudillo* expressam, majoritariamente, ideias positivas com relação a Franco e todos aqueles que os serviram na “Cruzada Salvadora”, denominação dada à Guerra Civil pelos falangistas.

Outro fato a ressaltar é que a UL *dictador* não consta dentre as 100 ULs mais frequentes em nenhuma das duas listas que elaboramos. *Dictador* foi substituída por *Caudillo*, *General*, *paladino*, enfatizando a criação de um caráter positivo para Franco e suas atitudes (CORTÉS, 2009).

Constatamos também que o Estado era descrito como servidor do povo espanhol e que Franco trabalhava por isso, por meio do fomento da “igualdade” entre os civis, e paz para o país, como podemos observar no excerto a seguir:

[...] en España no hay el menor peligro de esta desviación, porque aparte que nuestra originalidad, está dicho por el **Caudillo** que el Estado será siempre un servidor de la Nación, como ésta de aquél, pero sin empobrecer, de suerte que no ha de alterar jamás, estemos seguros, *el esquema de Estado rico y nación próspera, que es finalidad y designio del Gobierno* (LA VANGUARDIA).

A vida de soldados relacionada como ato de “lealdade” à causa da Guerra Civil é apresentada nos contextos de forma a convencer o leitor de que a perda da vida é um fator menor se comparado à grandiosidade de poder defender o país e participar na reestruturação da Espanha e na manutenção da vontade de Deus que, naquele momento, eram colocados no mesmo patamar de importância, pois essa nova Espanha era um desígnio de Deus, segundo o discurso ditatorial. A necessidade de demonstrar a estreita relação entre o regime e a vontade divina era tão forte que, em alguns contextos, a bandeira da Espanha foi cognominada de *sudario*, em referência direta à religião e à cristandade:

en mis manos la bandera de España, la auténtica, la única, la inviolable, la de más gloriosa historia, la indiscutida, la que tiene potencia para cobija a todos los españoles, la que es la musa inspiradora de nuestro **Caudillo**, la que ha sido *sudario*<sup>172</sup> de gloria de nuestros héroes y nuestros mártires caídos por Dios y por España (LA VANGUARDIA, 1940).

Em suma, os contextos em que se insere a UL *Caudillo* expressam, em sua grande maioria, sentidos positivos para o enfrentamento e a morte daqueles que lutavam com ele por sua causa libertadora. Vejamos outros excertos que corroboram nossa análise:

Entre los comensales, que sumaban unos siete mil, figuraban representaciones de toda la región, no cesando siguió diciendo *las virtudes clásicas de nuestros soldados: la abnegación, el valor y el desinterés*. Con ellas, España será lo que el Caudillo quiere y lo que nosotros queremos (LA VANGUARDIA, 1940).

Murieron por España y nos legaron el deber, que de todo corazón recogemos, de hacerla Una, Grande y Libre, *siguiendo en la paz a nuestro Caudillo, con la misma fe y la lealtad con que ellos le siguieron en la guerra hacia la muerte* (LA VANGUARDIA, 1940).

<sup>172</sup> De acordo com o DRAE de 1947, a unidade *sudario* é definida como sendo o lençol em que José de Arimatéia envolveu o corpo de Cristo após sua morte.

Verdad indefectible en *los labios del Caudillo*, porque ha sido siempre en ellos la expresión de la auténtica situación de cada hora. De aquí, aparte de las excelsas dotes que le prestigian ante España y ante el mundo, la *suprema autoridad* de Franco para regir una nación en la paz, como la mandó en la guerra hasta ganar todas sus batallas (LA VANGUARDIA, 1940).

Todos los momentos de pausa en el desfile los aprovecha el público para testimoniar una vez más *su adhesión inquebrantable al Caudillo* (LA VANGUARDIA, 1940).

Antes de terminar, el secretario nacional de Ex Combatientes, pronunció unas vibrantes palabras de entusiasmo patriótico, diciendo que la fiesta que se conmemoraba era la de la Victoria y de la Paz, pero era también la iniciación del camino para lograr las tareas encomendadas, porque en la guerra aprendimos las tres virtudes de sacrificio, hermandad y jerarquía que ha de llevar la Patria a ser *la España, Una, Grande y Libre que propugna el Caudillo* (LA VANGUARDIA, 1940).

Contudo, com referência ao ano de 1975, essa UL não apresenta um número significativo de ocorrências, mas as ULs ao redor ainda expressam sobre o ditador atitudes positivas, tais como *brillantez, grandiosidad, caluroso*. O caráter simpático do ditador era enfatizado em contextos que descreviam suas visitas e presenças em eventos oficiais, como podemos ver no excerto a seguir:

Al terminar la misa se rezó un responso. Terminados los funerales, el Caudillo abandonó el templo con iguales muestras de simpatía que a su llegada (LA VANGUARDIA, 1975).

Os sentidos atribuídos a *Caudillo* de defensor e mártir da Espanha ainda persistiam no discurso do *La Vanguardia* de 1975. Embora com poucas ocorrências, os textos descrevem a vida do general como um sacrifício e uma entrega pela manutenção da paz na Espanha, conforme ilustramos com o excerto a seguir:

Creo que el Príncipe está dando al país un ejemplo insuperable de prudencia política y el *Caudillo*, de sacrificio y de entregar su vida al servicio del país (LA VANGUARDIA, 1975).

Em 1975 deparamo-nos ainda com contextos de grande apoio ao regime franquista e ao general, mas também com outros de descontentamento por parte da população a respeito da intervenção externa em assuntos econômicos da Espanha. Essa constatação respalda nossas considerações presentes na seção 1 desta tese, quando afirmamos que, no final do regime franquista, houve a tentativa de uma abertura, ainda que pífia, da economia, utilizando uma possível “amenização” no endurecimento do regime ditatorial.

Quanto ao estado de saúde de Franco, no ano de 1975, aparecem algumas referências, contudo enfatiza-se com maior veemência a transição de poder que estava para acontecer, do general Franco para o então príncipe Juan Carlos, devido ao frágil estado de saúde do Caudilho.

De maneira geral, tanto em 1940 quanto em 1975, nos assuntos relacionados à UL *Caudillo*, existem adjetivos que remetem a sentidos positivos que buscavam exaltar a relevância da figura de Franco e de seu trabalho pela reconstrução da Espanha fragilizada pelo governo anterior, inimigo dos espanhóis de bem. Os sentidos relacionados a essa UL expressavam concordância, aceitação e respaldo às atitudes do salvador do país e do povo. A seguir, apresentamos o quadro 16, referente à UL *Caudillo*:

**Quadro 16** - UL *Caudillo* (1940)

Substantivo		Ocorrências
<b>1</b>	- Segundo RAE (1947): <b>aquele que guia; que dirige alguma comunidade.</b>	<b>96</b>
<b>Ex.:1</b>	Y en recibir al año nuevo ponemos los españoles el anhelo tenso en que se expresa nuestra firme resolución de colaborar, cada cual en nuestra medida y en nuestra área, al designio supremo del <i>Caudillo que nos redimió, para hacer fecunda la paz</i> , en cuyo seno bendito celebramos el tránsito. Primer año de la paz fecunda sin duda, porque durante él <i>-Dios lo querrá si los españoles, haciéndonos dignos del Caudillo.</i>	
<b>Ex.:2</b>	En este año en que toda España está redimida de la ignominia, de la ruina y de la muerte que fue para ella la República, queremos expresar igualmente, no el anhelo de ver perpetuada una paz segura, sino el voto solemne y <i>el juramento firme de merecer igualmente esa paz con nuestra conducta de lealtad a España y al Caudillo.</i>	

10) Unidade Léxica *lucha*

A UL *lucha* também não consta das listas de frequência dos dois anos pesquisados, mas sua presença, no ano de 1940, com 45 ocorrências, apresenta contextos e sentidos curiosos.

No *corpus* de exclusão, de 1947, a UL *lucha* é definida como:

**Lucha.** (Del lat. *lucta*.) f. Pelea entre dos, en que, abrazándose uno a otro, procura cada cual dar con su contrario en tierra. || 2. Lid, combate. || 3. fig. Contienda, disputa.

Essa UL é classificada como substantivo feminino e assim aparece nos contextos apresentados pelo jornal. As acepções descritas no verbete de 1947 também

coincidem com as encontradas no jornal, sobretudo em inúmeros discursos políticos nos quais a UL *lucha* se liga a outras ULs de caráter positivo relacionadas à Guerra Civil, como *glorioso, tesón, superar, avances, resurgimiento, héroes*, entre outras, conforme podemos observar no excerto a seguir:

Nada y nadie puede torcer nuestro camino. Que el *tesón* que pusimos en las duras *luchas* de la guerra hemos de superar en las que impongan la realización de nuestra Revolución Nacional. Como lo lograremos es lo que hoy me interesa participaros; que lo mismo que ayer vivisteis en las partes de guerra *el glorioso marchar de nuestras tropas podáis seguir mañana los avances del resurgimiento de nuestra Patria*, sintiendo os partícipes de esta obra común, que hizo *posible la sangre generosa de nuestros héroes, y que será el más hermoso fruto de vuestras privaciones y de vuestro trabajo* (LA VANGUARDIA, 1940).

O sangue derramado nas batalhas pelos soldados é comparado ao fruto de privações e de trabalho dos homens na busca pela nova Espanha.

Encontramos também referências à situação sanitária do país quando a UL *lucha* é utilizada como sinônimo de combate em se tratando da tuberculose e de outras doenças existentes na Espanha depauperada pela guerra.

Contextos que descrevem a debilidade do adversário, “los rojos”, frente ao exército franquista também são encontrados em grande parte dos textos do *La Vanguardia*, o qual se utiliza da UL *defensor*, para designar o grupo de Franco, relacionando a esse grupo características positivas, como verificado também em outras UL presentes neste estudo. A seguir, vejamos:

La *lucha* prosigue con gran intensidad, y las escasas ventajas que los rojos consiguen no están en proporción con el enorme número de bajas que les causan los defensores (LA VANGUARDIA, 1940).

Como apresentamos na 1ª seção deste estudo, sob o jugo de um governo ditatorial, os jornais, assim como o povo, não possuíam direitos. Desse modo, os jornais eram usados como mais um braço do governo para a manipulação de informações e manutenção do regime autoritário. Muitos discursos políticos faziam-se presentes nos jornais, posto que era obrigatório apresentá-los à população. Em um desses discursos, fica evidente a necessidade de reforçar que a Espanha estava vivendo em situação de paz e prosperidade a partir do governo de Franco. Essa paz somente poderia ser conservada caso a população apoiasse o governo, pois muitos mártires deram a vida por essa conquista.

Ressaltamos também o uso do substantivo *mártir*, em substituição a *mortos*, que expressaria um sentido negativo relacionado à Guerra Civil, chamada de Cruzada Libertadora pelos falangistas.

Observemos a seguir, um excerto do *La Vanguardia*:

Ya existe España. Para conservarla y engrandecerla, os pido la misma fe en la **lucha** que pusisteis en la Victoria. Para llegar a ella hemos dejado el camino sembrado de *mártires* y de *héroes*. Estos muertos tienen una voz que no olvidaremos. Aprecio vuestra lealtad, vuestra adhesión, vuestro cariño, pero os digo que es necesario también tener detrás un pueblo (*LA VANGUARDIA*, 1940).

O discurso que enaltece o franquismo se espalha por muitos outros contextos analisados, e nos deparamos ainda com ULs ao redor de **lucha**, tais como *joven*, *ánimo*, *sacrificarse*, *honor*, *guerreros*, e *iluminados*, verificados no excerto que apresentamos a seguir:

Cuando nuestro pueblo era instrumento de una política claudicante, humillada, sin brío y sin pulso, y cuando la proporción de envilecimiento era muy fuerte, en las decisiones del Estado, fue posible que entre despojados y despojadores se cambiaran, abrazos y sonrisas. Pero hoy se ha puesto en pie un país joven *con ánimo* de **lucha**, de sacrificarse, de morir, si es necesario, por el honor de España. Las exigencias son terminantes e implacables. A los guerreros sin miedo y sin mancha no se les soborna con tintineos de metal. A los *jóvenes iluminados* por una luz de gloria no se les corrompe con estadísticas (*LA VANGUARDIA*, 1940).

Tão presente quanto o discurso de apoio a Franco e seu governo, aparecem também os nomes de Hitler e Mussolini ligando-se também à UL **lucha**.

Essa constatação pode soar repetitiva, haja vista que esses nomes já foram citados em outras análises, contudo pensamos ser necessário destacá-los, posto que essas ocorrências estão, na maioria das vezes, relacionadas a substantivos e adjetivos que designam características positivas para o governo desses ditadores, bem como uma “aprovação” para os abusos ditatoriais. Faz-se mister lembrar que muitos países enfrentavam uma guerra de dimensões mundiais e a Espanha, apesar de não ter participado efetivamente do confronto, expressava seu posicionamento favorável a outros ditadores de forma explícita e contundente. Hitler e Mussolini são alcunhados “grandes homens de Estado, que por sua luta e responsabilidade frente a suas nações, conduziram seu povo à paz definitiva”. Com o excerto a seguir, comprovamos nossa análise:

En esta solemne hora, los corazones, henchidos de reconocimiento de todos los húngaros honrados, se vuelven hacia los *dos grandes hombres de Estado contemporáneos: Adolfo Hitler y Benito Mussolini. Estos dos grandes hombres, que con sus grandes pueblos están liderando una **lucha por nuevos principios, no han vacilado ante el esfuerzo y la responsabilidad de un arbitraje que asegura la victoria de la Justicia**, al mismo tiempo que sienta las bases de un orden más razonable y una paz definitiva en la cuenca del Danubio (LA VANGUARDIA, 1940).*

Mais uma vez destacamos que a UL **dictador** não aparece em nenhum excerto analisado relacionando-se a qualquer chefe de um governo ditatorial.

Referências a discursos do Papa da época, Piu XII, também foram encontrados nos contextos relacionados a essa UL, e nesses discursos verificamos o desejo do Pontífice de que os acontecimentos ligados à guerra não impedissem que o Natal fomentasse os ânimos e trouxesse paz para os espíritos atormentados e atingidos pelas lutas.

Em linhas gerais, podemos afirmar que a UL **lucha** se relaciona, no ano de 1940, a contextos que designam aspectos positivos quando relacionados ao governo de Franco ou à “Cruzada Libertadora”.

A guerra, o regime governamental, a situação social e econômica do país naquele ano não são tratados de forma negativa. Torna-se explícito nas análises realizadas que havia grande necessidade de estabelecer um sentido afirmativo, assertivo aos atos ditatoriais e esses eram sempre estabelecidos para o bem geral da nova Espanha que se estava buscando construir.

A seguir, compondo nosso quadro de número 17, apresentamos mais contextos da UL **lucha**:

#### Quadro 17 - UL *Lucha* (1940)

Substantivo		Ocorrências
1	Segundo DRAE (1947): Combate, disputa.	45
Ex.1:	(El Papa) Expresó la esperanza de que todas las naciones resuelvan los problemas sociales con espíritu cristiano y puso de relieve la angustia con que sigue los acontecimientos actuales, durante las cuales, y sobretodo a su terminación, será preciso proseguir la obra de ayuda espiritual para curar las llagas producidas por la <b>lucha</b> .	
Ex.2:	El corresponsal de Reuter en el frente finlandés comunica que esta mañana continuaba la <b>lucha</b> , más o menos intensa, en diferentes puntos de los frentes de la parte central de Finlandia. Sin embargo, el centro vital de las operaciones militares sigue siendo el sector de Rasti, al norte de Kuhmó donde tiene lugar desde el lunes una gran batalla.	

Após as análises, ratificamos nossas afirmações iniciais de que alterações no panorama social, histórico e político modificam também as estruturas linguísticas e, por conseguinte, o vocabulário de uma língua (COSERIU, 1987). Observamos que, a partir do uso de determinadas ULs, as ideologias são materializadas nos discursos, na língua. Assim, o aparecimento de ULs ou sua dispersão, em determinados momentos, evidenciam as alterações nos usos e nos sentidos de algumas ULs.

Desse modo, o estudo sobre o léxico faz-se necessário também para o melhor entendimento de uma sociedade, sua história e desenvolvimento.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o escopo de analisar o emprego de ULs, de caráter político-militar, na esfera jornalística do período ditatorial espanhol, enfocando, mais precisamente, os anos de 1940 e 1975, é que iniciamos esta pesquisa.

Optamos em trabalhar com a análise do léxico, pois essa perspectiva nos demonstra a cultura e as mudanças pelas quais passaram as sociedades. Ao pesquisarmos sobre o léxico de um determinado período histórico, poderemos entender com maior objetividade as escolhas e/ou rechaços de determinadas ULs por determinados grupos sociais, culturais, políticos, etc.

Mas como sabemos, não podemos abranger toda a diversidade do léxico de uma língua, haja vista que essa gera combinações infinitas devido seu caráter criativo. Desse modo, escolhemos trabalhar com textos bem definidos, em nosso caso, textos jornalísticos. Embora estejamos cômicos de que nem sempre, em todas as épocas, os jornais podiam trabalhar com suas reais perspectivas de interpretação da realidade e informação das notícias, entendemos também que os relatos jornalísticos são, na maioria das vezes, apresentados de acordo com a percepção de alguém ou de algum grupo. Por isso, observamos também que as ULs utilizadas para a elaboração desses relatos carregam consigo a percepção e as intenções de quem contou a história. Esta representação social, e intenções, materializadas por meio da escolha de ULs, faz com que o sujeito se coloque em determinadas posições sociais no momento da auto-afirmação de sua identidade como indivíduo inserido em um grupo.

O período histórico escolhido para a realização desta pesquisa, foi o período cunhado como Franquista que compreendeu-se de 1939 a 1975 e ficou assim conhecido por serem os anos em que o general Francisco Franco governou a Espanha sob um regime ditatorial. Nesses anos, a língua utilizada apresentava peculiaridades da época, e essas foram influenciadas pela situação social pela qual passava o país. Desse modo, os meios de comunicação também eram um dos vários canais que refletiam essa mudança e acontecimentos sociais.

Por meio de buscas pela internet, utilizando a plataforma *Google*, deparamo-nos com vários jornais espanhóis que disponibilizam em suas páginas *online* várias décadas de informação impressa. Após a análise das edições disponíveis nesses sites, verificamos que apenas o jornal *La Vanguardia* disponibilizava edições das décadas buscadas por este trabalho, ou seja, os anos de 1940 e 1975 e, desta forma, optamos pelo

trabalho com textos desse jornal. Após a escolha do periódico, passamos para a coleta dos textos *online* do referido jornal.

Assim, após a recolha dos textos do *site* do jornal, que se apresentavam em formato *pdf.*, passamos esses textos para o programa computacional OCR (*Optical Character Recognition*, ou Reconhecimento Óptico de Carateres), que realizou a conversão dos textos de *pdf.* para o formato *doc.* Após essa conversão, gravamos os textos que estavam em formato *doc.* para o formato *txt.* Nesse momento, os textos já convertidos em formato *txt.* foram passados para o programa computacional Léxico 3 com o objetivo de criarmos nossas listas de frequência com as ULs mais frequentes nos textos analisados. Para estabelecermos esse processo metodológico, trabalhamos com a teoria da Linguística de *Corpus* para fundamentar nosso procedimento de coleta de dados.

Assim, para chegarmos até nossas análises, percorremos um caminho de construção de alicerces teóricos e históricos para que nosso leitor pudesse entender a relevância do trabalho. Portanto, com relação à estrutura de nosso estudo, na primeira seção apresentamos um panorama histórico e social da Espanha englobando acontecimentos do cenário político, econômico e cultural das épocas estudadas, sobretudo enfocando aspectos históricos da ditadura espanhola, centrado nos anos de 1940 e 1975. Desta forma, buscamos situar nosso leitor no momento histórico, político-social da Espanha para que aquele pudesse entender melhor o funcionamento do léxico nas referidas épocas estudadas.

A segunda seção discorreu brevemente sobre a formação da LE e sobre sua evolução. Na terceira seção apresentamos as teorias que embasaram a análise e discussão dos dados da pesquisa, trazendo as considerações de autores das áreas da Lexicologia e da Semântica Lexical, por meio de revisão bibliográfica sobre os conceitos de léxico e análise semântica, para a fundamentação teórica necessária para o desenvolvimento de nossa pesquisa.

A quarta seção é formada pela descrição do procedimento metodológico da pesquisa.

Na sequência, compondo a quinta seção, descrevemos e analisamos o *corpus* coletado na investigação, embasados nas teorias anteriormente citadas. Para tanto, realizamos o levantamento dos significados das ULs em cada uma de suas ocorrências nos contextos. Esta parte de nosso trabalho buscou também investigar se as características observadas, por meio das análises das ULs, tinham relação com a situação social da época e seus dados históricos, uma vez que as crenças, pensamentos e visões de mundo daquelas épocas, como afirmado anteriormente, podiam ser encontradas nas páginas dos jornais.

Posteriormente, com o fito de observarmos se as acepções descritas a partir do *corpus* se encontravam registradas, se apresentavam matizes diferentes entre o que estava registrado e o que se comunicava nos jornais ou se se tratavam de neologismos semânticos, ou seja, se o período franquista havia motivado o surgimento de novos significados àquelas ULs, verificamos nos dicionários da *Real Academia de Lengua Española* (DRAE), dos anos de 1947 (17<sup>a</sup>. edição) e de 1984 (20<sup>a</sup>. edição), as acepções das ULs aqui selecionadas. Assim, o DRAE serviu-nos tanto como “base de referência” quanto como *corpus* de exclusão.

A observação sobre o vocabulário utilizado pela imprensa espanhola nos permitiu conhecer parte dos modos de pensar de determinados grupos pertencentes àqueles períodos históricos, pois “todo sistema totalitario da lugar a su propio lenguaje totalitario, porque no es el lenguaje el culpable de ese totalitarismo, sino la ideologia que lo engendra<sup>173</sup>” (CORTÉS, 2009, p. 178-179)

Por meio do levantamento dos dados quantitativos do *corpus* observamos que as ULs com maior número de frequência nos determinados anos estudados se referiam à administração política, à designação de títulos e cargos, à política interna e externa e a exacerbada “glorificação” da área militar. A alta frequência de emprego de ULs como *España e Caudillo, Generalísimo, Falange*, entre outros, nos permite afirmar que no ano de 1940 a imprensa se via, se não totalmente, em grande parte submetida ao regime ditatorial franquista, posto que esse era o tema recorrente no jornal. Como já afirmado, o tema preferencial do periódico, a atividade militar, também foi confirmado pelo estudo quantitativo, ressaltando, assim, a importância da pesquisa das ULs desse campo semântico, enfocando os citados períodos históricos.

Também destacamos que, nas listas referentes aos dois anos pesquisados, há 10 ULs em 1940 e aproximadamente 8 ULs em 1975 que designam títulos ou cargos tais como, *general, embajador, gobernador, alcalde, director soldado, ministro, gobierno, jefe, caudillo, generalísimo, príncipe, presidente*, entre outros.

No ano de 1975, há em nossa lista a presença de ULs como *proyecto, ley, personas, trabajadores, defensa, trabajo, Seguridad, cooperación, futuro, participación, Asociación, hombre, miembros, acuerdo* entre outras que, a nosso entender, são relevantes para demonstrar quais eram as ULs que apareciam mais frequentemente nos textos pesquisados, dando a conhecer alguns aspectos de assuntos de maior destaque no determinado ano, no país. Sendo assim, naquele momento, 1975, abria-se a possibilidade de

---

<sup>173</sup> (TN): “todo sistema totalitário dá lugar a sua própria linguagem totalitária, porque não é a linguagem a culpada desse totalitarismo, mas a ideologia que a origina” (CORTÉS, 2009, p. 178-179).

discussão sobre assuntos antes não apresentados pelos textos analisados, pois a partir da verificação das ULs antes mencionadas, entendemos que houve uma mudança no foco das notícias, e essas nos desvelam uma possível mudança do panorama de temas políticos discutidos no país. Ratificamos nossa constatação também com a informação adicional de que a UL *ejército* não consta entre as 100 ULs mais frequentes nos textos analisados por nós no ano de 1975, diferentemente do ano de 1940.

Tratando mais especificamente das ULs analisadas, não comentamos as 10 presentes neste estudo, contudo observemos a UL *rojo*. Constatamos que nos textos em que essa UL aparece, há o uso frequente das adjetivações e de substantivos de conotação negativa, enfatizando suas consequências negativas. Essa UL é classificada como adjetivo, apresentada nessa forma com menor frequência, pois encontramos essa UL sendo utilizada como substantivo, mais incisivamente no ano de 1940. Como afirmado na seção de análise, no ano de 1975 essa UL perde sua força de uso.

A UL *Movimento* também nos apresentou dados relevantes. Pudemos verificar que essa UL aparece nos contextos analisados podendo ser classificada como um verbo (**Movimentar-se; mover-se**, de acordo a DRAE de 1947 e 1984), ou ainda como um substantivo, e nesse último caso, a UL *Movimiento* era grafada com letra maiúscula, (como nome próprio) e correspondia a um partido político pertencente ao regime militar da época. Chamou-nos a atenção também o fato de que no ano de 1940 essa UL, com letra maiúscula, apresentava maior frequência nos contextos analisados que no ano de 1975. Essa constatação vem ratificar nossas afirmações de que, com o passar dos anos, e a partir das transformações ocorridas no panorama político e social espanhol, algumas ULs que pudessem expressar alguma relação com o regime franquista tinham sua frequência de uso rechaçadas com o intuito de se relegar ao esquecimento o passado devastador do país.

Observando a tabela 6, apresentada na página 102, ressaltamos a ausência das ULs *ley*, em 1940 e *rojo*, *Caudillo* e *lucha* no ano de 1975. Consideramos que essas ausências são significativas, pois ratificam nosso posicionamento de que a mudança no cenário político, bem como as discussões sociais estavam refletidas no jornal analisado.

Portanto, após essas considerações, afirmamos que nossos estudos se coadunam com as afirmações de Matoré (1953), posto que verificamos nos anos de 1940 e 1975 ULs marcadamente representativas de cada ano, demonstrando a relação da sociedade com a utilização da língua, apresentando *palavras-testemunho* de uma época, de valores, de ideias e ideologias de grupos e pessoas.

Possuímos um número expressivo de ULs coletadas e formamos duas listas relevantes com ULs referentes ao período franquista. Portanto, entendemos que mais pesquisas serão ainda realizadas sobre outras ULs, contudo podemos afirmar após nossas análises que por meio do estudo do léxico observamos como “a palavra comunica, cria, nomeia, refere, designa, delimita, **descreve, sugere, denuncia**” (KRIEGER, 2009, p. 167)- (grifo nosso).

## REFERÊNCIAS

- ADELSTEIN, A. *Unidad Léxica y Valor Especializado: Estado de la cuestión y observaciones sobre su representación*. p. 253. Doutorado (Tese) - Universitat Pompeu Fabri. Barcelona, (2004).
- ABBADE, C. M. S. (2011). *A Lexicologia e a Teoria dos Campos Lexicais*. ANAIS DO XV CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA - Cadernos do CNLF, Vol. XV, Nº 5, t. 2. Rio de Janeiro: CiFEFiL, p. 1332.
- AGUILAR, R. C. *El Español a través de los Tiempos*. Madrid, Arco Libros, 2002.
- ALKMIM, T. M.. *Sociolingüística*. In: BENTES, A. C.; MUSSALIM, F. (orgs.). *Introdução à Lingüística*. 3ed. São Paulo: Cortez, 2003, p.21-47.
- ALVES, I. M. *Neologismos: criação lexical*. São Paulo: Ática, 2004.
- ALONSO-CORTÉS, A. *Lingüística*. Madrid: Cátedra, 2002.
- ALVAR, M. *Introducción a la Lingüística Española*. Madrid: Ariel Lingüística, 2000.
- ÁLVAREZ, M. J. T. *Evolución e Historia de la Lengua Española*. Madrid: Arco Libros, 2007.
- ANDRADE, M. M. Lexicologia, terminologia: definições, finalidades, conceitos operacionais. In.: Oliveira, A. M. P. P.; ISQUERDO, A. N. (Orgs.). *As Ciências do Léxico*. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 1998, p. 191-200.
- AGUSTÍ, D. *El franquismo em Catalunya*. Silez: Madrid, 2013.
- BAKHTIN, M. (Volochinov). *Estética da criação verbal*. Tradução Maria Ermantina Galvão G. Pereira. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- BAUTISTA, Eduardo Ruiz. *Tiempo de censura. La represión editorial durante el franquismo*. Trea: España, 2008.
- BENVENISTE, E. *Problemas de Lingüística Geral*. São Paulo: Pontes, 1989.
- BRAHIM, A. M.; VIVAN, E. *Língua e Cultura: Implicações para o ensino/aprendizagem de LE*. FILE III - Fórum Internacional de Ensino de Línguas Estrangeiras. UCPEL e UFPel: Pelotas, 2004, p. 1-7.
- BERBER-SARINHA, T. *Lingüística de Corpus*. Barueri, SP: Manole, 2004.
- BIDERMAN, M. T. C. A estrutura mental do léxico. In: *Estudos do filologia e lingüística*. São Paulo: Edusp, 1981.

- \_\_\_\_\_. (1996). *Léxico e Vocabulário Fundamental*. Alfa, São Paulo, 40: 27-46.
- \_\_\_\_\_. As Ciências do Léxico. In.: Oliveira, A. M. P. P.; ISQUERDO, A. N. (Orgs.). *As Ciências do Léxico*. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 1998, p. 11-20.
- \_\_\_\_\_. *Teoria Linguística: (Teoria lexical e linguística computacional)*. 2ª. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- BLASCO, C. J. El lenguaje autoritario del franquismo. In: MARTÍNEZ, G. B. *et al. La lengua, compañera de la transición política española*. Madrid: FRAGUA, 2006, p. 19-39.
- BOSQUE, I; Demonte, V. *Gramática descriptiva de la Lengua Española*. Madrid: Espasa Calpe, 1999.
- BOTTA, M. G. (2011). *O Vocabulário Político-Ideológico da Gazeta de Lisboa no século XVIII: Estudo do Léxico em Perspectiva Discursiva*. (Tese- Doutorado). Araraquara, SP: UNESP.
- CALERO, F. S. *Propaganda y medios de comunicación en el franquismo*. Alicante: Universidad de Alicante, 2003.
- CALDERÓN, E. Y. *El Franquismo*. Marenostrom, Madrid: 2006.
- CANÇADO, M. *Manual de Semântica*. São Paulo: Contexto, 2012.
- CANTANO, A. C. M. La censura franquista y el libro catalán y vasco (1936-1975). In.: BAUTISTA, E. R. *Tiempo de censura: La represión editorial durante el franquismo*. Trea: España, 2008.
- CASANOVA, J. *Morir, matar, sobrevivir: La violencia en la dictadura de Franco*. Crítica: Barcelona, 2002.
- CASTILHO, A. T. *A Variação Lingüística, Norma Culta e o Ensino de Língua Materna. Subsídios à proposta curricular de língua portuguesa para o 1º. E 2º. Graus*. São Paulo: SE/CENP, 1988.
- CORTÉS, L. V. (2009). Lenguaje y censura literaria y periodística en el Franquismo. *Revista Historia y Comunicación Social*, no. 14, p. 177-184.
- COSERIU, E. *O Homem e sua Linguagem: estudos de teoria e metodologia lingüística*. Trad.: Carlos Alberto da Fonseca e Mário Ferreira. 2.ed. Rio de Janeiro: Presença, 1987.
- \_\_\_\_\_. *Gramática, semântica, universales. Estudios de linguística funcional*. Madrid: Gredos, 1978.
- CUNHA, C. S. *Estudos Geo-Sociolingüísticos*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006.
- DELGADO, José Luis García. La economía. In.: FUSI, J. P. *et al. Fraquismo: El Juicio de la historia*. Booket, Madrid: 2005.
- Disponível em: [www.lavanguardia.es](http://www.lavanguardia.es). Acesso em: 12/02/2011.

- ELIAS, N. & SCOTSON, J. L. *Os Estabelecidos e os Outsiders*. Rio de Janeiro: ZAHAR, 2000.
- ESCANDELL VIDAL, M. V. *Apuntes de Semántica Léxica*. Madrid: U.N.E.D., 2012.
- FERNÁNDEZ, C. A. *Análise do discurso: reflexões introdutórias*. 2a. Ed. São Carlos: Claraluz, 2007.
- FERNÁNDEZ-SEVILLA, J. *Neología y neologismo en español contemporáneo*. Granada: Universidad de Granada, 1982.
- FERRAREZI, C. J.; BASSO, R. *Semântica, Semânticas*. São Paulo: Contexto, 2013.
- FIORIN, J. L. (org.). Semântica Lexical. In.: *Introdução à Linguística II: princípios de análise*. São Paulo: Contexto, 2004, p. 111-135.
- FROMM, G. O uso de corpora na análise linguística. *Revista Factus*, São Paulo, v. 1, p. 69-76, 2003.
- GEERTZ, C. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: ZAHAR, 1978.
- GIDDENS, A. *Sociologia*. 6a Ed. Porto Alegre: Penso Editora, 2012.
- GIOVANINNI, A. *Profesor en Acción*. Madrid: Edelsa, 1996.
- GNERRE, M. *Linguagem, Escrita e Poder*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- GODOY, E. La cultura en la enseñanza del español y de las literaturas hispánicas. In: *Anuario brasileiro de estudios hispánicos*, ISSN 0103-8893, Nº 11, Santa Catarina, 2001, págs. 229-248.
- GUALDA, M. V. R. *Léxico del español como segunda lengua: aprendizaje y enseñanza*. Madrid: Arco Libros, 2008.
- GUIRAUD, P. *La Semántica*. México: Fondo de Cultura Económico, 1994.
- HENRIQUES, C. C. *Léxico e Semântica: estudos produtivos sobre palavra e significação*. São Paulo: Elsevier: 2011.
- HEYE, J.; SAVEDRA, M. (orgs). *Considerações sobre Bilingüismo e Bilingüidade: Revisão de uma Questão*. Palavra, Línguas em Contato. Rio de Janeiro, v. temático, no. 1, p. 11-29, 2003.
- HIRALDO, J. Ma. B. *Comentario Lexicológico-Semántico de Textos*. Madrid: Arco Libros, 2002.
- HUMBLÉ, P. O uso de corpora no ensino de línguas. Alguns exemplos do português e do espanhol. In: GRIMM CABRAL, L. (Org.) *Linguística e Ensino: Novas Tecnologias*. Blumenau: Nova Letra, 2002, p 157-180.
- ILARI, R. *Introdução a Semântica: brincando com a gramática*. São Paulo: Contexto, 2013.

- ISQUERDO, A. N.; OLIVEIRA, A. M. P. P. de. *As Ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia*. 2ª Ed. Campo Grande: Editora da UFMS, 2001.
- \_\_\_\_\_. Léxico em tempo e espaço: a questão dos regionalismos. In: MARIN, J. R.; VASCONCELOS, C. A. de. *História, região e identidades*. Campo Grande: Editora da UFMS, 2003, p.165-181.
- JACOBI, C.C.B. (2001). *Linguística de Corpus e Ensino de Espanhol a Brasileiros: descrição de padrões e preparação de atividades didáticas (decir/hablar ; mismo; mientras/en cuanto/aunque)*. (Dissertação – Mestrado). São Paulo, SP: PUC.
- JULIÁ, Santos. La sociedad. In.: FUSI, J. P. *et al. Fraquismo: el juicio de la historia*. Booket, Madrid: 2005.
- KRAMSCH, C. *Language and Culture*. Oxford University Press, 1998.
- KRIEGER, M. G. Lexicologia, lexicografia e terminologia: Impactos Necessários. In.: Oliveira, A. M. P. P.; ISQUERDO, A. N. (Orgs.). *As Ciências do Léxico*. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2009, p. 161-175.
- KRIEGER, M. G.; FINATTO, M. J. B. *Introdução à Terminologia: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2004.
- LAGUNILLA, M. F. *La Lengua en la Comunicación política II: la palabra del poder*. Madrid: Arco Libros, 1999.
- LAPESA, R. *Historia de la lengua Española*. Madrid: Gredos, 1980.
- LARA, L.F. El símbolo, el poder y la lengua. In: SENZ, S. ALBERTE, M. *El dardo en la academia*. Madrid: MELUSINA, 2011, p. 315-341.
- LEÃO, A. V. *História de Palavras*. Belo Horizonte: PucMinas, 2013.
- LEÓN, B. O. (2001), *Poder Político, Prensa y Opinión Pública en el Régimen Franquista*. Anales de la Cátedra Francisco Suárez - Universidad de Granada, Vol. 35, p. 329-335.
- LIMA, A. B. *Os Sentidos na Mídia: o MST em dois jornais diários*. Psicologia & Sociedade; 18 (3): 97-103; set/dez. 2006.
- LOPES, E. *Fundamentos da Linguística Contemporânea*. 14 ed. São Paulo: Cultrix, 1995.
- LOPEZ, J. M. *Lenguas en Contacto*. Madrid: Arco Libros, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Historia de la Lengua Española I*. Madrid: Arco Libros: 2003.
- LYONS, J. *Linguagem e Linguística: uma introdução*. Cambridge: LTC, 1981.
- MARTÍNEZ, T. E. (2002). *Cuidado con los Diccionarios*. La Nación, 21 de dezembro.
- MARTÍNEZ, G. B. *et al. La lengua, compañera de la transición política española*. Madrid: FRAGUA, 2006.
- MATORÉ, G. *La Méthode en lexicologie*. Paris: Didier, 1953.

- MIR, C. El sino de los vencidos: La represión franquista en la Cataluña rural de posguerra. In: CASANOVA, Julián. *Morir, matar, sobrevivir: La violencia en la dictadura de Franco*. Crítica: Barcelona, 2002.
- MORENO, I. O. Metáfora y Argumentación en el Lenguaje Político y la Prensa Españoles. Aproximación a las Metáforas Relacionadas con el "Proceso de Paz". In: XXXVII *Simposio Internacional de la Sociedad Española de Lingüística*. Pamplona. 2008, p. 213-242.
- MOUNIN, G. *Linguistique et philosophie*. Paris: PUF, 1975.
- MOUTON, P. G. *Lenguas y Dialectos de España*. Madrid: Arco Libros, 2002.
- OLANO, C. O. *Lexicología y Semántica Léxica: Teoría y aplicación a la lengua española*. Madrid: Ediciones Académicas, 2004.
- ORLANDI, E. P. (Org.). *História das Idéias Linguísticas*. Cáceres: UNIMAT, 2001, p. 7-20.
- PARODI, G. *Lingüística de Corpus*. Madrid: Iberoamericana Vervuert, 2010.
- PAULA, M. H. (2007). *Rastros de Velhos Falares. Cultura e Léxico no Vernáculo Catalano*. (Tese- Doutoramento). Araraquara, SP: UNESP.
- PAYNE, S. G. La Política. In.: Delgado, J. L. G. *Fraquismo: El Juicio de la historia*. Booket, Madrid: 2005.
- PENNY, R. *Gramática Histórica del Español*. Barcelona: Ariel, 2012.
- PIETROFORTE, A. V.; LOPES, I. C. A semântica Lexical. In.: *Introdução à Linguística II: princípios de análise* / José Luiz Fiorin, (org.). 3ed. – São Paulo: Contexto, 2004.
- PIÑOL, M. C. *Lingüística de Corpus y Enseñanza de Español como 2/L*. Madrid: Arco Libros, 2012.
- POTTIER, B. *Teoría y Análisis en Lingüística*. Madrid: Gredos, 1992.
- REBOLLO TORÍO, M. (2002): Caracterización del Lenguaje Político. *Atti del XX Convegno dell'Associazione Ispanisti Italiani. Testi specialisti e nuovi saperi nelle lingue iberiche*, Firenze, 1517, Vol. 2, Messina, Andreia Lippolis Editore, p. 11-35.
- RAMOS, G. G. *Neologismos en el Español Actual*. Madrid: Arco Libros, 1997.
- RECTOR, M; YUNES, Eliana. *Manual de Semântica*. Rio de Janeiro: Livro Técnico, 1980.
- REYES DIAS, M. J. Relación de voces que evocan ideologías, valores y actitudes socioculturales. In: REYES DIAS, M. J. (Coord.). *Léxico y Cultura*. Badajoz: @becedario, 2009.
- RODRIGUEZ, C. F.; LARA, E. R. A. *La Argumentación Lingüística y sus medios de expresión*. Madrid: Arco Libros, 2007.

SÁNCHEZ PÉREZ, A. *Historia de la enseñanza del español como lengua extranjera*. Madrid: Sgel, 1992.

SAN FRANCISCO, M. E. Palabra de Franco: Lenguaje Político e ideología en los textos doctrinales. In: ARÓSTEGUI, J. (Coord.). *Franco: la represión como sistema*. Barcelona: Flor del Viento, 2012.

SANT'ANA, L. C. (2012). Futebol na Espanha Franquista (1936-1975): algumas considerações. *Revista Recorde de Historia do Esporte* – Vol. 5. n.2. p. 1-20.

SAPIR, E. *Linguagem como Ciência*. São Paulo: Ed. Acadêmica, 1969.

SARUP, M. Identity and Narrative. In \_\_\_\_\_. *Identity, Culture and the Postmodern World*. Edimburgo: Edinburgh University Press, 1996, cap.2, p.14-27.

SAUSSURE, F. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 1995.

SCHAFF, A. *Introdução a Semântica*. São Paulo: Civilização Brasileira, 1968.

SECO, M. *Gramática Esencial del Español. Introducción al estudio de la Lengua*. Madrid: Espasa Calpe, 1999.

SEDYCIAS, J. *O ensino do espanhol no Brasil*. São Paulo: Parábola, 2005.

SILVA, O. L. N. Ausência de equivalências entre as línguas portuguesa e espanhola no contexto econômico-financeiro. *Akrópolis Umuarama*, v. 17, n. 2, p. 77-84, abr./jun. 2009.

TAMBA, I. *A Semântica*. São Paulo: Parábola, 2006.

TRUJILLO, R. *Introducción a la Semántica Española*. Madrid: Arco Libros, 1988.

VELARDE, M. C. *Lenguaje y Cultura*. Editorial Síntesis: Madrid, 2008.

VILAMOR, J. R. Lenguaje político y tecnocrático. In: MARTÍNEZ, G. B. *et al. La lengua, compañera de la transición política española*. Madrid: FRAGUA, 2006, p. 141-176.

VILELA, Mário. *Estudos de Lexicologia do Português*. Coimbra: 1994.

ZORILLA, E.M. *La España de Franco*. Madrid: Actas, 2002.